

MEMÓRIAS E IDENTIDADES NUM VAI-E-VEM DE MIGRAÇÕES

**Bonfinópolis de Minas (MG) – Brasília (DF)
(1970 – 2000)**

Dissertação apresentada ao Departamento de História da Universidade de Brasília, como requisito para obtenção do Título de Mestre em História Cultural.

Orientadora:

Prof. Dra. Nancy Alessio Magalhães

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Cléria Botelho da Costa

Profa. Dra. Ellen F. Woortmann.

Suplente:

Prof. Dr. José Walter Nunes

Brasília, agosto de 2007.

RUBENS DE MORAIS SILVA

**MEMÓRIAS E IDENTIDADES
NUM VAI-E-VEM DE MIGRAÇÕES**

**Bonfinópolis de Minas (MG) – Brasília (DF)
(1970 – 2000)**

Dissertação apresentada ao Departamento de História da Universidade de Brasília, como requisito para obtenção do Título de Mestre em História Cultural.

Brasília, 10 de agosto de 2007.

Orientadora:

Profa. Dra. Nancy Alessio Magalhães – UnB

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Cléria Botelho da Costa – UnB

Profa. Dra. Ellen F. Woortmann – UnB

Suplente:

Prof. Dr. José Walter Nunes – UnB

Agradecimentos

Cores, cheiros e flores de um modesto jardim

Chego ao final deste trabalho cansado, mas realizado. Sei que este final é o primeiro passo de uma nova etapa em minha vida, não só intelectual. Aliás, esta dissertação foi também trabalho manual, pois exigiu muitas idas e vindas, trabalhos de cansar o corpo, horas no trânsito, de carro ou de ônibus, muita digitação, corridas atrás de bibliografias, encontros e mais encontros – não só de trabalhos, mas de construção de novas amizades -, conversas e conversas com narradores e narradoras – momentos também saudosos, busca e produção de fotografias, paradas em encruzilhadas para achar rumos, caminhadas para relaxar. Estes e outros elementos foram se somando para que eu pudesse chegar até aqui, um ponto que posso chamar de mais uma etapa gostosa de minha caminhada.

Este trabalho é parte de minha vida, como diz meu jovial e velho pai, José Francisco da Silva Filho, ex-professor de marcenaria do SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), 86 anos, educador por vocação e profissão, e que acompanhou todos estes meus passos: “O trabalho manual parece fazer parte da gente porque a sua execução exige toda uma postura de nosso corpo, uma atenção especial, o bom gosto, sendo executado em operações lentas e etapas bem definidas, acompanhado pelos nossos sentidos”¹.

É hora de dar graças pelas graciosas colaborações de tanta gente. E começo pelo meu próprio pai Zezinho, minha primeira mãe Cecília com quem dialogo em dimensões eternas, a outra mãe que o bom destino me deu, a carinhosa Georgina, a meus irmãos e irmãs, todos e todas com quem troquei muitas idéias sobre este trabalho. Enquanto aqui fazia História com histórias, lá, a mais de 1000 quilômetros, meus familiares também se sentiram motivados a escrever crônicas sobre nosso passado, já somando mais de 50 trabalhos, puxados por meu irmão primogênito, Flávio, seguido dos demais, Filomena, Roberto, Neusa, Neide, Francisco, sempre sob consulta com os mais velhos. Este trabalho se soma a outro, que fazemos há mais de 15 anos, sobre nossa genealogia e sua moldura histórica. Histórias sempre provocam histórias.

Com este apoio familiar, com experiências e conhecimentos adquiridos nas caminhadas da vida, pude completar este trabalho acadêmico na UnB, re-arranjando pedras preciosas de histórias. Bem que me disse, um dia, um babalorixá da Bahia, numa pesquisa que

¹ Gravado em 23.02.2005, em Taubaté – SP.

fiz sobre a cultura negra em Salvador: “Seus antepassados são das pedras dos rios...”. Colhi pedras, cada uma me dizendo algo, lembrando-me de alguém, levando-as para dentro de minha casa, dando-as de presente a pessoas que prezo. Assim foi nascendo esta dissertação.

Mas os grandes protagonistas destas histórias são as 12 pessoas da Família do Manelim que entrevistei e que partilharam comigo sua vida. Essa família me acolheu como acolhe seus entes mais queridos. Facilitaram meus trabalhos, contribuíram com grandes narrativas. Agradeço a esta família de coração e tenho esperanças que eles e elas aproveitem mais que eu, as memórias que me repassaram e ajudaram a interpretar. Fico satisfeito porque, em algumas passagens, perceberam a importância de sua contribuição para este trabalho acadêmico.

Esta dissertação é, como disse, uma reconstrução feita com pedras preciosas de memórias. A UnB ajudou-me a esmerilar estas pedras e ajustá-las nesta obra, tirando do passado presente nas histórias desta família, sentimentos, valores, significados e sentidos que me abrem janelas e portas para ver o mundo com outros olhos e óticas.

Na UnB, foi preciosa a orientação da professora Nancy Alessio Magalhães, paciente, profunda, erudita e com pés cravados no chão das experiências da vida de gente que a gente, às vezes, pouco sente. Foi importante encontrar-me com professora Cléria Botelho da Costa que me mostrou ser possível alimentar esta paixão pelo saber, sobre alicerces de experiências já bem acumuladas em anos e anos de vida. Em momentos de distensão e amizade, clareza e praticidade, professor José Walter Nunes, sempre teve um sorriso acolhedor e uma palavra que me despertava rumos e me passava ares de liberdade. A professora Márcia de Melo Martins Kuyumjian, o professor Jaime Almeida, a professora Tereza Cristina Kirschner e a professora Selma Pantoja, pelas disciplinas ministradas, deixaram cair gotas de água permanentes, fazendo sementes, mergulhadas em minha terra, germinarem.

Esta minha caminhada foi uma escolha feliz, onde se somou também a participação iluminada da professora Ellen F. Woortmann, na banca de qualificação de meu projeto, descobrindo riquezas já presentes em meus trabalhos, que talvez nem eu mesmo tanto percebia, ajudando-me a fazer atalhos, economizar energias, organizar ainda mais minha mesa de trabalho.

Terei saudades de nossos grupos de colegas *Imaginários (as)*, e outros (as) do *Seminário sobre Brasília*. São pessoas que me ajudaram a contemplar as plantinhas que nasciam, acreditando que elas dariam frutos, como crianças que descobrem grandes coisas em coisas tão simples.

As imagens fotográficas deste trabalho contaram com a colaboração amiga de Elizabeth Aiko Oda cedendo sua boa máquina e registrando várias fotos, e de André Luís Carvalho, André Borges Sousa, Francisco Luiz Lima no trato necessário das mesmas em laboratório. São pessoas que amam a arte da imagem, e assim embelezam o mundo, registrando memórias e fazendo histórias.

Agradecer a estas e outras pessoas que colaboraram neste meu trabalho é desafiador, pois a cada momento despontam em minha memória novos nomes de pessoas queridas. Umas que se foram ou que me falavam ao coração. Outras que, de relance, davam-me uma palavra de encorajamento. Outras que talvez nem acreditaram neste meu projeto, e que, por isso mesmo, motivaram-me a superar seus maus presságios. Outras, que deram sua colaboração como recepcionistas e funcionários da limpeza do NECOIM (Núcleo de Estudos da Cultura, Imagem, Oralidade e Memória)/ CEAM (Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares), um dos berços deste trabalho.

Olhei enfim, para dentro de mim, e acreditei neste empreendimento, confiando que as energias de tanta gente querida, deste círculo acadêmico da UnB, e de outros espaços carinhosos, dar-me-iam forças suficientes para atingir meus objetivos. Espero, com meus limites, ter dado este passo como uma experiência de vida que marcará meu futuro, e que, um dia, talvez, poderá ser parte de minhas narrativas, quando meu corpo cansado buscar, no fundo de meu próprio poço, uma água transparente e gostosa para continuar encontrando sempre mais um sentido para viver entre as pessoas que amo.

Resumo

Nesta dissertação de Mestrado tenho como objetivo interpretar experiências de um grupo familiar que vai revelando suas identidades, ao relatar suas memórias em temporalidades e espacialidades diferentes, num processo migratório entre Bonfinópolis de Minas (MG) e Brasília (DF).

Em narrativas orais, fotografias e outras fontes por mim selecionadas neste estudo, considero práticas culturais, seja na região rural, seja na cidade grande, para evidenciar que pessoas integrantes desta família criam estratégias de convivência em ambientes diferentes, com outros variados grupos sociais, ao enfrentarem desafios, antes impensáveis em sua vida na região de onde migraram. Essas estratégias podem, assim, revelar traços de auto-estima e de identidade nessa capacidade de superação, os quais parecem estimular esses integrantes a (re)lembrarem experiências anteriores, naquela região rural, para onde às vezes voltam e de onde retornam ao tentarem reviver, com certa nostalgia, momentos históricos de uma migração que busco interpretar como movimento pendular.

Palavras-chave: migrações, culturas, cidades, identidades e memórias.

Abstract

The intent of the present dissertation is to describe and interpret oral narratives, photographs and selected bibliographic references based on the experiences of a family group whose member narrate their memories and their different identities, temporal and spacial characteristics, throughout the process of their migration from Bonfinópolis (MG) to Brasília (DF).

Among the many examples of their narratives, I have selected some cultural practices typical of both rural and urban centers which illustrate their creative capacity of living in different environments, with different social groups, facing challenges which would have been unthinkable in their former rural lives. These experiences reveal their self-esteem through their ability to overcome problems. Yet always present is the remembering, sometimes even return in an attempt to relive – with a good deal of nostalgia – the “good times” they had back in Bonfinópolis, Minas Gerais, in a migration process which could be characterized as pendular movement.

Key-words: Migrations, cultures, cities, identities, memories.

Sumário

Folha de rosto	01
Folha de aprovação	02
Agradecimentos: Cores, cheiros e flores de um modesto jardim.....	03
Resumo	06
Abstract	07
Sumário	08
Introdução: Passos e compassos	09
Capítulo I: Cruzando caminhos, histórias e trajetórias	13
Capítulo II: Molduras de vestígios e reminiscências	37
Capítulo III: Memórias tocadas em discos de barro	58
Manoel Conceição Ferreira do Prado (Manelim)	58
Maria das Dores Vieira do Prado	67
Vicente Vieira Cruz	71
Amélia Vieira Cruz	91
André da Cruz Oliveira	95
Maria José Ferreira Oliveira	102
José Amado Luiz Brandão	109
Adnélia Ferreira de Aquino	112
Alda da Cruz Oliveira	115
Francisca Ferreira do Prado	123
Juvenal da Cruz Oliveira	134
Laureano da Cruz Oliveira	137
Capítulo IV: “Com licença, posso entrar?” “Entra, vamos chegar!”	139
Considerações finais	181
Bibliografia	187
Anexos	191

Introdução

PASSOS E COMPASSOS

Com tacos e cacos de memórias de tantas histórias, tento, neste trabalho, exercitar um pouco minhas experiências e conhecimentos de História, reconstruindo com tijolos próprios e de tanta gente uma dissertação de Mestrado, dentro dos limites que lhe são próprios.

Talvez eu esteja fazendo, com outras ferramentas, o que meus antepassados tanto fizeram, como lavradores, pedreiros, carpinteiros e marceneiros que eram. É mais uma obra. Pretendo deixar nestes registros históricos mais uma imagem que representa, em pequenos círculos do cotidiano, a grandeza de vida de pessoas que nossa sociedade parece pouco valorizar, porque talvez pouco as conhece. São pessoas que se olham e reconhecem-se no dia a dia, em suas expressões culturais, como em suas fotos penduradas em paredes da sala. Essas fotos são memórias vivas de seus valores mais sagrados, algo do além, do infinito, como infinitos são os valores mais humanos. Mas são também vestígios e reminiscências de histórias e ativadoras de memórias. É a Família do Manelim.

Sou paulista de Taubaté (SP), terra fértil de histórias, como as de Mazzaropi e as de Monteiro Lobato, que sempre apreciei. Andei, morei e trabalhei por alguns lugares deste nosso Brasil: Pernambuco, Bahia, Maranhão – também em algumas nações indígenas -, Pará, Goiás e agora Brasília. Sinto-me um pouco migrante, gostando deste jeito meio andante, vivendo em situações bem diferenciadas e seus desafios.

Creio que por trás deste meu trabalho está um pouco desta minha vida. O tempo vai passando, e muito deste tempo também vai ficando dentro da gente. São instantes. E num destes instantes, após longo tempo distante da academia, resolvi construir um instrumento que me ajudasse a sistematizar algumas práticas de trabalho e de vida.

Meu ponto de partida é São Sebastião (DF), onde moro e onde me encontrei com os (as) protagonistas destas histórias. Uma cidade de muitos migrantes recentes, principalmente de algumas cidades de Minas Gerais e de outras cidades de alguns estados do nordeste brasileiro, como da Bahia.

Na UnB, eu consegui meus instrumentos de trabalho, iniciando como aluno especial em agosto de 2004. Aprovado na seleção, em 2005, comecei meu Mestrado na área de História Cultural, sob orientação da professora Nancy Alessio Magalhães. Logo de início, atraíram-me suas pesquisas com sujeitos históricos muito próximos daqueles com quem

trabalhei e convivi boa parte de minha vida. Com sua docência, segui a disciplina *Tópicos Especiais: História, Cultura e Imagem*, aprofundando temas como: memória, cultura, imagem, imaginação, representação e mimese (mímesis), oralidade, visualidade, narrativa, tempo e temporalidade. Apresentei um seminário sobre Benjamin (1994), autor este que retomo nesta minha pesquisa. Como trabalho final desta disciplina, analisei o filme *Moça com Brinco de Pérola* (WEBER, 2003). Por se tratar de uma obra do pintor holandês Joannes Vermeer, aproveitei estudos feitos por Zumthor (1989) sobre a Holanda do tempo de Rembrandt, conterrâneo deste pintor.

Com professora Márcia de Melo Martins Kuyumjian, nesta mesma disciplina, pude conhecer dimensões históricas e culturais da categoria trabalho. Encantou-me a maneira como esta professora descreve (KUYUMJIAN, 2001, p. 206-220) o lado oculto e desconhecido de saberes e de experiências de sujeitos sociais excluídos da sociedade, como os garimpeiros, dentre outros, indo muito além daquela imagem construída que os identifica como simples peças de trabalho no meio de maquinários de seus patrões mineradores.

Da disciplina *História cultural – cultura e identidade*, com a professora Cléria Botêlho da Costa e o professor Jaime de Almeida tirei alguns elementos fundamentais para este meu trabalho, como identidade e imagem. Como trabalho de conclusão, escrevi “*A medicina popular como expressão cultural*”.

Na disciplina *Seminário avançado de teoria e metodologia de História*, com professora Tereza Cristina Kirschner e professora Selma Pantoja, aprendi a melhor trabalhar conceitos e categorias. Como trabalho final, escrevi: “*Repensando uma pesquisa em História Cultural*”.

Foram também de suma importância os *Seminários dos Imaginários*, um grupo composto por alunos orientados pelas professoras Cléria e Nancy e o *Seminário acerca de Brasília*, coordenado pela minha orientadora, professora Nancy.

A partir destas disciplinas, e aprovado na banca de qualificação, fui definindo os limites desta minha dissertação. Trabalho com esta família interpretando com eles e elas seus processos migratórios, suas experiências e seus saberes, numa perspectiva histórico-cultural. Tento contribuir com pesquisas afins existentes na academia, assim como procuro, neste intercâmbio com meus entrevistados e entrevistadas, mostrar-lhes a importância acadêmica de sua participação.

Este trabalho divide-se nos seguintes capítulos:

Capítulo I: Cruzando caminhos, histórias e trajetórias

Apresento, de início, as pessoas com as quais trabalho minha pesquisa, ou seja, a Família do Manelim. Traço um perfil de cada uma delas, e aponto elementos comuns desta família, por elas mesmas apresentados. A seguir, incluo um mapa da terra onde moravam em sua cidade de origem, Bonfinópolis de Minas (MG), descrito por três de meus entrevistados. Faço a delimitação temática, colocando como pano de fundo desta pesquisa a cidade de Brasília. Defino como tema os processos migratórios desta família, entre Bonfinópolis e Brasília, e sua periodização entre 1970 e 2000. Estabeleço alguns objetivos, defino algumas metodologias de trabalho e levanto algumas hipóteses.

Capítulo II: Molduras de vestígios e reminiscências

Neste capítulo, apresento a cidade de origem destas pessoas, Bonfinópolis de Minas (MG). Mostro que esta cidade se localiza numa região pertencente à atual cidade de Paracatu, que, já no tempo do Império, era vista como possível localização da futura capital federal, nos dizeres de José Bonifácio de Andrada e Silva. Descrevo a formação desta cidade, e o desmembramento de Unaí, onde moraram alguns de meus entrevistados numa migração pendular. Apresento também dados sobre São Romão, e a localidade chamada Lages, ambas de grande importância em suas referências históricas. Finalmente falo do Guarazinho, um acampamento que foi a porta de entrada destas pessoas no DF, e da cidade de São Sebastião, a partir da qual faço este trabalho.

Capítulo III: Memórias tocadas em discos de barro

Usando neste título uma das sábias expressões de um de meus entrevistados, coloquei neste capítulo as narrativas, editadas e resumidas do texto original mais amplo. Elas são tematizadas por um método de seleção aprendido no *Seminário acerca de Brasília*. É um capítulo atraente, onde os entrevistados falam por si, com raras interferências minhas que facilitassem a continuidade do assunto, diante do tema proposto.

Capítulo IV: “Com licença, posso entrar?” “Entra, vamos chegar!”

É um capítulo que começa com estas palavras costumeiras nas tantas vezes que passei por suas casas, para puxar conversas que se traduziram em suas ricas narrativas. Entrando simbolicamente em suas casas, ou seja, em suas histórias, procuro fazer interpretações de suas narrativas. Estabeleço um debate trilateral entre o que eles e elas interpretam de suas histórias, o que eu interpreto, e fazendo um confronto com algumas fontes teóricas da história. Tento ainda responder aqui a algumas hipóteses levantadas no primeiro capítulo.

Esta é a estrutura fundamental de meu trabalho, além da introdução, conclusão, e alguns anexos esclarecedores: **Anexo I**: Perfil das pessoas entrevistadas. **Anexo II**: Relação das plantas citadas na entrevista com Manelim e Maria das Dores, feita no dia 25 de junho de 2006, em minha casa. **Anexo III**: Modelo da carta de cessão de direitos dos narradores.

Capítulo I

CRUZANDO CAMINHOS, HISTÓRIAS E TRAJETÓRIAS

“Tais como as plantas, que na estação da seca se imobilizam e brotam nas primeiras chuvas, certas lembranças se renovam e em certos períodos dão uma quantidade inesperada de folhas novas. Como planta que se fortalece com a enxertia – outros ramos se nutrem de suas raízes e frutificam com vigor renovado, chamando para si a seiva e os galhos originais - a enxertia social não deixa que as lembranças se atrofiem”.

Ecléa Bosi (Memória e Sociedade – Lembranças de Velhos, 2004, p. 426)

Introdução

Início este capítulo de meu trabalho contextualizando a trajetória de uma família em processos migratórios, objeto de minha pesquisa. É uma família que me encanta desde quando os destinos da vida e suas energias positivas me atraíram para o seu meio. Com estas pessoas comecei a trocar experiências pelas relações de vizinhança, por atividades sociais e culturais, pelas tardes gostosas em que, vindos do trabalho, banhados e descansando nas varandas de nossas casas, em São Sebastião (DF), deixamos a conversa rolar. Trocamos memórias, gerando vivências e cruzando saberes. Partilhamos alguns bens e serviços, coisas de pés, mãos e coração, que fazem encontros. Foram serviços de costura, uma troca de mudas de plantas, quitutes que vão e que vêm, festas e folias, catiras e cantorias, ombros que se emprestam em momentos de dor e sofrimento. É a Família do Manelim, referência principal de minha pesquisa e porta de entrada num mundo que ainda pouco conhecia.

Esta família viveu e vive um vai-e-vem entre Bonfinópolis de Minas (MG), sua cidade de origem e Brasília (DF), onde moram desde 1972, mantendo até hoje este intercâmbio histórico-cultural entre estas duas localidades, com seus parentes e amigos. Morando, desde seu nascimento quase totalmente em área rural desta cidade que chamamos normalmente de Bonfinópolis, raramente iam à sede deste município, a não ser para algumas compras ou tratamentos médicos indispensáveis. Nos anos 40 e 50 do século passado, seus parentes ainda viviam tempos de pouca moeda e muito escambo. Suas vidas dependiam muito de algumas trocas de produtos na cidade de São Romão, nas margens do Rio São Francisco. Uma vez ao

ano lá iam, percorrendo estradas arenosas e difíceis até para seus carros de boi e outros animais de montaria, numa distância que perfazia, na época, umas 40 léguas e uma viagem que durava uns dez dias, entre ida e volta.

Mas o mundo mais distante da Família do Manelim também chegava até Bonfinópolis. Era comum passarem por suas casas migrantes que vinham da Bahia e outros estados do Nordeste. Havia pessoas que iam buscar trabalho em São Paulo, ou de lá retornavam à sua terra. Outras pessoas andavam mesmo por ali, de um lugar a outro. Eram tentativas de escapar da seca e da miséria do Nordeste, ou idas e vindas, entre outras, por razões diversas de visitas, negócios e festas. Pelos passantes que ali pernoitavam ou pelas viagens a São Romão, a região de Bonfinópolis onde vivia a Família do Manelim ligava-se, assim, a locais mais distantes, já que outras formas de comunicação eram difíceis de acontecer. A região rural onde estas pessoas moravam não tinha um nome único. Era uma terra relativamente grande, de uns 1600 hectares, pois, dizem, compravam terras com certa facilidade, mas também as perdiam por dificuldades que serão depois descritas neste trabalho. Sua propriedade era formada por três fazendas maiores: Fazenda Santo Antônio dos Barreiros, Fazenda Santo Antônio do Roçado e a Fazenda Boa Esperança, sede principal, ao lado do córrego Jabuticaba, onde morava também o chamado Velho Manelim, sogro de nosso Manelim. Mas, veremos em suas narrativas, alguns pedaços desta terra levavam ainda outros nomes. Há várias referências históricas cujos nomes, às vezes, são justificados em suas memórias.

A comunicação com regiões mais distantes era difícil, pois os meios para tal eram raros. É o caso do rádio. Pelo ano de 1958, segundo contam Maria das Dores e Manelim², o pai dela, o Velho Manelim, comprou o primeiro rádio portátil, marca *Semp*. A lembrança deste rádio está hoje ligada à Copa do Mundo (na Suécia, nesse mesmo ano) onde, segundo ela, jogaram juntos Pelé e Garrincha. Ela também se lembra de notícias do presidente Juscelino que tomara posse em 1956. Foram, ao que tudo indica, fatos marcantes para a época. Mas, como dizem, o velho Manelim usava o rádio, antes de tudo, para controlar os preços da saca de café e da arroba do gado, para não ser enganado pelos comerciantes que por lá passavam. Ele era referência de preço para os produtores locais.

Contaram-me ainda que ouviam programas do Padre Vitor (Coelho de Almeida) pela Rádio Aparecida, de Aparecida do Norte (SP). Seus programas mais conhecidos eram: *Os ponteiros apontam pra o infinito* e *Consagração a Nossa Senhora Aparecida*. Este padre dava orientações de higiene e saúde para pessoas carentes que viviam em regiões de mais difícil acesso aos serviços públicos, como em regiões rurais. Tive a oportunidade de escutar muitos

² Conversas no dia 16 de novembro de 2006, à noite, em sua casa.

desses programas, pois morei, em minha infância e juventude, numa cidade que fica a 41 km de Aparecida do Norte, e depois fui morar nesta mesma cidade, em anos próximos aos que aparecem nessas narrativas. De TV, que se tornara pública no Brasil há poucos anos, em 1950, esta família pouco fala. Tinham raras experiências, quando viajavam por alguma localidade de melhores condições de vida, como nas pouquíssimas oportunidades que tinham de entrar na casa de famílias com melhor poder aquisitivo.

Pelo ano de 1960, começaram a ouvir falar de Brasília, ao mesmo tempo em que rotas de avião começaram a cruzar por ali sobre suas cabeças. Nascia nessa região uma encruzilhada de migração para essa capital em construção. Esta história parece logo mostrar que migração é mais que deslocamento físico. É algo da mente, de coração, de sonhos, de pressões e atrativos. É algo da cultura, ou melhor, de culturas que se cruzam, gerando outros valores e expressões, sem deixar que o passado fique pra lá. Essas reminiscências vão sendo reinterpretadas no presente destas pessoas, cruzando saberes, práticas, experiências e expectativas. As enxertias mútuas, usando expressões de Bosi, em epígrafe deste capítulo, vão transparecendo no meio das narrativas que acolheremos no próximo capítulo.

Perfil da Família do Manelim

Considero aqui como Família do Manelim (Foto 01, p.16), relações mais amplas entre irmãos, irmãs, cunhados (as), genros e noras, netos (as), sobrinhos (as), tios, avós, e também pessoas que são adotadas nesta família, ou a quem se emprestam seus espaços familiares para passarem temporadas de estudo ou de tratamentos médicos, além de outras necessidades. Usarei o termo *núcleo familiar* quando eu quiser me referir a essa família em seu espaço mais reduzido de esposo e esposa, pais, filhos, irmãos/irmãs. Ao citar algum desses núcleos, sinto necessidade, por dever de ofício, de usar o nome de um homem para identificá-lo, pois este é cotidianamente referido como chefe de família, devido a este costume que eles mesmos têm de se autodenominarem.

Esta parte da Família do Manelim que abrange meus entrevistados e entrevistadas é composta, como disse acima, por pessoas de migração recente da grande região que circunda Brasília. Essas pessoas, todas nascidas em Bonfinópolis de Minas (MG), cidade que fica hoje a 249 quilômetros desta capital, aqui chegaram a partir do ano de 1972. São pessoas de idades e experiências diferentes, todas com saberes de vida que me atraem e me desafiam.



Foto 01: Parte da Família do Manelim na chácara de André e Maria José – 18/03/2007.

Autor: Rubens de Morais Silva, 2007.

É uma família que tem seus problemas internos, que eles mesmos dizem ser coisa de toda família, mas que conserva certa unidade com encontros freqüentes, principalmente em festas, almoços, celebrações de folias, catiras e solidariedade em acontecimentos traumáticos.

Uma vez por ano, por ocasião do Natal, e seguindo antiga tradição religiosa, esta família e seus núcleos se encontram com outras pessoas conterrâneas espalhadas pelo DF e entorno, numa chácara do Gama. Esta chácara pertence a uma senhora, filha de uma família que tinha grandes propriedades na região de Bonfinópolis, no tempo em que a Família do Manelim lá morava. A família desta senhora perdeu muitos bens e hoje conserva esta pequena chácara onde cumpre velha tradição das cantorias do Menino Deus e dos Santos Reis. Acolhem neste dia umas 200 pessoas, nascidas em Bonfinópolis ou parentes de gente que por lá viveu. Distribuem muita comida, bebidas e doces.

Um momento importante deste encontro é quando a rezadeira, trazida de Bonfinópolis, faz longas e antigas orações, inclusive parte em latim, seguidas de animado forró, catira e outras danças. Em diálogos com a Família do Manelim, senti o quanto eles valorizam essa festa. Em conversas sussurradas pelos cantos do terreno e da casa, percebi que famílias pobres de uns 35 anos atrás, sentem-se como que vencedoras, pois hoje, aqueles e aquelas que tinham tanto recurso no passado, hoje vivem uma situação social não muito diferente da vida que elas aqui conquistaram.

A mudança destas pessoas da Família do Manelim para Brasília significou também uma melhoria na situação de vida em termos de bens. Ao mesmo tempo em que estas pessoas procuram dar encaminhamentos jurídicos às terras que ficaram em Bonfinópolis, aqui, com a luta do trabalho urbano, estão conquistando aos poucos outros patrimônios e certa estabilidade econômica para viverem na cidade, com pequenas diferenças de condições entre seus núcleos familiares.

As terras (lotes urbanos) na cidade não parecem ter o mesmo significado que tinham na roça de Bonfinópolis. Lá, nesta cidade, suas terras eram espaços agregadores de núcleos familiares, gerando identidades com a terra. Por isso era comum dizer, entre outros, a “Terra dos Vieiras”. Era um espaço que identificava uma família grande, feita de vários núcleos familiares que nela eram distribuídos pelos mais velhos, donos das terras. Era um ambiente que acolhia bem não somente parentes, mas também transeuntes, viajantes, pessoas carentes, doentes e outros. Havia certo sentimento de algo comum pertencente a muita gente. Havia espaços reservados a cada núcleo familiar, com muitas oportunidades de encontro e ações comuns, seja no próprio trabalho, seja nas festas, ou nas vivências religiosas. Ali reservavam

um espaço sagrado, pequenos cemitérios, para os falecidos que continuavam como parte importante daquele contexto familiar. Às vezes, a pessoa escolhia um lugar para ser sepultada. Em junho de 2007, uma cunhada do Manelim faleceu, e foi sepultada, por escolha dela, debaixo de uma árvore que ela muito apreciava, mesmo fora do cemitério acima citado.

Desde 1981, quando morreu a mãe de Maria das Dores, e 2003, quando morreu seu pai, suas terras estão sendo medidas, distribuídas entre 11 herdeiros, sendo parte colocada à venda. A terra perde o valor do vínculo familiar, pois se prioriza o valor monetário do negócio, conforme já observei em conversas com essas pessoas. Mas os espaços dos cemitérios familiares serão conservados à parte, como espaço comum.

Na cidade, ao contrário, a propriedade se define mais pelos núcleos familiares, núcleos estes que tem mais autonomia para comprar, vender, trocar, escolher onde se localizar. A grande família parece perder laços relacionados com um chão comum, embora preservem relações de parentesco, encontros de festas, costumes, e outras expressões culturais ou religiosas. A terra deixa de ter valor preponderante neste grande grupo familiar. Diante disso, as informações sobre propriedades são mais reservadas, mantendo certo sigilo, coisa de cada núcleo familiar. Mas não é difícil perceber que esta família tem uma certa auto-estima pela posição social que agora desfruta, pelas conquistas feitas, pelas vantagens de morar na cidade, mesmo que a nostalgia do berço de origem sempre seja motivo para conversar e sonhar, e para muitas narrativas. Não parece haver dúvida que a situação melhorou, e que o passo dado foi acertado. Outros dados a respeito, mesmo sendo de meu conhecimento, sinto, por dever ético de ofício, não transcrevê-los neste trabalho.

A Família do Manelim tem conservado práticas culturais que se adaptam às novas realidades da cidade grande. Antonio Cladiston da Cruz Oliveira, filho mais novo de André e Maria José, publicou seu primeiro CD, com seu nome artístico³. Ele trabalha com esta arte em restaurantes da cidade de Brasília e já se apresentou em programa da TV Record. Seus primos, os “Irmãos Vieira” fazem parte de um outro CD⁴. Manelim também aparece em fotografia de destaque em um livro sobre patrimônios culturais imateriais (MELLO, 2006, p.33). Todos estes artistas já estiveram várias vezes nas chamadas *Noites Culturais* do Bairro São José, em São Sebastião (DF), uma promoção do Centro de Educação Popular de Saúde. Todo ano estão presentes no encontro de folias na Granja do Torto, em Brasília (DF), além de outros eventos.

³ Produção: Age Pinheiro; Léo Sérgio; Rangel. “Rangel, um amor especial”. Brasília: Bless Brasília, 2007. 1 disco sonoro.

⁴ Produção: VBS - Viola Brasileira Show Produções e Eventos. “Folia de Reis – Tradição e Fé”. Brasília, 2006.

Mas esta família tem mantido outras práticas que são mais reservadas, mas não menos importantes, como benzimentos, uso de plantas em tratamentos de saúde e artesanatos. São pessoas que vivem uma migração pendular, retornando, sempre que possível, a Bonfinópolis, para festas religiosas e de casamentos, ou acontecimentos tristes onde a solidariedade é muito marcante. São amantes dessa cidade e de sua gente, como mostrarei no próximo capítulo.

Em fevereiro de 2007, comunicaram-se com seus familiares e amigos de lá por uma razão especial. Tinham uma viagem marcada para festas em sua terra, mas alguns assaltos a bancos em Bonfinópolis e outras cidades vizinhas transformaram essa região em área muito vigiada, com a polícia tentando pegar os assaltantes e livrar uns reféns, sendo alguns deles conhecidos desta família. Manelim dizia que os *revoltosos* estavam de volta. É uma referência a experiências que nos trarão suas narrativas editadas por mim no capítulo III.

Na escolha destas pessoas por mim entrevistadas, todas moradoras da cidade de São Sebastião (DF), vivi alguns dilemas como qualquer pesquisador. Dentro das atividades propostas sob coordenação de minha orientadora, no chamado “Seminário acerca de Brasília”, na UnB (Universidade de Brasília), no NECOIM (Núcleo de Estudos da Cultura, Imagem, Oralidade e Memória)/ CEAM (Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares), constituído também por outros(as) colegas, fiz uma pesquisa com depoimentos orais. Trechos de narrativas, feitas com 12 pessoas, sobre sua migração, seriam usadas para emoldurar o tema de minha dissertação sobre plantas medicinais. Por sugestão das integrantes de minha banca de exame de qualificação deste projeto, resolvemos tomar como tema central desta dissertação esses processos migratórios. De tema central, o uso de plantas medicinais passou a ser parte do tema do trabalho que ora apresento.

A escolha das pessoas entrevistadas nesta pesquisa seguiu inicialmente meus critérios pessoais. Seleccionei pessoas que eram de meu conhecimento e com quem tenho feito trabalhos culturais em diversas oportunidades. Assim, escolhi Manelim, Manoel Conceição Ferreira do Prado e sua esposa Maria das Dores Vieira do Prado. E também Maria José Ferreira Oliveira, irmã do Manelim, e o esposo dela, André da Cruz Oliveira. Conversando com estes casais, resolvi escolher o irmão de André, Vicente da Cruz Oliveira e sua esposa Amélia Vieira Cruz, e ainda outras pessoas da família: José Amado Luís Brandão, sobrinho e afilhado de Manelim e Maria das Dores, e sua esposa Adnélia Ferreira de Aquino; assim como a filha de Manelim e Maria das Dores, Francisca Ferreira do Prado, e três filhos de André e Maria José: Laureano da Cruz Oliveira, Juvenal da Cruz Oliveira e Alda da Cruz Oliveira. Este quadro de 12 pessoas, abrangendo 8 núcleos familiares, forneceu-me narrativas sobre seus processos migratórios. Para as narrativas sobre plantas que curam, em diálogos acerca desses critérios com minha

orientadora, escolhemos 8 destas pessoas: Manelim, Maria das Dores, André, Maria José, Vicente, Amélia, Francisca e Alda. Pareceram-me suficientes.

As entrevistas sobre o tema da migração são chamadas neste trabalho de *primeira fase* das entrevistas. As entrevistas acerca do tema das plantas são chamadas de *segunda fase* das entrevistas. Em ambas procurei respeitar a tendência de casais mais antigos apresentarem suas narrativas em conjunto, um completando o outro nos momentos de reminiscências, quando os vestígios começam a surgir e se desenrolam até interminavelmente. Um assunto puxa outro e o passado se faz presente. Eles fazem uma interação de experiências e saberes e se ajudam a lembrar de histórias passadas.

Os entrevistados e entrevistadas mais jovens parecem tecer a história de maneira mais pessoal. Penso que uma possibilidade desta hipótese é que os jovens cresceram mais na cidade grande, tiveram vida mais independente mesmo formando um casal, como é o caso de Amado e Adnélia. Suas experiências podem ser mais individualizadas. Mas não pretendo aprofundar esta relação de tipos de narrativas condizentes com idades ou gerações. Temos, praticamente, seis pessoas mais velhas na faixa dos 60-70, e seis pessoas mais jovens na faixa dos 40-50. E ao tratar do tema das plantas, surgirão reflexos de experiências de uma terceira geração na faixa etária dos netos de Manelim e Maria das Dores. Mas estes netos não são protagonistas de narrativas neste trabalho. Uma outra pesquisa poderia ter esta extensão, ou seja, entrevistar crianças sobre seus conhecimentos e experiências com plantas que curam ou sobre o processo de migração de seus pais e avós.

De todo este grupo, eu tinha mais proximidade e amizade com Manelim e Maria das Dores, André e Maria José, Alda e Francisca. Os demais, eu os conhecia de longe, sem muito contato ou amizade. Com os dois primeiros casais, minha proximidade se dava por algumas iniciativas culturais. Com Francisca, por certa caminhada da Igreja Católica entre pessoas e comunidades mais pobres. Com Alda, por um tempo de caminhada em atividades comunitárias de saúde em um bairro da cidade de São Sebastião.

Na primeira fase, conversei mais isoladamente com o casal Maria José e Manelim. Manelim acompanhou, com sua esposa, as entrevistas de André e Maria José e também de Vicente e Amélia. Alda se apresentou com seu irmão Juvenal. Amado se apresentou com sua esposa Adnélia, seu primo Laureano e também Manelim.

Na segunda fase, entrevistei, à parte, Manelim e sua esposa Maria das Dores. Este casal me acompanhou na entrevista com André e Maria José. E Manelim me acompanhou na

entrevista com Vicente e Amélia. A entrevista com Alda foi isolada, assim como a com Francisca.

Notei que a presença de outras pessoas em cada entrevista não alterou o andamento da mesma. Em alguns momentos, até ajudou para emendar lembranças ou esclarecer fatos. Souberam ser discretos, silenciosos, e, ao mesmo tempo, mostraram liberdade em ajudar outros a falar na hora certa e o suficiente para completar um pensamento ou fazer a narrativa avançar.

As entrevistas feitas nas casas dos narradores sempre facilitaram este meu trabalho de pesquisa, pois parece que se sentem mais à vontade para falar ou acrescentar outras referências tais como objetos, fotos, livros, quadros, mobílias, utensílios e outras coisas que guardam com carinho e que têm grande significado em sua caminhada. A vantagem de entrevistá-los em outro ambiente mais reservado é ter menos interferência de outras pessoas ou movimentos normais de crianças que podem atrapalhar. Na somatória geral, sempre me pareceram mais adequadas entrevistas feitas em seus lugares de moradia, pelos acréscimos não previstos e que são profundamente ilustradores da conversa, principalmente entre os mais velhos, que parecem dar mais valor a objetos mais antigos guardados. São tipos de traços e rastros ou vestígios que se tornam, em narrativas, fios de meada.

Trabalho com estas pessoas num círculo mais restrito de relacionamento de uma família. Elas têm suas diferenças, o que constitui dimensões pertinentes para atingir o objetivo a que me proponho. Para apresentá-las pessoalmente, resumo abaixo algumas referências, frutos de minha observação e de outras pessoas também por mim entrevistadas⁵.

1. **Manelim**, apelido de **Manoel Conceição Ferreira do Prado**. Nascido em 06 de março de 1939. É funcionário público do Zoológico, onde cuida da alimentação dos animais. É um espaço de muita mata nativa e jardins bem cuidados, onde parece reviver, em parte, sua experiência da roça. Chegou em Brasília em 1975, e mora em São Sebastião desde 2000. É a referência principal desta família para minhas entrevistas, pelo seu jeito de ser entre seus parentes e por ser vizinho próximo de minha casa. Gosta de muitas formas de expressões culturais, como catiras e forrós ou *puxar* Folias de Reis. É mais experiente em folias. Admira muito um grupo de sobrinhos seus, os já referidos “Irmãos Vieira”, que criaram um grupo próprio de catira. Gosta de contar causos e piadas, mostrando-se sempre uma pessoa alegre. Aspira pela aposentadoria para poder dedicar-se mais à família

⁵ Conversas acontecidas no dia 16 de novembro de 2006, na casa de Manelim e Maria das Dores. O Anexo 01 deste trabalho é uma sistematização do perfil das pessoas entrevistadas, com alguns dados a mais, em relação aos colocados neste capítulo.

e a essas expressões culturais. Teve, com Maria das Dores, 3 filhos, 4 filhas, e tem 9 netas e 4 netos. De seus filhos, um homem e duas mulheres faleceram. Fez o curso do Mobral.

2. **Maria das Dores Vieira do Prado**, esposa do Manelim, nascida em 28 de abril de 1943. Trabalha mais em casa. Chegou em Brasília em 1975 e mora em São Sebastião desde o ano 2000. É artesã no trato com recortes de pano e alguns tipos de bordado. É uma pessoa de muita iniciativa, mas tem passado por muitas fases de doenças. Mostra-se sempre acolhedora com quem passa por sua casa. Teve 3 filhos, 4 filhas, e tem 9 netas e 4 netos. De seus filhos, um homem e duas mulheres faleceram. Fez até 4ª série primária, conforme antigamente se definia.
3. **Maria José Ferreira Oliveira**, irmã do Manelim. Nascida em 15 de março de 1941. Trabalha mais em sua casa, embora tenha tentado fazê-lo fora de sua residência, experiência que deixou pra trás. Há pouco tempo mora com o marido numa chácara a uns dez quilômetros da cidade de São Sebastião, cidade onde estão desde 1994. Chegou a Brasília em 1972. Passou depois uma pequena temporada em Unaí (MG). Adora festas, forró, folias e piadas. Fiel companheira do marido para todas as horas, do que se orgulha. Corajosa nos sofrimentos. Teve com André 3 filhos e 3 filhas. Tem 3 netas e 4 netos. Morreu uma filha. Terminou o 1º grau em 2005.
4. **André da Cruz Oliveira**, cunhado do Manelim, e marido de Maria José. Nasceu em 11 de abril de 1939. Vivendo agora na chácara, realiza seu sonho de voltar à vida de lavrador, o que sempre se considerou ser. Chegou a Brasília em 1972 e em São Sebastião em 1994. Após experiências traumáticas com avião no passado - veremos adiante nas narrativas editadas -, acabou trabalhando um tempo no próprio aeroporto. É um bom contador de causos, principalmente ao lado de seu irmão Vicente. Parece ser uma pessoa retraída, mas, depois que se entrosa numa festa, gosta de cantar, tocar instrumentos e participar. Uma pessoa zelosa pelos filhos. Teve, com Maria José, 3 filhos e 3 filhas. Tem 3 netas e 4 netos. Morreu uma filha. Fez 1º grau incompleto.
5. **Vicente da Cruz Oliveira**, irmão de André e concunhado de Manelim. Nasceu dia 5 de abril de 1937. É funcionário público, jardineiro na UnB, ao lado do prédio da reitoria. Ali revive um pouco seu passado, curtindo a natureza com muitas árvores, frutas e plantas curativas. Chegou em Brasília em 1992, indo logo morar em São Sebastião. É uma pessoa que parece ter uma visão ampla do contexto de Brasília e

também de outros do mundo mais distante. É muito crítico, talvez por influência do meio onde trabalha. Ele fala de reuniões, encontros e conversas que tem na UnB, e também de um curso de alfabetização pelo qual ele passou. Não é de cantar, nem dançar, nem tocar instrumentos, mas gosta de conversar e debater sobre a vida. Tem muita curiosidade para aprender de tudo. É muito organizado, cuidadoso com os filhos e a esposa, e tem sempre, como diz Manelim, aquela sabedoria oculta, assim como seus filhos. “Quem olha, nem imagina como ele entende das coisas”. Teve, com Amélia, 7 filhas e 3 filhos. Destes filhos, dois homens e uma mulher faleceram. Tem 11 netos e 5 netas. Fez dois meses de estudo com professor particular pago. Fez Mobral, e mais o curso complementar na UnB, acima referido.

6. **Amélia Vieira Cruz**, esposa de Vicente. Nascida dia 2 de junho de 1937. Trabalha em casa. Chegou à Brasília, diretamente em São Sebastião, em 1992. Antes de morar em Brasília, veio várias vezes para tratamento médico, pois sempre foi muito doente. Teve, com Vicente, 7 filhas e 3 filhos. Destes filhos, dois homens e uma mulher faleceram. Tem 11 netos e 5 netas. Fez Mobral e um mês de estudo particular pago.
7. **José Amado Luís Brandão**, sobrinho de Manelim. Nascido em 22 de maio de 1959. É funcionário público, trabalhando como motorista do SLU - Serviço de Limpeza Urbano. Chegou em Brasília em 1987, vindo morar em São Sebastião em 1995. Ele tem bom humor e é muito ligado aos tios Manelim e Maria das Dores, que lhe deram muito apoio na vida. São também seus padrinhos de batismo. Antes de morar aqui, veio servir o Exército ao completar 18 anos (1977). Vive um dilema entre morar aqui ou voltar a sua terra. Diz Manelim que ele é uma pessoa muito disponível para tudo que se precisar dele. Tem, com Adnélia, 2 filhos. Terminou a 4ª série e faz agora supletivo de primeiro grau.
8. **Adnélia Ferreira de Aquino**, esposa de Amado. Nascida em 6 de novembro de 1965. Trabalha mais em casa. Chegou em Brasília em 1987, vindo morar em São Sebastião em 1995. Ela e o marido mudaram-se para Brasília devido a muitas situações de doença. É uma pessoa muito amável. Uma mulher considerada pela família como muito trabalhadeira e muito experiente em culinária. Sempre muito alegre e festeira. Tem, com Amado, 2 filhos. Terminou a 4ª série.
9. **Alda da Cruz Oliveira**, sobrinha de Manelim e filha de André e Maria José. Nasceu em 29 de maio de 1962. Trabalha mais em casa, mas faz alguns trabalhos

fora. Chegou em Brasília em 1973 e veio morar em São Sebastião em 1995. Tem quatro filhos. Pessoa muito animada. Vive separada do marido, mas são vizinhos próximos. Tem muito respeito por ele. Mulher disposta em tudo para ajudar as pessoas. Gosta de fazer militância política nas ruas, principalmente em tempo de eleições. Pessoa muito livre, tendo facilidade tanto para rir como para chorar. Tem dois filhos, duas filhas e dois netos. Terminou o segundo grau.

10. **Juvenal da Cruz Oliveira**, filho de André e Maria José, sobrinho de Manelim. Nasceu em 20 de julho de 1968. É funcionário público, trabalhando como bombeiro da Caesb - Companhia de Água e Esgoto e Saneamento de Brasília. Chegou a Brasília em 1972, vindo morar em São Sebastião em 1994. É uma pessoa tranqüila, e tem um bom relacionamento familiar. Pessoa de muitas amizades, trabalhador, bom pai, gosta de tocar e cantar nas folias, e ajudar nos trabalhos da Igreja Católica de São Sebastião. Tem dois filhos e uma filha. Faz Faculdade de Administração.
11. **Francisca Ferreira do Prado**, filha de Manelim e Maria das Dores. Nasceu em 4 de outubro de 1964. É funcionária pública do INSS. Chegou a Brasília em 1975 e veio morar em São Sebastião em 1995. Líder comunitária, interessada em questões de cultura e política, participante das CEBs – comunidades eclesiais de base. Teve militância sindical, mas decepcionou-se com este trabalho. Nos últimos anos dedica-se mais às duas filhas, e espera poder depois estar mais disponível para serviços na comunidade católica local e outras atividades sócio-culturais. Pessoa muito querida onde mora, no Bairro São Francisco. Mulher muito amiga, sincera, positiva, disposta para tudo. Terminou o segundo grau.
12. **Laureano da Cruz Oliveira**, filho de André e Maria José, sobrinho de Manelim e Maria das Dores, sendo também afilhado deles pelo batismo. Nascido em 4 de julho de 1964, chegou em Brasília em 1973, indo depois morar um tempo em Unai com seus pais e outro período com avós em Bonfinópolis. Chegou em São Sebastião em 1993. Pessoa ligada à família, de senso crítico e sincero. Uma pessoa mais tímida e retraída, como ele mesmo se define. É uma pessoa “pé no chão”, diz Manelim, “que luta para ter uma casa bem arrumada nem que tenha que trabalhar muito tempo para conseguir as coisas”. Terminou o segundo grau.

Quando eu trabalhava o perfil destes entrevistados, tomava também contato com uma obra de Woortmann (1995, p. 29-93) sobre algumas teorias de parentesco e do campesinato.

Não trabalho com estas teorias nesta minha dissertação. Mas, ao mesmo tempo, esta obra me levou a conversar com algumas pessoas de meu quadro de entrevistados, Manelim e Maria das Dores⁶, procurando conhecer um pouco mais seus laços de parentescos, suas identidades, e sua relação com a terra onde moravam em Bonfinópolis. Acredito serem formas de traçar um pouco melhor seu perfil familiar e pessoal.

Manelim e Maria das Dores, um dos casais, são primos em segundo grau. E Maria José e André, outro casal, são primos em primeiro grau. Dizem que, nesse tempo, não tinham medo de doença pela proximidade de sangue e nem faziam nenhuma prevenção, pois nem sabiam desta possibilidade. Esses casamentos eram, segundo eles, garantia de estabilidade matrimonial, pois eram pessoas conhecidas, de hábitos comuns e com apoio de seus núcleos familiares. Perguntei-lhes se este casamento entre parentes não era justificado pela necessidade que sentiam de conservar a propriedade da terra. Falaram que não. Era mais pela garantia de não deixarem pessoas estranhas entrarem em seu meio com outros costumes.

Perguntei-lhes também sobre o significado do conceito parente. Dizem que parente é quem é da família, e isto se revela principalmente pelo mesmo sobrenome que é conservado ao menos numa pequena parte. Tanto homens como mulheres conservavam o sobrenome, sem distinção, porque raramente se casavam no civil. No casamento civil a mulher normalmente perdia seu sobrenome e adotava o sobrenome do marido. O parentesco, segundo eles, vai perdendo seu significado quando se chega a um terceiro grau ou mais.

Depois destacaram os traços fisionômicos. Segundo eles, se formos hoje numa festa lá na roça, vamos encontrar muitas pessoas com a mesma feição. Do lado do Manelim, “pessoas com rosto mais cheio e jeito de baianos misturados com negros e índios”. Do lado de Maria das Dores, “pessoas com queixos pequenos e rosto fino”. Também falaram do nariz e do olho como características. Destacam a cor da pele, ficando em dúvida se devem falar que são de raça negra ou morena. Dizem que entre eles se misturam negros e morenos. Brancos, quase não existem. Manelim diz que sua bisavó era índia. Maria das Dores se considera mais negra, dizendo não ter nenhuma história de índios na família.

Dizem também que pertencer a tal e tal família era ter o mesmo sangue. Dificilmente aconteciam casos de adoção de crianças, pois, dizem eles, as famílias, mesmo sendo grandes – havia pais até com 17 filhos – e pobres, eram responsáveis por eles. Mas era comum acolherem pessoas adultas abandonadas, por tempos variados. Essas pessoas normalmente tinham doenças graves, até hanseníase, ou doenças mentais, muito comuns naquela região.

⁶ Dia 11 de setembro de 2006, em sua casa, registradas em gravação.

Dizem que muitos deles apareciam sujos, cheios de piolhos. Até índios eram acolhidos, mas eles tinham dificuldade de relacionamento com estes. Falam também de ciganos, com a mesma imagem comumente cristalizada que se tem destas pessoas. Dizem que eles roubavam muita coisa nas casas deles.

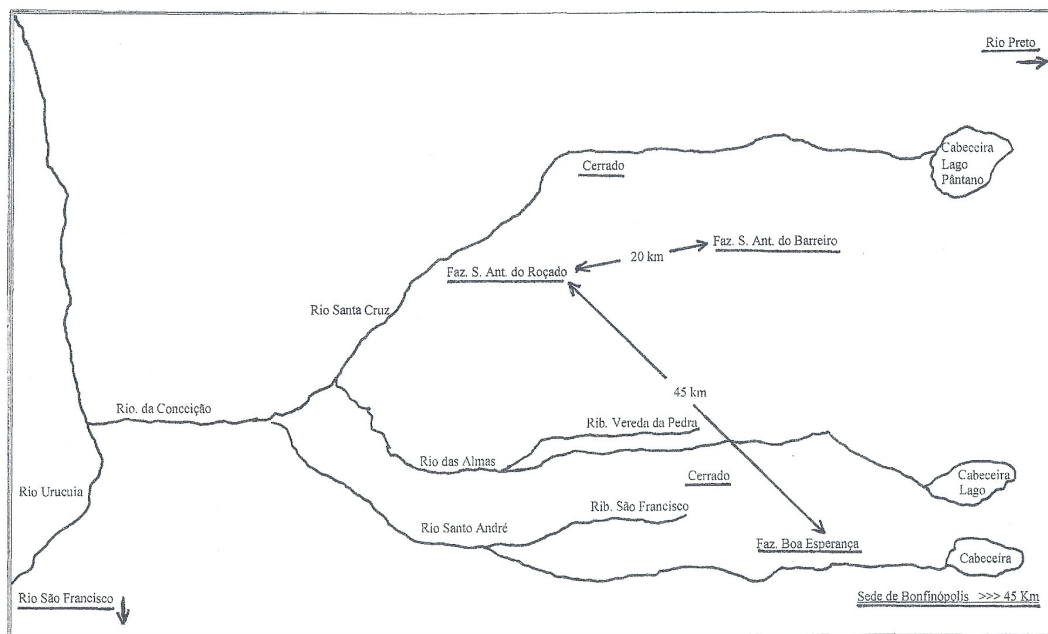
Entre eles não se notavam grandes diferenças a não ser na situação financeira. Mas dizem que isto não influenciava o bom ambiente. Contam que os velhos eram muito respeitados e assim as famílias permaneciam mais unidas e superavam com mais facilidade seus desentendimentos.

Quanto à propriedade, falam que, naquele tempo, não havia documento de usufruto de terras. A terra era passada a herdeiros por ocasião da morte de alguém, sendo beneficiados por igual tantos homens como mulheres. Normalmente faziam inventários, embora alguns se descuidassem disto.

Para melhor compreender seu espaço de vida em Bonfinópolis, solicitei daquele casal - Manelim e Maria das Dores - que tentasse desenhar um mapa de suas fazendas⁷. Lá estava também um sobrinho seu que nos ajudou a fazer um mapa dessa região. Fui desenhando terras, córregos, cabeceiras, pântanos, lagos, lugares de referência por onde andavam. Falaram dos diferentes tipos de solo e flora regional. Enfim, colocaram algumas distâncias para fazer uma aproximação de escala, calculando suas dimensões (cf. mapa na p. 27). Sua descrição e tentativa de desenhar um mapa revelam certa *lógica do espaço*, conforme expressão de Woortmann E.F. e Wortmann, K. (1997, p.75-76), um pano de fundo importante para entendermos suas narrativas. Era um espaço dinâmico e não apenas rotineiro. Havia conflitos, desafios, mudanças, trocas, vendas, heranças, cruzamentos de núcleos familiares, tempos de plantios diversos em seus variados tipos de solo e mudanças climáticas.

A relação desta família com Brasília, que busco reconstruir e interpretar com esta minha pesquisa, baseia-se em narrativas orais de entrevistados (as) e outras fontes documentais e bibliográficas. Essas narrativas me ajudaram a superar os limites geográficos dos mapas do Distrito Federal para entender Brasília também a partir da vida de famílias que já viviam nestas regiões nos inícios da construção desta capital federal. As cidades de onde vieram ficam distantes de suas capitais estaduais e, muitas vezes, são abandonadas por suas próprias autoridades. São casos como cidades da região noroeste de Minas Gerais e sudeste da Bahia.

⁷ Conversa acontecida no dia 25.02.2007, na casa do casal, com a presença de seu sobrinho José Eustáquio Luis Brandão, nascido em Bonfinópolis de Minas (MG). Este veio direto para morar em São Sebastião (DF) em 2000. Terminou a 4ª série e faz supletivo de 1º grau. Trabalha no posto do Correio. Sua profissão parece ter ajudado no desenho do mapa.



Mapa sugerido por Manelim, Maria das Dores e seu sobrinho José Eustáquio sobre a região rural do município de Bonfinópolis onde sua família morava. Desenho de minha autoria.

Muitas dessas cidades passaram a fazer parte da construção de Brasília, e criaram vínculos e interações que continuam a existir. É uma participação que também é objeto de críticas, acadêmicas ou não. Migrantes recentes, vivendo em precárias condições de vida, parecem ser mais seduzidos eleitoralmente por trocas de favores mais imediatos, como a distribuição de lotes públicos.

Por outro lado, esta região, composta de áreas rurais e pequenas cidades ao redor de Brasília, deve contribuir atualmente, e de forma significativa, para cobrir necessidades básicas dessa capital federal, além de enriquecer suas expressões culturais, como podemos sentir já no pequeno espaço desta família pesquisada. É um tema interessante para outra pesquisa sobre Brasília, ou seja, traçar um perfil dos laços econômicos de Brasília com regiões de estados vizinhos, desde as primeiras propostas de trazer a capital para o interior do país, sua participação em sua construção, os planos de desenvolvimento regional, como o pensado por Israel Pinheiro, até chegarmos ao momento atual, a criação de novas estradas e outros fatores parecem definir um perfil com elementos comuns entre a capital e a grande região que a circunda.

Delimitação temática

Acredito que seja de grande importância a pesquisa que realize, considerando o contexto em que vivemos. Brasília é uma cidade que tem poucos anos de vida, mas foi implantada numa região rural que tinha longa história, ligada ao ciclo do ouro e da pecuária. Grupos sociais, que aqui chegam, alteram o perfil desta cidade e seu planejamento inicial. Ela é muito conhecida mundialmente pela sua obra urbanística e arquitetônica, mesmo que desperte também algumas críticas, principalmente quanto a nela conviverem segmentos sociais em condições diversas e muito desiguais. Como acontece também com outras grandes cidades, a situação atual extrapolou, em muito, as previsões iniciais de seus construtores. É o que pude acompanhar, muitos anos atrás, num debate televisivo entre o falecido Dom Helder Câmara, bispo de Olinda e Recife e Oscar Niemeyer, arquiteto de Brasília, gravação que procurei, sem sucesso, recuperar com a Rede Globo. O arquiteto criticava o excesso de riqueza da Igreja Católica, e sugeria a necessidade de reparti-la. O bispo, para se contrapor a estas posições, perguntou a Niemeyer por que ele, comunista, não tinha reservado espaço para pessoas mais pobres em Brasília.

Vejo que nesta cidade, como em outras construídas em moldes capitalistas, tenta-se distanciar de seus melhores espaços segmentos importantes que contribuíram em sua

construção e que continuam necessários para sua manutenção, o que dificulta a vida dessas pessoas. Entre estes diversos grupos sociais existem projetos diferentes de cidade e sociedade.

A construção/reconstrução de Brasília é um processo conflitivo que cria também espaços segregados em outras cidades do DF. Percebo, em São Sebastião (DF), que as riquezas culturais de moradores são pouco conhecidas e têm pouca visibilidade fora dela. Mas há expressões de resistência, como as iniciativas das Noites Culturais e a Roda dos Violeiros ou o grupo da Folia da Roça no Bairro São José, ou um grupo de saraus que se encontra em alguns pontos comerciais de lazer no Setor Tradicional dessa cidade.

Há um *estranhamento* mútuo, conforme termo de Laverdi (2005, p. 16-17), ao descrever e interpretar experiências de trabalhadores migrantes (o “outro” ou o “de fora”) no município de Marechal Cândido Rondon, oeste do Paraná, nas décadas de 70 a 90. Esta obra me ajudará a interpretar adiante, mesmo indiretamente, as narrativas, experiências e saberes da Família do Manelim.

Esses migrantes, que aqui nos oferecem suas narrativas, têm algumas formas de organização que facilitam a continuidade de suas tradições culturais que surgiram décadas atrás em áreas rurais, mas que continuam expressivas também na cidade grande. Mas enfrentam grandes desafios, pois a vida na região urbana parece ampliar o leque de dimensões culturais, tornando-as mais plurais, pela diversidade e maior aproximação das pessoas que ali vivem.

Diz Santos (SEABRA, 2001, p. 60):

Acho que a cidade é multidimensional [...]. Ela reúne pessoas das mais diversas origens, dos mais diversos níveis de instrução, de riqueza, e de entendimento. Constitue-se em lugar onde é possível uma mistura de interpretações mais ou menos corretas do mundo, do país e do próprio lugar. Há uma enorme riqueza de perspectivas. A vizinhança obriga as pessoas a se compararem e a se perguntarem sobre suas diferenças, seja ela próxima ou distante. Essa já é uma indagação de natureza política. E ainda que nem sempre seja possível às pessoas uma interpretação sistêmica, há um questionamento e um desejo de ultrapassar a própria situação. Isto, sem dúvida, pode se manifestar pela violência. Mas a violência também é uma forma de discurso, um discurso, aliás, peculiar na sociedade em que vivemos”.

Penso ainda, como disse acima, que migração não é somente um momento na vida, um tempo de saídas e chegadas, mas uma experiência que é trabalhada e reconstruída todo dia. E, desta experiência, penso, ninguém escapa, pois estamos todos os dias nos adaptando a realidades diversas e estamos nos confrontando com pessoas e grupos sociais diferentes daqueles de nossas origens. Neste sentido, todos nós somos migrantes, dentro ou fora de nossas terras de origem, durante toda a vida, principalmente na cidade grande onde há

choques culturais mais frequentes e mudanças rápidas de hábitos e comportamentos. A Família do Manelim, conforme narrativas aqui consideradas, já experimentava esses processos migratórios no longo tempo vivido na região rural da cidade de Bonfinópolis, no contato com pessoas que por lá passavam ou pernoitavam, nas difíceis viagens que faziam a São Romão ou nas festividades em Lages.

Assim, nesta dissertação, trabalho estas questões migratórias, tomando como base estes espaços históricos culturalmente construídos pela Família do Manelim. Não pretendo fazer uma história ampla de processos migratórios, com fez, entre outros, Lucena (1999, p.19), que trabalha com várias famílias migrantes vindas da cidade de Barbacena (MG) para um bairro que, pela sua influência, constituiu-se pela década de 70, como Jardim Barbacena, nas beiras da Via Raposo Tavares, a uns 30 quilômetros do centro de S. Paulo. Nesta mesma década pude conhecer algumas dessas famílias, em duas ou três visitas que fiz a este bairro, pois morava a dez quilômetros deste local. Além delas, esta autora ainda dialogou com outras famílias que permaneceram na cidade de Barbacena, resistindo aos processos migratórios, confrontando as experiências de migrantes com as de não migrantes, todos oriundos da mesma cidade. Ela assim delimita seu trabalho: “Interessam-me as representações dos sujeitos que viveram o processo migratório [...] contemplando suas expectativas e suas experiências de vida no mundo rural e urbano”. Embora não tenha as mesmas metas de Lucena, considero importante o enfoque que ela dá ao seu trabalho, quando aponta ser seu objetivo “ênfatisar as histórias orais de duas gerações, numa tentativa de compreender como os sujeitos reinterpretam e ‘inventam’ as experiências vividas no lugar de origem no contexto da grande cidade”.

Nos limites deste meu trabalho não tenho a pretensão de ampliar minha pesquisa, como faz ainda Lucena (1999, p. 19-20), ao “tentar compreender suas representações, recuperar seus passados, recompor através de seus símbolos, festas, imagens e palavras, o sacrifício e a coragem de suas histórias de vida [...]”. Mas acredito que posso nela me inspirar na tentativa de concentrar meu foco em experiências, saberes e expectativas de doze pessoas de duas gerações diferentes de uma mesma família, todas moradoras atualmente da cidade de S. Sebastião (DF), levando em consideração suas lembranças, esquecimentos e ocultamentos acerca dos processos de migração pelo qual passaram e passam, entre Bonfinópolis de Minas (MG) e Brasília (DF).

Interpretando suas narrativas e o modo como relacionam seu presente com seu passado e seu futuro, pretendo conhecer a maneira como reconstróem suas identidades nesta transição de lugares e experiências, como também trabalhou Lucena (1999, p. 28): “[...] priorizei os

significados que os próprios migrantes atribuem às suas práticas culturais em diferentes espaços e a maneira como constroem e reconstróem suas identidades”. Ao tratar de suas identidades, procuro me fundamentar em Hall (2001), pelo processo de desconstrução e reconstrução do próprio termo identidades, e em Pollak (1989), entre outros, ao tratar dos enquadramentos da memória.

Trabalhando estas entrevistas, assim como outras fontes, busco construir uma história com as dimensões da cultura conforme propostas e conceitos de Geertz. Tomando seus estudos (1989, p. 3-4), procuro me basear em sua abordagem relativa à *teia de significados*. Interpreto experiências de vida e o que essas pessoas fazem com essas mesmas experiências, através de uma narrativa detalhada, conforme a *descrição densa*, proposta por aquele autor. Acredito que esta abordagem amplia meu processo de interagir com aqueles e aquelas que entrevisto.

Dou certa ênfase às categorias de memória e história, partindo de bases teóricas de Benjamin (1994), e busco conhecer como integrantes dessa família reelaboram e ressignificam seu passado em seu presente, e como os relacionam com suas utopias na cidade grande. Procuro trabalhar esta pesquisa dentro de uma periodização que tem como inflexão inicial, o período de 1970 a 2000. É uma referência aberta de datas, pois também entendo que, em narrativas, memórias de entrevistados (as) parecem pouco se prenderem a datas, circulando com muita naturalidade entre períodos muito diferentes e cruzando seus tempos com suas experiências e saberes, usando outras referências históricas de acontecimentos. Aqui, o ano de 1970 se justifica pelos anos que antecedem a decisão de mudança dos primeiros membros desta família para Brasília. E o ano 2000 é uma referência de data próxima dos primeiros anos vividos pelas últimas pessoas desta família chegadas a essa capital.

Objetivos

Identificar e interpretar, numa perspectiva histórico-cultural, experiências realizadas e saberes acumulados no processo migratório da Família do Manelim e seus núcleos familiares, entre Bonfinópolis de Minas e Brasília (DF), de 1970 a 2000. Colaborar com estudos migratórios realizados em vários lugares e diferentes áreas, assim como com as pessoas entrevistadas, na construção de um entendimento mais amplo de sua importante contribuição às ciências universitárias, com suas experiências e saberes tradicionais, e suas narrativas.

Hipóteses e justificativas

Brasília é uma cidade que passa por uma migração ainda acentuada. São pessoas que chegam principalmente de cidades de Minas Gerais e alguns outros estados do nordeste do Brasil, como da Bahia. Peluso e Oliveira (2006, p. 69-73) dizem que as pessoas saem da região rural devido à modernização e concentração fundiária nestas áreas de terra e produção. É uma tese que mereceria outras interpretações. Mas concordo com estes autores quando dizem que pessoas são atraídas pela cidade grande pelo emprego e renda oferecidos aos que tem baixa especialização. Em Brasília, estes empregos foram oferecidos, de início, pela construção civil. Migrantes de classe média e alta, principalmente da antiga capital federal do Rio de Janeiro, vieram como funcionários da máquina do Estado. E estes precisaram também do serviço de migrantes mais pobres de áreas rurais em suas propriedades ou locais de moradia ou nos próprios espaços de trabalho. Sabemos também que uma cidade assim construída oferece outras tantas possibilidades de trabalho além da construção civil: no cinturão verde de hortas e pomares, nos trabalhos de limpeza, e outros tantos serviços acessíveis a pessoas recém chegadas de área rural, muitas vezes sem muito estudo e outras possibilidades de emprego.

Continuam ainda dizendo Peluso e Oliveira, acima citados, que o período em que localizamos a vinda dos primeiros membros da família pesquisada, ou seja, nos anos 70, é o tempo da chegada de grande massa de trabalhadores para a construção desta cidade. O crescimento urbano anual do Brasil nessa década era de 55,9%, enquanto o DF, 96,0%. Na década de 80, o Brasil tinha um índice de urbanização de 67,6%, e o DF 96,0%. Em 1991, o Brasil subia ainda para 75,6%, e o DF, ia para 94,7%. Em 2000, o crescimento urbano brasileiro era de 81,2% e o DF 95,7%. São dados do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, citados por estes autores.

Eles ainda mostram que quase a metade da população do DF (48,0%), em 2004, nasceu aqui mesmo, indicativo de um rápido crescimento. Mas, neste mesmo estudo, aparece em segundo lugar, na composição da população do DF, pessoas vindas da região Nordeste, com 26,7%, de onde migraram antepassados da família que aqui estou pesquisando. Segue a região sudeste, com 13,7%, onde as pessoas entrevistadas da Família do Manelim nasceram. As regiões Centro-Oeste, Norte e Sul juntos somam, ainda em 2004, não mais que 11,3% do contingente populacional. E, segundo dados da Codeplan (Companhia de Desenvolvimento do Planalto Central), apresentados pelos autores acima, São Sebastião é uma das cidades do

DF que têm maiores índices de crescimento, mais que dobrando sua população do ano de 95, próximo ao ano de sua fundação (1993), até o ano 2000, ano em que apresentava uma população de 64.322 habitantes.

Vejo assim que esta minha pesquisa se coloca dentro de um grande quadro de uma onda migratória para o DF. Por esta razão, escuto, acolho e interpreto entrevistas feitas com as pessoas dessa família, relacionando-as com um espaço mais amplo e outras fontes de pesquisa, partindo de algumas possibilidades e hipóteses.

Quando se conversa com gente que migrou, logo se pergunta: “Porque migrou?” “É melhor aqui?” “Quer um dia voltar pra lá?” E a conversa vai longe. Acredito que uma migração pode ter razões internas nos locais de onde se sai e pode ter motivações externas dos locais para onde se vai, com seus atrativos. Não se pretende sair de um lugar para piorar a situação, embora muitas vezes isto possa acontecer. Podem-se encontrar razões de terra insuficiente para trabalho, situações críticas de doença, necessidade de estudo para melhorar de vida, incompatibilidade com trabalho pesado do campo, ou a apontada modernização do campo. Por outro lado, ao entrar em um outro lugar de moradia, encontram-se motivações de maior conforto, mais consumo, sonhos de vida alimentados pelas imagens criadas nestes novos lugares, pela própria necessidade de atrair gente, entre outros, para mão-de-obra de sua construção e sustento. A mídia também pode ter importante papel nesta influência, na medida em que ela vai entrando pelos rincões do Brasil. No início de Brasília, divulgava-se esta frase: *Brasília, capital da esperança!* No tempo destes migrantes por mim entrevistados (as), como já mostrei, o rádio ainda era novidade. Hoje a televisão já consegue chegar em lugares mais distantes, assim como o telefone e o computador.

Estas mudanças de moradia, de trabalho e outras práticas sociais podem ter, como dilema, a passagem da pobreza para a riqueza, ou, pelo menos, para melhores condições de vida. A cidade tem normalmente grande atrativo que alimenta imaginações e também ilusões, como dirá adiante Vicente, que entrevistei. Mas estas noções de riqueza e pobreza parecem ser muito relativas, quando se pensa na vida familiar, no meio ambiente, no valor da terra, no preço dos produtos, nos bens de consumo, na situação de saúde ou educação, na vivência religiosa. Cada elemento destes, assim como outros, pode polarizar posições que deixam sempre um questionamento: “Era melhor ficar lá, ou foi bom vir pra cá?”

Parece que muitas pessoas também se adaptam em outros lugares, num processo migratório. Assim, fica difícil voltar, mesmo reconhecendo vantagens na vida de antes. Parecem-me, aí, entrar em questão a necessidade de reconstrução de valores antes vividos em outros contextos onde se inserem: a escolha do local ou tipo de moradia, a espécie de

trabalho, modos de convivência familiar, tradições religiosas. Dependendo do valor da vida em questão, pode-se dizer: “Quanto a isso, lá era melhor. Quanto àquilo, aqui é melhor”. Manelim diz: “Hoje eu digo que sou rico!” E ele é um funcionário de 67 anos, que trabalha na cozinha da alimentação dos animais do Zoológico de Brasília e mora numa casa pequena, bem cuidada e conservada.

Principalmente hoje, com uma crescente e ampliada presença dos meios de comunicação, como rádio e televisão, e agora a informática, a cidade não estaria também na roça? Será que a roça está na cidade pelas experiências de migrações, ao menos as mais recentes, e suas culturas resistentes? Com estas interferências mútuas, haveria ou não tanta diferença entre roça e cidade? Migração se define pelo geográfico ou também pelo cultural? Ou por ambos e algo mais? Categorias usadas em narrativas de experiências também podem ser reconstruídas continuamente pelas pessoas, complementando-se ou contradizendo-se. Entre as pessoas entrevistadas, quais são as convergências e divergências de alguns conceitos, mas palavras mais usadas? Como se formam migrações em seus lugares de origem? E finalmente, quais são os primeiros impactos na entrada em um outro lugar de moradia e trabalho?

É com estes e outros questionamentos que pretendo interpretar sentimentos dos (as) entrevistados (as) desta família, como algumas experiências de migração dentre outras. Não tenho como objetivo uma generalização de processos migratórios, mas a interpretação de um dos possíveis processos histórico-culturais de migração, nas narrativas de 12 pessoas de uma mesma família, com suas diferenças e divergências, que podem abrir questões e desdobramentos para outras pesquisas similares.

Propostas de um diálogo acerca de questões metodológicas

Sinto estar pisando em um solo fértil ao entrar em contato com experiências e saberes da Família do Manelim. Por esta razão estou reconstruindo suas histórias numa perspectiva histórico-cultural. Tenho tido oportunidades variadas de poder conhecer mais densamente esta família. Algumas destas pessoas, parecendo-me mais tímidas, soltaram-se logo diante da experiência mais formal do gravador e das perguntas que ia lhes fazendo. Tenho tentado, há tempos, colocar-me diante delas pela amizade de vizinhança e algumas atividades, facilitando interpor, em momentos das entrevistas, meu pequeno gravador que pode sempre trazer

alguma preocupação não somente a eles e elas, mas a qualquer pessoa que passa a ser entrevistada.

Ao mesmo tempo, sinto que esta proximidade cotidiana com meu campo de pesquisa exige de mim cautela para ter certo distanciamento deste objeto de pesquisa, para que eu o questione criticamente, de modo especial quando estas experiências se chocarem com minhas experiências e convicções anteriores. Ao trabalhar com memórias, procuro estar atento a essa minha relação de pesquisador diante dos (as) entrevistados (as). Talvez, entre estas pessoas e eu, haja algo daquela relatividade colocada por Benjamin (1994, p.198-99), no tratado de Leskov, onde tanto é interessante escutar histórias dos marinheiros viajados meio sem chão, como de camponeses enraizados em suas terras. Este jogo de poderes entre eu e as pessoas por mim entrevistadas pode aflorar ostensiva ou - o que é mais provável - sutilmente, no decorrer desta pesquisa. Afinal, cada um (a) de nós tem suas temporalidades e espacialidades na vida, e, como diz o ditado popular, *cada ponto de vista é visto de um ponto*, por mais que sejamos vizinhos, amigos e interessados em algum trabalho, como é o caso dos sujeitos considerados nesta pesquisa.

Trabalho com história oral, tentando me inspirar primeiramente em Benjamin, na obra acima citada sobre Leskov. Pretendo usar esses relatos orais de vida, no sentido de estudar um certo tema em determinada fase da vida, embora buscando garantir liberdade de o (a) entrevistado (a) poder ampliar interpretações de suas experiências, conforme definem Lang, Campos e Demartini (DEMARTINI, 1998, p.12).

Demartini (1992) fez muitas entrevistas, talvez mais que Lucena antes referida. Mas não faz parte desta minha dissertação discutir essas questões. Tento trabalhar estas entrevistas destacando sua abrangência no cotidiano, como faz Demartini, entendendo eu este termo *cotidiano* como algo que é costumeiro no dia a dia, é comum a um grupo social e que só aparentemente parece sempre se repetir numa história.

Brasília é o pano de fundo, dentro do qual trato estas entrevistas, abrindo a história desta cidade a partir dessas experiências da Família do Manelim, construídas em suas narrativas, deixando-me sensibilizar pelos sentidos que estas pessoas dão a suas práticas e saberes, sem perder referências de seus processos históricos. Assim, encaro as entrevistas como que *periscópios* (BERTAUX, 1980, p. 217) para conhecer melhor suas interpretações acerca de Brasília e de outras cidades onde eles e elas moraram ou moram atualmente. Tento estabelecer recortes exigidos num processo de delimitação temática, mas também tentarei

deixar algumas *janelas abertas* para futuras pesquisas, o que Ginzburg (1998) faz com maestria em sua obra “*O queijo e os vermes*”, sobre o moleiro condenado pela Inquisição.

Capítulo II

MOLDURAS DE VESTÍGIOS E REMINISCÊNCIAS

“Os itinerários que os pássaros seguem nas migrações, rumo ao sul ou ao norte, no outono ou na primavera, raramente atravessam as cidades. Os bandos cortam o céu bem alto, acima dos dorsos estriados dos campos, e ao longo das margens dos bosques, e ora parecem acompanhar o traçado curvilíneo de um rio ou o sulco de um vale, ora as vias invisíveis do vento. Contudo, certa vez, um vôo de narcejas outonais apareceu na fatia do céu de uma rua. E só Marcovaldo se deu conta... E andando assim, com os olhos grudados nos pássaros que voavam, achou-se no meio de um cruzamento, com o sinal vermelho, entre os carros, e por pouco não foi atropelado”.

Ítalo Calvino (Marcovaldo 1994, p.19)

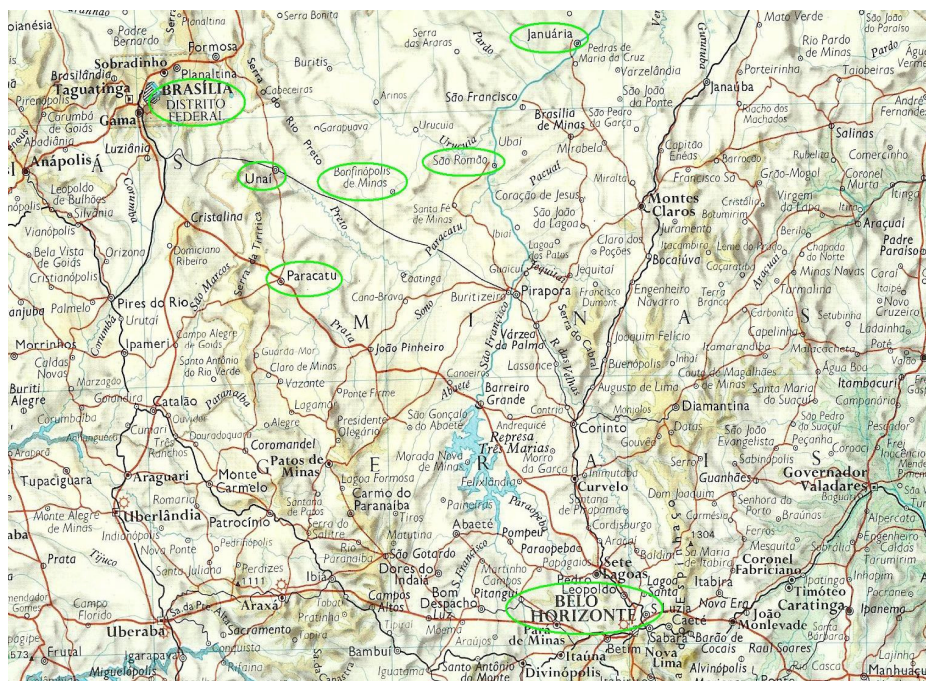
Bonfinópolis de Minas (MG)

Bonfinópolis é uma cidade que pode ser interpretada como fundada por desbravadores em busca de ouro, por volta de 1750 (UNIPAC, 2006). Eles fizeram sua parada num lugar de muitas pedras, chamado Lages⁸. Não encontraram tanta riqueza esperada. Possivelmente, foram estas umas das últimas tentativas de busca de minas no ciclo do ouro de Minas Gerais. Este povoado, que pertencia, na época, ao município de Paracatu, foi elevado a distrito pela lei n° 1.624, de 6 de novembro de 1869. Em 1923, a sede do distrito foi transferida para a povoação já chamada de Bonfim de Lajes, ou como dizem, Lajes, pela Lei n° 843, de 7 de setembro de 1923.

Ao ser criado o município de Unaí, em 1943 - desmembrado de Paracatu -, aquele assumiu o distrito de Lages com a denominação de Fróis, em homenagem a um antigo desbravador deste sertão. A Lei n° 2.764, de 1962, elevou este distrito a município com o nome de Bonfinópolis de Minas. Hoje, Lages é um distrito de Bonfinópolis de Minas, ficando a uns 50 km da sede do município. A história de Bonfinópolis está ligada, portanto, aos municípios de Paracatu e Unaí, na região noroeste de Minas Gerais (cf. mapa da p. 38).

Segundo Pimentel (2006), após a crise na exploração do ouro, a cidade de Paracatu retomou seu crescimento com base na agropecuária e viveu uma efervescência cultural no século XIX, época em que teriam legado às demais gerações um bom patrimônio arquitetônico. Em meados do século XX, com a construção de Brasília, conforme esse mesmo

⁸ Este local será uma referência importante nas narrativas do próximo capítulo.



Fonte: Atlas Mirador Internacional – Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda.

Rio de Janeiro/ São Paulo – 1975, mapa nº 32.

autor, essa região tomou outro impulso e Paracatu beneficiou-se de sua situação às margens da BR 040, que liga Belo Horizonte e Brasília.

Diz este autor que a transferência da capital federal para o interior do país já havia sido sugerida durante o período monárquico, apontando-se Paracatu como localização ideal.

Conforme Couto (2001, p. 33-38),

Na sessão de 9 de Junho de 1823 da Assembléia Constituinte e Legislativa do Brasil, José Bonifácio (de Andrada e Silva) sugere a construção de nova capital na Comarca de Paracatu, Minas. Trecho: 'Parece muito útil, até necessário, que se edifique uma nova capital do Império no interior do Brasil para assento da Corte, que a Constituição determinar. Essa Capital poderá chamar-se Petrópole ou Brasília'.

Mas a idéia da mudança da capital para o interior, conforme esse autor, também já tinha passado por discussão dos Inconfidentes Mineiros em 1789. Em 1810, dois anos depois da chegada de D. João VI, seu conselheiro e desembargador Veloso de Oliveira sugeriu-lhe esta mudança, o que também chegou a ser defendido em 1813 por Hipólito José da Costa, editor do antigo jornal Correio Braziliense. A Constituição de 1891 determinou uma demarcação que foi cumprida pela comissão de Luiz Cruls no ano seguinte. Em 1922, após longas disputas políticas entre senhores das terras dessa região de Paracatu, foi lançada a pedra fundamental não mais nessa cidade, mas em Planaltina, próxima do local onde hoje situa-se Brasília:

Sendo presidente da República o senhor doutor Epiácio da Silva Pessoa, em cumprimento ao dispositivo do Decreto nº 4494, de 18 de janeiro de 1922, foi aqui colocada, em 7 de setembro de 1922, ao meio-dia, a pedra fundamental da futura Capital Federal dos Estados Unidos do Brasil (COUTO, p.46).

Mas, após grandes negociações políticas, os limites do DF foram finalmente demarcados por Juscelino Kubitschek de Oliveira em 1956, recém empossado presidente, nos moldes e dimensões hoje conhecidos. A capital federal, portanto, poderia ter sido plantada, com o mesmo nome Brasília, em terras que hoje abrangem o município de Bonfinópolis de Minas.

Esta cidade, berço de nascimento de nossas pessoas entrevistadas, pode ser melhor entendida a partir deste contexto mais amplo da região onde hoje se encontra, conhecido como noroeste de Minas Gerais ou noroeste mineiro.

Moura (2007) estudou a região da margem esquerda do Rio São Francisco, a partir da barragem de Três Marias até o Rio Carinhanha, que pertence à região norte de Minas. Esta região foi disputada por Pernambuco, São Paulo e Bahia desde início do século XVIII. Diz este autor que “a colonização da região tem início com a exploração mineradora, na terceira

década do século XVIII (perto de 1744), com as bandeiras de Felisberto Caldeira Brant até então estabelecido nas minas de Goiás e José Rodrigues Fróis, procedente da Bahia”. Fróis foi um dos nomes do local onde está hoje a cidade de Bonfinópolis de Minas. Quando aí se descobriu ouro, ao mesmo tempo em que este metal era explorado nas terras de Goiás, chegou gente de Minas Gerais, Pernambuco, Bahia, São Paulo, Rio de Janeiro e até de Portugal, das regiões do Minho, de Braga e de Trás-os-Montes.

Citando Oliveira Mello, Moura (2007) diz que

a partir de 1736, quatro diferentes caminhos para Goiás passaram a fazer junção em Paracatu: a picada de Goiás, cuja construção foi permitida por despacho do Governador de Minas, Gomes Freire de Andrade, de 8 de maio de 1736; a de Pitangui a Goiás, autorizada no mesmo ano ao expedicionário Domingos de Brito; a que passava por São Romão, caminhos trilhados por pernambucanos e finalmente a passagem pela foz do Abaeté.

Fróis e Caldeira Brant criaram este povoado, concentrando grande contingente populacional que levou o nome de Paracatu do Príncipe, em homenagem a D. João VI, em 1815. Este local tornou-se comarca, com ampla região que fazia divisa com Goiás, Pernambuco, Bahia, São Paulo e Mato Grosso.

Diz Moura (2007) que “a administração pombalina (1750-1777) havia preparado a sociedade colonial para mudanças nas estratégias de colonização”. O iluminismo europeu provocou contradições com regiões do ouro, que teve seus levantes, principalmente a partir da Inconfidência Mineira. Segundo ele, mineradores, clero e escravos migraram em direção das matas e começaram a lidar com gado, diante de intensas perseguições por parte das autoridades que reprimiam tais levantes. Assim foram nascendo freguesias e vilas, e surgindo muitas fazendas. Moura (2007) relata que

em 1831 foi criado o município de São Romão que em seus desdobramentos em sentido norte, deu a configuração toponímica da região: O primeiro foi Januária, em 1833 que se dividiu em Manga e Itacarambi. Em 1873, a criação do município de João Pinheiro. Em 1850 foi criado o distrito de Unaí que mais tarde se desdobra em Buritis e Bonfinópolis. Já no século XX foram criados os municípios de Vazante e Guarda Mor.

Diz este autor que no começo, a partir de 1822, ano da Independência do Brasil, São Paulo e Minas Gerais revoltaram-se contra D. Pedro II que, atingindo sua maioridade, passou a governar com política conservadora, dissolvendo a Câmara dos Deputados, as assembleias provinciais e as câmaras municipais. Era uma forma de reprimir novas lideranças que surgiam em nosso país. Paracatu participou desta revolta liberal, mas sem muito êxito. O coronelismo

conservador saiu reforçado. Rio de Janeiro, tornando-se capital do novo Império inaugurado pela Independência, tinha forte influência política na região.

Continua Moura dizendo que o sistema eleitoral do Império privilegiava os homens de posse como os únicos elegíveis. Não se permitia o surgimento de novas lideranças longe da Corte. Com o nascimento da República, em 1889, os quadros políticos de Paracatu foram renovados. Diz ainda Moura que “Ao invés dos títulos nobiliárquicos do império, as lideranças locais ganhavam condecorações e patentes da Guarda Nacional para premiar serviços políticos”. Surgiu a política dos coronéis, controlando seus territórios e trocando serviços, empregos públicos, votos e benfeitorias.

Pessoas nativas ou moradoras de Paracatu participaram também da Revolução de 30, num contingente de 300 soldados, formado também por homens da cidade de João Pinheiro, invadindo cidades de Goiás, até tomar Goiás Velho no dia 27 de outubro de 1930.

Algumas mudanças econômicas e políticas que aconteciam nessa região tiveram que disputar espaço com outras ocorridas em regiões que também sofriam mudanças no Brasil. São Romão, à beira do Rio São Francisco, era um ponto de abastecimento de sal, mas a partir do século XIX, outros produtos passaram a ser negociados neste local. A pecuária dessa região era controlada pelos portugueses, impedindo a evolução de outros subprodutos do gado. Se, antes, Rio de Janeiro absorvia todo comércio, aos poucos surgiam outros pontos de produção e consumo, pelas margens do Rio São Francisco. Cresceu muito o comércio de rapadura, açúcar mascavo e aguardente. Segundo Moura (2007), “o francês Saint´Hilaire no começo do século XIX e o inglês Richard Burton na segunda metade do século registram grande movimento de carga de aguardente de Januária com destino ao mercado de fora da província”. Aos poucos, o gado foi ganhando importância comercial na região. Os comerciantes começaram a reivindicar uma estrada de ferro de S. Romão para Perdões, no sul de Minas, o que nunca aconteceu.

As melhorias na região, conforme Moura, chegaram somente com a construção de Brasília, com novas rodovias federais e estaduais. O comércio, diz o autor, vivia na "era do couro" “e a própria moeda não era de tanta importância nas transações mais comuns”. O primeiro governador de Brasília, Israel Pinheiro, que governou a capital entre 1965/1971,

elaborou o Plano Integrado de Desenvolvimento da Região Noroeste. Visava aproveitar os potenciais de um quinto da área do Estado de Minas Gerais até então inaproveitada. O Plano Noroeste, que era basicamente agrícola, pretendia transformar a região na grande fornecedora de alimentos para Brasília e Belo Horizonte [...]. O certo é que os recursos conseguidos pelo projeto de Israel no Banco Mundial ficaram retidos em Brasília até o governo Rondon Pacheco, seu sucessor, assumir o governo de Minas (MOURA, 2007).

Nas margens do Rio Urucuia, Moura destaca a figura do migrante baiano Antonio Dó. Controlado e contratado pelos partidários do PRM (Partido Republicano Mineiro) matou muitos fazendeiros da região, opositores da República. Mas acabou se revoltando contra o coronelismo do noroeste de Minas Gerais, e enfrentou batalhões da Polícia Militar de Minas.

A história de Antonio Dó parece fazer parte do passado de algumas pessoas desta região, misturando-se com histórias de revoltas nas proximidades de Bonfinópolis. Valdivino Pereira Lisboa⁹, morador de uma chácara em São Sebastião, veio com a família da cidade de Januária, cidade onde viveu Antonio Dó. Ele conta que o concunhado de seu pai, Mariano Chaves, e sua esposa Santa, enfrentaram os revoltosos. Conta que eles entraram em sua casa, danificaram suas produções e reservas de farinha, sal, arroz, e continuaram pelas margens do Rio Pardo, bem abaixo do Rio Urucuia.

Valdivino conta que sua mãe, ainda pequena, passou um tempo escondida no mato, com “muito mosquito atacando suas vistas”. Diz ainda que essas narrativas foram histórias de seu avô e bisavô. Ele diz que, quando falavam de revolta, era normalmente história de Antônio Dó, embora tenha havido, diz ele, outra revolta do chamado Felão. Hoje ele acredita que um destes dois revoltosos pegou um primo de sua avó, de uma grande família chamada de Caporra. Ele foi obrigado a seguir o grupo de revoltosos, mas, num pouso, conseguiu fugir, pela sua devoção aos Santos Reis. E fez a promessa de ir todos os anos à Igreja de Santo Antônio, no município de São Francisco, na beira do rio do mesmo nome. Este lugar hoje é conhecido como Chapada Gaúcha, ficando perto da Serra das Araras, onde, em tempos mais recentes, grupos do sul do Brasil fizeram ali muitas plantações de soja e milho. Ele levava todo ano seis carros de bois com candeias de cera de luminária, dando três voltas ao redor da igreja à noite, num tempo em que não havia energia, chamando muito a atenção da população, pois era muito bonito.

Algumas pessoas entrevistadas na Família do Manelim também fazem referências a revoltosos. Elas interpretaram, e de início assim também interpretei este fato, como histórias de grupos ligados a Lampião. Depois, pesquisando um pouco mais, descobri que nesta região, os revoltosos podiam também ser estes grupos ligados a Antônio Dó. Eles teriam descido pelo Rio São Francisco até Januária e Paracatu. Antônio Dó, um ex-fazendeiro da Bahia, tinha se revoltado contra a polícia que tinha matado seu irmão. Foi preso, mas, escapando da cadeia, formou um grupo e passou a fazer justiça com suas próprias mãos, a partir de 1909. Este grupo teria passado também pelas mesmas regiões do cenário da saga de Riobaldo e Diadorim

⁹ Conversas no dia 22 de janeiro de 2007, em minha casa.

de Guimarães Rosa, no município de Formoso (MG). Fez alguns trabalhos para coronéis dessa região, atuou por conta própria em um garimpo nas proximidades de Paracatu, mas jamais voltou a exercer a função de lavrador. Antônio Dó morreu assassinado em 1929 (A MAGIA..., 2003, p.3).

Levantei também a hipótese que Lampião, (apelido de Virgulino Ferreira da Silva, 1898-1938) ou outros cangaceiros pudessem ter se cruzado com a Coluna Prestes, pois também circularam pelo sul da Bahia e pelo norte de Minas Gerais, em épocas próximas. A Coluna aconteceu entre os anos de 1925 e 1927. Ela também era conhecida como os revoltosos (LIMA, 2006). Chegaram até São Romão no dia 25 de junho de 1925 (BARROS, 1981). Tanto Januária de Antônio Dó como São Romão da Coluna Prestes estão nas proximidades de Bonfinópolis de Minas (MG) levando a possibilidade de esses revoltosos, citados por alguns membros da Família do Manelim, terem sido grupos ligados tanto a Prestes, como a Antonio Dó, a Felão, ou outra revolta.

Repassei estes dados e possibilidades a Manelim e sua família, despertando seus interesses. Suas referências são mais fortes quanto ao cangaço de Lampião, talvez pelo fato de alguns de seus antigos parentes terem vindo da Bahia. Não conheciam estudos citados sobre Antônio Dó, que também acharam interessantes. Não tinham também nenhum conhecimento de Guimarães Rosa e seus personagens literários, cujos cenários são relativamente próximos de suas terras. Como já disse, saíam pouco do lugar onde moravam. Lugares que hoje têm comunicação fácil, antigamente eram de difícil acesso.

Noutra conversa mais recente¹⁰ com outro antigo morador da região de Bonfinópolis de Minas, creio ter esclarecido essa dúvida. Sebastião Luis Brandão, nascido em 7 de maio de 1926, parente distante da Família do Manelim, ex-dono das terras onde hoje está a igreja de Lages (Foto 02, p. 44), e também ex-prefeito da cidade de Bonfinópolis, afirmou que os revoltosos não eram cangaceiros nordestinos, conforme entrevistados (as) da Família do Manelim pensavam, mas gaúchos da Coluna Prestes. Sebastião também tem um bom conhecimento da história de Antonio Dó, e diz que nada tem a ver este homem com os tais revoltosos, a que se referem as pessoas que entrevistei.

São Romão, cidade de grande referência comercial para pessoas de Bonfinópolis, foi um povoado fundado em 1668, sob o nome de Santo Antônio da Manga. Numa ilha próxima, no Rio São Francisco, havia muitos índios caiapó. Havia também por ali muitos foragidos da justiça, brasileiros e portugueses. Para controlar esta situação foi enviado um ex-bandeirante chamado Manoel Francisco de Toledo (SÃO ROMÃO, 2006a).

¹⁰ Conversas gravadas no dia 11 de novembro de 2006, em minha casa.



Foto 02: Igrejinha de Lages, local onde teriam chegado os primeiros bandeirantes na região e centro cultural e religioso onde Santo Antônio teria aparecido um dia num cupim.
Autora: Nílvia Luiz Brandão Ferreira, 2006. Foto cedida pela prefeitura de Bonfinópolis de Minas (MG).

Em 1736, explodiu nessa região a Revolução do Sertão, com violentas lutas que o governo imperial tentou controlar sob o comando de Pedro Cardoso. Reprimido este levante, o povoado se tornou um empório comercial e ponto de ligação dos sertões com o litoral nordestino. “O arraial viveu os seus dias de glória tendo sido porto de escoamento de ouro e de cunho de moedas bem como de pedras preciosas e minerais oriundos em sua grande maioria de Goiás e Mato Grosso” (SÃO ROMÃO, 2006a).

Em 1831, esse arraial tornou-se vila com o nome de Vila Risonha de Santo Antônio da Manga de São Romão, homenagem ao Santo do dia de sua fundação. Em 1924, tornou-se município pela Lei Estadual nº 843 de 07 de Setembro de 1923, com o nome de São Romão. Tinha como distritos: Capão Redondo (hoje Santa Fé), Arinos, Formoso e Buritis (SÃO ROMÃO, 2006a).

No local teria havido também vários quilombos negros e grupos de assaltantes de estrada. Estas pessoas se envolveram também na citada Revolução do Sertão que tentou criar na região um tipo de governo provisório. A derrota desta revolução trouxe também uma decadência do comércio pelo rio São Francisco. Crescia a hegemonia da cidade do Rio de Janeiro, que se tornou capital do governo provisório, com a chegada de D. João VI em 1808, sendo confirmada como capital do Império após a Independência, em 1822. Foi aberto, na decadência deste comércio fluvial, o chamado Caminho Novo que ligava esta região de Minas Gerais ao litoral do Rio de Janeiro (SÃO ROMÃO, 2006b).

A cidade de Unaí (NOSSA HISTÓRIA..., 2006), ponto de passagem e apoio para a migração da Família de Manelim, entre Bonfinópolis e Brasília, nasceu, já disse, como parte de Paracatu, onde se dividiam os quatro caminhos aos que acima me referi. No local onde se encontravam estes caminhos, formou-se inicialmente um pequeno núcleo populacional, com algumas casas que forneciam abrigo e alimentação aos viajantes, em época anterior à descoberta das minas de ouro na região. De acordo com o historiador Olympio Gonzaga, em 1910, o município de Paracatu contava com 51.227 km² e uma população de 60.000 pessoas, compondo-se dos distritos de Água Fria, Alegres, Buritis, Cana Brava, Catinga, Formoso, Guarda-Mor, Lajes, Morrinhos (atual Arinos) e Rio Preto (hoje Unaí), além do distrito-sede. A Lei no. 843, de 7 de setembro de 1923, alterou o nome do distrito de Capim Branco, local perto do Rio Preto, para Unaí (topônimo de origem indígena, que significa Águas Escuras). O distrito de Unaí se emancipou em 31 de dezembro de 1943, através da Lei Estadual no1058, compondo-se seu território dos distritos sede, Fróis (futura Bonfinópolis), Garapuava (antes pertencentes a Paracatu), Buritis e Serra Bonita (desmembrados de São Romão).

Brasília (DF)

A Grande Brasília pode ser interpretada como a região que inclui não somente as, por alguns chamadas, cidades satélites, mas também o entorno dessa capital. Cidade satélite é um dos termos usados para os núcleos habitacionais surgidos ao redor do Plano Piloto (conjunto este formado pela cidade de Brasília, toda a área do Lago Paranoá, Parque Nacional de Brasília (PNB), Parque Ferroviário de Brasília (PFB), Setor de Armazenagem e Abastecimento (SAA); Setor de Múltiplas Atividades Norte (SMAN); Parque de Exposição Agropecuária do Torto (GMT), Asa Sul e Norte, cidades do Cruzeiro e a Candangolândia). Nesta pesquisa pretendo compreender Brasília, incluindo o que chamo de grande cinturão interiorano e rural que envolve essa capital federal e todo DF, dentre outras cidades, Bonfinópolis de Minas (MG).

Paviani (2006) destaca que, com o surgimento da cidade de Taguatinga em 1958, e depois, de outras cidades, pretendia-se levar para lá pessoas faveladas, que, em Brasília, levam o nome de *invasores*. Depois, também foram trazidas para estas cidades, trabalhadores de acampamentos da época da construção desta capital. Segundo este autor, Brasília teve que se constituir como cidade polinucleada, com núcleos esparsos em seu território, pois sua população extrapolou todas as previsões.

Assim, diz ele, em Brasília procurou-se evitar a chamada conurbação própria de outras cidades, onde bairros se agrupam ao redor do centro da cidade. Esses bairros passaram a ser chamados de cidades satélites. Mas um decreto mudou este nome, pois, segundo o Dicionário de Geografia Urbana do Instituto Pan-Americano de Geografia citado por este autor, cidades satélites têm que ter autonomia política e administrativa, o que não acontece nessas localidades em Brasília. Conforme o Dicionário Houaiss da língua portuguesa (2001, p. 714), não é necessário que uma cidade tenha autonomia administrativa para que seja chamada de cidade satélite.

Nessas cidades do DF não há chapa de carro nem definição de local de nascimento a não ser com o nome de Brasília. Tudo é Brasília e brasiliense. Estas cidades não têm prefeito nem vereadores, e o controle do governo distrital sobre elas é praticamente total. Só há um município no DF, Brasília. Pela necessidade de se deslocarem recursos pelo território do DF, além dos limites urbanos do Plano Piloto de Brasília, criou-se a chamada RA (Região Administrativa), nome mais usado oficialmente hoje em dia para estes conjuntos habitacionais. Segundo o autor acima citado, as RA são fundamentais para o sustento de Bra-



Foto 03: Imagens do Guarazinho (DF), acampamento ainda em formação, nos inícios dos anos 70 em Brasília.

Autor: Cecílio da Cruz Oliveira, sobrinho de André, Maria José, Vicente e Amélia.

Foto cedida por Edvaldo Maurício de Lima.

sília. Na entrada de tais cidades estão sendo afixadas placas usando estes termos, como entre outras, Região Administrativa XIV – São Sebastião.

Areal (2006) diz também que não há unanimidade nas publicações especializadas quanto aos limites da cidade de Brasília. Somente o DF tem delimitações bem definidas. A RA I, antes chamada de Plano Piloto, passou, segundo ele, a se chamar Brasília. Ela teria várias interpretações, de acordo com o assunto que se queira tratar: administrativo, urbanístico, social e outros.

Sinoti (2005, p. 223) diz que, para Lúcio Costa, a capital federal era o espaço do Plano Piloto. Este seria o centro urbano. Ao seu redor, diz Sinoti, “gravitam cidades que dele dependem, as quais ele identifica como cidades-satélites”. Boa parte da população tem que se deslocar diariamente para esse Plano Piloto para conseguir trabalhar, já que nessas cidades quase não há indústria e outros campos de trabalho suficientes. Em toda Brasília, grande parte dos empregos é ligada à máquina estatal.

Guarazinho (Foto 03, p. 47), foi a porta de entrada da Família do Manelim em Brasília. Hoje não existe mais. Era um antigo acampamento ao lado da reserva hoje conhecida como Parque do Guará, entre o Zoológico e a cidade do Guará, onde havia outras antigas *invasões*, conhecidas como Morro do Urubu, Botão Queimado, dentre outras.

Segundo Manelim, no Guarazinho chegou a haver mais de 400 barracos feitos de madeira e telhas de amianto. Inicialmente, teriam sido construídos somente para trabalhadores da Fundação Zoobotânica. Posteriormente, com auxílio de amigos e familiares, e apesar das vigilâncias rigorosas, ali foram entrando clandestinamente outros moradores que vieram servir a outras frentes de trabalho do governo, de particulares ou para serviços autônomos, como mostrarão as narrativas da Família do Manelim.

Nos dias 15 e 16 de agosto de 1984 as famílias restantes do Guarazinho foram retiradas e passadas para a Qd. 38 do atual Guará II, conforme conversas com uma senhora conhecida por Dona Dalva, moradora nesta quadra. Muitos moradores do antigo acampamento do Guarazinho continuam vivendo nesta quadra, com fortes laços de vizinhança, embora discriminados, desde suas origens, por alguns outros moradores de quadras vizinhas, conforme depoimentos que colhi no dia 19 de janeiro de 2007. Manelim é uma pessoa bastante conhecida e querida nesta quadra, o que pude comprovar não somente visitando com ele algumas famílias, mas mesmo em nossas andanças pelas ruas. Ele viveu ali até o ano 2000.



Foto 04: Antigo barraco do Guarazinho. Rubens, Manelim, Severo e sua esposa Maria
Autora: Elizabeth A. Oda, 2007.

Estive conhecendo o local do antigo Guarazinho, no dia 22 de dezembro de 2006, com Manelim, e Elizabeth Aiko Oda que fez registros fotográficos. Hoje é um setor que abriga dezenas de chácaras onde moradores disputam na Justiça suas terras. Encontramos ruínas interessantes e vestígios de narrativas que mereceriam um estudo à parte sobre a história desse acampamento. Com moradores destas chácaras e da Qd. 38 do Guará, assim como com outras famílias dispersas pelo DF e Entorno, como a Família do Manelim, e funcionários e ex-funcionários do Zoológico, poderíamos ter uma boa fonte para outras pesquisas.

Começamos a visita pela chácara 74, perto da qual encontramos alguns restos de alicerces de antigos barracos de parentes de Manelim, e onde pudemos saborear mangas de árvores de seu tempo. Depois fomos visitar a chácara de Severo Ferreira Filho e sua esposa Maria Ferreira (Foto 04 p. 49) moradores locais desde o tempo em que Manelim ali viveu, resistindo às mudanças. Nestes últimos anos, Severo veste-se de Papai Noel a serviço do Park Shopping, em festividades de Natal. Falou de fotos antigas que estão indisponíveis no momento, em mãos de seu advogado. Severo é conhecido até hoje como *Véio do Rio*, referência a um personagem da antiga novela *Pantanal*, da extinta TV Manchete. No fundo de sua atual casa ainda resiste o último barraco do antigo acampamento, conforme mostra a foto da página anterior.

Conversando com Manelim a respeito desse antigo acampamento, ele se lembrou que no local havia sido rodado um filme: *Taguatinga em Pé de Guerra* (Taguatinga, 1982). Pesquisando pela Internet e lista telefônica, cheguei ao seu produtor, Cléber Loureiro. Marcamos um encontro na UnB. Ele se emocionou diante de nosso interesse por seu antigo filme. Na época ele era menor de idade e bem jovem. Teve a ousadia de fazer um filme acerca de lutas de mulheres contra o governador Israel Pinheiro, em defesa de uma fonte de água, nos últimos meses da ditadura implantada pelo golpe militar de 1964. Guarazinho foi usado como cenário, por manter a mesma aparência e tipo de construções do antigo espaço de Taguatinga, onde aconteceu o fato que gerou o tema deste filme.

Pessoas deste acampamento da Zoobotânica também tiveram participação como coadjuvantes nesta produção cinematográfica. Pude conhecer algumas destas pessoas. Com muita dificuldade, chegamos ao primeiro exemplar desta filmagem, no Arquivo Público do DF. Nem mesmo este Arquivo sabia que tinha material relativo ao antigo Guarazinho. Cléber Loureiro autorizou este Arquivo a ceder cópias a pessoas interessadas. Fiz uma apresentação deste filme para pessoas da Família do Manelim, causando nelas muita emoção. Foi um reencontro com antigas experiências e pessoas queridas, algumas delas já falecidas.

Marcaremos outra apresentação na Qd. 38, com antigos moradores do Guarazinho e o produtor deste filme que mora próximo dali, na mesma cidade do Guará.

O conjunto destas fontes citadas acerca de *“Taguatinga em pé de guerra”* não será explorado mais profundamente nesta minha pesquisa, mas fica como possibilidade para futuros estudos que tentarei fazer, por considerar um tema inédito para a História de Brasília. Nas narrativas do próximo capítulo integrantes entrevistados (as) descreverão e interpretarão a vida da Família do Manelim neste acampamento. Uma frase de despedida de nosso Severo, ainda aí morador no local, o carinhoso Papai Noel do Park Shopping, fez-me pensar: *“Aqui, a história não mudou!”*. Certamente que muita coisa mudou em sua vida. Ele mora no local onde antigamente funcionava a escola do assentamento. Ele hoje é Papai-Noel em épocas de Natal num grande shopping. Hoje, a terra do antigo assentamento é dividida em chácaras, ainda irregulares, em processo judicial. Mas não cheguei a interpretar com Severo elementos de sua história, que certamente têm alguma continuidade entre o antigo acampamento e a vida de hoje.

A cidade de São Sebastião (RA XIV..., 2006), a partir de onde reconstruo, com aqueles entrevistados e entrevistadas, o tema de minha pesquisa, é a RA XIV (Região Administrativa XIV), criada pela Lei 167 de 25 de junho de 1993 (DF). Ela fica a uns 20 quilômetros do Plano Piloto de Brasília, dependendo do trajeto a ser feito. Entre outras grandes fazendas goianas que havia nesta região, a cidade de São Sebastião nasceu em cima da antiga Fazenda Papuda. Segundo Tião Areia (UM PIONEIRO..., 1995, p.22), do qual trataremos adiante, Papuda, que também é o nome usado para designar o conjunto penitenciário do DF, “[...] tinha esse nome porque a dona das terras tinha um papo grande debaixo do queixo e era chamada de Papuda”. Devia ser uma disfunção da tireóide.

Segundo dados da própria administração local (RA XIV..., 2006), esta cidade começou a se formar como agrovila pelo ano de 1957, quando a região foi desapropriada para a construção de Brasília. Em 1991 o líder comunitário Ivonildo Lira (LÍDER..., 1991) levantou uma discussão para mudar o nome dessa cidade. Ele dizia: “o nome agrovila sugere assentamento, favela, habitado por produtores rurais, fato que não ocorre no local [...]”. Havia, segundo ele, sugestões de outros nomes: Colinas, Montanas (talvez, Montanhas), Lago Leste, Metrópole, Saint-Germain.

Em 1993, Ivonildo mobilizou pessoas desta agrovila e as levou para a Assembléia Distrital, reivindicando sua transformação em cidade satélite (cf. Foto 05, p. 52). Diz um jornal de Brasília (AGROVILA..., 1993b): “Durante a sessão, a galeria ficou lotada de moradores, alguns até de cara pintada”. E Ivonildo, presidente da Comissão Pró-Independên-



Foto 05: Manifestação feita na luta de moradores para transformar a Agrovila de São Sebastião em cidade satélite.
Autor: Joaquim Firmino, 1991. Foto cedida pelo Arquivo Público do Distrito Federal.

cia do assentamento, assim dizia: “Passamos por muitas dificuldades para conseguirmos esta conquista. Até que enfim saiu a votação”. Em outro jornal de Brasília (SÃO SEBASTIÃO..., 1993b) também comenta-se que estas pessoas de *cara-pintadas* repetiam o gesto de jovens que assim se apresentaram na luta pelo impedimento político de Collor de Mello, acontecido há apenas um ano antes, dia 29 de setembro de 1992, pela Câmara dos Deputados, seguindo confirmação do Senado Federal.

Após estas mobilizações de moradores do local, o nome desta cidade acabou permanecendo o mesmo: São Sebastião. É um nome que surgiu de um de seus primeiros moradores: Sebastião de Azevedo Rodrigues, ou, Tião Areia, como é conhecido. Nascido em Patos de Minas (MG), veio para Brasília em 1959, com apenas 17 anos (HOMEM DE AREIA..., 2005). Segundo Librelon (2005) ele se instalou em terras da fazenda Taboquinha, dedicando-se à retirada de areia do Rio São Bartolomeu, que era vendida para as construtoras da NOVACAP (Companhia Urbanizadora de Brasília). Por isso, este local ficou conhecido inicialmente como *Cidade da Argila*. Havia ali 78 olarias (HOMEM DE AREIA..., 2005).

Conforme Cristina (2000), Tião Areia lembra que, nestas olarias, foram feitos “97% dos tijolos maciços e furados usados na construção de Brasília”. E este senhor continua dizendo (TIÃO AREIA..., 2000) que o nome dessa cidade não se deve àquele santo, São Sebastião, mas a ele mesmo, como um dos batalhadores pelas melhorias da comunidade. Tião Areia ainda se recorda que, de 23 nomes sugeridos para a mesma, restaram dois no final. Mas, “Na hora de decidir, porém, chegou uma carta de um proprietário de uma cerâmica na região dizendo que deveria ser agrovila, por sua ligação com a produção agrícola, e São Sebastião, por causa de Tião Areia”. Tião Areia enriqueceu-se rapidamente, mas disse que deu muita coisa a pessoas necessitadas. E ele diz (SÃO SEBASTIÃO..., 1995a): “Penso que não tinha estrutura para ser rico, mas nunca fui desonesto. Eu não fui envolvido nesse negócio de CPI de Terra porque eu nunca vendi nada, sempre dei as casas que construía para os outros”.

São Sebastião, chamada num site na Internet de “Regional da Solidariedade” (RA XIV..., 2006), é uma cidade situada numa depressão geográfica. Para vê-la, precisamos praticamente entrar dentro dela, situação diferente de outras no DF, que podem ser avistadas de longe. Esta é uma das possíveis razões, entre outras, que a tornam desconhecida até mesmo por outros moradores de Brasília. Ela tem um solo muito úmido, áreas de brejo, vários ribeirões e um rio maior chamado São Bartolomeu. Na bacia deste rio deveria ser construída uma represa para abastecer a parte leste do DF. Segundo Marcos de Almeida Castro (AGROVILA..., 1992c), então presidente da CAESB (Companhia de Água e Esgoto e Saneamento de Brasília), o governo procuraria outra solução para a questão do abastecimento,

e evitaria que a cidade de São Sebastião, assim como o conhecido Vale do Amanhecer, próximo de Planaltina do DF, fossem inundados.

A cidade de São Sebastião, segundo o GDF (2002) ocupa 14,5% da porção sul da Área de Proteção Ambiental (APA) do Rio São Bartolomeu. Tem mata seca (mesofítica) e cerca de sessenta e duas espécies, de cinquenta e três gêneros, pertencentes a trinta e cinco famílias vegetais (ex: aroeira, copaíba, embiruçu, jatobá), sobre o solo calcário. Situa-se numa altitude entre 900 e 1250m do nível do mar. Inicialmente, foi formada por arrendamentos de áreas por intermédio da Fundação Zoobotânica do Distrito Federal.

São Sebastião (RA XIV..., 2006) ocupa, por enquanto, 6,63% do território do DF. Os dados de crescimento da população são impressionantes, mas contraditórios. Em 1991 (LÍDER..., 1991), Ivonildo, líder comunitário fala em 30.000 pessoas. Em 1992 (AGROVILA...,1992c) estaria com 36.000. Em junho de 1995 (SÃO SEBASTIÃO..., 1995a) estaria com 60.000. Poucos meses depois (TOQUE..., 1995) já se fala em 70.000. Diz Pascoal (2001) que, nesta data, teria 49.000, conforme dados da Codeplan (Companhia de Desenvolvimento do Planalto Central). Revela-se também que, em sua fundação, esta cidade tinha apenas 25.271. Em 2005, diz Librelon (2005), volta-se a falar em 70.000 habitantes. E, segundo as últimas informações que tomei na administração local, no dia 8 de maio de 2006, estimava-se a população em 90.000 habitantes, incluindo 32 condomínios que passaram depois a formar a atual Regional do Jardim Botânico.

Segundo Librelon (2005), São Sebastião é a terceira cidade do DF em emprego no campo, conforme dados da EMATER/DF (Empresa de Assistências Técnicas e Extensão Rural). Produz 95% do milho verde e 75% da produção de manga do DF, tendo também a maior concentração de produtores de plantas ornamentais. Sua área rural abrange 90% de sua região administrativa.

Mas, para ser o que é hoje, moradores têm enfrentado muitos desafios: grilagem de solo, violência urbana, dificuldade de transportes, falta de asfalto, poluição da água e vários tipos de doença: hanseníase, dengue, hepatite, hantavirose, rotavirose, distúrbios respiratórios, entre outros. Muita gente, vinda de regiões pobres e abandonadas, entre outras, de Minas Gerais e Bahia, como constato no dia a dia, aqui entraram e entram, para buscar tratamento médico. E muitas delas acabam ficando para morar e trabalhar no DF.

Em dezembro de 1995, eu me mudei para a cidade de São Sebastião. E temos abaixo, neste mesmo ano, imagens criadas como se fossem descrições de um quadro social feita pelo jornalista Abreu (2006):

Há uma lei de vida ou morte que impera em São Sebastião [...]. É a lei do silêncio [...]. Os autores são os próprios moradores. [...] eles se confinam em suas casas, assim que o sol desaparece. Ninguém quer ser a próxima vítima [...]. Assaltos, estupros, homicídios [...]. Em cada esquina, ou em cada uma das dezenas de bares espalhados por São Sebastião, existe sempre um caso sendo contado, um drama para se ouvir. Trancados em casa, os moradores rezam. Colocam trancas nas portas, constroem muros mais altos do que as casas simples de alvenaria e soltam os cachorros vira-latas [...]. Facões, facas de cozinha e enxadas são garantias de segurança. Em São Sebastião, ter arma também é lei – adotada sem critério ou permissão das autoridades. Baseado nessa ordem, à noite, alguns moradores, encapuzados, saem em defesa da comunidade. Armados com paus, pedras, revólveres, espingardas, eles caçam marginais e recebem o apoio e o aplauso da população. Lá, a máxima “Salve-se quem puder e proteja-se como quiser”, nunca esteve tão em alta.

Parece ser fácil generalizar uma imagem construída a partir de uma determinada dimensão da vida urbana como se ela definisse o todo dessa vida. Nunca senti os problemas locais de forma tão caótica, apesar dos problemas que realmente existem. Meu bairro é, contudo, um dos que apresentam melhores condições nessa cidade. Mas estas generalizações podem acontecer com qualquer cidade, tal como São Paulo, Rio de Janeiro ou outras. Apenas cinco anos depois desta narrativa acima, temos outras imagens da cidade em questão construída pelo jornalista Rocha (2000), com leitura bem diferente:

Do alpendre de casa, um senhor observa meia dúzia de meninos que correm atrás da bola em um campo de terra. Vez ou outra, ele tira o chapéu em cumprimento às pessoas que passam na rua. Em um bar, mais adiante, quatro amigos disputam uma mão de carteadado. Para ‘bater’ um pouco da poeira que sobe com o vento, uma senhora rega a frente da casa. Na praça, o auto-falante anuncia, seguidas vezes, a promoção de roupas na venda do seu José. A vida em São Sebastião corre assim. Mansa, tranqüila, o que lhe proporciona um certo ar de interior [...]. Assim, Otávio Sena Araújo, 81 anos, natural de América Dourada, município baiano a poucos quilômetros de Irecê, toca a vida. Em São Sebastião, ele encontrou, nas palavras dele, “um cantinho de paz para ver o resto da vida passar”. Diariamente, Otávio coloca uma cadeira em frente de casa e fica atento ao desenrolar vagaroso e tranqüilo da cidade.

A vida aqui também não me parece ser sempre tão romântica. Mas estas duas perspectivas bem diferentes, algo como imaginações dicotômicas dessa cidade podem ser compreendidas de maneiras diversas. Penso que, vivendo em regiões de Minas Gerais ou de outros estados da chamada região nordeste, estas pessoas passavam muitas necessidades, como a seca e a fome. Mas lá, talvez, a violência pessoal não lhes parecia tanta como aqui, na vida mais anônima da cidade grande. Aqui, parece ser mais difícil confiar nas pessoas, e os riscos parecem ser mais parte do cotidiano e não fatos isolados como nos locais onde antes moravam. Na cidade, as vizinhanças mudam com muita facilidade e aceleradamente. Posso observar isto na mesma rua onde moro. Muitas casas, entre elas a minha, têm parte reservada para aluguel para ajudar no sustento de seus proprietários. Quase toda semana vemos gente mudando de casa, por diversas razões, entre elas, por dificuldades de pagamento do aluguel,

por conflitos entre locadores e locatários, por questão de trabalho e economia de tempo e dinheiro em transportes. Dificuldades para conseguir emprego, moradia ou alimentação podem também levar pessoas a atos de desespero, violências e vandalismos gerando imagens feias da cidade, principalmente quando exploradas pela mídia. A violência, como diz Santos (SEABRA, 2001, p.60), já citado no início deste trabalho (p. 29), é também uma forma de discurso. A solidariedade, na vida urbana, parece menos acentuada que nas cidades mais interioranas, de antigas vizinhanças, ou comunidades rurais.

Ao avaliar uma cidade, a pessoa pode partir de experiências bem localizadas, que acabam sendo generalizadas. São Sebastião tem setores bem diferentes. Até hoje, o Morro Azul, um bairro bem pobre logo na entrada dessa cidade, é visto como violento e perigoso; e assim podem ser vistas, equivocadamente, as pessoas do mesmo bairro. A partir destas avaliações, pode-se concluir que toda essa cidade tem as mesmas características, assim como todos que ali vivem. São José, bairro onde moro, era um condomínio de militares. Por esta razão parecia ser mais tranquilo. Hoje é um bairro comum. Mas minha própria casa já passou por dois roubos e dois arrombamentos. Mas não vivemos em tanta tensão, como mostra o primeiro texto acima. Eu já morei também num beco, perto da chamada Pracinha da Vila Nova, onde vizinhos têm um ótimo entendimento e entrosamento. Há uma vigilância mútua das casas, e, dificilmente, algum estranho entra ali sem ser logo notado. É como que um micro condomínio com bom nível de segurança. Uma boa faixa dessa cidade, perto do chamado Setor Tradicional, ao qual já me referi acima, é uma área de risco, por ser do tipo brejo. Há um revezamento de moradores neste local, dependendo de ser tempo de chuva ou tempo mais seco; são tidos, por algumas pessoas, como gente estranha.

Essa cidade tem também uma divisão entre dois lados de um córrego e uma outra área de brejo que, segundo comentários dos próprios administradores locais, deverá ser, no futuro, uma área verde de lazer. Os dois lados se rivalizam. Um é o Setor Tradicional, de ruas estreitas e mal cuidadas, em cujo centro fica a Praça Tião Areia. No outro lado, onde eu e a Família do Manelim moramos, há bairros com ruas e avenidas mais largas e cujos imóveis ganham sempre maior valor. Por ali se espalham as principais lojas comerciais, supermercados. As casas são mais bem construídas, e o nível sócio-econômico dos moradores é melhor.

Fui também presidente do Conselho de Saúde nessa cidade, devido a meu trabalho neste setor como representante do MOPS (Movimento Popular de Saúde). Neste período, ajudamos a mobilizar grupos dessa cidade que lutavam por uma delegacia e policiamento nas ruas. Alguns dizem que o tempo anterior ao policiamento apresentava mais violência, em

relação ao tempo após a instalação da unidade de segurança. Estas e outras razões podem explicar diferenças de interpretação destes pontos de vista em relação à vida em São Sebastião.

Principalmente nos finais de semana, podemos ver o perfil das pessoas que aqui vivem. Elas tomam as ruas. Há um clima de mais alegria, música, animação, confraternização. Esquinas, varandas, calçadas, botecos, campos de futebol, igrejas, tudo fica muito movimentado. Às escondidas, como muitas vezes acontece, há terreiros afro-brasileiros e outras formas de expressão religiosa, como uma comunidade negra de fortes raízes africanas. Esta, porém, que se localiza perto do setor tradicional numa chácara, realiza também ações culturais com pessoas vizinhas.

Moradores de São Sebastião também têm mostrado grandes potenciais, como em práticas de confecção de roupas e artesanatos. Maria Alves Rodrigues (AGROVILA..., 1993a) diz que Tereza Quintela, então embaixadora do Brasil na Áustria, escreveu-lhe que as roupas da Agrovila faziam sucesso em Viena, na Áustria. A própria Rede Globo usou roupas das *Bordadeiras de São Sebastião* em algumas de suas novelas, como na *Senhora do Destino* e na *Belíssima*. Este grupo, no momento, está tendo assessoria do Centro de Apoio ao Desenvolvimento de Tecnologia da UnB. Há uns cinco anos atrás, trabalhadoras ligadas a este projeto, participaram, com seus produtos, de desfiles de moda na Fashion Business, salão de negócios dentro do Fashion Rio, no MAM (Museu de Arte Moderna).

Como vemos, esta cidade tem grandes riquezas humanas e culturais que, infelizmente, nem sempre têm o devido apoio do poder público ou mesmo privado, para desenvolverem-se. Mas, mesmo assim, moradores vão lentamente descobrindo suas formas de expressão. No mês de maio de 2007 aconteceu a primeira *Feira da Solidariedade* de São Sebastião, revelando a riqueza cultural de pessoas desta cidade.

Em relação a esta dissertação, considero as referências deste capítulo suficientes para entendermos melhor as narrativas que se seguirão no próximo capítulo. São molduras de vestígios e reminiscências da Família do Manelim.

Capítulo III¹¹

MEMÓRIAS TOCADAS EM DISCOS DE BARRO

Manoel Conceição Ferreira do Prado (Manelim)



“Eu aprendi com os mais velhos, com as nossas necessidades. E uma coisa que eu estou dando nota dez é esse trabalho que a gente está fazendo, que eu acho que pra nós tem muito valor. E saber que essas coisas que a gente aprendeu, pela idade que nós já temos hoje, ainda vão ser escritas. E serão mostradas para os jovens. Quem sabe os jovens, depois que for colocado num livro, num papel, eles já vão ler e passar a acreditar, já que não acreditam hoje que não tem tempo”.

Foto 06 – Autora: Elizabeth A. Oda, 2007.

Bom, eu sou Manoel Conceição, conhecido por Manelim, funcionário público de 68 anos de idade, casado com Dona Maria das Dores, e vim de Bonfinópolis de Minas pra Brasília em 75. Trabalho há 30 anos no Zoológico, e tenho cinco anos de S. Sebastião, uma cidade boa, cidade onde me dei muito bem, e senti feliz de ter vindo pra cá, pra S. Sebastião, graças a Deus. E acho que posso dar graças a Deus por essa idade que eu tenho e pelo que eu já vivi com a minha família. Apesar de pobre, sou feliz, graças a Deus. Sou filho do Seu Bernardo Ferreira do Prado e Martiniana Ferreira da Silva e viemos todos de Bonfinópolis de Minas. Graças a Deus e com luta, chegamos aqui. Meus filhos chegaram pequenos. Tenho quatro filhos: Joel, Francisca, Dária e Dilma. Todos moram aqui comigo em S. Sebastião. Parece que é uma cidade escolhida para nossa família, uma cidade simples, que talvez não

¹¹ Uso letras itálicas em algumas palavras ou trechos que avalio como interessantes. Em negrito estão minhas intervenções. Em alguns quadros, alguns destaques. Entre parênteses estão pequenas intervenções minhas nas narrativas, ou comentários para entender gestos ou risos. Reticências indicam recortes feitos pela minha edição das narrativas ou expressões cortadas na fala dos próprios narradores e narradoras. No início das narrativas de cada pessoa, coloquei sua foto e um pequeno trecho delas que me chamou a atenção.

seja bem conhecida na mídia, mas nós conhecemos bem. É uma cidade muito boa, uma cidade muito bacana que a gente escolheu, uma cidade de gente honesta e trabalhadora e direita, um lugar que eu gosto muito.

Faltam uns dois anos pra aposentar e a nossa diversão é uma festinha na casa dos amigos, na casa dos parentes. Cantar uma Folia de Reis, isso é nossa paixão. A gente gosta muito de cantar Folia nas igrejas quando o pessoal chama, nas casas dos amigos ou em casa mesmo. A gente sabe pouco, mas a gente ensaia e tem prazer de ser convidado. Caprichamos com aquele pouco que sabemos pra que as pessoas fiquem satisfeitas com o que vai ouvir da gente. Nós não sabemos cantar música nova, mas música velha a gente sabe e a gente capricha. Sabemos afinar os nossos instrumentos que fazem parte de nosso grupo. A gente pode dizer que afina direitinho pra não fazer feio. E estamos aí quase no mês de dezembro, no mês de começar as Folias, e se Deus quiser, der a nós vida e saúde, vamos cantar por essas igrejas, por essas casas de vizinho, pra fazer aquilo que a gente gosta.

Rubens: Fale um pouquinho do passado de sua família.

Nossos antecedentes dizem que eram baianos. Dizem que meu bisavô era baiano. Veio procurando melhora, por causa da seca lá na Bahia, e aí chegaram nesta região do norte de Minas, já é mais noroeste. Contavam que lá plantavam e perdiam a planta. Passavam muita necessidade de alimentação. Muita gente saía pra procurar melhora. Meu bisavô foi uma dessas pessoas.

A gente não tinha dinheiro. Passava o ano todinho trabalhando, engordando capado, fazendo farinha, fazendo rapadura, pra por nos cargueiros, nos carros de boi, pra ir a S. Romão que ficava a 40 léguas, de ano em ano. Passava o ano todo preparando aquela viagem. No fim do ano ia lá, pagava aquelas contas que estavam feitas. Então tinha aquele pessoal que vendia pra região, fiado. E quando fosse o ano que vem, a pessoa ia lá pagar, levava toicinho. Chegava cá, roçava a roça, derrubava, plantava milho, colhia o milho, engordava o porco e matava o porco e ia lá levar pra pagar. Era um ano de tempo. Lá comprava... sal, café, querosene. Naquele tempo querosene era muito difícil de usar porque usava era azeite (de mamona). Lá a gente ia com a família, com o pessoal. Naquela época você trabalhava pros fazendeiros a troco de coisas: rapadura, toicinho, queijo, requeijão. Era catiragem, era troca, não tinha dinheiro. Nós vivemos foi muitos anos sem dinheiro.

Bom, a gente morava numa região de pouca informação, um lugar que não tinha quase notícia da mídia de jeito nenhum. A gente aprendia as músicas com aquele pessoal que vinha daquelas regiões longe que a gente não tinha nem idéia de onde é que aquele pessoal vinha. Tinha gente que ia assistir festa naquela região nossa. Era (gente) do Norte, do Nordeste, Bahia, e cortava pra São Paulo. Naquela época todo mundo ia pra São Paulo. A gente morava num lugar na beira de um ribeirão, chamado Gaio. Era um lugar que vivia quase direto gente pousando. Porque era uma beira de estrada. Não sei porque eles gostavam de pousar lá em casa. E lá eles ficavam muitas vezes dois dias ou três dias pra descansar. E de lá iam pra São Paulo ou de lá voltavam pra terra de seus familiares.

A gente fala da dificuldade que a gente tinha pra aprender as músicas, como comparação. Nós conhecemos estas músicas hoje, mas não sabemos quem gravou, nem como é que chamam as músicas, nem como é que a gente aprendeu aquilo, quem ensinou pra gente, porque o sistema naquela época era o seguinte: a gente combinava um grupinho de duas ou três pessoas pra aprender os versos. Naquela época a gente falava verso e hoje não é mais. A pessoa cantava uma música e aí eu dizia pra um colega: você vai aprender o primeiro verso, eu vou ficar com o segundo e o outro com o terceiro, porque aquela música tinha que ficar lá porque a gente ia ver aquela pessoa uma vez só. Ele estava de passagem e aí quando ele saía, ia embora, ajuntava o pessoal pra tirar a limpo se a gente tinha aprendido aquele verso. Cada um cantava um verso pra ver se a gente tinha ficado com aquela música lá. Vejam o tanto que a coisa era difícil.

A região onde a gente morava tinha uma igreja num lugar chamado Lages, onde faziam os casamentos. Então, se a gente tinha pressa de casar, tinha que ter paciência. O negócio era demorado. Nós aqui, esses dois casais com mais dois ou três casais, casamos todos num dia. Eu mais ela (Maria José) que somos irmãos, André e a irmã, Maria mais outra irmã dela, todos juntos. Era mutirão de casamento, pois o padre também só ia naquela época e a gente tinha as músicas com sanfona, cavaquinho, violão pra acompanhar os noivos até a igreja. Da igreja acompanhava até as barracas que não eram casas, era dentro do mato. A gente roçava os matos, as maravalhas (mato rasteiro) dentro do mato, mato de marmelada (um tipo de pé de marmelo). Lá a gente punha os bancos de madeira, banco velho que eu nem sei como a gente conseguia. E lá os noivos sentavam. Ali tinha uma música, seja ela o que fosse, tocada, porque não tinha rádio, gravador nenhum. Era manual, e enquanto estava tocando tinha gente dançando e uma garrafa de pinga dando golinho em golinho pra todo mundo, até fazer o circo. Acabava uma garrafa, apanhava outra, e era aquilo a vida.

Quando eu era garoto, o pessoal dançava nas festas das Lages com toque do berimbau. Só que berimbau naquela época era um pau qualquer, que envergava ele, não era preparado igual hoje. E aquela corda de tocar era uma casca do braço do buriti. Tirava a casquinha do braço do buriti, lavrava ela pelo lado de dentro até deixar uma casquinha bem fininha e envergava aquele pau na marra e passava aquela casca de buriti. É forte e agüentava bater o berimbau. E no lugar da cambuca hoje era a boca do homem. Ele abria a boca na cordinha e ficava abrindo a boca e fechando assim (faz o gesto) e saindo o som no berimbau. Batia uma tala do mesmo buriti e ia saindo o som como se fosse os berimbaus de hoje. Tudo era improvisado. Também era raro ter um que batia o berimbau até porque tinha que ter a boca grande, grandona mesmo senão não dava o som (muito riso).

Fui chegar mais perto da mídia, de televisão, já estava em Unaí, e ainda custei poder ver uma televisão de perto, que a gente era muito pobre. A gente caminhava pro serviço com chapéu de palha, roupa rasgada, sem botina. Parar em frente de um barão onde estava passando uma televisão lá no fundo e ficar olhando, eles podiam mandar reprimir a gente pensando que era ladrão que estava pajeando a televisão dele. Então foi uma raridade até a gente poder conhecer uma televisão de perto.

Eu conto uma história que, às vezes, minhas meninas riem de mim e falam que ficam até com vergonha. Quando eu já morava em Unaí, o pai de minha esposa mexia com gado, tinha os compradores de gado. E um dia ele chegou lá em casa e perguntou se eu conhecia aquele pessoal que comprava o gado dele. Eu falei que conhecia, sabia onde é que morava. E aí ele me pediu pra levar lá. Eu levei ele lá, e tinha televisãozona de 29 polegadas, preto e branco, assentada na sala assim. A sala era estreita, eles entraram lá pra dentro e eu fiquei sentado num sofazão, gostando muito daquele sofazão, onde eu nunca tinha sentado, todo empolgado ali. Passava um filme que hoje eu sei que o filme era mexicano, pois depois eu passei a ter conhecimento com televisão. E eu sentado no sofá, e eles arrumaram uma briga no filme. E eu fiquei prestando atenção naquele negócio ali. Um bichão de chapéu cabanado, de repente eu vi um arrancar um trinta e oitão, um chimitão daquele tempo - os revólver era *chimite*¹². E ele arrancou do revolvão e foi enfiando assim em mim - na imagem - e me deu aquela vontade de levantar. Eu fui fofano daqui, parece que ele via que eu tinha ficado com medo (muito riso). E foi afastando e enfiando o revólver na capa. E eu agasalhando naquele sofá de novo. E veja que a gente não morava tão longe.

¹² Deve ser um tipo igual ou semelhante ao revólver usado pelos oficiais suíços no século XIX, e criado por Rudolf Schmidt – 1832/1898.

Rubens: Como vocês se viravam para ter coisas que, na cidade, normalmente a gente tem que comprar?

A gente morava num canto lá que era tão difícil, que a gente tinha um cunhado, era casado com a irmã de minha esposa, era folheiro, fazedor de esculadeira, fazedor de copo, fazedor de coisa assim, lamparina. Mas era tão difícil, rapaz, que os primeiros litros de folhas que apareceram por lá, que era folha de óleo. Aí a gente encomendava e ele fazia um enfeitezinho de pendurar, colocar a plantinha lá. E dizia: “Oi, Zé faz um negócio desse aí”. Ele dizia: “Eu até podia fazer, mas o difícil é matéria prima” (muito riso). Matéria prima pra nós não era fácil. Ele gostava de fazer as coisas e vender caro. Então a tal da matéria prima eram esses litros de óleo. Mas quando chegou lá eram os primeiro litros. Ele tinha amizade com umas pessoas que levavam pra ele e começou fazer aquilo que ali era um sucesso. O povo encomendando pra ele, e ele vendendo caro, e ele reclamando, desde que a matéria prima era muito difícil.

Outra maneira de o povo de antigamente arranjar fogo, pra o serviço da casa. Tinha que quebrar um canto de uma enxada, ir no morro, lá no campo, arranjar umas pedras, uma pedra que a gente chama de pedra-de-fogo. Cortava um pedaço de taboca, tirava uma toradinha na taboca. Arranjava um capucho de algodão. Espaviava algodão do caroço, arranjava um pau podre. Riscava um pedaço de ferro na pedra, saía o fogo, saía a faísca, pra grudar no algodão, pra poder botar no pau podre, pra poder acender o fogo (era o chamado artifício).

A gente, falando de pobreza, se vê como era a dificuldade na época, que a gente era novo. Você não tinha nem um par de alpercata. A gente trabalhava, roçava mato, pé no chão. Alpercata era um pedaço de couro que corta ele fazendo um molde no pé. Pisa, faz aquele molde, fura os buracos, enfia umas correias, é alpercata. Só que naquela época, a gente não arranjava era o couro porque o couro do gado que os fazendeiros matavam era comprometido pra vender lá em São Romão, na cidade, pra fazer sola. Então nem o couro você arranjava. Você arranjava era orelha do boi, por acaso pra fazer alpercata. O couro do boi ia pra São Romão (muito riso). O negócio era feio. Não tinha esse negócio e nem o couro de boi não arranjava.

Rubens: E os cuidados de saúde? Usavam plantas para curar doenças?

Pra mim é importante, toda vida foi, é e continua sendo, porque pra começar, o que a gente conheceu de pequeno, de novo pra cá, a gente vê falar também era em remédio de planta. Remédio de farmácia gente veio conhecer, veio ver falar mais de pouco e também eu acho que a gente tem mais confiança de fazer um chá e tomar do que comprar um remédio de farmácia porque os remédios hoje muitos são remédios sério, outros já são misturados com coisa que faz mal. E outros já não prestam de jeito nenhum, porque é falso. Você compra um remédio e vai ler a bula dela. Às vezes um remédio que é bom pra dor de dente e faz câncer. Quando você lê a bula dela você dá vontade de não tomar aquele remédio porque você sabe que a doença que você está com ela é mais pequena do que a que vai gerar daquele que você vai tomar. E as plantas você sabe pra que é boa e sabe a quantia que toma e tem confiança de que você tomar dentro daquele limite você não vai intoxicar e não vai acontecer nada de ruim. Então eu acho que as plantas a gente não vai deixar de gostar nunca. O chá, a gente gosta de tomar porque é gostoso e aquele remédio que não é muito gostoso, mas faz bem à saúde, a gente vai continuar sempre ter os remédios do mato, pra gente, pra quem pedir. A gente acredita nas folhas, nos remédios alternativos.

Eu aprendi com os mais velhos, com as nossas necessidades, porque antigamente os remédios eram arrancados de enxadão. Não tinha médico nenhum (risos). Eram os remédios que o pessoal ensinava. E depois que vim pra Brasília aprendi também com alguns (médicos) homeopáticos que tive o costume de trabalhar com eles. Trocava muita idéia no Zoológico. Eles tinham livros. De vez em quando eu lia alguma coisa também. E aprendi também com outras pessoas.

Minha mãe Martiniana era parteira. E eu lembro de uma vez que foi ver uma mulher que nasceu, até uma prima minha, e eu era garoto muito curioso. Fui saber o que é que estava acontecendo lá dentro. Fiquei prestando muita atenção. Ai eu vi minha mãe pedir uma bacia de água quente morna, uma bandeja de brasa de fogo, só as brasas iguais essas brasas de fazer churrasco, um pedaço de sebo, uma garrafa de azeite de mamona (risos), e a garrafa de pinga porque antigamente as mulheres ganhavam nenê, anestesiava com cachaça (risos). Não tinha anestesia... e cova pinga na mulher. A mulher ficava meio bêbada e sentia menos a dor. Eu sei que minha mãe pedia essa coisera. Botou pra dentro e eu curioso pra ver, mas eles botavam a gente bem pra longe para não poder nem olhar pelos buracos. E aí quando deu fé a nega gritou lá dentro, menino nasceu. E aí quando menino nasceu minha mãe pediu pra eu sair caçando mentrasto, gervão e folha de abóbora danta que é o tipo de folhona de abóbora

mesmo, mas dá no mato, pra fazer banho. Quando a pessoa está ainda sem ganhar o nenê, toma banho desta coisa que pra aproximar as dores, vai ficando mais relaxado. Diz que faz abreviar o parto, além das rezas que eles faziam e que eu não tive oportunidade de aprender.

A mulher adormecia um pouco, a pinga é um pouco anestésico, dá mais coragem. Só sei que era indispensável. Queimava pinga com alho, amassava o dente de alho, colocava dentro casca ou folha de laranja, fazia aquele chá e passava pra dentro. Acho que dava um tipo de energia pra tolerar aquelas dores, porque o negócio era no vai ou racha mesmo. Quando descobria que o nenê estava virado, era um sofrimento. Ajuntava uma turma de gente, inclusive o marido, pra virar a mulher de cabeça pra baixo e elevar os pés dela três vezes no portal, que era pra consertar o filho. E Deus ajudava que consertava (muito riso).

Eu também já vi uma cobra que mordeu Garriche, filha do Germano. E aí naquele tempo a gente tinha aquele tição de fogo de arará... Pegou o tição de fogo e xxxiiiiiiiiisssss. Pensei: “Mataram a mulher... Aí tirou, aí passou um bocado, eu não sei como é que foi, que o veneno da cobra voltou. Uma vez eu queimei o braço lá no Zoológico, na tampa da panela de angu. Aí queimou bastante e aí falaram assim: “Rapaz, põe pimenta malagueta. Pode colocar, é bobagem, não arde”. Pegou um cabo de pimenta botou aqui, nem borbulhou. Também eu me lembro do mastruz. O mastruz é uma planta que cura a doença e faz doença. Se tiver uma úlcera começada, do jeito que a gente tomava, você tocava lá um feixão de mastruz e tirava aquele sumão. Isso não pode, porque a úlcera vai piorar. Agora se você tiver úlcera e vai tomar o mastruz em pequenas quantias é que cura. O mastruz faz mal à úlcera e cura a úlcera. Depende da quantia que você toma.

Eu não sei esse benzimento mais hoje. E lá na casa do avô Luiz era um dia de muita chuva, foi a primeira biloca (bolinha de vidro de brinquedo de criança) que eu vi. E o menino de mãe Teadora, o Dadico, engoliu a biloca e ela veio até aqui (mostra a garganta) e parou. Moço, foi num segundo o menino já estava... Minha mãe saiu atrás de mim e eu brincando, brincando lá na... Vem cá, Preto, vem cá, Preto. Reza, faz aquele benzimento do engasgo com o menino. Mãe Teadora já estava chorando. Eu fui fazer aquele benzimento, sem um pingo de fé, era menino demais. Quando eu acabei de fazer o benzimento o menino deu uma tosse e jogou a biloca lá longe. E aí ele foi levantando, foi melhorando. Eu acho que Deus me usou naquela hora, foi uma coisa incrível. O menino já estava preto.

Tem um comercial que eu acho muito bonito, dou nota dez pra ele, que é aquela moça que apresenta aquele remédio pra gripe, o Doril... Fala do chá, de um pouquinho de hortelã, mel, de limão e um comprimido de Doril. Eu acho que esse remédio pra mim ele é muito bem

situado. Se eu for tomar um remédio, um comprimido que for bom pra alguma coisa, se falar que não tenho que tomar com chá, pra mim ele já não vale. Hoje, dentro das próprias farmácias, já existe o remédio homeopático que a gente sabe que é da própria folha, porque a gente vê as folhas nos pacotes. Pra mim, aquilo ali é a verdadeira medicina... Até uns tempos atrás quando a gente falava de remédios naturais desses, os médicos falavam que não deveria usar... Hoje, no Hospital de Base já tem gente fazendo remédio (natural) lá dentro.

(Os jovens de hoje não usam planta por que) Muitas vezes é porque moram na cidade, não têm nem um quintal onde possam plantar uma hortinha, plantar umas plantas que dá pra fazer chá. Então os meus meninos, os mais velhos, principalmente a Francisca, ela usa muito os remédios caseiros com as meninas dela: poejo, hortelãzinho, guaco, alecrim. A Dária (outra filha) também usa, mas quase não tem onde ela plantar. Mas ela manda buscar lá em casa. Erva cidreira, cana do brejo, estas coisas tudo elas usam, São Gonçalo. Agora, os netos já não conhecem nada.

Eu acho que o jovem hoje não tem tempo de ouvir a gente, pelas vaidades, pelo mundo que mudou, e uma coisa que eu estou dando nota dez é esse trabalho que a gente está fazendo. Eu acho que pra nós tem muito valor. E saber que essas coisas que a gente aprendeu, pela idade que nós já temos hoje, ainda vão ser escritas. E serão mostradas para os jovens. Quem sabe os jovens, depois que for colocado num livro, num papel, eles já vão ler e passar a acreditar, já que não acreditam hoje que não tem tempo. Todo remédio que é feito hoje eu acho que é com as químicas que a gente não sabe, mas é feito de folha.

Hoje é tão comprovado que os médicos já passaram a aceitar o remédio alternativo. Até uns tempos atrás quando a gente falava de remédios naturais desses os médicos colocavam não sei quantas desculpas e falavam que não deveria. Hoje já estão dando nos hospitais. Nós temos que saber que as plantas são a solução mesmo.

Rubens: E sobre Brasília? Como conheceu Brasília?

A gente era muito mal informado porque morava onde as coisas não chegavam às claras. Mas eu tinha medo. Pra mim era um horror. As notícias que chegavam lá eram das piores que tinha. É que morria gente todo dia, e que era cheio de coisas que não prestava. Diz que era nas obras. Diz que era militarismo, que o pessoal precisava trabalhar e era mal tratado. E morria muita gente e a gente tinha medo de coisas feias. A gente era pobre, mas morava num lugar tranquilo, onde não aconteciam estas coisas. E as notícias que chegavam lá eram das piores.

Então Brasília pra mim era muito complicada. E a gente pensar em vir pra aqui, eu tinha muito medo. Quando compadre André foi lá e já foi bem pra cá e convidou pra vir pra cá, disse: “Não, rapaz, vamos lá pra Brasília. Lá precisa de todo mundo. Precisa de servente”. Eu estava fazendo era serventia lá em Unai. “O pessoal lá trabalha de noite”. Eu disse: “De noite? Não vou de jeito nenhum trabalhar de noite. Como é que vai ser esse negócio de trabalhar de noite?”. Eu não tinha noção do que era trabalhar de noite. Aí vim e o primeiro serviço meu foi no Senado Federal, trabalhando de noite.

(Mas Manelim gosta de, ao final de umas conversas, contar uma piada)

Manelim conta uma piada

“Os caras até contaram a história que morreu um caboclo e foi pro inferno, naquele tempo do princípio de Brasília. Era baseado em Brasília. Chegou lá, bateu na porta. O cara falou: ‘Quem é?’ ‘É eu, estou precisando entrar’. Ele disse: ‘Não. Pode voltar pra trás, pode descer porque aqui só tem eu e estou fazendo a barba pra ir pra Brasília’. Pelas notícias a gente pensou que aqui só tinha capeta e ninguém queria vir pra Brasília” (muito riso).

Maria das Dores Vieira do Prado



“Mas era uma vida muito difícil. Aí, nesse meio, ele parou de foliar, porque quando a gente morava na roça ele foliava todo ano. Todo ano, em dezembro, eles foliavam. Eram doze dias de folia. Mas, com essa mudança para Unai, ele parou com a folia porque não tinha oportunidade de ele foliar”.

Foto 07 – Autora: Elizabeth A. Oda, 2007.

Meu nome é Maria das Dores Vieira do Prado e tenho 64 anos de idade. Sou filha de Manoel Vieira da Silva, apelido de Manelim também, e de Maria da Costa Lima. Nós tínhamos doze irmãos, sete mulheres e cinco homens. Somos criados na fazenda. Meu pai era fazendeiro quando eu nasci. Quando ele casou, ele era um homem pobre, não tinha posse nenhuma, mas depois, quando eu nasci ele já tinha bastante gado, já tinha fazenda, tudo com o trabalho dele, mais minha mãe. Eles trabalhavam na roça, ela cuidava de casa e ele ia pra roça, pro campo, cuidava de gado. Começou sendo vaqueiro de outro fazendeiro, mas aí foi ganhando a vida assim, tirando sorte do gado que ele olhava, foi aumentando o dele também. Aí depois a gente foi crescendo, foi ficando tudo moço. Mas a gente trabalhava muito, a gente ganhava a vida, a gente ajudava muito ele na roça. A gente, fiando também na roda, fiava, tecia, fazia o pano, fazia roupa, não comprava roupa. Vestia em casa era roupa de algodão. Só comprava assim de ano em ano, como ele falou, que tinha esta festa de tradição que era uma festa que durava três dias (Lages).

E aí nós resolvemos vir pra Unai. Chegamos em Unai, não tinha casa. A casa que tinha alugado, tinha alugado pra outro, nós ficamos na rua. Aí arranjamos uma casa lá. Meu irmão estava estudando lá, tinha alugado uma casinha, aí nós ficamos nessa casa. Aí ele (Manelim) trabalhava de servente de pedreiro, trabalhou no asfalto de Unai, ajudou fazer aquele asfalto

daquela rua principal. Trabalhou no mato também, tirava lenha pra cerâmica, tinha uma cerâmica lá que fazia telha. Mas era uma vida muito difícil pra nós, e aí nesse meio ele parou de foliar. Todo ano, em dezembro, eles foliavam. Eram doze dias de folia. Mas com essa mudança para Unaí ele parou com a folia porque não tinha oportunidade de ele foliar. Aí moramos quatro anos em Unaí. E depois resolvemos vir pra cá. Meu cunhado mais minha cunhada vieram pra cá e no outro ano ele veio (para Brasília) e eu fiquei lá em Unaí.

E aí ouvia falar em Brasília, e eu falava pro Manelim: “Manelim, vamos mudar pra Brasília”. E aí ele falava assim: “Maria, nós vamos ver Brasília no dia que ela chegar aqui na nossa porta” (muito riso). Aí eu falava com ele assim: “Mas você vai ver. Um dia nós ainda vamos pra Brasília”. Eu sentia aquela necessidade de vir pra cidade porque lá a coisa era muito difícil. Perdemos tudo que tinha, tudo que a gente possuía gastava tudo com remédio. Ia num curador hoje, aí tomava remédio. Uma hora melhorava, outra hora fazia bem outra hora fazia mal (risos). Era tomando remédio mesmo do mato, esses remédios de raiz, porque médico ninguém nem ouvia falar. Aí nós fomos viver e morar perto da minha sogra. Mas aí aconteceu que eu fiquei doente e aí a gente foi gastando tudo que tinha. E foi mudando de um lugar pra outro, de um lugar pra outro, até que a gente foi pra perto de meu pai. Fiquei morando lá um tempo e eu doida pra vir pra cidade.

Desde que ouvi falar de Brasília que eu sempre tive vontade de conhecer Brasília. E tinha muita história de muitos macumbeiros que matavam crianças e enchiam a barriga das crianças de farofa, e botava lá nos matos. O medo mais de vir pra Brasília era isso. Mas eu sempre tinha vontade de conhecer.

Moramos no Guarazinho, que é um acampamento que era da Zoobotânica, que hoje é a Fundação Pólo-Ecológico que tem o Zoológico, onde o Manelim trabalha. Ele (Manelim) conseguiu fichar lá. Nós ficamos morando neste lugar lá bastante tempo, nem me lembro quanto tempo foi.

Nesse tempo a gente não podia trazer mudança assim de caminhão. Eles não queriam que o povo viesse pra essa área porque já tinha bastante gente que tinha vindo. E aí tinha fiscalização pro pessoal não entrar com caminhão de mudança. Tanto é que deixei minhas coisas toda lá. Também não tinha dinheiro pra pagar mudança. Mas eu trouxe minhas coisas foi num saco só mesmo, a roupinha e as cobertas, e chegou aqui eu fui morar na casa deles (André e Maria José) e aí fui conseguindo as coisas devagarzinho. Um me dava uma panela, outro me dava um prato, outro me dava um colchão usado, outro me dava outra coisa e foi indo assim que a gente foi vivendo.

Mas lá Manelim começou a foliar de novo, pois lá uma família tinha a tradição de festejar no Natal. E aí ele começou a foliar no Guarazinho. E quando foi em 82 aí nós tiramos casa da na quadra 38 do Guará II. Nós moramos lá até não lembro mais não.

Rubens: Como vocês cuidavam da saúde na roça? Usavam plantas do mato para combater doenças?

Eu conheço assim várias plantas do cerrado, do mato. Meu pai conhecia muitas plantas e ele cuidava assim da família, mais era com planta mesmo do mato, do cerrado. E eu acho que tem muita importância pra nós as plantas. Muitas plantas são remédios mesmo que a gente conhece, que já usa muitas vezes e são remédios muito bons pra muita doença. Conheço quase todas. Pra sarampo, pra tosse, pra pneumonia, pra tudo que é tipo de doença que dá na roça, lombrigueiro, pra tudo eu conheço plantas que serve pra essas doenças...

(De quem aprendeu o uso destas plantas) Através dos mais velhos, do meu pai, da minha mãe, da minha sogra que era parteira. Ela usava muito essas plantas do monturo, do campo. E acredito que meu pai aprendeu com os pais deles também que vem desde as primeiras gerações de pai, avô. De outras pessoas também que ensinaram, igual essa congonha que não conhecia e fiquei conhecendo aqui. Depois que ele (Manelim) ficou sabendo que era bom pra (doença) que a menina sofria é que eu fiquei conhecendo a congonha. Mas eu não conhecia ela. Eu também tenho um livro que fala de algumas plantas, não todas. Tem algumas dessas que eu falei. Eles ensinavam... Eu nunca aprendi assim fazendo perguntas. Quando aparecia um e falava: Isso é bom assim, assim, pra isso é esse ramo aqui. Outras horas eles mesmo pegavam e faziam aquele remédio e davam pra gente. Também tem um primo nosso, irmão do compadre André, é fazedor de garrafada. Uma vez eu fiquei com o pé inchado. A gente morava lá no Guarazinho, assim que nós chegamos aqui. Eu ia no posto e pensava que era do coração. Só tava inchado um dos pés. Nunca vi um problema do coração que incha um só dos pés, não é? Aí eu ia ao médico e ele passava AAS pra mim, sabe. Mandou fazer exame de Chagas, tomava remédio. Eu disse assim: “Não vou tomar mais o AAS porque vou acabar com uma úlcera aí. Vou largar de tomar”. Aí mandei falar com esse Sabino pra fazer uma garrafada pra mim. Aí ele fez. Nesse tempo eu ainda podia tomar um pouco de álcool. E ele fez no vinho pra mim. Aí ele colocou várias plantas, a papaconha, que eu falei. Colocou um tal de mirone que amarga demais também. É outro que a gente tem que tomar uma quantia muito pouca. Colocou dorete, jalapa, a tal jalapa de côco. Ele mesmo fazia, mas se a gente quisesse também, ele ensinava. Aí colocava noz moscada. A gente pagava, eu paguei pra ele uma

quantia. Mas eu arrumei um bocado de remédio igual osso de jumento, osso de capivara, couro de lobo. Ele pediu porque era difícil de ele arrumar. Aí ele (Manelim) (consequia) era fácil de ele arrumar. Aí ele arrumou, mandei pra ele, fez a garrafada. Eu tomei, e graças a Deus meu pé desinchou, eu melhorei. Eu fiquei uns tempos sem poder andar. Eu acho que foi um trabalho bem aproveitado, tudo que a gente faz para ajudar os outros. Porque eu acho que sobre esse conhecimento das plantas, bem com o pouco que a gente sabe, acho que ajuda bastante. Deve ajudar bastante na saúde, na medicina, no conhecimento, na utilidade das plantas que as pessoas passam a ensinar, passam a cultivar mais, mais planta, mais remédio natural, sem muito produto químico. Naquele tempo a gente não pensava que esses remédios podiam ter tanto valor como a gente vê hoje. Quando a gente vai à farmácia e compra um remédio caro e chega em casa que faz e não dá resultado. Aí a gente vai ver o valor que nós temos no mato, no cerrado e às vezes a gente não dava tanto valor. As plantas de casa, as meninas (filhas) também usam muito. Elas vivem todo dia querendo que eu faça um melado, um xarope. Aí eu ajunto, faço aquele xarope, dá pra um, dou pra outro. Já o conhecimento das plantas do cerrado elas não tem não. Elas foram criadas aqui.

Vicente Vieira Cruz



“Vida gemida é vida cumprida. Quem nunca andou e não conhece nada, nem sente os problemas tão sérios que a gente tem lá, pensa que tudo é natural, está tudo beleza. A dificuldade a gente sabe, mas leva tudo aquilo natural. Depois que a gente sai de lá que a gente sabe o tanto que nós sofremos lá demais mesmo. Cada terra tem seu uso e cada roda tem seu fuso”.

Foto 08 – Autor: Rubens de M. Silva, 2007.

Eu me chamo Vicente da Cruz Oliveira, tenho 68 anos e meus pais paternos Gregório da Cruz Oliveira e Firmina Vieira da Silva. Nós somos 11 irmãos, tenho 7 irmãos vivos, e já andei mudando umas vezes. Nasci no município de Bonfinópolis, morando sempre na área rural. Nunca moramos na cidade, mas a 35 km da cidade. E ficamos por lá até que minha mãe morreu, e nós resolvemos mudar mais pra longe, lá pra fazenda do meu avô. Lá nós casamos e moramos lá mais uns tempos. De lá nós mudamos para outra fazenda onde a gente morava de agregado. Lá nós moramos 27 anos, lá onde nós criamos nossos filhos. Depois nós tivemos que sair de lá porque teve um conflito lá onde a gente morava e não pudemos ficar lá mais. E saímos e aí nós fomos para um sítio que nós compramos onde era a terra do meu avô e ficamos lá mais 3 anos e de lá viemos pra Brasília. Chegamos em 92 e estamos aí até hoje.

Bonfinópolis era bom demais, pois quem mora lá, quem nunca andou e não conhece nada, nem sente os problemas tão sérios que a gente tem lá, pensa que tudo é natural, está tudo beleza. A dificuldade a gente sabe, mas leva tudo aquilo natural. Depois que a gente sai de lá que a gente sabe o tanto que nós sofremos lá demais mesmo. Mas o sofrimento que tinha lá por uns pontos é ruim, mas havia hora que era muito boa lá. Lá a gente era dono de tudo, e

aqui a gente não é dono de nada. Lá dependia muito pouco, só de Deus e da comunidade, da sociedade, mas dependia muito menos do que aqui.

Aqui nós somos escravos, aqui nós somos escravos quase de quase tudo, lá não. Veja bem pelo exemplo que vou dar: a água você pegava no córrego. Você não pagava a ninguém nem precisava pedir a ninguém; o gás você pegava lenha e cozinhava e não dependia de ninguém. Tudo é assim sucessivamente as outras coisas. O óleo era a gente que fabricava. O arroz, o feijão, a farinha, o leite, tudo era a gente que produzia. Quando a gente é produtor a gente é independente. Aqui não, a gente depende de tudo, se não pagar a luz, não tem luz. Se não pagar água, não tem água. Se não tiver o emprego, não tem o sustento da casa. Nesses pontos lá era muito melhor do que aqui. Só que infelizmente, não sei porque o povo não pôde ficar mais lá.

Sempre costumam dizer que as pessoas saíram de lá por necessidade. Mas é mais é ilusão. Sabe por que? Antigamente lá uma menina só tinha 4ª série e era professora lá no município, lá na cidade. E hoje a 4ª série é como analfabeto. Aqui, hoje em dia, é muito diferente a coisa. Veja bem aonde eu quero chegar. A pessoa que tinha a 4ª série era professora. E hoje tem o segundo grau e não pode nem ser professor. Tem que ter mestrado, tem que ter não sei o que pra poder trabalhar. E aí a atividade do homem só dificulta a vida nossa. Eu sempre falo assim: o homem não deveria ser instruído não porque a instrução do homem serviu para ele acabar com a natureza.

Veja bem, hoje nós não temos água, não temos regimento da natureza. “Por que é que não tem?”. Por que destruímos a natureza. “E por que destruímos a natureza?” Porque nós ficamos instruídos para fabricar moto-serra, trator, adubo químico, essas coisas que nós fabricamos. “Como é que nós fabricamos?”. Porque ficamos instruídos, fomos pra escola, pesquisou e aprendeu. E quando nós aprendemos e sabemos usar, nós só fazemos é destruir.

A mesma coisa é o estudo assim. Estuda, faz faculdade, depois que faz faculdade ele não vai trabalhar num serviço vagabundo, um servicinho qualquer. Ele quer um serviço que ganha muito e o serviço que ganha muito é pouco. Aí as vagas são poucas, não tem vaga nem para quem é estudado. Quanto mais pra quem não tem escola. Então, por isso que eu digo, o estudo atrapalha também.

Outra coisa. Eu vejo contar uma história que tem um lugar que tinha canaviais, fábrica de açúcar, de álcool, de rapadura sei lá de que. Tinha os canaviais, e tinha o pessoal que trabalhava cortando cana. Eles trabalhavam ganhando o salário. Aí inventaram a máquina, o robô, pra cortar cana. Que acontece. Coisa boa, produz muito mais, poupa o homem que é o que Deus quer. Só que a coisa ficou invertida, porque aquela pessoa que trabalhava cortando

cana ele ajudava a empresa e mantinha a despesa. Agora que ele foi cortado do emprego, nem a empresa pode vender e nem ele pode comprar porque ele não trabalha mais pra ganhar. Aí ficou impedido, por isso que eu digo assim. Se o empresário bem soubesse, ele deveria fazer o seguinte: tirar o homem, mas pagar a ele o salário. Ele está produzindo mais, pois a máquina produz, e quando ele paga salário do cara, além de não roubar, ele vai comprar o produto dele. E agora ficou tudo distante. O trabalhador não tem mais onde ganhar o dinheiro e o produtor dificulta mais a venda do produto.

Por isso digo assim, que o homem não devia ser instruído porque ele só usa do modo errado. Se soubesse usar, aliás, é assim. Foi Deus que deixou a inteligência do homem é infinita, porque Deus cria é muito grande, só que não sabemos usar. A minha opinião é essa. Nós não sabemos usar. Porque quanto mais a pessoa cresce mais ele destrói, mais ele agride. Assim é meu pensamento.

Rubens: Mas fale um pouco mais da vida em Bonfinópolis.

Quando a gente morava em Bonfinópolis era tudo manual. Meu avô tinha duas fazendas. E a gente morava em uma que era de cultura fraca, tinha quase cerrado, não tinha quase cultura. E tinha outra que era distante de onde a gente morava, que era cultura, muito boa, e onde morava o mato acabou. A gente ia desta fazenda que era mais fraquinha, a gente ia na outra fazenda. Mas pra ir pra lá a gente atravessava uma distância mais ou menos de cinco léguas, só de cerrado e campina. Dentro desse cerrado só tinha trilho, estradinha de carro e cavalo. As campinas eram cheias de água. Dentro das campinas tinha muita ema, veado, bandeira, bicho, era tudo cheio de caça. O cerrado era completo, a madeira, tinha as frutas, tinha tudo no cerrado.

Mas a gente não tinha instrução de nada e ia cinco léguas pra plantar roça. A terra estava na nossa porta, mas nós não tinha intel... (corrige) instrução, não tinha máquina, não tinha nada, não tinha adubo, ia plantar lá naquele mundo. Era uma dificuldade muito grande pra nós. Claro que podia plantar na porta. Só que quando descobriram, o homem ficou inteligente, ele veio, derrubou o cerrado tudo. Agora não tem mais água, nem caça, nem chuva e nem nada. Então era pra ter melhorado. Na nossa porta não produzia quase nada e agora produz muito. Melhor, produzia, porque agora acabou a chuva, acabou o peixe, acabou a chuva. Eu não acredito muito na recuperação porque por enquanto o homem só está destruindo. Não está recuperando. Acho muito difícil (longo silêncio). É muito difícil pra nós.

A vida de família era boa, era família unida. O difícil era a sobrevivência, mas era uma família unida. Graças a Deus a gente não tinha atrito na família. Aí o povo começou a chegar... A gente tinha acesso às coisas da cidade, à informação, o que já tinha mudado pra cidade primeiro foi levando alguma informação e as pessoas foram desgarrando de lá, foram saindo, e quando foram saindo um ia dando informação pros outros, foi esvaziando o lugar. E nós fomos saindo de lá.

Meu pai é do município de Bonfinópolis mesmo, e os antepassados é tudo lá de Bonfinópolis mesmo. Ajuntou ele, dois irmãos e um cunhado e compraram uma fazenda. E essa fazenda tinha limitação com fazendeiro grande. E esse fazendeiro convidou eles pra fazer uma cerca da divisa. Eles, acho que não podiam e era o tempo que o povo ignorava tudo. O povo era muito autoritário naquele tempo. Acho que eles ignoravam. Além do que não tinha com que fazer, também suponho que eles tinham muita autoridade. Disseram pra nós: Não vamos fazer a cerca. Aí o fazendeiro veio e fez a cerca dividindo. Mas fez por dentro da divisa. Aí ajuntaram e derrubaram a cerca, e quando derrubaram a cerca, o fazendeiro mandou a polícia nem sei de onde, de Paracatu, invadiram eles, lá mataram uma das pessoas da família de meu pai e... Sabe o que aconteceu? Eles ficaram traumatizados, largaram a fazenda, ajuntaram os irmãos e sumiu, largaram a fazenda, mudaram.

Aí ficou a fazenda lá. Até hoje nós nunca arrecadamos a fazenda lá. Ela está lá até hoje, nós nunca possuímos a terra mais. Eles ajuntaram os irmãos, e compraram outra fazendinha e nessa outra fazenda eles ficaram. Sabe o que aconteceu na outra? Eles eram três sócios, dois pagaram e um botou em nome dele. Melhor, eram quatro sócios. Três pagaram e um não tinha com que pagar, botou no nome dele. Aí ele morreu bem novo.

Um fazendeiro da região disse assim: “Salú, você é o único dono da terra, você é o único filho do seu pai. Está no nome do seu pai”. Ele foi e vendeu. E o fazendeiro chegou e disse: “Essa terra é minha”. E comprou com legalidade. Estava em nome só de um. Ele comprou a fazenda. Chegou o velho Simplício e disse: “A fazenda é minha, comprei”. E era verdade. Não tinha nada a fazer. Ficaram todo triste sem saber o que fazer. E um deles combinou assim: “Vamos comprar uma terra dele”. Aí só um comprou. Os outros não quiseram mais. Os outros não quiseram mais, não sei se não pôde ou se não quis. Um deles, cunhado do meu pai, comprou, mas nós permanecemos na terra. Pois naquele tempo terra era muito fácil até quando o filho dele começou a criar ambição, começou a criticar a família. Aí tivemos que sair de lá. Ainda tinha meu pai. Minha mãe morreu lá.

Aí foi que nós fomos pra fazenda do meu avô. Meu avô tinha duas fazendinhas. E não pudemos ficar mais lá. Então perdemos a primeira fazenda que era do meu avô. Perdemos a

segunda que eles compraram que foi desse jeito. Aí fomos pra fazenda do meu avô. E nós ali casamos e ficamos lá, e foi assim. Ficamos sem terra. Aí moramos na fazenda do meu avô até que nós crescemos, e aí fomos dispersando de lá, foi assim. E viemos parar aqui. Ainda hoje tenho lá um sitiozinho que comprei quando a gente estava lá na fazenda que deu conflito, ainda não contei bem. Era pegado na fazenda do meu avô. Meu avô vendeu ela antes que a gente ir pra lá. E aí que deu esse conflito. E enquanto nós moramos aí, minha mãe morreu, era herdeira. Aí a terra passou pra nossa irmã. Aí comprei uns direitos de meus irmãos e foi onde eu voltei desta fazenda de conflito pra lá e onde eu fiquei mais três anos e depois vim pra cá. Vida gemida é vida comprida.

A gente não tinha noção de cidade, de nenhuma cidade, pois a gente foi sempre criado nas fazendas, não ia à cidade, não conhecia, não sabia nada sobre cidade. A gente, pra poder saber sobre estado, município, país, essas coisas, a gente não sabia praticamente nada. Só ia a Bonfinópolis comprar as coisinhas da gente, de necessidade. Nem lá, era em Paracatu, porque em Bonfinópolis não tinha quase nada. E nós ficamos na roça o tempo todo, até que começou a surgir... Passava um avião, a gente estava lá trabalhando, passava uns aviões grandes, e falavam: “Aquele avião está levando material para construir Brasília. Não sabe onde é isso. Pra onde que é? Nós não conhecemos cidade. É, aqueles aviões estão passando pra construir Brasília”.

Passado já um bom tempo começou gente de lá vir pra Brasília, e levava umas notícias. Depois que meus meninos e André vieram, começaram a levar informação. Mas eu tinha era muito medo. Desde quando eu vim na primeira vez, eu chegava, ficava reparando: “Aqui, com tanta gente, a gente não vê gente. Cadê o povo daqui?”. Você estava dentro do ônibus, e só via os prédios, casas. Não via pessoas. As pessoas que você via na rua não eram nem de comparar com as pessoas de Brasília. Pois lá na roça você vai à festa pelas estradas, você está vendo as pessoas, tudo. E aqui não. Pelo número de gente que tem, você não vê as pessoas.

Aí eu ficava pensando assim: “Uai, mas cadê o povo daqui?” Não via o povo daqui não. Porque todo mundo anda dentro do ônibus, fica nos prédios, fica nos apartamentos. E na rua eu não via ninguém. Eu tinha medo. O povo de André começou a vir pra cá e ele tinha até vontade porque ele sempre falava das vantagens que tinha, mas eu não tinha coragem de vir. Não tinha coragem. A gente pensava em tanta coisa perigosa. A gente tinha medo de ladrão. Era medo mesmo e outro medo que a gente tinha aqui assim no ponto de morar era porque a gente não tinha profissão nenhuma. Lá na roça a profissão de lá não é daqui e a gente não teve

opção. A gente tinha medo por causa disso: era medo de ladrão e também de não conseguir trabalhar, porque não tinha profissão.

Brasília é assim. Você não conhece a cidade. Você não sabe procurar endereço. Os carros andam numa velocidade tão grande que você não dá conta de procurar endereço porque não é a pé. Não é devagar pra encontrar os endereços. Os parentes vão para o serviço e não podem ficar em casa com a gente. Você está chegando e eles estão saindo.

Na Brasília, só por necessidade mesmo. Não tinha como vir aqui de jeito nenhum. As poucas vezes que eu vinha, as poucas vezes que eu vinha chegava aí e ficava agoniado pra voltar logo porque aqui é uma prisão danada. Se chega, você não sabe andar, o parente está trabalhando e não pode ir no outro parente. Você não vai sozinho. E por acaso você acha um tempinho de ir lá, chega lá ele não está lá. Você chega lá e vai atrapalhar ele sair para o trabalho. Aqui não é lugar de passear não. Por isso eu quase não vinha. Até hoje eu só vou onde tem necessidade. Eu não sei. Eu acho muito complicado demais. Eu saio na rua só para arrumar alguma coisa e é com pressa, retornar, sair da rua logo.

Trabalho na UnB está dentro de 13 anos. Gosto, porque o serviço é muito parecido com o meu lá da roça. Aliás, o serviço é manual mesmo, é o mesmo serviço que eu fazia lá na roça. Só que é serviço mais maneiro, né? E também a gente é mandado, tem que cumprir horário. Mas lá é um campo aberto, tem muita árvore, muita fruta, tem passarinho cantando pra gente escutar, você pode deitar debaixo de uma árvore e descansar. Tem muita fruta, e é onde tiro o pão de cada dia. Eu fico muito mais sufocado em casa do que lá. Eu passo cinco dias lá e dois dias aqui. Aqui é um sufoco porque aqui, sábado e domingo é o dia de a gente descansar, receber visita, fazer alguma coisa que não pode fazer na semana. Sábado e domingo que é mais agoniado, porque lá não tenho outros compromissos a não ser o serviço. E aqui são vários compromissos.

Outra coisa. O barulho que tem na rua. Deus me livre. Não dá pra agüentar não. É um sufoco danado. Tem hora que a gente pensa: mas não tem o que fazer, não tem. Até digo assim, tenho muita dó das crianças criadas aqui, porque a gente já teve muito tempo tranqüilo que é quando morava na roça e também já está no fim da vida. Agora as crianças, pobre das crianças, que são criadas entre quatro paredes, pois criam umas feras. São uns meninos nervosos, agitados. Comparando mal, é igual quando você cria um animal na gaiola. Quando ele sai da gaiola ele sai com tudo numa velocidade na rua e não pode, não pode.

Então, como é que eles criam? Eles criam obrigado com a natureza presa, obrigado e outra coisa. Eles não têm atividade. As atividades deles é brincar. E o espaço não dá. E

depois, a profissão deles é muito difícil porque na cidade é depois de adulto, se estudar. Aí a maioria fica sem uma profissão pra começar trabalhar logo. E daí acontece os marginais, estas coisas muito feias que têm por aí. Tenho muita dó de menino criado em cidade. Mas eu digo assim: aqui na minha rua, menino do céu, é assim de menino. Aí eu chego do serviço, os meninos são os donos da rua. Eu tenho um problema na perna. Às vezes, tem dia que desço do ônibus, a perna não está funcionando direito, eu venho mancando ou pisando com jeito pra perna não doer e eu chego e a rua está tomada de menino.

E como é que eu faço? Digo: não vou na rua que os meninos batem a bola em mim. Vou subir na calçada. Mas a bola vai na calçada também. Quantas vezes os meninos não trombam a bola em mim. Vai doido pra cima de mim. Me dá um nervoso, mas depois eu penso assim: a rede de energia vive carregada de pipa, de corda, de tudo quanto é coisa. Mas as mães não aceitam você corrigir um menino. Não aceitam os meninos poder estar errado, que as mães não aceitam. Dizem assim: “A rua é pública. Você não é dono da rua”. Assim e tal.

Mas, sempre digo assim: pobrezinho dos meninos, não são culpados. Eles estão aqui porque trouxemos eles. Eles não têm culpa disso. Mas digo assim: “Quem é o culpado, já que não são eles e nem eu?”. Quem é que o culpado é conjunto da sociedade, pois veja bem. Quem vem pra cá, mais vem por ilusão. Aqui tem muita coisa boa, mas tem muita coisa ruim. Você vem porque as coisas são mais bonitas, mais favoráveis, chega e traz menino. Chega e nem pode ter menino porque não pode criar. Os poucos que tem são criados numa gaiola. O pai que criava dez filhos não dá conta de criar um, porque esse menino agonia todo mundo. Ele não tem culpa, eu não tenho culpa. A culpa é da sociedade, é um conjunto. Veja bem. Ninguém quer ficar lá na roça porque na roça tem coisa feia, trabalho difícil. Vai pra cidade, pois lá tudo é bonito, tudo fácil, mas cria estas coisas.

Aí eu fico pensando: “A sociedade é que criou este clima e os meninos não têm culpa”. Eu penso assim: “Se nós estamos sofrendo isso, e as crianças? Os meninos de agora, quando estiver igual eu como é que está”. Penso assim: “Será que vai ter transformação? Será?” Eu acho que não porque Deus não força as coisas e a gente não quer. Nós não voltamos atrás, como eu falo assim do reflorestamento.

Eu não acredito no reflorestamento porque até hoje eu estou vendo caminhão de carvão passar lotado. Estes dias eu vi aquele caminhãozão de carvão passando. Meu Deus, esse povo não tem cabeça. Ainda estão queimando carvão. E do mesmo jeito é a cidade. Uns

falam: “Vou voltar pra zona rural. Vou voltar pra zona rural”. Eu digo: “Rapaz, não volta fácil, não!”.

Aquelas pessoas que vivem no Rio de Janeiro, naquelas favelas lá, e estão desbarrancando. E já estão num lugar impossível, desbarrancando, casa em cima de gente. Por que aquele povo foi pra lá? Ilusão! E diz: “Foi por necessidade”. Qual a necessidade? Necessidade existe sim, mas Deus quer que alongue a vida, mas só que o cuidado que agora a gente tem com os idosos fez eles viverem muito mais, só que acaba com a vida das crianças...

Ninguém volta pra roça mais, pois quem conhece a cidade, não volta não. Vai, mas não fica lá porque na cidade tudo é mais bonito, mas não olha o futuro da vida. Por isso vai pra cidade. Sabe o que é que eu penso dentro de minha cabeça? Em vez de falar para os meus filhos: “Oh, vai ser bom, vai ser bom!” E só encontra coisa difícil. Sempre falo assim pros meus meninos. Se a gente souber ser pobre, é muito melhor ser pobre do que ser rico. Porque as pessoas que ficam ricas elas não têm paz e nem dão paz. E a pessoa pobre, quando recebe seu salariozinho, diz: “Graças a Deus recebi meu salário”. E vai colocar as coisas no lugar. E as pessoas que ganham muito elas não estão nem aí, não estão nem aí. Por isso que eu digo assim: “Se souber ser pobre, é muito melhor ser pobre do que ser rico”. Rico não está com nada.

E cuidado, não precisa pensar que o mundo vai melhorar não. Nós é que temos que cuidar de nós de modo que quando morrer a gente esteja lá, porque, ainda falo pra eles assim: “Vocês não podem parar de tentar melhorar as coisas porque Deus não parou. Deus vivia denunciando as coisas, era condenando as coisas, mas isso não evitou a morte dele não”. Por isso que eu falo assim: “Nós não vamos melhorar o mundo. Mas também nós não podemos parar de denunciar as coisas erradas e fazer as coisas certas porque os outros estão fazendo erradas, mas que vai melhorar, falo pra eles assim, não vai. Nós é que temos que preparar pra chegar lá”. Isso é o pessimismo que eu tenho. Ao invés de falar: “Vai ser muito bom”. E vendo o caminhar é só ruim. Eu sou pessimista, mas eu não queria ser não. Diz assim: “O que a boca fala é o que o coração mandou”. E o coração também não aceita mentira.

Quando você mente o coração sabe que você não está falando a verdade. Por isso que eu digo: “Eu não queria ser pessimista, mas é que sou desse jeito. Eu sempre falo assim. Quem nasceu bonito é bonito por que queria? Quem nasceu feio nasceu por que queria? Quem é grande, alto, é por que queria ser alto?” Eu queria ser pequeno, não, é por que é daquele jeito. E aí a Amélia (sua esposa) diz assim: “Você não muda nada”. Eu bem que queria mudar, mas só que eu não sou capaz.

Eu sou nervoso demais desde os 20 ou 22 anos, passei a sofrer do sistema nervoso e fiquei doente muitos anos. Passei a viver assim. Eu não acreditava em mais nada, até trabalhava, mas eu não acreditava que eu ia continuar trabalhando. Eu não queria saber de nada, aquela tristeza. Eu fui na festa de Lages. E comecei a vomitar. Aí tinha um farmacêutico que morava longe de nós, gastava mais de um dia pra ir lá a cavalo. E ela (Amélia) fez remédio, pelejou, e botou sabão detrás da orelha e fez um chazinho pra mim. E aí não melhorou. Fiquei doente. E aí no outro dia não melhorava, nós fomos embora da festa pra casa, e continuei do mesmo jeito.

E falavam assim: “Vai lá na venda do Joaquim das Lages e compra Sonrisal. Isso é ressaca da pinga”. Eu fui lá, comprei um Sonrisal, tomei e não valeu de nada. Fiquei daquele jeito. Aí eu fui no Zumbi, lá do Zé Valadares, atravessando um rio cheio, de cavalo, que é pra ir lá consultar. Ele era um farmacêutico muito inteligente. Eu acho que ele era uma pessoa que tinha até algum estudo. Ele dava remédio só acertado. Aí ele me consultou e falou assim: “Você intoxicou os nervos. Você está com intoxicação dos nervos”. E passou um remédio pra mim. Eu lembro do nome do remédio até hoje. É um tal de neurofosfato... que é um remédio que combatia o sistema nervoso. Era até umas pastilhas vermelhas. Aí eu ficava passando mal, passando mal, ia lá, ele passava o remédio, era o que eu melhorava.

Aí ia um colega meu pra Belo Horizonte fazer um tratamento lá. Falou: “Vamos mais eu”. Antes disso eu rodei por aí tudo. Tinha curador, curadores de Paracatu, os que tinha lá em roda. Nada. Um dia, na Semana Santa, a gente tinha costume de jejuar e velar. Aí passava sexta para sábado velando. E eu estava doente, não podia jejuar. Na hora de velar o povo foi lá pra casa. Eles foram pra lá, rezaram a noite inteira e eu deitado, não preguei os olhos. Eles rezaram até que o galo cantou. Quando o galo cantou, eles foram embora, todos foram dormir e eu passei a noite acordado. Não dormi nada. E aí num sofrimento desse jeito, foi indo fizeram uma promessa pra ir lá no Senhor Bom Jesus da Lapa. Eu cumpri uma promessa pra ver se eu melhorava.

E depois esse colega meu ia pra Belo Horizonte e me convidou. A gente gastava um dia de cavalo, das Bananeiras até o Bonfim. Um dia de caminhão de Bonfim até Pirapora. Um dia de trem de ferro de Pirapora até Belo Horizonte. Nós chegamos de noite em Belo Horizonte. Aí nós ficamos andando por lá, ele pelejando pra me internar e nada, nada. Todo lugar que ia não conseguia. Eu não sei como é que foi que me levaram para o hospital isolado, hospital dos doidos. Aí eu fui lá, pelejei, pelejei pra internar e não consegui. Aí falaram assim: “Você chega lá e faz uma quebradeira lá na porta que eles internam”. Eu disse: “Isso também eu não vou fazer não”.

Aí eles falaram pra eu ir na Câmara dos Deputados pra pedir ajuda e eu fui. Nem sei nem quem é que me levou lá. Eu sei que chegou lá. Eu não conhecia cidade. Tinha aquela área grande e os deputados sentados lá. Aquele povo que dizia que era deputado, e um no telefone conversando. Eu cheguei lá na frente deste balcão e fiquei assim: “Fulano me ajuda assim, assim”. Ele não dava nem assunto. E aí eu arrodia pro outro lado e dizia: “Fulano me ajuda assim, assim”. Ele não dava nem assunto. Era hora que tinha de ser agendado para dar discurso. Eu não sei mais quem falou pra mim assim: “Não, não é assim não. Não é assim que conversa com eles não”. Aí ajuntaram com eles lá e conversaram com ele. Aí ele veio, perguntou o que queria, terminou a carta, mandou para o hospital, a Santa Casa lá de Belo Horizonte. Eu estou com a carteira até hoje. Mostrei pra esse cara ontem. Aí peguei a carteira e mostrei lá na Santa Casa. A carta era para pedir no hospital o exame que fosse necessário e se fosse possível a internação.

Aí eles pegaram, fizeram exame, e o resultado não deu nada. Tirou chapa e não deu nada. Me deram a carta, e eu disse: “Não vou embora porque eu estou doente. Lá em casa não tem nada pra fazer”. Sabe como é que ficou lá em casa? Estava no tempo de bater palhada. Bater palhada é capinar a roça pra plantar no início das águas. Eu tinha dois meninos mais velhos. Amélia ficou com os dois meninos e roça pra capinar, pra plantar. E eu tocado pra lá. Nem sei se deixei algum dinheiro aí pra mandar capinar a roça. Eu sei que eu fui. Chegou lá.

Rapaz, você vê como é que é. O rapaz alugou um barraquinho do outro lado do Rio Arruda e o lixo, o esgoto era tudo jogado no rio. Você via passando no rio tudo: cachorro morto, saco de lixo, urubu, urubu em cima do saco de lixo, comendo as coisas no saco de lixo, jogando o saco dentro do rio. E a gente passava numa tábua por cima do rio pra ir pro barraco nosso. A gente dormia no barraco, de manhã a gente ia lá pra cidade. Ele era da associação dos cegos. E nós arrumamos algumas coisas para ajudar eles. E o barraco ainda era assim, que eu admirava muito também. Belo Horizonte é montanhoso. O barraco nosso era no pé de uma serra. A cobertura do barraco era virada no chão e já saía caminhando em cima do barraco. Aí vinha gato, cachorro caminhando por cima do barraco.

Aí um dia eu fui lá sozinho no hospital isolado. Cheguei lá fiz a ficha e me internou. Aí eu disse: “Você deixa eu ir lá em casa”. Tinha aquele negócio. Tinha que avisar meu colega. Tinha aquele negócio de ligação. Cheguei lá disse: “Olha Paulinho, eu vou internar. Vim cá pra avisar você”. Voltei e na entrada no hospital ficou duzentos reais, duzentos contos, duzentos mil reais, não sei o que era e na hora que saísse, pegava o dinheiro.

Rapaz, lá era assim. Tinha uma área aberta na frente e tinha área interna. O dia passava lá fora e a noite descia pra dentro. Quando eles me internaram tinha que passar um portão de

ferro, acabei de passar o portão, e quando vi onde é que era pra eu ficar, eu disse: “Meu Pai do céu, e agora? Não era pra eu ter vindo pra cá. Meu povo falava que eu não estava doido. Não era pra eu ter vindo pra aqui não. Mas agora eu estou lá dentro desta grade, não sei o que vai ser de mim”. Tinha uma grade e você via lá assim, uma área cheia de carneiro e tinha um doido que era solto lá no meio dos carneiros. E a gente ficava nesta área fechada. Quando chegava um que estava doido, chegava naquela disposição, naquela danura, eles prendiam num quartozinho, e aí chegava o ônibuzinho da Barbacena e mandava pra Barbacena, e a gente ficava lá.

Aí eu estava sentado lá e de aqui há pouco chega um com um pedaço de doce pra mim. Eu fiquei com vontade de não querer doce, estava muito triste. Estava sentado ali no pé do portão. Não quis abrir o portão. Fiquei ali, comendo este doce. Quando entrou a noite eles abriram o cancelão e mandou nós descer. Nós descemos. Me botaram lá junto com um homem. Um homem calado. Quando chegou mais tarde ele achou um pedaço de madeira debaixo da cama e meteu nas grades dizendo assim: “Vamos fugir daqui, moço”. Ele correu, meteu um pedaço de pau na grade, quebrava. O pedaço de pau foi ficando curtinho até que acabou (risos). Eu disse: “E agora moço, esse homem brabo vai me matar aqui”.

Aí fiquei lá muito triste. Quando foi no outro dia falei com o chefe. Ele foi e me tirou deste lugar. Eu fiquei lá 30 dias internado. Na saída de lá, os 200 contos ficaram lá. Me levaram na estação de trem de ferro de madrugada pra pegar o trem de ferro pra Pirapora. Chegou lá, rapaz, eu não tinha um parente, não tinha nada. Aliás, tinha um conhecido, que meu irmão já pousava na pensão dele. Cheguei lá, contei minha situação pra ele. Aí eu não dormia na cama mais. Botou uma esteirinha lá no chão e dormi lá no chão. E agora, como é que vai embora? Não tinha um centavo, não conhecia ninguém e longe, rapaz, era um dia de viagem. Pra chegar na Pirapora tinha que passar o (rio) Paracatu de barco. Botava o caminhão dentro do barco pra atravessar o Paracatu.

E aí eu estava na Pirapora. Não sei o que me deu na idéia – que me deram idéia ou fui eu mesmo que ideei – fui lá no bar onde chegava caminhão de Bonfinópolis. Fui lá – acho que foi alguém que me deu a idéia – Chegou lá conversei: “Olha, eu estou querendo ir pra Bonfim e não sei como fazer porque eu não tenho dinheiro. Que é que eu faço”. Um disse: “Vem um caminhão lá da Brasilândia pra buscar semente de algodão e quem sabe você não vai mais ele”. Eu disse: “É mesmo”. Fiquei lá até que o cara chegou e eu disse: “Rapaz, você pode me levar?”. Ele disse: “Posso”. Eu disse: “Nós vamos”. E assim saímos no caminhão de algodão e eu lá na cumieira, por cima dos sacos de semente. Aí veio, quando chegou no cerradão do

Pirapora e ia pros paredão, o caminhão estourou um pneu e esse caminhão entortou assim, perdeu o controle pra entrar no cerrado assim e com muito trabalho o caminhão parou.

Aí arrumou e nós chegamos na Brasilândia de noite. E lá não conhecia ninguém. Eu não tinha um centavo. “E agora?”. Aí falei pro motorista do caminhão. Ele falou assim: “Eu tenho um parente que tem uma obra lá que não está acabada. Vou ver se ele arruma pra você dormir lá”. Ele desceu do caminhão, foi lá, não tinha fósforo, não tinha cama, não tinha nada. Ele me deixou lá, eu disse: “Tá bom, aqui tá bom. Vou dormir aqui”. Sentei lá. Não tinha nada que comer, não tinha nada que fazer. Aí ele saiu. Quando ele voltou, ele voltou com um prato de comida, um copo de café com pão, não lembro. Eu sei que lanchei, fiz esse lanche e dormi lá.

Daí pra Bonfinópolis, outro dia de à pé. Porque eu tinha que pedir carona de novo. Eu não sabia nem pedir carona. Não sabia onde é que chegava. Aí quando amanheceu o dia, eu estava novo. Meu problema era só cerebral, não tinha doença, eu era forte. Aí eu fui e saí de lá. Quando o dia clareou, eu peguei a malinha e subi a serra. Nem direção direito eu peguei. Tinha a linha de transmissão de energia que chegava na Brasilândia, vinha da barragem do Mucambinho. Alguém me informou que a linha por onde vinha o caminhão subia a serra... uma volta enorme. E por dentro era mais perto. Saía na matinha e da matinha chegava em Bonfinópolis. Mas só que eu não conhecia nada. Eu disse: “Vou cortar é por dentro”.

Quando amanheceu o dia eu levantei e saí com tudo, moço, sem tomar café sem nada. “Que é que eu fiz?”. Eu peguei a rede de energia, a rede de luz, e fui andando rumo do Bonfim. E eu vou, eu vou, e eu vou. Quando chegou no final da rede de energia. O final era no Mucambinho, tinha uma cachoeira muito grande e os postes embocaram lá na cachoeira. “E agora, pra onde é que eu vou?”. Fiquei lá sem saber o que é que eu fazia, moço! Acho que eu rodeei a cachoeira e toquei no mundo, assim fui andando, fui andando.

Quando deu de tarde e estava sem saber onde é que eu ia dormir. Não conhecia ninguém e nem sabia onde é que eu estava. Eu pensava que chegava no Bonfim neste dia. E antes de chegar no Bonfim chegou a noite. E eu estava lá no meio do mundo sem saber o que é que eu fazia. Fiquei ali daqui um pouco eu... ah, tinha um gado perto do mato assim, e meu irmão dizia que dormir perto de gado é bom. Quando eu estava ali pensando se ia dormir perto deste gado, um galo cantou. Nem era hora de galo cantar, porque era a boca da noite. Um galo cantou lá em baixo assim. Eu disse: “Ali tem morador”. Eu descí lá, tem morador. Eu cheguei lá e era um parente. Era a casa de Zé Ventura que era parente do pai assim meio longe, era primo. Eu desviei. Ele morava na Matinha, era no Gado Bravo. Passei o Mucambinho, passei a Matinha e cheguei na casa do Zé Ventura. Dormi lá, contei a história.

Digo: “Ah, meu Deus, agora eu estou em casa”. Ele disse: “Você tá muito longe do Bonfim. Bonfim fica pra acolá”. Ele me deu janta, me deu dormida lá.

No outro dia arreou um cavalinho, veio montado num cavalinho e eu de a pé. Veio trazer até o Riacho da Porteira. E aí eu meti o pé na estrada, moço, e quando escureceu cheguei no Gaio, onde o velho Bernardo (pai do Manelim) morava. Cheguei lá escurecendo. Dormi na casa do Mané Calado. No outro dia cheguei lá em casa já na hora do almoço.

Rubens: E por falar em doenças, com era o tratamento de doença lá na roça? Vocês usavam muita planta do mato para a saúde?

Em Bonfinópolis a gente usava mais era remédio do mato mesmo pra vários tipos de doenças, de dor. A gente tomava remédios de lá. Depois que viemos pra aqui nós não paramos de usar de tudo não, mas usa bem menos porque às vezes não encontra remédio, tem que procurar. O efeito do remédio caseiro, a gente acha que é mais demorado. E quase não usa mais remédio do mato não. Com a mudança pra cá diferenciou bastante. Você sabe de uma coisa. Eu trago de lá de casa (Bonfinópolis) remédio, bata de purga, jalapa, romã, fava de sucupira... Mas chega aqui, quando dá umas dores de estômago, você vai e toma uns comprimidos. Aí quando dá uma dor e cabeça, você vai e toma um comprimido. E aí quando dá uma coceira no corpo você vai correr lá no hospital e vai ao médico. E aí o remédio do mato vai ficando esquecido. A gente usa, mas não usa igual antes. A história é essa sobre os remédios que nós usava lá e agora está usando muito menos.

(Às vezes a gente não usa planta) porque não tem o remédio. Porque às vezes demora pra fazer efeito, e outra coisa, sabe o que? Porque é assim. Quando a gente está lá, uma planta só é falada que serve pra várias coisas. E fala que um remédio serve pra umas coisas, serve pra outra. Então não tem uma ciência. A gente pensa assim. O costume é esse, mas, quando você adoce começa tomar remédio do mato. Fulano ensina esse remédio e você faz. Fulano ensina aquele outro e você faz. Beltrano ensina aquele outro e você faz. E depois passa um tempo assim e melhorou. E agora: “Qual foi o remédio que foi bom?”. Não sei, tomei muitos remédios e não sei. Mas tem remédio que é indicado pra cada coisa.

A diferença é que não foi feita pesquisa nos remédios. A gente não tem ciência pra saber se é verdade que aquele remédio faz bem ou não faz bem pra aquele que é doente, aquele incômodo. A gente tomava só na fé, só na esperança, só por indicação assim. E o remédio da farmácia, apesar de eles também terem muita falha, porque às vezes as fábricas enganam, os laboratórios enganam a gente. Mas porque diz que foi estudado, a gente fica

achando que é verdadeiro, e o remédio do mato a gente sabe que ele é bom, mas não foi feito pesquisa e ninguém sabe. Por esse motivo que vai ficando.

(No mato daqui a gente busca) folha de pacari, casca de pau. É fava de sucupira, é carrapicho, várias coisas a gente vai buscar lá no mato. É folha de tiborna, lá no cerrado. Na UnB (onde ele trabalha) tem muita planta, mas a gente fica sem lembrar. Lá tem carqueja, folha de laranja, tem folha de pacari, tem folha de abacate. No cerrado tem muita planta, tem calunga, tem muito remédio. Calunga é amarga demais, ela é, pra nosso entendimento, é pra estômago, pras estas coisas. Planta que é amarga é boa pro fígado, pro estômago. Faz a digestão. As plantas são assim: jalapa dizem que é quente. A batata (de purga), dizem que é fresca. Aí mandava nós tomar assim. Quando você vai cozinhar, a jalapa arrufa (espuma) quando ferve. A batata não arrufa e derrama na vasilha. A batata não espuma. A raiz é uma só. As folhas são diferentes, mas a raiz é igual. A batata é fresca e a jalapa é quente. A batata é boa pra pneumonia, gripe, e a jalapa é boa pro pulmão, só que quando você está com pneumonia, se você toma a jalapa, ela ataca, e só tomar batata ela melhora, acaba. Por isso que eu falo. A gente tem o ensinamento, mas não tem ciência. Vai fazendo aquele remédio, aquela bagunça assim.

As plantas do mato são boas por isso. Não sei do que se faz veneno porque tudo que você toma não mata. Se não faz bem, mas não mata. Então de que é que faz veneno? Um ensina um remédio só e você toma pra várias coisas e aí a gente toma só que é difícil de explicar. Só quem passou por isso é que sabe. Porque esse livro (refere-se a um livrinho antigo que recebeu de uma religiosa que trabalhou em sua comunidade em Bonfinópolis, que vai buscar na estante)... Um ensina uma dose de um jeito outro de outro jeito. A planta do mato é mais pela fé, você tem uma fé, porque ciência ninguém tem. Um tem um sistema de fazer o remédio de um jeito, outro tem outro jeito. (Em Brasília) Eu já comprei óleo de copaíba, tenho o costume de comprar. Já comprei buchinha paulista, não estou lembrando de outras coisas.

(Quanto aos mais jovens) Ensinamos, mas eles não usam mais, não. A gente usava porque a gente não tinha recurso nenhum. A gente morava longe do médico, não podia consultar e o recurso era só aquele remédio do mato. Era remédio pra mulher fazer parto, era pra dor de cabeça, era para dor de dente, pra reumatismo, era pra dor de barriga, era pra coceira, era pra tudo quanto fosse doença. E o que era remédio do mato? Um ensina uma coisa, outro ensina outra, e você faz um, faz outro. Depois que melhorou, qual o remédio que foi bom? Não sei, eu tomei um monte de remédio, tomei casca de jatobá, tomei raspagem de quina.

Os meninos foram criados tomando estes remédios e eles sabem de vários desses remédios, só que aqui é difícil demais usar. A gente usava porque não tinha outro jeito. Aqui tem o remédio da farmácia, a gente vai lá na farmácia, quase não usa remédio do mato. A gente foi criada com remédio do mato e eu sei que o remédio da farmácia é feito com remédio do mato mesmo, só que não tem ciência, não faço pesquisa pra saber se é mesmo ou senão. É mais é na fé. É como a gente fala, tem aquela fé, cura e vale.

Eu tomo direto (remédio do mato). Agora mesmo estou com uns problemas de saúde. E os tratamentos médicos, que é muito difícil de conseguir e quando consegue não são todos que dão certo. Agora estou tomando remédio do mato, estou usando alimentação diferenciada pra ajudar na saúde. Os médicos mesmos ensinam, mas é difícil demais fazer tratamento nos médicos.

Agora estou comendo. A minha comida é arroz, feijão e carne. Eu não gosto de legume e verdura não. Mas estou sendo obrigado a comer por causa da saúde. Isto também é remédio. Porque o negócio da saúde é assim. É mais é controle. Não é uma coisa xis não. É mais o controle que vai facilitando, a prevenção. Aí a alimentação ajuda demais, demais mesmo.

Pacari eu já conhecia lá. As mesmas plantas que tem aqui é a mesma região nossa lá. O mesmo remédio que tem lá, tem aqui. Todos eles. Não tem diferença não. No cerrado daqui você acha as mesmas plantas que tinha lá. No mato, as mesmas plantas que tinha lá. Eu sou tão vivido assim com as plantas. Quando eu saio no mato assim eu sei que quase tudo serve pra remédio. Isso aqui serve pra isso, aquilo ali serve para aquilo. As pessoas ficam admiradas o quanto que eu conheço de plantas no mato que é bom pra remédio. Eu não tenho é ciência, não tenho pesquisa. Uma pessoa fala uma coisa a gente conhece, outro fala outra coisa e a gente conhece, mas diferença de planta daqui pra lá não tem não, é a mesminha.

Essa aí (pegando de novo a cartilha sobre plantas), ela diz assim: Cura que liberta. É de Juazeiro da Bahia. Quando a gente morava lá a gente usava. Aqui quando a gente está apertada de vez em quando eu pego ela. Veja bem. Eu tenho um problema no joelho, e diz assim. Dizem que é artrose, mas isso consiste em reumatismo, essas coisas assim. Qual remédio que é bom pra reumatismo?. Já tomei tanto remédio e não curou. Eu vou procurar no livro *Plantas que curam* (onde fala) qual remédio que serve pra reumatismo. Aqui eles fazem um emaranhado de ensinamentos no livro que você fica sem saber como é que faz. Quando eu morava lá eu usava ele mais do que aqui. Mas lá era porque não tinha jeito. Aqui tem o remédio da farmácia que não sei se é suficiente. Está pronto e é rápido.

Esse livrinho é fácil de entender. Quando todo remédio nós faz é cozinhar. No livro está dizendo assim que não pode ferver as plantas. Tem é que abafar. Isso é uma contrariedade, contraditório. Porque cada terra tem seu uso e cada roda tem seu fuso. Aí os índios fazem assim. Um índio pensa de uma maneira. Outra aldeia pensa de outra maneira. Eu não uso esse livro, não.

(Lê várias partes do livrinho)

(Sobre plantas que existem aqui) Eu não posso dar garantia que tem porque eu não procuro. Mas se perguntar se tem eu só vou dizer que não tem depois que eu procurar. Porque as mesmas... puaio, capeba, fruta danta, chapéu de couro, bacuri, junquinho, essas coisa eu não sei se tem, mas já que pra mim só falta procurar. Mas essas outras plantas posso procurar e não achar, mas se perguntar se tem eu falo: tem, porque é a mesma natureza de lá só que eu não procuro, não sei. Mas eu vou procurar porque eu acho que tem. Veja bem, moço, fruta danta todo cerrado tem fruta danta. Abóbora danta é de terra de cultura, não é de terra de cerrado não. E também nunca vi. Pra falar uma coisa que lá tem e aqui tem muito... Acho que aqui tem tudo. Vocês andaram procurando? Aqui tem São Gonçalo, tem mangaba, tem quina, tem abóbora danta. É que abóbora danta é de terra boa, beira de córrego, não é de terra ruim, não. Cerrado não dá essa coisa não.

Mulher do resguardo quebrado é assim. A mulher quebrava o resguardo e aí tomava um purgante de papaconha, mas não podia quebrar o resguardo da papaconha porque se quebrasse não tinha cura mais. Porque a papaconha emendava. (muito riso). Papaconha serve pra mulher que fez o parto, serve pra gripe e serve também para o pulmão e geral. É contra febre, mas por aí que eu falo: “Diz que emburana que é bom pra gripe, é bom pra estomago, é bom pra reumatismo”. Agora a gente fala e faz.

A gente fez e eu acho que a gente foi vitorioso porque não morreu ninguém envenenado com um chá daquele. A gente viveu anos e anos nos ramos. Por isso que eu falo. Se for tomar um remédio pra gripe, você vai tomar um Doril, se fala assim: “Você tem que tomar é com água”. Eu já não tomava não porque não tenho fé. Pra mim tem que ser com chá de erva cidreira, com chá de coisa de horta. Porque meu costume é esse. Tomar comprimido com água, pra mim, 50% não dá valor.

E isso que eu falo das plantas do mato, porque... Veja bem: babosa. A gente só tomava babosa pra... Quando estava com estomago com má digestão, a gente falava era coruja. Estava com o estômago sem fazer digestão, dava arrota choco estas coisas assim, nós chamava isto de coruja. Estava encorujado. A babosa, eu lembro, era usada pra estômago porque amarga muito, era boa pra fazer a digestão contra coruja. Aqui já me ensinaram que ela é boa pra

hemorróidas. É muito boa para hemorróidas. Me ensinaram pra bater ela com mel de abelha, e toma e eu já dei muito bem com isso. Só que foi assim. Quando me ensinaram, fui no médico e o médico passou um remédio, passou supositório e comprimido. Eu tomei e a princípio eu dei foi muito bem. Depois começou foi fazer mal. O médico falou assim: “Não pára porque vou fazer um exame especial pra saber”. Nunca fez esse tal de exame. Aí o problema voltou de novo. Aí um meu colega falou assim: “Não, moço, eu estava desse jeito e melhorei foi com babosa. Colocou babosa no mel, bateu e deu e foi bom”. Aí melhorou e falei: “Olha, rapaz, foi bom demais”. Com o pouco o problema voltou de novo. Aí, esse mineirinho de lá que trata na UnB disse: “Não, moço, isso é bom é a alimentação. Você controla a alimentação”. E aí eu comecei a fazer a usar alimentação. Dei muito bem e agora está voltando de novo. Agora eu não sei o que é que eu faço. A babosa foi ele que me ensinou. Não foram meus pais que ensinaram isso não.

Quando uma cobra mordida a gente qual era o remédio que a gente fazia? Você comia uma tora de fumo, você bebia um copo de cachaça, pra que? Pra acabar com o veneno da cobra. Aí a pessoa embebedava, vomitava, e aí o remédio que nós sabia fazer era esse: cachaça e fumo, o tal do remédio da cobra. E benzimento, essas coisas. Curava os umbigos dos meninos era assim. Quando a mulher ficava grávida tinha garrafinha de azeite (de mamona), uma latinha de torrada. Aí dava banho no menino, botava o azeite no umbigo, botava um pozinho de fumo em cima e amarrava um pano. Curava o umbigo dos meninos. Os meninos tinham os umbigos tudo curadinho, não era umbigo estufado não. Eu faço cálculo que os médicos hoje, se vai falar que vai botar fumo, os médicos dizem: “você quer matar seu menino?” Veja que tem contradição nas coisas. E os venenos das cobras... Eu acho que se falar com médico que você come fumo e bebe cachaça pra curar o veneno da cobra, eles não vão considerar de jeito nenhum.

Quando a cobra morde a gente, são 24 horas. Fica entre a vida e a morte. Quando passa 24 horas, se não morreu, então escapa. Mas até 24 horas a gente não sabe se a pessoa vai viver ou morrer. Quando morde, ajunta as pessoas ali, dá atendimento, come fumo, bebe cachaça, essas coisas se passa. Depois o Padre Vitor (Rádio Aparecida) ensinou, um padre que tinha lá na Aparecida, pelo rádio, ensinou assim: “Quando a cobra morde, você fura em volta do ferimento com agulha assim de modo que o sangue sai. E bota a boca e chupa que a saliva da boca da gente não deixa o veneno da cobra fazer mal pra gente não”.

A Amélia também foi suspender uma panela e ela derramou no seio dela. Aí ensinaram pra banhar com água de sal morna. Moço, não tinha médico, curou com água de sal, água morna. E a gente não sabia disso. Outra coisa, o menino estava com febre, e quando

chegou alguém que disse que água morna não era boa pra cortar a febre. A gente dizia assim: “Vai acabar de matar o menino, rapaz?” É assim. Quando a pessoa dava febre, enrolava nas cobertas, enrolava, protegendo a febre mais. Aí chegava o povo e dizia: “Não moço, tira a roupa do menino e dá um banho com água da temperatura do corpo”. Por isso que eu falo das coisas. Não tem nada que tem uma direção certa.

E outra coisa. Café diz que café é um remédio pro coração. Os médicos dizem: “Não tome café porque café faz mal”. Agora os médicos estão dizendo assim: “Não, o café não faz mal não. O café é uma beleza”. Rapaz, quem é que confia numa coisa dessa?

Eu me lembro que quando a gente usava o mastruz, nosso pai ensinava a fazer moqueca assim, socava ele, botava um azeitinho, e botava num lugar machucado, às vezes num machucado no peito, diz assim: “Tem sangue coalhado lá dentro”. Pegava, machucava o mastruz, e botava azeite (de mamona) ou gordura de osso, sei lá o que. E botava amarrado num pano. Não sei se servia não, mas saia. E aí dizia assim: “Não, mastruz é pra beber, é um emaranhado de coisa”.

Minha irmã também foi curada fazendo simpatia. Matava a cascavel falando que estava matando a doença. “Escuta, simpatia tem significado? Tem valor? É permitido ou não? Existe quebranto? Ou existe na cabeça de alguém?”. (Conversamos um pouco de experiências minhas em região rural com respeito a isso. E ele continua).

Porque, veja bem, curador. Eu já tomei todo remédio de curador. Meu tio, irmão de meu pai, era curador. Sabe como é que ele consultava? Ficou tão famoso que ia gente aqui de Brasília pra consultar com ele lá. Era o velho Ficiano, pai do Zé Branco, irmão de meu pai. E o Zé Branco ficou com o mesmo dom do pai. Ele era curador. Ele não tinha ciência nenhuma. Dizia que meu tio já estava com as almas. Sabe o que é que ele fazia? Você chegava lá pra fazer tratamento, consultava fulano. Você traz um pano, uma camisa que a pessoa vestiu e você entregava pra ele... Sentava assim no cantinho e pegava aquela camisa e ficava fazendo assim: hum, hum, hum, (sempre virando a cabeça). Ele ia lá pra dentro, ficava por lá um bocado, e depois ele voltava, sentava lá no trepassa (banquinho de três pés): “Oh, fulano tem é isso, isso, isso, isso”. Ele era muito bom pra escrever. Lavrava uma receita muito bem feita com letrona graúda.

Ele era muito difícil de receitar plantas. Mais era remédio de farmácia mesmo: “Vai lá no Bonfim (Bonfinópolis) comprar um remédio”. A pessoa ia, comprava o remédio e sempre melhorava. E quando ele foi morrer passou esse dom pro filho dele, e o filho dele tratava do mesmo jeito. Vinha gente de longe tratar. Mas eu sozinho, Deus me perdoa, mas eu (risos) não acredito. Eu sempre digo assim: “Eu só acredito em sonho, sabe por quê? Porque São

José, mais Nossa Senhora... São José teve um sonho e isso é verdadeiro”. Se não fosse isso eu não acreditava em sonho de jeito nenhum. A mesma coisa é curador, eu usava, eu vinha de cavalo lá pra Paracatu pra vir no curador porque o remédio que nós tinha era isso, era curador. Mas eu não acredito, não.

Um dia eu estava com muita febre e era novo ainda. Muita febre de não sei quantos graus, e nem falava de grau de febre ainda, era muita febre. Aí nos fomos lá na casa do Zé Branco, que era meu primo. Ia consultar e aí ele falou: “Que é que seu irmão tem?”. Falamos: “É assim, assim, assim”. Consultou e falou assim: “Olha, ele não acredita em mim, mas eu vou passar um remédio pra ele”. E até lembro que o Zé Branco mandou dar banho em mim com folha de marmelada, marmelada de boi, não sei não, mas eu melhorei. Mas (ri muito).

Deus me perdoa, compadre, eu não acredito em curador não. Por isso que eu estou perguntando, que é que ele (este pesquisador) acha. A mesma coisa do benzimento de comadre Sinhana, de quebranto, comadre Maria quer benzer de dor de dente, benze, falava falava, fincava a faca no chão. Rapaz, Deus me perdoa. Até o pessoal me chama de Tomé. Sou igual São Tomé. Só acredito no que eu vejo (risos). Só Deus sabe das coisas. Mas eu sou difícil de acreditar em certas coisas. Porque São Tomé... Os colegas disseram assim: “Foi assim, assim”. E ele: “Só acredito se eu botar a mão”. E aí quando foi conversar mais Jesus Cristo, ele falou pra ele assim: “Tomé, mas você é tão infeliz em não acreditar. Tem que acreditar!”.

Por isso que eu sempre falo: “Não posso duvidar dessas coisas, porque deve ser dom que Deus deu pras pessoas”. A gente tem que ter fé, mas infelizmente eu sempre falo assim: “Tomara que eu seja igual a São Tomé, porque São Tomé duvidou, mas está lá no céu. Agora é santo”. E eu, por causa dessa incredulidade, eu digo assim: “Tomara que eu seja ao menos igual São Tomé”.

É isso aí, a minha experiência, sempre falo assim. Gente, fingimento é muito ruim. É o seguinte. A gente esconder, esconder alguma coisa, não. Acho que isso a gente não deve fazer não.

(Neste momento, Vicente pára e dá uma respirada boa, como que para encerrar. E volta-se para as fotos da parede da sala)

Rubens: Tem mais fotos de antigamente?

É desleixo. Nós não temos foto de pai porque não tinha. Só tinha foto de pai que nós vimos do título de leitor. Eles morreram e o título sumiu, e a gente não tem... nada. Foi descuido nosso. Agripino fez... Sabino fez...

Rubens: (Aos demais) Vocês têm fotos nas casas?

Eu tenho só essa aí, foi Amélia que mandou fazer, não foi eu não. Agradeço a ela. Na casa de André não vejo nem esse. Isso chama-se é ... porque quando você chega numa casa isso aí é história ou é cultura.

(André, presente): É história. Chama é história.

(Vicente): Isso é um capricho da gente...

(André): Então não (é) cultura nem história. É capricho (risos).

Quando não existia isso, tudo bem.

Rubens: Mas qual é a diferença disso, heim?

É como esquisito (muito riso... lembrando a discussão lá do começo sobre o termo esquisito). É a mesma coisa que esquisito. Sabe de uma coisa, o meu português é assim. Eu não falo nem 10% do português correto, mas eu bem que sei falar. Não posso dizer que sei falar tudo, mas a maioria. Tem pessoa que tem dificuldade de falar certas palavras, e eu não tenho. Mais ou menos eu sei falar o português, mas eu não falo nem 10% porque eu não acho jeito. Sabe lá como é que nós somos... pruguê... porquê.... Toda palavra minha falta uma parte é porque eu aprendi foi assim. Eu acho difícil falar... Fico reparando assim.

Eu tenho um netinho que faz tempo que está na... é o mais novo... Como é que ele fala... Eu gosto de ri dele... Ele gosta de falar. Porque quando a gente é novo a gente grava as coisas tudo, tudo que se fala fica lembrando e quando a gente vai ficando velho, vai esquecendo, esquecendo. É assim olha, olha, o Yuri (netinho de Vicente) desde pequenininho que ele fala assim: “óia, óia, óia”... e dizem: “Não é assim não. É olha, olha, olha”. Porque a mãe dele só fala assim. Pra mim falar olha, melhor, eu sei falar, mas eu não quero falar. Nem 10% do meu português é completo.

Aí costumo dizer que a memória da gente é como um disco de barro que você faz, ele está mole. Aí tudo que você escreve nele ele aceita. E aí você queima aquele barro e ele fica gravado. E depois que endurece ele não grava mais. Fala, mas ele não grava. Pra mim é que já endureceu o cérebro. Não grava mais. Não sei se era isso mesmo, mas eu faço esta comparação.

Amélia Vieira Cruz



(Sobre a Festa de Lages) “*Continuei indo, com família do meu esposo. E quando a gente parou, paramos de vez. Esses outros aí de vez em quando ainda vão. Mas, eu com meu velho, não está bom de ir. A cabeça fica grande, mas não vai.. Dançava muito, onde festeiro fazia brincadeira, divertia*”.

Foto 09 – Autor: Rubens de M. Silva, 2007.

Pra começar, meu nome é Amélia Viera Cruz, de 70 anos de idade, filha de Bonfinópolis, filha de Ananias Bispo Ribeiro e Ana Francisca Brandão. São meus pais, tudo natural de Bonfinópolis. Meu pai eu não conheci, pois quando ele morreu, eu estava sentando. Na época em que ele morreu, ele morava em Urucuia. Mudou pra lá, lá ele faleceu, e minha mãe mudou com a gente pra Bonfinópolis. Foi uma vida muito sofrida pra ela criar meus oito irmãos, aquela batalha. Mas ela ficou com os irmãos dela, eles deram a maior força, abaixo de Deus, ajudou que ela conseguiu criar meus irmãos com muita luta. Mas, consegui e daí fomos crescendo no meio de muito sofrimento, mas muita alegria também. As pessoas ajudaram a gente bastante, a gente cresceu e fomos casando.

Aí eu casei e quando estava fazendo um ano de casamento, minha mãe faleceu, meu pai já não tinha. Aí eu comecei a vida a dois, aí a gente foi vivendo e foi crescendo a família minha, a gente lutou bastante. Os primeiros morreram, depois continuamos. Eram 13, morreram três, tem dez, graças a Deus. Aí hoje, estes dez, eles fazem por mim mais do que eu fazia pra minha mãe na época. Era muito difícil pra gente, mas esse prazo que vivi fora dela tenho muito que agradecer por ela ter me encaminhado nesse casamento. Esposo muito bom, muito trabalhador, ele criou a família nesse lugar que já falou. Muita alegria, povo alegre do

lugar, na fazenda do avô dele, e depois foi pra outra o nome era Mandioccal. Infelizmente, aconteceu o que já foi dito, mas nem por isso a gente desanimou.

Longe, continuamos a vida, moramos lá depois de tudo isso tudo, casamos um bocado de meus filhos lá, outros já casamos depois que a gente veio pra cá. Fiquei doente, muito ruim uma época, a gente sem conforto de tratamento. E os meninos que já estavam aqui foi lá trazer a gente. E a vida continua e não me esqueço o que já foi feito lá atrás. Agradeço muito a Deus e depois que viemos pra cá eu tenho que agradecer muito, pois sobre a saúde eu vivi outra saúde. Porque lá a gente tinha, mas era uma luta da roça, muito filho, foi enfraquecendo tudo. Mas aqui, abaixo de Deus, eu não trabalho mais, pois os médicos proibiram. Estou em tratamento. Trabalho aqui na casa, quando não posso, tem quem faz e a vida continua.

A coisa assim. Você ensinou seus filhos como é que vivia, que é os ensinamentos que minha mãe me deu que muitas coisas ela nem falava, mas já tive oportunidade de falar pros meus filhos. Ensinei como diz a oração, rezando o bendito até, oração inicial que a gente tem. Ensinei, hoje eu acho que tenho muito mais que agradecer que arrepender. A vida continua. E espero que isso aí Deus está tendo uma espera da gente continuar enquanto a gente estiver aqui. Se não faço melhor porque não posso, não sei. Aprendi pouca coisa, mas o que tenho pra falar pros meus filhos eu e o pai deles vivemos uma vida de casado já 51 anos. E acredito que eles também têm tudo pra viver isso aí que a gente está vivendo. Depende de cada um. Tenho duas ainda sem casar, é isso aí.

Era muita coisa que a gente tentava fazer, ajudar, trabalhar enquanto era com minha mãe. Ajudava ela na roça, muita dificuldade, pra poder se manter. Depois que eu casei, continuamos na roça com muita dificuldade, mas criamos nossos filhos. Trabalhava em casa, ia pra roça, era uma luta de alegria. As tristezas a gente nem gosta de comentar, mas faz parte da vida. Mas hoje está melhor, pois se a gente vivesse lá a gente nem estaria mais na vida que estamos. Pois faltavam recursos para remédio... Tenho muito que gavar lá trás e hoje eu falo que se eu pudesse fazer, eu queria voltar. Mas infelizmente as forças estão acabando.

(Havia muita) Festa religiosa, festa da Lage, festa popular, festa de família, festa de igreja. Umam eram muito boas, outras eram briga, discussão, confusão, mas não com a gente. Eles faziam dança, aí alguém ia fazer na sua barraca, chamava a gente. A gente ia outra hora. A gente formava um grupo, ia brincar de roda nós mesmos. Só família que a gente conhecesse, lá nesta festa das Lages. Tinha os festeiros, tinha seus foliões, como eram muitos, juntavam. Três dias de festas, cavalarias. Uns iam por um lado da igreja e outros pelo outro e encontrava na porta da igreja. Apeava, e entrava pela igreja afora, batendo caixa, abanando as bandeiras, era muito bonito. Ajuntava as comunidades e todo mundo, mas até que esta festa

acabou. Mas estão retornando ela, fazendo do mesmo jeito. Era muito bom e muito bonito. Tenho um irmão que estava sendo cabeça destas festas agora. Agora está doente, esperando o que Deus está preparando pra ele, está muito idoso, está sem condição de movimentar esta festa. Mas têm outros fazendo no lugar dele também.

Não sei bem não (como surgiu esta festa das Lages). Quando eu me entendi mais por gente já havia a igreja e o pessoal já fazia esta festa. Então, quando a gente ficou mais pra perto deste lugar e que a gente foi participando, mas tinha outros festeiros dos santos, Senhora da Conceição, Santo Antonio, Divino Espírito Santo, cada dia havia uma. Tinha o retrato daquele santo. Então por aí foi a tradição que é antiga e continua até hoje. Não sei quantas léguas pode ser que tinha, de onde morava aí nas Lages. A gente ia a pé. Tinha muito carro de boi que ia levando as comitivas. Era quase uma semana por lá. Se saía cedo chegava no mesmo dia. Mas muitos saíam de tarde, dormiam no caminho e chegavam de manhã. Era muito carro, pessoal a pé, caminhando e era muito bonito. Foi muito bom. De todo lado ia gente para essa festa. Passava, pois onde a gente morou antes de a gente casar, era um lugar que o pessoal vinha de Urucuia, atravessava esse rio, vinha do lado de cá, socava pra cá não sei se era pro lado de Unáí ou Paracatu, não sei. Uns de mudança e outro passeando, tocando boiada, indo para Lages levando boteco. Foram muitos aqui do Vão de Minas onde a gente morou. Ia muita gente pra lá. Era muita gente pra lá. Então era de um jeito que via as pessoas nesta época e não via mais. Só via de um ano no outro. E essa festa era também de um ano no outro que tinha. E depois que casei continuei indo, com família do meu esposo. E quando a gente parou, paramos de vez. Esses outros aí de vez em quando ainda vão. Mas, eu com meu velho, não está bom de ir. A cabeça fica grande, mas não vai. Ela dava festa da noite pro dia, dançava muito e a festa da Lages que a gente adorava, onde casei, onde festeiro fazia brincadeira, divertia. Depois que casamos eu fui nalgumas festas, mas era reza de um dia.

(Sobre a capital) O que eles falavam era que Brasília era diferente de lá onde a gente morava, demais. Era lugar de muita gente, de coisas esquisitas, que dava medo... Então o medo era total, mas depois nem era tanto bicho-de-sete-cabeças, não. A gente acostumava, ficava conhecendo logo as pessoas mais próximas do seu que já estava aí. ... Mas a gente tinha muito medo das coisas do contrário. (Sobre coisas esquisitas era) Jeito de a gente falar, não sabia falar no outro jeito. Diferença de tudo, do jeito de falar, do jeito de mexer com o povo. Quando você mora num território que você conhece todo mundo, você sabe como é que você mexe. Quando você vai morar noutra lugar, você não sabe com quem está mexendo e nem que pode mexer. Mas vai acostumando.

Rubens: As doenças fizeram vocês mudarem para Brasília. Mas ainda continuam usando remédios lá do mato?

Sou uma pessoa que já tomei muito desses remédios por indicação de outros. A gente sabe o nome de alguns. Até hoje eu ainda tomo algum tipo assim: poejo pra gripe, pra tosse. E o capim santo é fresco, calmante. A gente toma com aquela fé, acho que serve. Tem o manjericão, a manjerona, que a gente usa quando está muito gripado. Imburana, semente de imburana pra gripe também, para tosse. Dizem que cura até problema de estômago. Come uma comida que fica assim, é bom. A gente fazia e parecia que a fé curava.

(Em casa) Tenho também erva cidreira de rama, tenho erva doce, tenho o cravinho que é um ramo, um pau. Tenho hortelãzinho gordo, que tem um ardorzinho na folha... Inclusive foi a mãe dele (Manelim) que ensinou esse hortelã.

E por aí outras coisinhas assim acompanha. (Meus filhos) usam mais pra criança e adultos vai mais pra farmácia. Eu não deixo de fazer, mesmo com outros remédios de farmácia. Eu gosto de tomar o natural.

Como a gente acredita nestes remédios que tinha lá desse tipo, os médicos já têm o estudo deles que eu não sei. Às vezes até tem os remédios que a gente usa que pode ser dessas mesmas plantas, mas eu não sei. Só sei que os que já tomei e tomo, todos eles me fazem bem. Você fica naquela fé que vai passar aquela coisa e serve.

André da Cruz Oliveira



“Olha, meu filho, você tem que fazer de tudo e usar o que for preciso, aprender o que der conta e fazer aquilo que for no momento da necessidade. Daí o mundo vai rodando e a necessidade vai chegando. Porque, já que nós estamos num lugar que vai evoluindo, nós ficamos enfiados na evolução.”

Foto 10 – Autora: Elizabeth A. Oda, 2007.

Meu nome é André da Cruz Oliveira e tenho 66 anos de idade. Eu sou natural de Bonfinópolis de Minas Gerais, sou filho de Gregório da Cruz Oliveira e Firmina Vieira da Silva. Os dois são falecidos. Minha mãe faleceu em 1950 e meu pai faleceu em 1970. Vivi no município de Bonfinópolis uma temporada. Depois que meu pai ficou viúvo a gente saiu do município do Bonfim, esse mesmo lugar que comadre Maria falou. E aí a gente precisou arrumar um lugar assim muito pobre, apertado, a família grande e meu pai ficou viúvo. E precisou de arrumar um lugar pra melhorar o nível de vida. Aí nós arrumamos uma outra região rural também do interior, e era um terreno do meu avô.

Minha mãe faleceu em 1950. A gente mudou pra esse lugar com tudo quanto é sofrimento. A gente era doze irmãos. Morreu um pequenininho e os outros estão vivos. E aí veio. Era uma luta terrível pra manter esse pessoal. Aí o povo falou pro meu pai: “Casa, pra cuidar dos meninos”. E ele: “Não, não vou casar não que pode não dar certo. Vamos cuidar assim mesmo”. E meu pai fazia de tudo. Os meninos pequenos ainda. Fazia comida, todo tipo de comida, fazia azeite, fazia sabão pra lavar roupa, socava mamona, fervia a mamona numa panela de barro, porque não tinha com que comprar coisa melhor e nem aonde comprar. Lavava roupa, ensinava a gente fazer tudo isso e fazer tudo em casa. Ele ensinava a gente assim: “Olha, meu filho, você tem que fazer de tudo e usar o que for preciso, aprender o que der conta e fazer aquilo que for no momento da necessidade”. E naquilo nós fomos crescendo

e veio aquela coisa assim: “Meu Deus, será que nós vamos ficar igual o pai e a mãe, analfabetos, sem saber ler. Aqui não tem escola, aqui não tem recursos”. E aí veio a história de Brasília.

A dificuldade era tanta que não tinha nem fósforo pra fazer fogo. Fósforo era comprado uma vez por ano, como Manelim falou. Ia na cidade (de São Romão) esse ano e tornava a ir no ano que vem. Os pais ficavam redicando fósforo porque senão acabava e depois não tinha outro. Então, no lugar do fósforo, fazia o seguinte: torava uma tora de araçá - é um pau no mato chamado araçá que pega fogo e não apaga fácil. Aí tirava uma torada assim do tamanho de um metro, e de noite, antes de dormir, botava no fogo. E o fogão era uma trempe, umas pedras lá no chão. E acendia o fogo entre meio as trempes. Botava esse pau lá pra o fogo não apagar pro amanhã. Quando era manhã tinha fogo nesse pau, aí pegava, soprava, arrumava uma palha de milho, soprava, acendia o fogo, e botava água naquele pedaço de pau de noite de novo.

Quando foi uma vez a minha tia, que era mãe do Manelim morava num lugar e fazia tudo do mesmo jeito. Os que eram ricos eram poucos. A maioria não tinha as coisas, e um dia o fogo da casa dela apagou e amanheceu o dia sem fogo. E tinha um vizinho assim longe. A gente falava era légua, uns dois quilômetros ou três. Caía muito orvalho nesse tempo e molhava o capim. E ela saiu pra ir na casa do vizinho para arranjar o fogo e trazer fogo pra cozinhar. E o povo era pobre, não tinha com que embrulhar a coberta pra embrulhar de noite. Morria de frio tremendo a noite inteira. E o vizinho onde ela foi buscar o fogo, chegou lá, tinha fogo. Aí ela falou pra ele assim: “Eh, fulano” - falou o nome dele - “por que é que na sua casa tem fogo e na minha não tem?”. Ele deu uma fungada todo assim: “Hum, fica sem coberta pra você saber porque que o fogo não apaga”. O frio não deixava dormir. Ficava com o fogo aceso a noite inteira e amanhecia com o fogo.

Naquele tempo a gente tinha gado, o povo mais pobre tinha gado, umas cabeças. E o gado, a gente falava assim: “Oh, fulano, não bota a roupa no sol não”. Não tinha cerca ao redor da casa. “Não bota roupa no sol não, pois a vaca de fulano vem comer”. Era tudo comedeira de roupa. “Olha, tira de lá que o gado vem comer a roupa”. Depois a gente descobriu que era porque o povo não tinha dinheiro pra comprar o sal pra dar às vacas pra satisfazer as necessidades. Elas comiam a roupa pra comer o sal do suor da gente.

Rubens: E como vocês foram chegando a conhecer Brasília?

E aí a história de Brasília: “Será como é que nós vamos fazer pra melhorar pra não ficar igual os outros. Ficaram sem saber ler nada, sem assinar o nome”. Aí então meu irmão mais velho falou assim: “Vocês ficam aqui e eu vou caçar jeito”. Vou sair. Foi pro lado de Belo Horizonte, pra Barra da Palma. Não arranjou nada e veio. Veio pra cá (Brasília). Assim falou: “Vocês ficam aqui”. A gente tinha muita fartura na roça. “Eu vou caçar um tipo de vida melhor para nós. Vamos trazer melhoria pra cá”. E eu disse: “Então você vai e nós ficamos aqui e qualquer coisa que você precisar nós temos feijão aqui pra gente comer”. E aí ele veio (pra Brasília), do mesmo jeito que a gente. Sabia leitura pouca e ficou aí sem arrumar emprego, sofrendo nas paradas de ônibus. E ele fumava. Eu não tinha dinheiro pra comprar cigarro. E um fumava e jogava toco de cigarro e ele apanhava o toco e fumava e ficou naquela agonia. Ele era muito nervoso. Passou um tempo, ele chegou lá e diz: “Menino, não vai pra Brasília. Lá não é lugar nosso não”. E eu: “Mas nós vamos, disse que lá é bom”. E ele: “Mas já fui e já vi que não dá pra nós”.

Nas primeiras conversas que a gente ouviu falar de Brasília, é que em Brasília não podia ter gente pobre. Tinha que ser só executivo ou funcionário público, que outras pessoas particulares não podiam ter não. Que era perigoso até a polícia matar pra não ficar gente que não era da administração pública. E foi acontecendo a Brasília. E foi fazendo e a notícia foi mudando um pouco. No tempo que a gente veio ainda tinha esse reparo: “Não vai de dia não. Vai de noite, pois os militares não querem que vai gente particular”. Mas a gente veio de noite, e ficou, essa coisa dos militares desapareceu, e está até hoje. E eu gosto de Brasília.

Daí o mundo vai rodando e a necessidade vai chegando. Eu já tinha casado. Tinha meus meninos e ficou apertado na roça e eu pensava: “E os meninos como é que é será? Os meninos vão ficar igual eu? Nós precisamos arrumar um lugar pra estudar. Foi a hora de pensar de vir pra cá.

Um colega da gente veio pra cá, gostou daqui e já voltava lá e dizia: “Não, moço, lá não é isso não que está pensando. Lá vai ser bom e tal. E você é capaz de fazer isso e aquilo”. E foi mudando a cabeça das pessoas. Dum tempo que ela era um horror que a gente não podia vir já foi mudando a cabeça.

Nós, lá no interior, ouvia falar de Brasília. Um dia nós fomos pra roça e tinha a história, a notícia de Brasília, mas ninguém sabia nem pra que banda. Quando dá fé nós escutamos um barulho. A gente falou assim: “O mundo está acabando, que é isso?”. E o barulho foi chegando pra perto. Depois olhou assim pra cima e era um aviãozinho daquele de

um motor e o pai falou assim: “É o tal de avião, vamos correr, vamos entrar nesse mato aqui que ele pode cair em nós”. E passamos no buraco da cerca e ficamos lá no mato espiando o avião e não caiu em nós nada e passou, mas como nós não conhecia...

Ele (Manelim) já tinha vindo pra Unai. Eu mais ela (Maria José)... a gente morava debaixo de uma serra, no meio de uma mata, um lugar que só tinha bicho mesmo. Nós subimos as coisinhas na cacunda, no cavalo, no carro de boi, subindo a serra pra botar num caminhão. Aí já tinha um caminhão pra poder montar até Unai. Aí eu vim pra cá pra Unai pra ver se podia arrumar um transporte e ela ficou lá em cima no cerrado, sem água, sem casa, com os meninos. E eu fiquei uns três dias sem poder voltar por que não consegui arranjar pessoa pra voltar. Os meninos eram cinco e já adoeceu tudo, todo mundo deu febre, ficou com doença de olho, e passando mal de tosse, tudo que não prestava, e lá na barraca esperando. No prazo de três dias cheguei lá com caminhão. Botamos as coisas no caminhão e chegamos em Unai. Chegando em Unai, nós compramos uma meia água, um barraco, e aí eu fiquei pensando: “Meu Deus, e agora? Pra ir pra roça, capinar, aqui é pior que lá em casa, por que aqui é na unha do patrão. E o que é que nós vamos comer?”. As coisas que a gente trouxe da roça foi acabando, o arroz, o toucinho, rapadura, foi acabando, aí como é que nós vamos fazer. Eu peguei a descobrir que não dava pra ficar lá.

Tinha um colega aqui que já era de muitos anos aqui que nas férias ia lá em casa e falava assim: “Cadê os meninos?” Eu dizia: “Eles tá aí”. Ele ia lá passear: “Cadê os meninos?”. Disseram: “Eles mudaram”. E ele: “Mudaram pra onde?”. Disseram: “Pra Unai”. Ele veio embora e ficou procurando nós lá em Unai. E disse: “Vamos embora pra Brasília”. E eu: “Não, moço. Não dou conta de ficar lá não, não tenho documento, não sei fazer nada”. E ele: “Vocês vão lá pra casa e lá se come, lá se dorme, lava roupa enquanto você começa fazer documento”. Eu tinha trabalhado já uns meses na construção civil e a pessoa que não tem costume, trabalha mais do que podia tentando se adaptar, tentando fazer o bem. Aí eu falei assim: “Então nós vamos embora pra lá”.

E ele falou assim: “No dia que você for não leve mudança não”. Não tinha mudança também. Você faz um saco, umas cobertas e pegue o ônibus de noite. Porque, quando a gente veio foi em 72. Ainda tinha uma coisa dos militares que não podia vir assim qualquer pessoa pra cá tranqüilo não. Por isso falou: “Você vem de noite. Na rodoviária você pega um táxi”. E me deu um endereço. Aí nós deixamos o compadre Manelim e comadre Maria lá na casinha e viemos. Eles moravam de aluguel.

Maria ficou e eu vim. Eles ficaram na casa dele e Maria ficou lá em casa. Quando passou uns três meses, o cara me ajudou fazendo documento, tirando a identidade. Quando

tirou a identidade, arranjou um emprego. Nesse tempo era bom de emprego. Falou: “Agora você precisa fichar pra você trazer sua família. Aí ele foi e arrumou emprego na SLU (Serviço de Limpeza Urbana). Fichei a carteira, e quando fichei a carteira ele falou assim: “Oh, já é hora de você ir buscar a família porque aí você aluga um barraco”. Eu disse: “Você disse que ia me ajudar, e agora já está me jogando fora?”. Mas aí alugamos um barraco, um cômodo de um barraco, aí é que eu fui buscar ela. Maria estava esperando esse caçula. Foi a vez que ele pediu pra ir pra casa nossa. Aí mudou pra um barraco vizinho dele. Ele disse: “Você aluga uma casa, um barraco pra você poder viver sua vida”. Eu disse assim: “Eu vou embora. Eu não vou ficar aqui não, porque você disse que ia me ajudar e você já não me quer ajudar mais. Vou embora de novo”. E nessa altura eu já estava trabalhando. Recebia uma mixaria, mas eu falei: “Vou embora”.

Marcou uma semana pra eu ir embora, levando o saco de mudança de novo pra lá. Falei: “Eu tenho uma casinha lá (Unaí). Por que eu vou pagar aluguel aqui?”. Aí, enquanto isso, uma pessoa, um funcionário, ganhou uma casa do governo e veio aqui oferecer o barraco pra nós. “Mulher, mas eu não tenho com o que comprar não”. E ela: “É, mas compra, mas compra”. A gente tinha recebido o pagamento do emprego. Eram 200 reais, 200 mirréis, não sei quanto era não. O barraco era 500 reais, 500 mil, quinhentos mirréis. Não sei quanto que é. Era mirréis. “Mas e o resto?”. “Não, você pega emprestado aí”. Aí fomos num vizinho e o vizinho tinha um barraco velho bem podre, de madeira, de tábua. A gente fez até uma covardiazinha porque ele queria comprar o barraco. Aí ele emprestou o dinheiro pra gente comprar o barraco. Mas ele queria dar a nós um barraquinho velho pelo outro que era melhor. Falei: “Não, quero é esse aqui mesmo”. Ele não gostou muito, mas deixou. Isso foi em 72. Nós ficamos por aí uns 10 anos e depois nós voltamos para o município de Unaí de novo e ficamos uns tempos na roça. Toda a vida a gente vai pra roça, pois não sabe fazer outras coisas. E aí, lá na Rural Minas, no município de Unaí, tinha um projeto de irrigação. Diziam que era bonito, ia melhorar de vida. Nós fomos, só que nós conseguimos fazer uma entrevista com o doutor pra ver se encaixava. Conseguimos passar e mudamos pra lá. Só que o projeto não funcionou também. Aí foi preciso vir embora de novo. E aqui nós arrumamos e vivemos até hoje.

Aí quando viu que não dava pra comer, tinha um emprego que não dava pra comer, sai caçando um emprego. Então eu arranjei foi no aeroporto, lá no transporte, na aviação... lá na empresa de aviação, a SATA (Serviços Auxiliares de Transportes Aéreos, criado em 1954 no Brasil). Era uma empresa que auxiliava os donos de avião que era a Varig. E aí fazia de tudo, só não a manutenção do avião, do combustível da aeronave. A gente trabalhou, a gente

conheceu o avião, por fora, por dentro, fui até na cabine do comando do avião, mas não viajei não porque não tinha negócio nenhum pra fazer fora, e era apertado pra gastar o dinheiro da passagem (apesar de terem desconto de 50%). É um serviço que gostei de trabalhar no aeroporto porque era um lugar alegre, esperto, porque gente mole não dá pra trabalhar no aeroporto. Pode ser analfabeto que nem eu, mas tem que ser agito, rápido. E o medo de antigamente ficou pra trás. A gente descobriu que era um medo à toa.

Rubens: Nessas andanças, a preocupação com doenças sempre é grande, não é? Vocês continuaram, por exemplo, usando plantas do mato, como lá em Bonfinópolis?

(A gente usava) capim santo, erva cidreira de rama. Sete dores, boldo, arruda. Por exemplo, o povo esqueceu muito das coisas do mato, quando a mulher ganhava nenê, ficava de resguardo. O primeiro remédio era arruda, arruda do campo, que aqui eu nunca vi. Mas aqui não tem, e se é que tem, nunca vi. Não sei se a gente fica (muito) fiado no médico e não vai ao barranco caçar arruda. Mas eu nunca vi.

(Na nova chácara onde moram) Nós já compramos muda de laranja, muda de mexerica, muda de tamarino. Ainda não compramos, mas tem que comprar, muda de jatobá. Essas coisas servem pra uma mata ciliar e para remédio. Mata ciliar é uma reserva ecológica, uma mata que a gente cria pra meio ambiente, pra preservação da vida humana. Muda de jatobá, muda de baru, tamboril, imburana, jenipapo, tudo isso a gente está querendo comprar ou ganhar do governo. Por exemplo, jatobá, ele dá a fruta que o bicho do mato come e a gente come também e faz bolo. Nunca fiz, mas já vi gente que faz, e a casca do pau é boa pra remédio. Muita gente, os curadores lá, nós do mato (usam)... Nós queremos, o que for de a gente usar num remédio, vamos usar. E vamos usar também como meio ambiente. A chácara é pelada de árvore, e nós queremos reflorestar um pedaço, fazer um brejozinho, plantar imbaúba, plantar buriti, plantar pra criar uma reserva pra nós tudo, pra quem viver por aí, quem vier visitar nós.

Rubens: E os jovens estão seguindo este costume?

Mudou a cultura. Agora, a cultura é a medicina. Pra remédio do mato não tem mais essa cultura. Quando a gente está no mato, é o único recurso. É trabalhar e procurar os remédios, fazer e tomar. Na cidade, não. Vai atrás do que está pronto. Há uma preguiça danada também de trabalhar. A gente passa a vida toda ensinando, mostrando. Isso aqui é isso, isso é para aquilo, vamos fazer desse jeito pra esse motivo, mas os meninos, os jovens,

arranjaram uma liberdade que eles não têm obrigação de ouvir e aprender o que a gente diz. Não sei por quê. Eu acho que não é certo, mas é o que acontece. E a vida da gente idoso vive aquilo, fazendo e falando daquilo. Essa outra cultura moderna, a gente não aprendeu e nem vai aprender. Muda pouca coisa, algumas coisinhas que muda. Agora, o jovem não tem tempo de ocupar com essa cultura antiga, porque tem a nova.

As pessoas mais pobres, mais sem cultura, sem condição, ficaram refém dessa situação. Deixou um pouco de acreditar no remédio do mato ou não têm eles aqui. A gente veio procurando a saúde na cidade e no médico. Mas a saúde pública é muito difícil de a gente poder participar. Mas a gente procura o médico e não encontra. É uma fila muito grande. Dá até pra morrer sem chegar no médico. Sem dúvida nenhuma que a medicina é uma coisa boa, especial. Eu queria falar pras autoridades do Brasil, mais de Brasília, pra facilitar mais o contato com médico. Porque já que nós estamos num lugar que vai evoluindo, nós ficamos enfiados na evolução.

Maria José Ferreira Oliveira



“Os mesmo pés que eu ia pra roça trabalhar eu ia pra festa dançar, não tinha sapato. Quando a gente não tem saída a gente agüenta”.

Foto 11 – Autor: Rubens de M. Silva, 2007.

Meu nome é Maria José e tenho 66 anos de idade. Sou casada há 46 anos. Estou para inteirar 50 anos de casada. Eu e meu irmão Manelim casamos no mesmo dia. E a história é essa mesma, praticamente a história que eles já contaram, só com detalhes diferentes lá nessa cidade que todos eles já falaram, Bonfinópolis. Eu também sou de lá, também da região rural de Bonfinópolis. E aí a gente morava lá, só que era na roça.

E aí, meu pai era Bernardo e Martiniana. Eles só tiveram dois filhos, eu e Manelim. Tenho muita honra de meu irmão que é de coração. Meu pai e minha mãe, que há pouco tempo faleceram, meu pai faz poucos meses. E toda vida nunca a gente nunca se separou e graças a não ter dinheiro. Ninguém tinha dinheiro. Quando se tem dinheiro os filhos saem e os pais ficam cuidando da fazenda e tal. Como meu pai não tinha dinheiro e não tinha fazenda... Aí, quando a gente saiu, casou, ele já saiu acompanhando até que morreu. A gente não aprendeu a viver separado, graças a Deus. Toda vida vivemos juntos. As fazendas eram as mesmas, eram da minha cunhada (Maria das Dores), do pai da minha cunhada e morava todo mundo junto.

Eu nunca tinha dinheiro, nunca. A nossa família, principalmente a do Manelim do meu pai e de minha mãe eram sem dinheiro. O meu pai trabalhava nas roças das pessoas para conseguir comida e não tinha dinheiro. Trabalhava na casa do compadre, levava aquela coisa que precisava. Se tinha arroz, levava arroz. Se tinha rapadura, levava rapadura. Então não

tinha dinheiro, ninguém conhecia dinheiro. Minha mãe era costureira, mas o trabalho que ela fazia ela recebia assim também. Um pedaço de tocinho, um quilo de tocinho, e por aí a vida continuava.

E já tarde que a gente foi ver o primeiro dinheiro da vida. Eu custei a conhecer dinheiro. Ouvia falar, mas não conhecia. Era muito distante entre a gente e o dinheiro. A gente até parece que nem precisava de dinheiro. Porque tudo que a gente precisava a gente conseguia fora do dinheiro. Não sabia de dinheiro. E acho que isso até me ajudou muito. (muito riso) Fez eu entender que dá pra viver sem dinheiro. Só não dá pra viver sem comer, não é? Mas sem dinheiro dá, foi como eu aprendi.

Eu me lembro que eu vivi foi trabalhando, trabalhando na roça dos outros pra ajudar meu pai e mais a minha mãe. E se eu quisesse comprar um vestido, porque sapato a gente não tinha. Os mesmo pés que eu ia pra roça trabalhar eu ia pra festa dançar, não tinha sapato. Mas aí eu fui um dia trabalhar na roça de um homem filho de um fazendeiro da região. Era pelo menos o que tinha alguma coisa pra dar pra gente ter um pedaço de pano da cidade, essa mesma cidade que ele já contou. E eu fui trabalhar na roça desse homem e ele era bastante ruim pra tratar a gente no trabalho. Ajuntava a comunidade inteirinha para trabalhar na sua roça, era grande a roça.

Mas ele não tratava muito bem e eu acho que um pouquinho radical, um dia reclamei. Não reclamei de forma feia não, mas falei que estava precisando tratar melhor a gente no trabalho. Eu estava com fome. Eu estava trabalhando muito e com fome. E ele não gostou. E aí foi na casa do pai dele e arranjou lá uma carne de gado e trouxe pra tratar das pessoas mais ou menos, depois dessa chamada de atenção. Só que quando ele fez a comida todo mundo ficou com pressa que aparecesse a comida, que estava faltando. E quando veio a comida, ele ficou com raiva de eu ter chamado a atenção da comida. E aí ele colocou uma pá-de-vaca. Partiu a pá praticamente no meio, o senhor sabe, aquela parte espalhada. Aí ele partiu no meio. É grande, só que a carne mesmo acho que ele comeu. Mas o osso, bem grandão assim, ele colocou no meu prato e ficou sendo uma arapuca assim. E eu entrei debaixo dessa pá-de-vaca no prato de comida assim e chorei até, mas comi, precisava comer. Cacei na cabeça assim: “Meu Deus que é que eu vou fazer para eu agüentar”. Mas eu não encontrei saída, pois ali era o meu trabalho e aí comi, comi, graças a Deus. Fui pra roça trabalhar, pois eu não tinha outra saída. Então, quando a gente não tem saída a gente agüenta.

Mas aí continua a vida, isso quando eu era solteira ainda. Depois que eu me casei e foi com estas dificuldades que meu esposo estava falando aí, fomos morar num lugar assim que não tinha o mínimo de recurso. A gente nem tinha medo de bicho porque vivia misturado com

eles. Só não encarava onça. Mas os outros bichos a gente disputava os pés de jabuticaba junto com os macacos ou aquele que tivesse chegando primeiro tinha que desocupar pro outro. A vida foi feita assim, e graças a Deus, a gente tirou todo esse tempo. A região era tudo do mesmo jeito. Uns tinham mais, outros menos. Eu era dos que tinham menos. Mas, no entanto, não tinha tristeza nenhuma.

Graças a Deus fui extrovertida, dinheiro jamais fez falta pra mim ter paz e alegria, graças a Deus. Eu gostava muito de cantar, gosto, eu mais o meu irmão Manelim. Sempre gostava muito de cantar. A minha mãe gostava muito de cantar. Às vezes, quando ela estava meio agoniada com a cabeça quente, ela falava pra mim mais Manelim: “Maria, canta essa música pra mim”. E eu: “Mas agora, mãe?” Ela: “É, canta”. A gente cantava sempre. Sempre vivemos juntos, sempre viveu pronta pra fazer o que os pais mandavam a gente fazer.

Tinha aquelas coisas que era da comunidade, toda tradição da comunidade, que era rezar ladainha. Uma pessoa ia fazer a festa chamava as pessoas, tratava de ladainha, chegava lá rezava nos pés do santo, assim aí cantava Folia de Reis, fazia novena pra chover que a fé mandava a gente fazer isso e manda. Hoje parece que não vale quase, mas pra gente valeu. Quando não chovia, lá naquele sertão, que não tinha chuva, a gente pra comer tinha que plantar e colher. Se não chovia, a gente não tinha nada, então fazia novena pra Senhora da Abadia, fazia novena pro santo, botava pedra no pé da cruz.

Cada comunidade tinha aquela cruz lá que era símbolo da fé. Então quando não estava chovendo as pessoas ajuntavam um grupo de pessoas, apanhava pedras e botava no pé daquele cruzeiro. Apanhava água lá no córrego e aguava aquelas pedras lá pra chamar chuva. E isso valia, senão a gente não estava aqui já quase com setenta anos tendo estas histórias pra contar. A gente vivia mais de fé, não era de recurso. Esse recurso que a gente agradece muito, todos os recursos que teve, que esse é o principal recurso que a gente teve. Foi fé, e graças a Deus. Vive de fé até hoje, mas a fé hoje é menos do que era antes. Não sei, mas quando aparece recurso as pessoas maneram a fé. Mas a gente viveu muito de fé. Vive, graças a Deus.

Rubens: Quando e como começou a história de Brasília para vocês?

As primeiras vezes que eu comecei a ouvir falar de Brasília eu tinha muito medo. Mas só que eu achava que tinha que vir era todo mundo, a família toda, porque se viesse de um em um eu pensava que acontecia o mesmo que acontecia com as pessoas que moravam aqui. Aí que as pessoas matavam. Eu ouvia essa fama, que matava muita gente, só não matava pessoas

mais pobres que não tinha recurso, que não era nosso caso. A gente ouvia falar de longe que era assim. Então a gente tinha muito medo de vir pra cá.

Aí quando começou a falar que é pra gente vir pra Brasília aí eu até que admitia porque eu nunca fui contra uma idéia que meu esposo colocasse na cabeça. Sempre eu tive facilidade de acreditar na idéia dele. Sempre tinha esperança que era mudar pra melhor. Mas com o tempo a gente foi descobrindo que não era tanto assim. Foi mudando.

Acho que eles foram descobrindo que aqueles que podiam fazer parte da capital era pouco para fazer o serviço que tinha que ser feito aqui. Então precisava de gente simples como a gente. E aí foi o motivo que a gente foi aprendendo a espantar o medo e veio pra cá e graças a Deus nunca aconteceu nada de mal com a gente. Tem muita coisa perigosa, mas tem muito mais coisas boas do que as ruins.

Aí, vamos lá na história da família. Depois que a gente casou, mudamos pra cá, pra Brasília, o que eles estavam falando aí. Mudamos pra Fundação Zoobotânica onde os primeiros moradores de Brasília vieram pra cá. Meu esposo trabalhava no SLU (Serviço de Limpeza Urbana), um sofrimento horroroso. Muito sofrimento mesmo. E muito pobre, muito pobre. Eu me lembro que ele apanhava parafuso lá no mato. Nem parafuso nem prego tinha. Quando ele veio pra cá apanhava parafuso pra botar no bolso e levar pra casa. Aí tinha um que disse: “Eu quero ver esse miserável apanhar esses parafusos dessa cidade toda”. Ele já era acostumado a ir na cidade e sabia que não tinha sentido porque tinha muito parafuso pra ser catado. Mas ele (seu esposo) dava valor a isso e a pessoa começou a chatear.

Essa mesma pessoa quando foi para nós comprar o primeiro barraco que nós compramos no chamado Guarazinho, a gente tinha uma parte do dinheiro, e estava faltando dinheiro pra inteirar pra comprar esse barraco e eu fui nesse senhor que é justamente esse aí, que chateou pelos parafusos. E eu pedi um dinheiro emprestado até que eu recebesse pra pagar. E ele não queria emprestar o dinheiro porque ele queria comprar esse mesmo barraco que a gente ia comprar. Então ele não queria emprestar o dinheiro. Mas eu insisti porque eu precisava. Era muito menino, os dele, os nossos, tudo pro mesmo barraco. Aí fui e pedi. Ele tirou dinheiro, mas jogou no chão. E eu catei, catei, chorei, mas nós compramos o barraco. No dia em que ele (André) recebeu, pagou, e pra mim a vinda pra Brasília foi muito importante.

Nós temos 32 anos de Brasília. O meu menino caçula já nasceu aqui em Brasília. E foi muito importante, não porque a gente tenha muita coisa, mas aprendeu a viver. A gente sabia morar na roça, veio pra cá, não estudou, mas aprendeu a viver sem estudar. Devia ter estudado, mas não estudamos. Mas até isso é uma forma de ajuda que a gente tem. A gente

descobriu também que é possível a gente viver sem dinheiro e sem estudar porque a vida enquadra a gente e a gente encontra uma saída, que é através disso aí que você vive.

Quando a gente veio pra cá e estava muito difícil a gente trabalhar, difícil de ganhar dinheiro. Era muita gente e pouco dinheiro. Aí a gente já conhecia dinheiro. Mensalmente tinha aquele dinheiro. E aí a gente falou: “Eu vou trabalhar. Outras pessoas trabalham, eu vou trabalhar também”. Aí, a convite de uma pessoa, eu fui procurar um lugar pra trabalhar aqui em Brasília. Fui trabalhar numa mansão do Lago. Eu fui trabalhar. Disse assim: “Hoje, sim, eu estou do tamanho do outros de Brasília”.

Quando eu cheguei em Brasília eu pensei que ia dar conta de trabalhar igual às pessoas de Brasília. Eu fui trabalhar com outra mulher que me convidou. Aí cheguei lá, me ensinou o que era pra fazer. E me deu uma enceradeira que ia no corredor até lá longe. Aí ligou na tomada. Eu também não conhecia praticamente nada, mas aí quando eu peguei e tomei conta daquela enceradeira, ligada lá e fazendo o barulho que todo mundo fazia, aí eu disse: “Agora eu estou com tudo e não estou prosa”. Só que rompi num corredor muito comprido, uma mansão daquelas, e aí arrancou a tomada, arrancou lá da parede, e com isso calou a boca. A enceradeira calou a boca, e eu deixava do jeito que ela estava ligada. “Ai, meu Deus, já deu um problema”. Deixei ela ligada e fui lá na tomada e liguei ela com ela ligada. (muito riso) Ela endoidou no rumo do corredor e fiquei sem saber aonde é que eu ia. Se ia na enceradeira ou se ia na tomada.

Mas aí, com essa eu voltei pra casa e dei conta de viver do jeito que estava lá em casa. Não tinha muito dinheiro lá em casa, mas pra aprender a fazer desse jeito não deu. Ficou bom porque aprendi que com o que eu tinha dava pra viver. Com essa, outro dia eu podia pegar mais prática. E podia ir trabalhar, mas não fui. Tinha as crianças pra cuidar. Aí eu não fui trabalhar. Não trabalhei mais na casa de ninguém. Toda vida trabalhei, desde quando vim da roça pra cá, foi em casa mesmo cuidando das crianças, do pai, da minha mãe, do meu esposo. Mas Bonfim para mim foi muito importante.

Um tempo, antes a gente morava cá e eles (Manelim e Maria das Dores) moravam lá (Unaí). Aí a gente arranjava essas coisas que era de muito valor lá, as roupas, eles usavam não servia para eles, pra gente estava de primeira. Então a gente arranjava e eles estavam lá com necessidade também. A gente arrumava roupa, sapato, tudo que a gente arrumava por aqui que era de valor, que podia usar. A gente mandava pra eles. A gente ficou aqui uns 4 ou 5 anos, e mudamos para Minas Gerais de novo. Aí eles ficaram cá no lugar, e aí eram eles que arrumavam roupa e sapato e mandava pra gente lá. Foi uma troca de solidariedade. Acho que tudo isso é experiência para a vida. E gente dá muito valor a este tipo de coisa.

Rubens: Depois que chegaram em Brasília, continuaram a usar plantas nos cuidados da saúde?

A gente fazia aquele chá que a gente tinha certeza que era bom. A gente continua acreditando, mas não pode dar um chá por conta própria. Se o mal acrescentar e aí for pro médico, aí esse médico vai precisar saber que remédio a gente deu. Tem que mostrar a planta e mostrar tudo. Mas enquanto não levar no médico a gente não tem coragem de dar chá porque os médicos, abaixo de Deus, estão em primeiro lugar. Estando perto do médico, o médico é responsável pela saúde. O médico, pra mim, merece nosso respeito. Não que ele substitua toda fé no remédio que a gente tem. O médico não substitui tudo não. Pra ir ao médico tem que ter dinheiro. Não é tão fácil chegar no médico, como é fácil chegar num cozimento que a gente tem certeza que faz bem para aquela doença. A gente não sabe a dose certa e o médico pode condenar a gente pela qualidade e pela quantidade. O médico tem o lugar dele. Merece respeito, sem dúvida, mas quando está longe dele a gente usa a força que tem. (Lá em Bonfim) Benzimento valia. Eu acho até que o médico combateu um pouco a fé. Deus continua sendo em primeiro lugar. Lá (em Bonfinópolis) era (Deus) antes de mais nada.

Por gosto (não por doença), a gente toma um chá de erva-cidreira. Nesses dias mesmo eu estava meio pensativa vindo pra cá (chácara). Tem dia que a gente toma um copo de água de açúcar pra poder dar vontade de dormir. Ou faço um chazinho de erva cidreira de capim pra combater a insônia. Alecrim quase que vim ver aqui em Brasília. Lá tinha outro alecrim, o alecrim do campo que a gente misturava com outras plantas, São Gonçalo, limão. Limão era remédio lá e continua sendo aqui. O São Gonçalo a gente conhecia lá e conhece aqui. É coisa que a gente não perdeu ainda. Tem o assa-peixe, mas aquele que é da fé da gente, assa-peixe branco. Esse encontra aqui. Lá a gente usava e aqui a gente conhece. Não usa porque não tem mais criança. Em casa não precisa desse tipo de remédio. Eu comprei até coisas que não precisa comprar, porque agora estou na chácara (há poucos dias) e aqui tem, como canelinha de perdiz. A gente põe em garrafada a pinga, não sei se é pra não beber a pinga branca (risos).

Do meu lado, (os filhos) conhecem pouco e não usam nada. Praticamente, a fé no remédio já mudou, já foi criado na cidade, sem essas necessidades que a gente sofria lá na roça, e já não sofre mais. Dificilmente eles usam esses tipos de remédios. (Talvez) conhece pouco e tem medo de usar. A gente usava porque tinha necessidade e não tinha medo.

Mas eu acho que é a evolução mesmo. Não é só na área dos remédios. É na área de tudo quanto é sistema da vida, do namoro, de tudo quanto é forma de vida. A evolução vai aparecendo e as pessoas vão deixando aquilo que era antes. Só tomara não esquece é Deus.

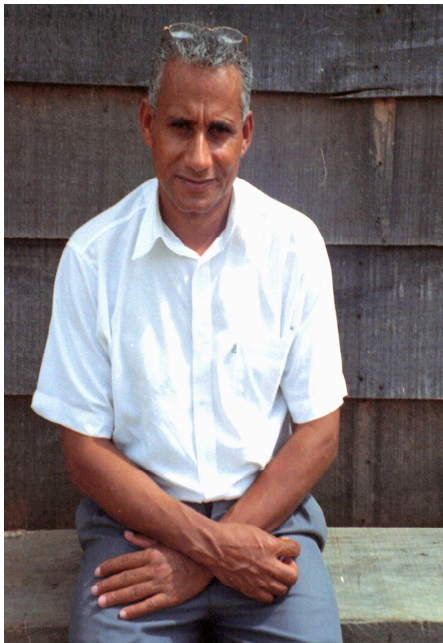
Mas as outras coisas vão ficando tudo pra trás e as pessoas vão procurando coisas novas pra frente. E tomara que descubram mesmo coisa boa pra valer, que continua vida.

Dona Maria conta uma piada:

Quando falou de cobra, a mulher foi mordida de cobra e deu muito trabalho, aí eu lembrei de uma história que é piada. Disse que tinha dois compadres e iam para uma festa. Cada um ia com um embornal. Embornal é igual uma bolsa de hoje, pendurada aqui assim, e aí lá vão os dois. Aí um falou assim: “Uai, compadre que você vai levando nessa”. Ah, eles iam era pra roça. “Que é que vai levando nesse embornal?” “Eu vou levando uma pinga, porque acaso uma cobra pode morder a gente, aí vou levando uma pinga pra combater. É a valia”. “E você, nessa daí?”. Ele disse: “Eu vou levando uma cobra, porque pode ser que não tenha a cobra pra morder e a gente não bebe a pinga (muito riso).

Outra coisa que a gente - vou agradecer - estou admirando até é esse valor que o senhor que tem muita sabedoria, e que não precisa de coisas assim, vir valorizar nossa cultura, nossas formas de falar. Eu nunca estudei, não sei conversar, sei falar do jeito que sei falar, do jeito que aprendi. Devia ter aprendido o tempo estudando, não estudei, a gente fala de qualquer maneira. E o senhor arranjou tempo pra vir apreciar nossa forma de conversar nessa cultura que a gente sabe falar e conta caso dela. A gente fica agradecida por isso. É uma honra ter o senhor perto pra valorizar pra gente esse tipo de coisa.

José Amado Luiz Brandão



“No tempo que meu pai contava era na base do berimbau, porque nossos antecedentes dizem que eram baianos. Dizem que meu bisavô era baiano. Veio procurando melhora, por causa da seca lá na Bahia. Falavam muito da seca. Plantavam e perdiam planta. Passavam muita necessidade de alimentação. Muita gente saía pra procurar melhora. Meu bisavô foi uma dessas pessoas”.

Foto 12 – Autora: Elizabeth A.Oda, 2007.

Eu me chamo José Amado, tenho 48 anos, e sou também da cidade de Bonfinópolis, do município. A localidade onde a gente morava chamava Volta. Venho de família de dez irmãos, como minha esposa disse, e, de todos, só um nasceu na cidade com médico. Os outros na roça, na casa da gente, com parteiras. Tinha aquela expectativa de conhecer Brasília, tinha muita vontade e aí meu tio Manuel já morava em Brasília, me deu aquela força. Mas quando terminou o tempo voltei para o interior de Minas. Casei aos 25, morei lá três anos e voltei pra Brasília de novo, eu e minha esposa, com sérios problemas de saúde. Médico lá era muito difícil e decidimos vir pra Brasília em 87 até hoje, sete anos no Guará, depois pra São Sebastião, onde estamos até hoje. São Sebastião tinha muita dificuldade, mais do que é hoje, a cidade quase não tinha estrutura, a energia ainda era gambiarra.

A vida com meus pais era assim. Desde os 7 anos a gente ia pra roça com meu pai. Trabalhava até almoço que era às 9 horas e voltava porque já estava tarde. Aí assistia aula na minha casa mesmo, porque minha mãe era professora, estudava até as três horas da tarde. Depois ia de novo pra roça e trabalhava até escurecer, não tinha horário determinado, até enxergasse estava por ali. Aí vinha da roça, trazendo lenha no ombro. O fogão era à lenha. A

gente trazia também verdura, abóbora, essas coisas. Diversão, às vezes a gente no domingo jogava uma bola, ou também tinha as festinhas que a gente chamava de pagode. Por acaso tinha pagode. E a gente ia. No meu tempo o pagode já era mais evoluído, já que tinha sanfona. No tempo que meu pai contava era na base do berimbau, que era um instrumento que eles também fabricavam. Pode ser (que trouxeram berimbau da Bahia), porque nossos antecedentes dizem que eram baianos. Podem ter trazido de lá mesmo. Dizem que meu bisavô era baiano. Veio procurando melhora, por causa da seca lá na Bahia, e aí chegaram neste norte de Minas, já é mais Noroeste. Falavam muito da seca. Contavam que lá plantavam e perdiam a planta. Passavam muita necessidade de alimentação. Muita gente saía pra procurar melhora. Meu bisavô foi uma dessas pessoas.

E na nossa região também tinha as devoções. Quase toda família tinha sua devoção com um santo. No dia daquele santo reunia os vizinhos, os familiares... Meus pais tinham festa para Senhora da Abadia. Meus avós maternos era Senhora da Conceição. Os avós paternos eram de Menino Deus. Cada família tinha sua devoção. Reunia, dava almoço, rezava ladainha ao meio dia, depois tinha café, biscoito doce. Foi assim a vida da gente. Cidade a gente ia por acaso, difícil. Até roupa era feita em casa, plantava. A avó e a mãe preparavam, fiavam, faziam linha, teciam, costuravam, tudo em casa. Neste tempo, por acaso, passava um viajante vendendo alguma coisa. Mas dinheiro era muito difícil. O pessoal quase não comprava. Sobrevivia mais do que produzia.

Fui conhecer cidade eu já tinha meus doze anos e foi na época que vim pra cidade de Unaí pra fazer 4ª série. Até então a escola que tive foi lá na roça, com minha mãe que era professora. Fiquei lá até 18 anos, trabalhando na roça com meus (parentes) e aos 18 vim pra Brasília pra tirar tempo no exército. Tinha aquela expectativa de conhecer Brasília, tinha muita vontade e aí meu tio Manuel já morava em Brasília, me deu aquela força. Mas quando terminou o tempo voltei para o interior de Minas. Casei aos 25, morei lá três anos e voltei pra Brasília de novo, devido a problema de saúde, eu e minha esposa, com sérios problemas de saúde. Médico lá era muito difícil e decidimos vir pra Brasília em 87 até hoje.

(A gente) Não fazia (viagens). Fazia mais viagem era mais pra São Romão com carro de boi, cavalo. Eu mesmo não cheguei a ir. Era só de meus pais contar. Era viagem longa, sofrida, onde recursava coisas que não podia produzir, por exemplo, o sal, buscava em São Romão ou Paracatu. Mas não alcancei mais este tempo. Tempo de eu criança ainda iam, mas eu mesmo não cheguei a ir.

Era uma vida sofrida, mas alegre. Hoje a gente vê falar, ou às vezes sofre problema de depressão. Naquele tempo parece que não tinha. O pessoal sofria muito ali naquela vida ali,

mas era um pessoal alegre. Às vezes tinha assim alguma discussão entre irmãos, mas era pouca coisa. Depois estava todo mundo satisfeito, estava alegre.

Rubens: O que vocês ouviam falar de Brasília, lá em Bonfinópolis?

A gente ouvia falar de Brasília através do rádio, tinha vontade de conhecer Brasília. No rádio, ouvia também falar por pessoas comuns que era muito perigoso, muito ladrão. Mas eu não acreditava muito nessa versão. Tinha vontade de conhecer. Quando foi em 79 tive a oportunidade de vir pela primeira vez, gostei muito, só que não deu para ficar. Foi quando tirei o tempo no exército. Quando terminou eu voltei de novo para o interior de Minas, pra minha terra. E voltei em 87, depois de casado. Dessa vez eu vim mais pela precisão. Sinceramente eu não estava com vontade de vir para morar. Mas devido à necessidade, problemas de saúde, a gente teve que vir. Mas graças a Deus a gente chegou eu consegui arrumar emprego logo. Passamos dificuldade, porque no início não ganhava bem, pagando aluguel, mas graças a Deus, depois de um tempo a gente conseguiu a moradia própria. E hoje eu sinto assim muito feliz de estar em Brasília. Sinto muita saudade de minha terra. Confesso que dá vontade de voltar pra lá pra morar. Mas a gente analisa assim e vê que está melhor aqui pra viver.

São Sebastião é uma cidade boa, onde consegui comprar meu imóvel, mas uma cidade que tem muito para ser uma das melhores do DF. Falta umas coisas na parte de infraestrutura, e também na parte da saúde que deixa desejar, precisamos de hospital. Mas de modo geral é um lugar muito bom.

Adnélia Ferreira de Aquino



“Minha avó contava pra gente que no tempo dos mais velhos tinha um cupim lá (Lages, onde apareceu a imagem de Santo Antônio). E que pegaram a imagem e levaram pra casa. Só que a imagem apareceu lá de novo sem ninguém levar. Por isso eles construíram a igreja lá e começaram os festejos”.

Foto 13 – Autora: Elizabeth A.Oda, 2007.

Eu me chamo Adnélia Ferreira de Aquino e tenho 41 anos. Meus pais são José Pereira de Aquino e Maria Luiza Brandão. Nasci em Bonfinópolis em 6 de novembro de 65, na fazenda Boa Esperança. Era um espólio grande e tinha muitas outras pessoas. Não era dividida. Um terreno grande, tudo parente. Estudei na roça até terceira série. Vim para Unaí e fiquei um ano, voltei. Aos 18 anos casei. Mudei mais perto de lá por três anos e fomos para Unaí onde a gente não ficou nem um mês. Depois viemos pra Brasília, no Guará, de 87 a 95, depois viemos pra São Sebastião onde estamos até hoje.

Minha mãe teve 14 filhos. Um morreu pequeno. Até hoje somos 13. Nascia lá mesmo. Só as duas últimas que nasceram lá em Bonfinópolis. Mas as outras foram todas lá na roça, com as parteiras ajudando. Minha avó e meu pai eram parteiros. Entrava todo mundo pra dentro do quarto. Pra nós era segredo. Várias parteiras para vários filhos. A primeira que cuidou dela foi a minha tia, chamada Paula, que cuidou dela, dos dois primeiros. Depois foi a Tibúrcia que ajudou ela mais tempo. A maioria dos filhos de minha mãe foi ela que ajudou. Depois a Teodora, depois veio a tia dele e teve uma outra senhora também, a Dona Maria Borges que ajudou uma época. Foram várias. Tudo normal, com remédios lá da roça mesmo. A gente era pequena, mas lembra. As mulheres fazendo os banhos. Não ficava sem pinga nessa ocasião de jeito nenhum. Botava pinga num prato, colocava o alho, punha fogo, aí

queimava um pouco e eu acho que elas tomavam. Era antes, mas já no trabalho do parto. Era a mãe. Eles davam pinga pra ela. Creio que era pra dar mais coragem.

Lembro a maneira como fomos criados, trabalhando na roça. Quase tudo era retirado de lá mesmo. Não comprava quase nada, farinha a gente fazia. A gente não mexia com açúcar, era rapadura e moía. Verdura era só mandioca, abóbora, quiabo, jiló, essas coisas assim. Não ouvia falar nesse negócio de beterraba, cenoura, essas verduras que pra lá a gente não conhecia. Fomos criados na roça, capinava, plantava pra poder comprar roupa, porque não tinha outro meio de arrumar dinheiro. E casei nova, com 18 anos. Mas estes 18 anos foram pra mim, parece, muito mais.

Meu bisavô também é baiano e ele veio correndo da fome. Eu lembro ainda de meu bisavô. Ele morreu com quase noventa anos. Eles comiam raiz de pau... Comiam raiz de embiruçu porque não tinham outra coisa pra comer.

(Lá) A vizinhança, todo mundo era parente, a escola onde a gente brincava muito. Ficava mais próximo dos amigos, tinha mais menino pra brincar. A gente brincava de gangorra, de esconder. A gente brincava de bola, mas não tinha bola, era lobeira, uma fruta que dá no Cerrado. Não é (uma fruta) leve não. Somente rola no chão. É uma bola pequena. Tirando da brincadeira de escola era a casa de minha avó que a gente mais freqüentava.

(A vida com meus avós) Era bom demais, tinha muita fruta. E eram só eles dois porque minha mãe era filha única. Eles tratavam a gente assim com carinho tão grande. Era bom demais. Lá era um lugar assim que a gente mais gostava, depois de minha casa. Na casa de minha avó havia escola, brincadeiras, brincava de boneca. Não tinha as bonecas. A gente brincava com boneca de sabugo de milho. Depois fomos ficando mais moderno, vieram as bonequinhas de pano e não tinha brinquedo nenhum assim que comprasse como tem hoje no comércio. Não tinha nada. Só coisa que a gente inventava lá mesmo. A gente que fazia. Fazia as barraquinhas, cozinha, cozinhadinhos, essas coisas assim.

Minha avó era muito boa de cozinha, inventava. Na época não tinha esse negócio de receita, mas ela inventava de idéia dela e fazia biscoito diferente, doce diferente, comida diferente. Lá na vizinhança só ela sabia inventar remédio. Ela ia pro cerrado e arrancava aquela raizada, tinha nome pra cada remédio. Aí, o pessoal lá, os vizinhos mais próximos quando ficava doente já iam buscar o remédio, pra ver o que é que precisavam pra melhorar.

Minha avó Zulmira contava pra gente que - eu não sei direito a época - que andava assim um pessoal que eles falavam *revolta*. Chegava nas casas e corria com os pessoal das casas, tomava as coisas e judiava com o pessoal tal e tal. Aí ela conta pra gente que nessa

época estava andando já próximo da casa dos pais dela que eles foram todo mundo pro mato, assim levou comida, as camas, tudo. Ficou no mato um bom tempo escondendo desse pessoal, só podia fazer comida à noite pra não fazer movimento, aí fazia o que dava pro dia. Aí só que, graças a Deus, na casa dela não chegou de passar, mas na vizinhança por lá passaram.

Não sei informar (de onde era esse povo). Ela até conta, ela é devota de São Sebastião. Foi uma promessa que ela fez a São Sebastião que se esse pessoal não conseguisse chegar até a casa deles que ela ia rezar a ladainha de São Sebastião todo ano no mês de Janeiro. E até hoje a gente reza. Era a mãe dela, depois ela, agora minha mãe. A gente sai daqui e vai pra lá e faz a ladainha. Foi no tempo da infância da minha avó. A gente lembra, a gente sempre lembra e comenta. Dia 20 de Janeiro a gente lembra desde o início os nove dias a gente comenta que não pode parar. É uma tradição antiga. Minha avó contava pra gente que no tempo dos mais velhos tinha um cupim lá (Lages) no lugar onde é a igreja e que apareceu a imagem de Santo Antônio lá e que pegaram a imagem e levaram pra casa. Só que a imagem apareceu lá de novo sem ninguém levar. Por isso eles construíram a igreja lá e começaram os festejos.

Eu tinha muito medo de Brasília. Diziam que era perigoso, tinha muito assalto, muito acidente, que nos hospitais os médicos faziam era matar mais depressa. Acidente automobilístico, trânsito perigoso, inclusive uns que vieram lá morreram atropelados... Tinha pavor de Brasília. Eu vim forçada, eu vim sem querer.

Médico lá na região na época a gente nem ouvia falar. Lá não passava médico. A gente nem via falar de médico. Era só em Paracatu, em Unaí, de a cavalo gastava uns cinco dias.

Alda da Cruz Oliveira



“Quando eu tinha dez anos, o dono da fazenda vendeu pra outro. Aí ele começou a pressionar pra pagar arrenda. Não podia fazer mais roça. Foi quando meu pai resolveu sair. Como tinha sido ele que foi pedir pro fazendeiro pra morar lá, ele também resolveu sair e chamou os outros. Mas a mentalidade era outra e os outros não quiseram sair. Até que meu tio foi assassinado. Depois disso saiu todo mundo de lá e a gente está por aí”.

Foto 14 – Autor: Rubens de M. Silva, 2007.

Sou Alda da Cruz Oliveira, tenho 45 anos, sou sobrinha do Seu Manelim. Meu pai chama André e minha mãe chama Maria José. Nasci em Bonfinópolis numa fazenda que pertence a Bonfinópolis de Minas Gerais. E vivi lá até os 10 anos, na fazenda Riacho dos Cavalos. Fiz até 4ª série lá, com minha prima Janine, que por sinal era e é uma ótima professora, daquelas coisas de português de *m* antes de *p* e *b*. Eu nunca esqueci que hoje tem uma certa dificuldade para as pessoas saberem o básico da escola e isto eu aprendi e continuo sabendo e muito bem, ela ensinou.

A gente ficava no reduto da família. Tinha vários tios, irmãos do meu pai, que viviam lá também e trabalhavam na lavoura. Era muito rígido, falavam aquelas coisas que a gente achava duro demais, mas que era pro bem. Estudei na quarta série, depois meu pai querendo sair, querendo melhora para a família mudou pra Unaí. A gente veio, eu tenho cinco irmãos, todos mais jovens que eu. Eu não estou velha (risos).

Bonfinópolis, lá na fazenda que eu morava eu sei que era um lugar muito acidentado, que tinha muitas serras, muitas grotas, rios pequenos, mas que dava pra aprender nadar. Eu não aprendi de jeito nenhum. Eu não nado nem em bacia, mas era bom. Meu tio Lucas que é irmão de meu pai era aquela pessoa que servia pra dar conselho pra gente. A gente ia pra escola, ia rezar, lá na fazenda de Bonfinópolis, na Fazenda Riacho dos Cavalos.

A gente não tinha televisão. A gente escutava a Rádio Aparecida, que o Padre Vitor Coelho de Almeida fazia o programa. A gente se baseava neste programa pra fazer toda a história da vida. Não tinha televisão, não tinha padre nem freira irmã de caridade. Então a gente se baseava nisso. Fazia festinha de final de ano de escolinha, aquelas coisas bem simples, mas era um lugar agradável.

Quando eu tinha cinco meses de nascida e morava noutra lugar, meu pai foi pra fazenda Riacho dos Cavalos e combinado com o fazendeiro que era o dono da terra de morar lá e trabalhar lá. Ele falou que podia trabalhar plantar e colher. Nisso meu pai ficou morando lá por dez anos. Levou todos os outros meus tios pra morar lá também e foi um tempo de fartura.

Nos dois primeiros anos foi assim muito puxado. Minha mãe tinha os meninos pequenos, eu e os outros que foram nascendo. Tinha que socar milho, pois não tinha arroz, mas tinha muita garioba, muita garioba lá, aquela comida amarga, aquele pau branco, o palmito, só que amarga, gueroba. Aí minha mãe tinha que socar milho, botava de molho, aí depois socava de novo, fazia o fubá pra fazer o angu, pra comer com a garioba porque não tinha arroz nem feijão. Isso nos dois primeiros anos de moradia, porque ainda não tinha colhido. Minha mãe e outras tias também faziam isso. E do resto, aquela canjiquinha que sobrava do milho parecia arroz. Aí comia com garioba, e assim foi vivendo. Nesses anos não tinha outras coisas, até plantar mandioca e abóbora e quiabo que eram as coisas mais rápidas e foi vivendo assim.

Quando fiz dez anos, quando a gente saiu de lá da fazenda Riacho dos Cavalos, nós ficamos em cima da serra e era o lugar de onde todas as pessoas saíam. O carro só ia até em cima dessa serra. Então meu pai levou a gente pra lá pra ficar uma noite, até esperar o caminhão chegar. Aliás, nós fomos pra sair e o caminhão não foi nesse dia. Aí tivemos que passar uma noite lá e foi inclusive quando - eu não sei se foi isso - mas quando deu a primeira crise de asma que ainda tenho problema até hoje. Tratei, fiz tratamento, acompanhamento, ambulatório, mas mesmo assim ainda me perturba um pouco. Mas a asma foi adquirida lá porque eu não tinha problema. Não sabia que tinha e nesse dia eu fiquei com uma tremura, uma febre altíssima e não tinha remédio que desse um jeito. Então, a partir daí eu comecei a ficar com crise asmática que eu tenho até hoje. Eu falo assim: “Que desgrama eu ter ficado em cima dessa serra”.

Lá não tinha nada. Lá só tinha vontade de trabalhar e sobreviver. Não tinha fogão a gás, era fogão a lenha. No início tinha muita lenha porque estava a mata todinha perto. Depois foi escasseando, fazendo roça e a lenha ficava mais longe. Mas a gente viveu tranqüilo, feliz

até quando... Eu me esqueci de falar... Quando eu tinha dez anos que o fazendeiro que era dono da fazenda vendeu pra outro. Aí ele começou a pressionar pra pagar arrenda, que não sei o que. Não podia fazer mais roça. Foi quando meu pai resolveu sair. Como tinha sido ele que foi pedir pro fazendeiro pra morar lá, ele também resolveu sair e chamou os outros. Mas a mentalidade era outra e os outros não quiseram sair. Até que por fim teve uma dificuldade, que meu tio foi assassinado. Depois disso saiu todo mundo de lá e a gente está por aí.

Quanto à vestimenta, lá no Mandiocal, que é a mesma fazenda Riacho dos Cavalos, a gente tecia o pano em tear, que a gente dizia tiar, é o nome de tear. Eu demorei demais a aprender porque tinha que fiar na roda, tinha cardar com aquela... primeiro fazia um arco tipo bodoque pra bater o algodão, um monte de algodão, batia com o arco até o algodão ficar bem fininho, depois cardava com aquelas cardas que era um retângulo cheio de dentinhos com cabelo, um pra lá outro pra cá, pra cardar o algodão e fazer aquele rolinho bem fininho e depois fiar em roda.

Mas eu tinha preguiça. Eu não queria saber disso não. Então me deu trabalho. Mas aí fazia e na hora da vestimenta a gente tecia pra fazer calça, camisa, pra usar na roça, ir pra festa com desenhos diferenciados pra ser usado na roça e pra ir pra festa. Tecia cobertas, não tinha cobertor de lã, não tinha edredom. Fazia cobertas de algodão pra aquecer no frio.

Na arte de culinária da comida, estas coisas, primeiro a gente usava trempe, um fogo feito com três pedras no chão, uma de frente pra outra e aí coloca a panela em cima e cozinha. Posteriormente foi feito aquele fogão de rabo encostado na parede, uma fornalha, só que alta do chão. Fazia os pés assim da fornalha e aí colocava a chapa pra colocar a panela e tinha um rabo atrás para colocar panela depois de cozida. Meu pai, morto de preguiça, montava em cima, pra esquentar o frio. Papai levantava muito cedo, ficava de cócoras em cima do rabo do fogão pra esquentar, depois saía pra roça.

E assim era feito e aí ia desgastando. O fogão ia soltando as terras. Aí pegava bosta de vaca bem seca e misturava com argila, bem maciinha que fica na beira do rio e rebocava o fogão e a parede. Ficava branquinho naquelas casas onde as mulheres eram bem caprichosas, ficava branquinho, dava gosto. Não era feio, não tinha cheiro depois que secava e assim a gente fazia.

As panelas eram de ferro, era comprado. Panelas de barro de lá a gente não usava não. A gente saía pra comprar as panelas de ferro fora. Tinha que sair pra cidade de Bonfinópolis ou então pra Unai ou João Pinheiro ou Paracatu, onde já era mais adiantada a cidade, lá comprava o que faltava pra levar pra lá.

Mais atrás um pouco, a gente fazia aquelas malas de pano de algodão que era feito no tear. Era assim um pano comprido costurado como duas bolsas do lado, e aí a gente enchia de um lado e botava na garupa do cavalo. Amarrava o meio da mala, e botava na traseira do cavalo para poder transportar o que faltava lá.

E mais antes disso quando ficava meses na roça, meu pai usava bruaca, a gente fala é bruaca. Agora a gente sabe que é nome de xingar mulher feia. Era feito de couro de boi que não era mole, era duro. Tirava o couro, deixava secar e depois fazia as bruacas para também poder transportar as coisas.

Eu fui até dez anos sem usar nada de sapato. Aí o que é que a gente fazia? Ia descalço. Como era criança a gente ia nos pés de bananeira e pegava aquela capa do pé de bananeira, as capotas, e cortava no tamanho dos pés e botava alça também da bananeira, uma tira de bananeira e calçava. E não tinha mais nada. Só depois de dez anos que a gente saiu de lá que veio para Unai é que passou a comprar sapato. Chamava precata, essa sandália feita de bananeira, depois de couro de boi, tipo havaiana, só que feito de couro e a gente chamava de precata e hoje chama alpercata. Couro tinha bastante.

Enquanto a gente morava em Bonfinópolis, havia festa só de devoção, festa de Nossa Senhora da Abadia. Aí uma pessoa rezava por esta ocasião. Sempre tinha biscoito, suco não, mas tinha café, leite, chá de leite, já ouviu falar? Chá de leite lá na roça era assim: cozinhava o leite com poejo ou hortelã e botava junto na panela, ou erva cidreira, cozinhava e bebia, chamava chá-de-leite.

Como já falei, a gente ia fazer festa de devoção. E aí tinha um fato interessante que a gente fazia. Era a levantada de mastro. A gente fazia a reza, comia muito biscoito, comia comida mesmo e fazia o levantado de mastro. Um pau bem grandão, compridão, que era feito rolos que é tipo vela, só que era feito de cera de abelha, cera de mel de abelha. A gente confeccionava o rolo e pregava no mastro e acendia e levantava o mastro com os rolos todos acesos que poderia ser vela. Só que é mole. E ele ficava tortinho em cima do mastro e ficava até no outro dia até acabar ou sumir. É um fato interessante relacionado a festas de igreja.

Há uma coisa legal (nas festas): um biscoito que chama Mané Pelado (risos). Coloca a mandioca pra apodrecer, bota ela de molho, aí ela fica molinha. Aí você lava e põe pra secar no sol. E depois bota no pilão e faz o fubá de cruera. Aí fazia esses biscoitos que chama Mané Pelado. Botava rapadura e ovo e enrolava na palha de bananeira e assava no fogo. Isso chama de Mané Pelado, esse nome porque é feio pra burro! (muito riso).

Rubens: Como foi o começo da vinda para Brasília?

Mas aí nós viemos para Unaí. Eu vim com dez anos. Um ano e pouco em Unaí, passamos muita dificuldade na cidade e apareceu um amigo do meu pai lá em Unaí e falou que meu pai viesse pra Brasília pra procurar emprego. Aí falou que ia oferecer um barraco, um quarto na casa dele pro meu pai ficar, deixando nós ficar morando lá em Unaí durante um tempo porque não tinha casa arrumada e foi o que aconteceu.

Meu pai veio, ficou vendendo laranja e maçã num carrinho na beira da pista com medo de Brasília, porque quando a gente ouvia falar Brasília, era um bicho-de-sete-cabeças. E aí a gente vinha e nem conhecia panela de pressão nem nada dessas coisas e aí como lá não estava dando pra viver, e tinha que procurar melhora. Meu pai veio primeiro e ele trabalhou uns tempos e conseguiu comprar um barraquinho. Ele buscou a gente e aí veio minha mãe, veio a gente, todo mundo pra cá.

Aí a gente foi aprendendo, foi estudando, ficando mais velho, dando trabalho de adolescente, mas eles souberam bem cuidar da gente muito assim duro. Mas a gente tinha que aceitar e é o certo. Porque hoje em dia se for de moleza todo mundo passa por cima. Aí estudei um pouquinho, estudei até a sétima série e parei. E nós ficamos morando aqui em Brasília uns sete anos. Aí, como meu pai gosta de mudar, não gosta de ficar parado num lugar, assim ele falou que ia voltar pra Minas Gerais pra Rural Minas, que é também município de Unaí. Fazia divisa com Bonfinópolis. Ia voltar pra lá para fazer lavoura que ele tinha ganhado uma terra do governo e gostaria de voltar pra lá neste tempo que já tinha 15 anos.

Aí nós voltamos pra lá e moramos lá sete anos. Foi quando eu conheci o meu ex-marido... Aí, com meu pai morei sete anos, depois que eu casei fiquei mais 13 anos morando lá. Tive quatro filhos, tenho ainda, que chamam Patrícia, Jussara, Tiago André e Janieli. A mais velha tem vinte e cinco anos. A Jussara tem 23. O Tiago André tem 20 e a Janieli tem 18. Por sinal sou vovó de um neto de 3 anos e outro de 1 ano e oito meses.

Aí fiquei morando em Minas Gerais por 13 anos e como meu pai já tinha voltado pra Brasília para procurar recurso, trabalhar e trazer os outros meninos, mais tarde eu voltei também pra Brasília. Já tinha as crianças e também não tinha trabalho lá nem recurso financeiro. Aí eu vim pra Brasília, vim direto da Rural Minas pra cidade de São Sebastião, que agora está completando 15 anos que estou morando em São Sebastião. Acho, tenho certeza que minha família é ótima, é como tenho conversado, toda família tem problema. A nossa é uma que tem menos problema. É que a gente procura resolver da melhor forma. Às

vezes dá uma choradinha, né? É isso tudo normal, mas depois dá tudo certo e assim vamos indo.

Agora, como já disse está fazendo 15 anos que moramos aqui e daqui pra frente eu quero melhorar, já me separei, mas meus filhos já estão todos adultos, já são quase todos casados, dois são casados, mas meu papel de mãe nunca deixei. Tenho obrigação com os filhos. Mesmo com meu ex-marido, eu não gostaria de que acontecesse nada de ruim, não tem motivo para acontecer nada de ruim. Torço pela felicidade dele.

Quando a gente ouvia falar de Brasília era um medo só. A gente achava que Brasília só tinha maloqueiro e não sei, que ia matar, não sei o que. A gente não tinha nenhum contato com aviões. E que a gente ficava com medo de vir pra cá com medo de não saber lidar com as coisas de Brasília. Mas depois a gente viu que a gente passa, a gente acostuma com todas as coisas.

O contato físico com as pessoas da cidade, não sei se era de Brasília, mas que era da cidade, era aquele pessoal que fazia acompanhamento da dengue, que a gente não sabia o que era, e que a gente chamava o povo ou os homens de malária. Mas como a gente não sabia, eles iam lá fazer este trabalho de dengue, de malária, a gente falava: “Os malários chegaram”. É da febre amarela, e gente falava assim. “Os malários tinham chegado”. A gente respeitava eles muito. Muitos tinham medo, mas a gente tratava bem. Então não era nem a doença que a gente falava de malário, mas o próprio homem, que a gente chamava de malário.

Meu pai falava de coisas que aconteciam que a gente não sabia. Hoje eu acho que a ditadura era a melhor coisa porque está tão bagunçado que a ditadura se tornou pouca. Não sei como é que vai ser. Mas que a gente ouvia falar que ditadura era alguma coisa que a gente tinha que obedecer. Alguém falava e a gente tinha que obedecer, e que não era feito por pessoa. Era feito por polícia. A gente nem sabia que tipo de polícia que tinha. Mas ditadura militar era uma ordem que a gente tinha que acatar, uma ordem feita por policiais. Ditadura não era coisa de Brasília, era coisa de cidade, de país, de lugar. Lá era mais tranqüilo, mas a gente ouvia falar.

Acho que tudo hoje está tão difícil, as grandes cidades, os grandes centros, as cidades menores também. Depende muito do jeito como a gente foi criada. Desde a parte do nascimento, que o nosso foi lá na roça, que foi rígido, já falei, mas que hoje é que faz história de Brasília, dos grandes centros. Em relação a São Sebastião acho que é uma das cidades ótimas de Brasília. É claro que faltam quase todas as coisas, infra-estrutura, porque a cidade é nova. Com o tempo é que vai arrumando.

São Sebastião me faz lembrar muito Minas Gerais, não é desprezando outro estado do Brasil. Eu tenho orgulho de ser mineira e São Sebastião lembra muito Minas. As pessoas são acolhedoras. Claro que tem gente grosso, atrevido, malandro, todo tipo, mas no geral a maioria é gente boa, que não tem dó de dispensar um bom dia pra você, uma informação de endereço. Eu gosto muito de São Sebastião.

Bonfinópolis é bom demais. Eu quero ir nas festas de forró em Bonfinópolis. É bom demais. Eu não esqueço nunca. Bonfinópolis é o berço. É o meu berço. O ônibus que vai para Bonfinópolis é ônibus da empresa Santa Isabel. E quando o ônibus passa aqui eu fico com o olho comprido, querendo ir pra lá passear. Mas, como sei que é impossível voltar pra lá, porque não tem emprego, tem menos do que aqui, eu fico com aquela saudade, com aquela alegria. Mas quando dá, eu pego o caminho e vou. Vou sempre em Bonfinópolis. Tem festa do Cercado, Festa da Rural Minas, festa de Bonfinópolis. Eu vou... umas três vezes por ano.

Rubens: O que mudou no cuidado com a saúde aqui na cidade, principalmente na prática que tinham de uso de plantas para curar doenças?

Lá em Minas várias plantas eram usadas como medicamentos porque o auxílio médico era difícil. E quando a gente veio pra cá pra cidade ficou mais longe das plantas. E a gente teve um acesso melhor perante médicos. Aí tinha aquela diferença. Ficava ressabiado de usar plantas medicinais. Eu não sei se é porque os médicos não sabem, não acreditam. Ou é pelo valor monetário. Porque quando as pessoas lá na roça usavam planta, não gastavam muito dinheiro. Na cidade, o quadro é invertido. A gente vai muito ao médico. Eles precisam que a gente compre os remédios. Se acontecer alguma coisa (com o uso de plantas) a gente tem medo até de ser preso, de responder um processo.

(Os médicos), com certeza, (não conhecem estas plantas) como a gente conhecia. Porque os médicos conhecem na teoria. Eles lêem no livro, (sabem) pra que as plantas servem, mas na prática eles não sabem. Ele não vai perder tempo fazendo teste em planta, cozinhar no chá, passando pra pessoa tomar pra ver se vale, sendo que ele aprendeu lá que é só escrever uma coisinha numa receita. E a pessoa vai tomando. O trabalho dele é prescrever uma receita e a pessoa tomar. Eu acho assim: o médico tem uma grande valia. Eu que sou asmática. Vou para o hospital e o médico sabe exatamente o que vai me dar pra aliviar. Mas só que isso, também ele já praticou. Ele também já aprendeu, já estudou, já passou tantas vezes (a receita) que ele também já aprendeu como é que esse remédio vale.

Rubens: Como vocês aprendiam o uso destas plantas?

Eles não tinham como fazer isso pra gente. Eles também não sabiam. Eles sabiam que aquele chá, feito daquele jeito, era um chá bom pra isso, era um chá bom pra aquilo. Então eles não tinham a dosagem certa de fazer, mas eles faziam e com o uso que a gente tinha, a gente aprendia como fazer também. A dosagem de fazer o chá e a dosagem de tomar, às vezes não era suficiente pra melhorar aquele problema e às vezes poderia ser até demais, que afetava outro tipo de problema. Eles não tinham assim uma base de dizer: “Você toma tanto disso, tanto daquilo e faz”. Mas eles faziam e com isso a gente aprendia, tomava e aprendia a fazer desse jeito.

(Não tenho plantas curativas no quintal) Porque sou uma lerda. O espaço é meio curto, porque fiz a casa no lote inteiro, mas quando dá qualquer coisinha vou na casa dos outros buscar. Não planto em vaso porque é descuido. Porque você pode ter em casa em qualquer espaçozinho. (É) Muito importante (conservar esta tradição), com certeza, porque o que eu sei mesmo é que chá do mato, se não fizer bem, mal nunca vai fazer. Eu aprendi assim. Por isso eu acho que vale a pena continuar. Eu uso sete-dores, boldo, poejo, pacari, arnica, São Gonçalo, são caetano, batata de purga, jalapa.

Hoje no mundo atual é que o interesse (por plantas) está voltando. Hoje a juventude estuda muito. Está procurando saber a fundo o que é, pra que serve, o interesse está voltando muito mais. Hoje eles lêem em livro. Eles fazem questão de aprender mais que a classe médica mesmo. Eles fazem questão de aprender, saber pra que é que serve, como é que pode ser usado. E eu acho que hoje o jovem está bem inteligente. O mundo ficou assim muito grandão, com salto alto. O povo esqueceu dessas coisas, mas agora está voltando, tem doenças simples que podem ser curadas com plantas medicinais. Alguma notícia da televisão ou do rádio fala alguma coisa (de plantas). E como o jovem está muito interessado em saber de tudo que fala na televisão, eles vão procurar, vão ler e estão aperfeiçoando nisso. Meus filhos interessam nisso. Eles usam também sete-dores, poejo, arnica. Na escola, eu sei que tem hortinha, que ensinam o que pode ser tomado, pelo menos pra estômago.

Francisca Ferreira do Prado



“Acho que criança percebe muito quando é pobre, quando passa muita necessidade. As coisas que não pode ter. Eu lembro que minha avó fazia uma festa de Natal todos os anos. Era uma época muito feliz porque as crianças ficam felizes com pouco, mesmo com muita dificuldade. Se você tem um lugar pra brincar, tem espaço grande, a criança se solta... Pegava no brejo aqueles lírios. Então lírio sempre me lembra minha avó”.

Foto 15 – Autora: Elizabeth A.Oda.

Sou Francisca Ferreira do Prado, conhecida como Chiquinha. Tenho 42 anos. Sou filha do Seu Manoelito (Manelim), Seu Manuel Conceição Ferreira do Prado e Dona Maria das Dores, Vieira do Prado. Tenho três irmãos: Maria Dária, Joel e a Dilma. Tenho duas filhas. Sou casada com Joaquim. Nasci em Minas Gerais, perto de Bonfinópolis, numa fazenda que até hoje pertence à minha família. E morei nessa fazenda por seis anos. A fazenda do meu avô se chama Jabuticaba. Mas dentro da mesma fazenda tem vários nomes de lugares. Eu nasci num lugar que se chama Gruta das Abóboras. Porque, eu não me lembro de tantas abóboras assim. Deve ter algum motivo para esse nome. Nós moramos nesta fazenda até que eu tinha seis anos. Nós não tínhamos terra. A gente morava na fazenda de um avô.

Era uma época muito feliz porque as crianças ficam felizes com pouco, mesmo com muita dificuldade. Se você tem um lugar pra brincar, tem espaço grande, a criança se solta. Eu era muito levada. Aprontava muito. Fugia pra casa de minha avó. Dei muito susto na minha mãe. Pegava os pequenos e fugia. E coitada de minha mãe sofreu muito. Um período muito difícil pra ela. Doente, e pra cuidar da gente. Tenho lembranças também ruins por causa disso: sofrimento da família, meu pai que sentia assim muito humilhado, morava na fazenda do sogro e não tinha a terra dele. Então tudo isso a gente lembra. Bonfinópolis mesmo, eu vim conhecer essa cidade depois que eu mudei pra cá. Porque quando me mudei de lá, se fui lá

não me lembrava não. Geralmente o povo do interior vai muito pouco na cidade. Quando vai não leva criança. Vai resolver alguma coisa.

Eu lembro que minha avó fazia uma festa de Natal todos os anos. Ela tinha um voto, como se chama no interior. Minha avó tinha um voto e aí todo Natal ela fazia a festa, montava aquelas lapinhas. Aí então enfeitava com lírio. Pegava no brejo aqueles lírios com folha e tudo e colocava naquela lapinha. Minha avó tinha um lugar assim na casa, um vão que ela deixou pra fazer isso. Montava essa lapinha. Então lírio pra mim sempre me lembra minha avó. Ela morreu quando eu tinha uns 14 anos. Quase todo ano, até uns 10 ou 12 anos, eu sempre passava as férias com ela. Eu ia pra lá ficava eu e ela na casa, porque nessa época os outros já trabalhavam, se mudavam. Então ficava eu e ela na casa. Então pra mim, minha avó é uma lembrança assim muito forte.

Nessa época do Natal ajuntava a família inteira e mais os vizinhos. Era assim multidão. Aí fazia aquele monte de comida, carne. Ficava dias e dias preparando aquelas coisas todas. Era doce, queijo, biscoito. Pra gente, crianças, era assim uma festa. Botava carne pra secar no sol. Aquele movimento todo durava quase assim um mês. As filhas iam pra lá ficavam dias fazendo aquilo e as crianças soltas destruindo a fazenda do velho. Só faltava era ficar louco. Ele era assim muito murrinha. Falava era murrinha mesmo. E aquele monte de criança solta não tinha quem segurasse não.

E lembro que minha avó colocava a gente pra vigiar a carne no sol, aquela carne que fica bem sequinha assim. Ela botava a gente pra vigiar, mas a gente comia a metade. Porque aquela carne sempre é gostosinha. Aprontava muito, porque criança é terrível. Eu lembro uma vez assim que eu tinha seis ou sete anos e os meus primos mais velhos escondiam as pingas debaixo do rego. Tinha um reguinho que passava no quintal atrás. Eles abriam uns buracos pra esconder as pingas ali pra ficar geladinha. Não tinha geladeira, nem nada. Eu me lembro que a gente descobriu, os pequenos. Tinha os grupos dos grandes e o grupo dos pequenos. Eles não deixavam a gente brincar, a gente se misturar. E aí alguém do grupo dos pequenos descobriu a história das pingas. E foi lá, catou estas pingas, e aí os pequenos beberam e foi uma confusão geral. Até descobrir porque é que aquela meninada estava tonta, as mães ficaram assim enlouquecidas. Até alguém contar que tinha acontecido a história, meu avô ficou muito bravo pra descobrir quem era o culpado da história.

Quando minha avó morreu, eu já estava com mais de vinte anos. Também foi uma pessoa muito especial na minha vida. O pessoal dizia assim que a gente se parecia muito. Minhas irmãs diziam assim que eu era netinha querida das avós, aquela ciumeira. Mas, assim, sempre dei muita atenção pra ela. Minha avó era uma pessoa que gostava muito de conversar,

contar as histórias da época dela. Minha avó morreu com 96 anos. Era muita história pra contar. E eu achava tempo pra sentar, pra escutar, pra conversar com ela. E isto cria laços. Então tive muita sorte, tive meus avós até praticamente adulta. O pai da minha mãe morreu há uns quatro anos. Com esse não tive muita intimidade, porque ele não era uma pessoa muito dada. Ele era mais fechado. E o pai do meu pai que faleceu tem pouco meses e a gente tinha intimidade mais com minha avó, também por causa dessa questão de ser homem. Principalmente esse povo mais antigo, os homens de uma maneira geral são mais fechados, mais retraídos. Mas foi um bom tempo, minhas filhas conheceram pelo menos um bisavô.

Também tinha uma festa por ano. Era uma festa onde as moças se preparavam todas pra casar. Não queriam ficar pra titia. Então as moças ficavam assim preparadas pra casar, naquela festa, naquela data. E as famílias montavam as casas lá em Lajes. Os fazendeiros mais ricos tinham casas lá, compravam terras ali em volta e faziam aquelas casas. E os mais pobres faziam uns barracos, de piteira, de palha de coqueiro. E todo mundo praticamente se mudava pra lá nestes três dias de festas. As pessoas se mudavam pra lá, levavam carros de boi cheio de mantimentos. Meus avós tinham uma casa lá, eram dos mais abastados. A família do meu pai não era rica, então montava aquelas barracas. Mas era todo mundo junto. Era uma coisa muito de família, não era coisa assim ficar confinado ali. Fazia as comidas, os de lá comiam aqui, os daqui comiam lá. E eu infelizmente não me lembro desta festa. Eu sei assim de contar. E eu quero voltar lá um ano desse aí. Apesar de saber que não vai ser como era antes, mas eu tenho vontade de pelo menos ver assim.

Eu trabalhava. Eu era mais velha dos irmãos. Minha mãe sempre teve problema de saúde. Então eu tinha que ajudar a cuidar das crianças. Eu me lembro que minha mãe lavava roupa na fonte e tinha um barranco muito alto. E ela lavava lá em baixo. Eu ficava lá em cima segurando meu irmão Joel. Eu tinha seis anos. Ele é o terceiro, estava pequenino. Minha mãe me colocava lá em cima segurando ele, e ele pra ela lavar roupa lá em baixo. E como ele era homem e era muito pesado, sei que um dia nós caímos os dois ladeira abaixo. Foi um milagre não ter machucado todo mundo. Sempre trabalhei. Mudei pra cidade e ajudava a tomar conta das crianças, tinha que ajudar porque não tinha dinheiro pra pagar ninguém. Eu aprendi a cozinhar com nove anos.

A gente passava muita dificuldade, porque meu pai tinha que trabalhar. Minha mãe era muito doente, tinha problema de saúde pra ficar sozinha. E no interior as casas são muito distantes uma das outras. Então meu pai ficava muito preocupado de sair, deixar ela sozinha com as crianças. Eu, a mais velha, tinha seis anos. Então a gente resolveu se mudar pra uma

cidade onde minha mãe tivesse atendimento médico, pudesse fazer um tratamento. Então a gente se mudou.

Moramos durante uns três anos em Unaí. Também a gente não tinha casa, pagava aluguel. Meu pai trabalhava de servente. Era uma vida difícil. A gente ia pra escola e a escola era perto de casa, dependendo de onde a gente morasse, pois a gente vivia mudando. Então, na cidade de Unaí nasceu meu irmão. Tive um irmão que faleceu com um mês. Ele ficou doente, teve desidratação. Aí faleceu. Depois nasceu a Dilma, que é a caçula, nasceu lá. Então nós moramos durante um certo tempo em Unaí, depois voltamos para o interior, pra um lugar que se chamava Cana Brava. E meu pai plantando roça na fazenda. Mas também não era nossa gente e passou muita dificuldade. A escola era muito longe, e tinha chuvas muito fortes, destelhava as casas. E foi um lugar assim muito difícil pra gente. E a gente vivia querendo ir embora, e tal. Até por causa das dívidas, não podia ir embora. Então depois de um ano e meio, mais ou menos, nós voltamos pra Unaí. Moramos mais um tempo.

De lá, meu tio André que morava em Unaí, se mudou com a família aqui pra Brasília na época do Guarazinho, que era um acampamento do Zoobotânica, perto do Guará II. E aí ele chamou meu pai pra vir pra cá, morar aqui, pra ver se arrumava emprego. Meu pai veio e nos deixou lá em Unaí, eu, minha mãe e meus irmãos ficamos lá e ele veio trabalhar aqui em Brasília. Conseguiu um emprego na fundação Zoobotânica e ficou morando na casa de minha tia que também não tinha onde morar. Ficamos uns cinco ou seis meses, não me lembro bem. Uma fase difícil, pois meu pai às vezes não tinha dinheiro pra mandar. E pagava aluguel. Minha mãe tinha muito problema de saúde, tinha que comprar muito remédio. Então era uma fase muito difícil pra gente.

Então um dia foi um vizinho, seu Geraldo, lá do meu pai que morava no Guarazinho, que a gente nem conhecia. Então ele chegou lá em casa, se apresentou, falou que era vizinho da minha tia, pra saber notícia, pra levar pro meu pai. Então a minha mãe ficou assim muito nervosa quando ele disse que meu pai não ia lá porque não podia sair, estava trabalhando. E ela já estava assim muito cansada de ficar sozinha com as crianças resolvendo as coisas. Então ele disse assim: “Olha, Dona Maria, se a senhora quiser ir embora, eu levo a senhora, com as crianças. Compro as passagens e levo a senhora”. Você veja que naquele tempo a gente confiava muito mais nas pessoas, pois a gente nunca tinha visto este homem na vida. Então ela disse: “Eu vou embora mesmo”. Foi na escola pegar transferência e nem conseguiu. Pois estas coisas não se conseguem assim. E a gente juntou as coisas lá numa malinha, umas roupas, umas tralhas lá, fez umas trouxas, igual a gente fala na roça, e a gente se mandou.

Em questão de três ou quatro horas a gente veio embora. Pegou o ônibus, as crianças naquele alvoroço pra ver o pai, ver os primos, mudar de cidade. E a gente na verdade não gostava muito de Unaí. Acho que criança percebe muito quando é pobre, quando passa muita necessidade. As coisas que não pode ter. Então, pra gente era uma esperança. Mudar de vida, melhorar. Então a gente veio, chegou aqui, se sentiu todo mundo assim meio esquisito, meio estranho. O ônibus coletivo que a gente nunca tinha visto na vida. Quem é que sabia passar debaixo de uma roleta? Eu tinha onze anos e os outros todos menores. E eu me lembro, quando a gente desceu na parada e foi andando lá pro Guarazinho eu lembro que eu disse pra minha mãe assim: “Mãe, eu quero voltar”.

Olhei assim, na gostei não. Aí a minha mãe disse: “Agora, aqui é pra frente. Não tem onde voltar mais não”. E realmente foi em frente. Não tinha nada. Um quartinho na casa de minha tia, aquele amontoado de gente. Só da minha tia eram oito, nós éramos seis. Era muita gente pra pouco espaço. Nós ficamos num quartinho, uma cozinha pequenininha e a gente passou um determinado tempo assim. Dormia todo mundo num quarto. Se chegasse uma visita tinha que dormir debaixo da mesa. Não tinha aonde. E também não tinha nesse acampamento lá um lugar que pudesse alugar um pra morar. Eram os funcionários que marcavam as casas.

Depois de um determinado tempo meu pai conseguiu um barraco. Nesse tempo todos os barracos eram de madeira, mas eram umas casas até razoáveis, tinham espaço, os quartos, tudo. Então a gente morou nestes barracos e pra mim eu acho que foi o pedaço mais feliz da minha vida. Está naquela fase que você entra pra adolescência, e lá era um lugar onde as pessoas cresciam juntas. Todo mundo se conhecia, quase todo mundo participava dos grupos da igreja, todo mundo junto. Como o lugar era pequeno, se tinha uma festa, era só aquela. Então todo mundo ia naquela. Então, não vou dizer que não tivesse gente ruim, gente que fizesse violência, essas coisas. Mas era mais ou menos assim uma ilha onde a gente morava.

E lá dentro a gente sofria muito quando tinha que ir pro Guará, pra estudar, pra fazer as coisas. Tinha preconceito, as pessoas do Guará. Um lugar muito elitizado. E eles na queriam aquele povo pobre lá misturado. Não queriam e diziam isto mesmo. A gente acostumou com isso. Foi levando. Então a gente ficou no Guarazinho estes anos todos. Meu tio André voltou pra Minas de novo, pra lá de Unaí outra vez. Comprou umas terras lá. Aí chamou meu pai de volta pra ir e aí meu pai disse assim: “Meu amigo daqui pra trás é nem um passo. Aqui cheguei onde estou e daqui é só pra frente. Não volto mais não”. Ele foi e a gente ficou. Depois eles voltaram também de novo.

E nós continuamos morando no Guará até uns 18 anos, já na época do governador José Ornelas. Ele entregou umas casas no Guará II (Qd. 38) e aí a gente se mudou pra lá. Então a gente se mudou pro Guará II sob protestos da populaao de lá que inclusive fez abaixo-assinado pra aquele povo favelado não mudar pro Guará porque ia desvalorizar, ia levar bandido pra lá, prostitutas, tudo isso a gente teve que ouvir. Eu, na verdade, nunca quis mudar pra lá. Eu achava que a gente devia ter ficado la e deviam ter loteado lá onde a gente morava. Hoje, inclusive, é uma cidade lá. Se a gente tivesse fincado o pé e tivesse ficado lá, na época, teriam loteado e a gente teria ficado lá. Mas tinha aquele povo que queria mudar pro Guará II.

Eu me lembro que com 17 anos eu tinha carteira fichada. Trabalhava num colégio de freira, ajudava dar aula numa classe, naquele colégio da L2 das Irmãs Passionistas. Uma das irmãs que era diretora lá ela dava assistência lá no Guarazinho onde a gente morava. Então ela dava muito emprego pras meninas. Fomos umas cinco que trabalhamos la. Trabalhei uns três anos nesse colégio. E aí fiquei desempregada uns tempos.

Daí minha mãe ficou doente. Então fiquei muito tempo desempregada, ia fazendo curso, fazendo concurso, fazendo o que parecia. E passei no concurso público, levei mais dois pra ser convocada e aí comecei a trabalhar, 85 ou 86, uns dois anos antes de o Collor ser presidente. E estou até hoje no serviço público.

Então a gente mudou, morei no Guará até os 28 anos. Morei uns doze anos la. Nunca foi um lugar onde eu disse assim: “É o meu lugar”. Não era um lugar em que me sentisse em casa. Morava porque a gente foi pra lá e a gente morava lá. Um lugar onde tudo é muito caro, as pessoas tem uma pose a manter. Quer dizer: ou você fica por fora, ou você se adapta. E para se adaptar naquilo ali você tem que ter um padrão de vida que às vezes você não tem. Então é um lugar que eu nunca gostei muito. Aí minha prima Alda foi a primeira que se mudou pra São Sebastião. Porque o povo da Rural Minas que mudava pra cá, mudava todo pra São Sebastião. E a gente tinha contato com eles. Então minha prima se mudou pra cá.

E a gente começou a freqüentar São Sebastião. Todo mundo solteiro, minhas primas. Então meu primo cantava, canta ainda, o Gladson. Então a gente vinha pra cá, nos fins de semana, violaozinho debaixo do braço. Aí onde ele ia cantar a gente ia junto, a família inteira. Onde um ia, todo mundo ia. Foi um período maravilhoso. E o pessoal la começou a ficar com ciúme porque eu sumi do Guará. Fim de semana vinha pra cá. E comecei ter a vontade de comprar um lote aqui pra mim.

Então numa época eu recebi as férias, e como funcionária pública a gente mudou de um regime pro outro e consegui pegar o FGTS. Então ajuntei tudo que tinha na vida e comprei um lote aqui. E pra mim foi a realização máxima. E aí quando eu comprei e não tinha dinheiro pra fazer nada, pra construir. Aí eu ficava lá no Guará apavorada de invadirem meu lote. Não tinha telefone, não tinha nada. Aí os vizinhos ficavam vigiando pra mim. Aí o governo resolveu que era invasão, queria tomar os lotes da gente. Aí a situação estava feia. Você pegou tudo que tinha na vida, colocou e aí. Aí nós partimos pra briga. Ajuntamos um grupinho, fomos na Câmara Legislativa, fizemos ofício pra deputado, chamamos televisão, fizemos um movimento danado aí. Então eles viram que não estavam lidando assim com povo meio... totalmente ignorantes. Porque eles se aproveitam realmente desse povo. Na verdade eles iam tirar a gente pra vender pra outros que tivessem mais dinheiro, pudessem construir casas mais bonitas. E foi assim então que construí. Ninguém tem saudade do Guará de morar. A gente vai lá ver os amigos, mas aqui a gente se encontrou.

É uma cidade pequena que o povo é simples. Você conhece todo mundo, você pega o mesmo ônibus todo dia. É um povo mais acolhedor, um povo mais sincero, mais despojado. E eu sempre digo assim: “Sou mineira de coração e brasileira de profissão”. Porque foi aqui que a gente conseguiu fazer a vida. E a gente vai em Minas passear, ver a família, mas infelizmente não é um lugar onde a gente pode voltar e viver. A gente cortou raízes, e já tem família.

O povo do interior tem medo da cidade grande. Acha que assim, é uma violência total. Vai chegando e é assaltado. A gente ouvia falar e pra gente assim era como um país da Europa, muito distante. Às vezes a gente pensava que nunca ia conhecer. Agora, a visão que as pessoas têm de Brasília é um todo. Aliás, não é só do interior. A gente viaja por aí, a visão que o povo tem de Brasília é que tudo isso aqui, o Federal todo. Não sabe separar essa coisa de cidade satélite. A visão é um todo, aonde está o presidente. Eles pensam que a gente passa aí pelo presidente, pelos ministros, que a gente conhece todo mundo, que é bem pequenininho. É uma visão engraçada.

(Acha) que é aquele bicho-de-sete-cabeças. A gente vai aprendendo. E quanto ônibus errado eu peguei, até aprender a tirar documento, a gente se perder, quanta fila de concurso. Naquela época não tinha Internet. Hoje você faz inscrição pela Internet. Naquele tempo, não. Você chegava cinco horas da manhã e a fila estava virando os muros. Uma coisa interessante que meu pai fala sempre. Ele fala assim: “Eu sou um homem rico. Quem me vê assim e fala que sou um homem pobre, não sabe minha vida”. Hoje nossa família inteira tem praticamente onde morar. Tem emprego, tem onde morar, a família quase toda. Os que não tem dois

imóveis, pelo menos um pra morar tem. E isto, se a gente for ver a trajetória da família toda, somos todos ricos.

Gosto demais da fazenda. A gente tem os parentes ainda e passa ali pra visitar. A cidade mesmo pra mim é pouca coisa. Porque quando eu mudei não conhecia. Na roça é que a gente tem a família ainda. Onde a gente vai nas festas, nos casamentos. Porque o povo lá é assim. Vai pra dentro de sua casa e vai pra roça fazer as festas, almoço. Então a cidade mesmo, é ao pra resolver os negócios, banco, casar, batizar e volta. Acho até que esta parte religiosa vai acabar porque estão ressuscitando umas festas lá na roça que antigamente tinha. Então nestas festas se fazem os casamentos, fazem os batizados. Era uma vez por ano que tinha, e o povo batizava era nestas festas. Um lugar que se chama Lages.

Rubens: Como você vê e sente este costume que sua família tem de cultivar plantas para o cuidado da saúde?

Desde que eu nasci, eu fui crescendo e via que minha mãe tinha as plantas, e via ela fazendo os remédios, os xaropinhos, e ensinava pra gente, a gente ia fazendo. Depois que eu me mudei pra minha casa eu pegava as mudas da casa dela, trazia pra minha, eu ia tratando. Se tinha um problema eu ligava pra ela: “Mãe, qual o remédio”... Ela dizia: “Tal remédio...” Meu avô que faleceu, que foi uma pessoa assim que falava muito disso pra gente. Eu mudei pra cá e vivia sozinha e tinha uns problemas de sinusite. Toda vez que ele chegava aqui já chegava com um monte de São Gonçalo que pegava pelos matos e já trazia pra mim, ensinava como fazia, pra lavar a cabeça, pra fazer o vapor. Então a gente vai aprendendo. Minha avó era parteira. Ensinava muitas coisas. Dizia: “Isso é bom”. Ela falava de umas plantas que ajudavam as mulheres a ter o nenê, abreviar aquele momento. E ela fazia aqueles chás, aqueles banhos, e eu andava muito com ela quando ia atender as mulheres e eu ia aprendendo.

Agora a gente tem mais condições de comprar remédio, de ir ao médico, mas mesmo assim toda minha família ainda mantém esse hábito de cultivar plantas, de tomar remédio das plantas, de fazer xarope, porque é mais saudável, mais natural, mais barato. O que lamento é só o espaço, que a gente não tem mais na cidade pra cultivar, fazer esses canteirinhos. Na roça a gente tem espaço pra plantar tudo quanto é coisa que... Aqui quase tudo é cimento, não tem onde. Eu lembro que quando a gente mudava de casa de aluguel metade da mudança da

gente era lata de plantas. E quando a gente veio pra cá infelizmente não trouxemos nada pro Guarazinho.

Até por uma questão financeira, em Bonfinópolis a gente não tinha dinheiro pra comprar remédio, nem pra ir ao médico, então desde criança a gente lembra que minha mãe tinha esse hábito. Tudo se curava com as plantas. A gente tinha plantado em casa, tinha hortelã, tinha sabugueiro, tinha boldo, tinha outras coisas, sucupira pra infecções. Tudo era pro lado de plantas. Remédio de farmácia mesmo só quando era alguma coisa muito grave que era assim mais urgente, ia à cidade. O que mudou de lá pra cá foi só algumas plantas que a gente não conhecia lá, que aqui a gente passou a conhecer, como o guaco, que eu acho até uma planta relativamente nova. E mesmo aqui tem pouco tempo que eu conheço essa planta.

Aqui é mais difícil de encontrar hortelã, sabugueiro, São Gonçalo. Hoje desmatou muito e a gente não encontra. Eucalipto, em Minas, tinha pouco. Quando mudei pra São Sebastião tinha um mato inteirinho de eucalipto. A gente usava muito. Agora não tem mais. Agora, se quiser, tem que comprar seca ou então comprar um xarope, um óleo já pronto. Guaco na roça a gente não conhecia. Novalgina, dipirona, vick, a planta mesmo, em Minas eu não conhecia, nunca tinha visto. Aqui eu consegui, tinha plantado. Essas eu não me lembro que tinha lá. Pode ser que tivesse. Aqui já tinha nome de remédio já pronto. Eu conhecia no vidro, já no vidro. E aqui eu consegui e tinha no meu quintal. Tinha dipirona, tinha novalgina, tinha vick. Eu fazia o chazinho, era maravilhoso. Porque vick a gente conhece aquele da pomada, de passar e tudo, mas o vick que tem a planta você pode fazer um chá maravilhoso e tomar. É muito bom. Tem muita coisa que a gente perdeu mais de lá pra cá, por causa de espaço, de ter acesso.

(As pessoas deixam de usar plantas) Eu acho que é a facilidade de farmácia, de médico, e até porque a maioria das pessoas falam assim: “Esses negócios não curam nada, só faz é enrolar”. Na verdade a coisa fica só mascarando, depois se agrava. Os próprios médicos às vezes falam estas coisas, os que não são dessa linha de tratamento. E isso acaba influenciando as pessoas. As pessoas acabam criando um certo medo.

Eu procuro, porque eu gosto muito de homeopatia, e é difícil. Está ficando cada vez mais difícil encontrar homeopata, porque é um tratamento que demora mais. Eles ganham menos dinheiro que a outra linha tradicional (da medicina). E o remédio com as plantas dá um pouco mais de trabalho, tem que tomar mais vezes por dia. As doses são menores, e às vezes as pessoas não têm muita paciência.

(Eu procuro plantas) Nos vizinhos, minha família quase toda tem esta tradição de ter plantas, minhas primas aqui perto tem, na casa de minha mãe, na sua casa mesmo (deste pesquisador), tem umas chácaras aqui pra baixo, umas vizinhas nossas daqui que a gente sabe que tem, a gente procura, às vezes em feiras, algumas plantas igual barbatimão, óleo de pequi, essas coisas, a gente... Às vezes o pessoal da Bahia manda pra mim. De Minas vem óleo de capivara, que é coisa difícil de arrumar. O pessoal de Minas manda pra gente. Da Bahia vem da família do meu marido, azeite de mamona. Quando minhas filhas nascem tem aquela questão de curar umbigo. Dizem: “Coloca só aquele álcool”. Mas depois vejo que fica assim ressecado, então boto óleo de mamona, e ele fechava rapidinho. Então tudo tem que ser dosado. Muita gente diz assim: “Mas o pessoal abusa das plantas”. Tudo tem que ter a dose certa, nem demais e nem de menos. O perigo é o excesso. A folha do algodão: é um antibiótico poderosíssimo. Toda vez que eu tenho uma cirurgia, minhas duas filhas foram parto cesariana, eu sempre uso. Terminou aqueles dois ou três dias usando antibiótico, aí começo a usar isso aí, faço banho, tomo, é uma recuperação maravilhosa. Eu tenho costume com isso, mas é aquela coisa. Tem que saber dosar as quantidades. Tudo demais é perigoso.

Eu passo, às vezes, eu digo assim pra uma pessoa: “Usa tal planta”. Depois eu fico preocupada. Será que esse fulano não vai fazer besteira? Mas eu passo sim, vejo as pessoas assim com algum problema, e passo algumas experiências que eu já tive, eu falo assim: “Eu já usei essa planta aí, foi muito boa”. E às vezes até eu consigo e... Eu trabalho no INSS, às vezes o pessoal tem problema lá e eu mesmo levo. Eu tenho no quintal sabugueiro, eu pego uma quantia aqui outra acolá e levo. Boto um tanto assim, três folhinhas disso aqui e tal, boto um mel, faço um chazinho, eu indico sim.

(No meu quintal) No momento tenho babosa e sabugueiro só. Meu marido sempre tem porque ele faz uns remédios pra gastrite, pra curar asma, essas coisas. Mas meu sonho é terminar de arrumar meu quintal, deixar um espaço pra poder voltar a ter minhas coisas, cultivar minhas coisinhas, gosto muito.

(É muito importante conservar estes conhecimentos e práticas) Porque numa época em que o tempo está passando tão rápido, a gente vai perdendo as raízes, as tradições, aquelas coisas que a gente tem. São coisas que vem e coisas que a gente sabe que são coisas boas, que realmente a gente não pode perder. A gente vê que depois de tanto avanço de tudo, as pessoas tentam resgatar coisas lá trás, porque viu que perdeu e que tem que voltar, senão isso aí vão ficando. As gerações mais novas não vão ter contato com estas coisas e vai ser uma grande perda.

Olha, até mesmo a medicina, a gente vê o pessoal fazendo pesquisas com plantas, tentando provar que funcionam, aqueles tratamentos realmente são bons, e eu acho que tem que conservar isso aí e eu não deixo de usar. Vou passar isso pras minhas filhas também...

Em S. Sebastião, a maioria das famílias é do interior também e, ainda conserva muito essas tradições. E a gente vê as pessoas fazer tratamento com remédios muito fortes que dão muitos efeitos colaterais. Então as pessoas estão procurando alternativas. (Mas) A maioria dos jovens (não usa plantas). Já quer ir direto numa farmácia, comprar um remédio porque é o mínimo de trabalho possível, mesmo que isso custe mais. Estão sempre correndo muito e não acham tempo pra fazer as coisas mais calmas, querendo tudo instantâneo. Acho que a grande maioria, mas tem exceções, graças a Deus.

Acho que seria isso de ter tempo, de pegar as plantas, fazer os remédios, porque isto exige certo preparo, lavar aquilo tudo, combinar uma com a outra, colocar um mel, colocar numa panela com água, uma vasilhinha, deixar derreter, isto exige um certo... (Os jovens) Não tem paciência. Querem tudo rapidinho. Vou tentar passar isso pra meninas e, se não conseguir, eu vou lamentar. (Na escola) Eu acho que eles têm muito pouca (orientação sobre plantas)... Eu me lembro que quando eu fazia terceira ou quarta série eu estudava numa escola que era no acampamento (Guarazinho) e a gente tinha uma horta onde a gente plantava as verduras, estes tipos de coisas pra saber conhecer, saber o que era. Mas agora, infelizmente, eu não conheço quase nenhuma escola que tem. Pode ser que tenha, mas não conheço não.

Juvenal da Cruz Oliveira



“E pela história que a gente conheceu, pelo que foi contado, muitas dificuldades no começo, quando a gente foi pra essa fazenda. Mas era tudo muito primitivo. A gente vivia lá como índios mesmos, no meio da mata se valendo de tudo”.

Foto 16 – Autora: Elizabeth A. Oda, 2007.

Meu nome é Juvenal, sou o terceiro filho de uma família do interior e tenho 39 anos. Minha mãe é irmã do seu Manelim. Somos seis irmãos, Alda, Eusébia, eu Juvenal, Gilberta, o caçula (Cladiston) que já nasceu na cidade, depois que saímos do interior. As lembranças maiores da cidade de Bonfinópolis, da fazenda de onde nascemos, são mais de contar, pois saí de lá tinha 4 anos. Não tinha muitas lembranças sobre o assunto. Só posteriormente, maior, a gente voltou à cidade, ficou conhecendo o local onde nascemos, onde vivemos muito tempo, e trazemos algumas recordações deste local.

Era uma fazenda próxima de Bonfinópolis chamada Riacho dos Cavalos. O apelido de lá era Mandiocal. Acho porque tinha muita cultura, e propiciava produção boa de mandioca e de todos alimentos produtivos numa terra boa. E pela história que a gente conheceu, pelo que foi contado, houve muitas dificuldades no começo, quando a gente foi pra essa fazenda. Viemos de outra fazenda também, mas fomos pra lá como meeiros, com o fazendeiro e lá tivemos muita dificuldade até criar uma certa estabilidade. Mas era tudo muito primitivo. A gente vivia lá como índios mesmos, no meio da mata se valendo de tudo.

Pra doenças eram ervas medicinais, eram raízes, eram folhas e alimentação. Era tudo tirado da terra. Depois das instalações prontas e a comunidade já estava formada, tínhamos como alimentação a farinha, que era feita de mandioca, ralada numa roda confeccionado a

mão, prensava numa prensa feita de madeira, com cunhas, tudo feito artesanal. E depois fazia um forno de barro e o forno era utilizado – antigamente utilizava pedras - antigamente a gente utilizava pedras. Mas neste tempo a gente já tinha forno de estanho... ou, era de cobre... onde era feita a farinha que a gente utilizava muito na alimentação. Era feito de uma maneira bem rústica. Todos os materiais, os viamentos, eram confeccionados à mão, no estilo bem primitivo. E o doce que hoje é açúcar, era rapadura tirada da cana. Produzia cana, moía em engenhos de madeira e também fazia a rapadura em tachas de material comprado, a gente já tinha tachos que vinha de cidades vizinhas como Bonfinópolis e São Romão.

São Romão é uma história mais de meu avô ainda. O pai da minha mãe e meu tio Manuel que contam. Quando eles eram casados de novo, quando os meninos estavam pequenos, eles iam a cavalo, com cargas, cargueiro, com burros até São Romão atrás de querosene, sal, chapéu, ferramentas, enxadas, foices. Assim mesmo a gente utilizava muito azeite de mamona como iluminação, fazia pavio de algodão e colocava azeite de mamona, confeccionada também no interior para fazer luzes. Mas quando tinha condições ia também a São Romão e comprava querosene que era mais prático.

São Romão é uma cidade do interior de Minas que tinha comércio, mas eu não tenho uma precisão onde esse localizava no mapa. Contam viagens interessantes que faziam todo ano. Essa viagem era um tipo de romaria de cargueiros, para trocar. Levavam tocinho, e outras coisas produzidas no interior pra ser trocado por outras coisas que não tinha condições de ser produzida na fazenda, na terra. E vivemos desta maneira até nossa saída de lá.

Aos quatro anos saí junto com a família. Depois de alguns conflitos de terra que houve por motivo de grilagem de terra mesmo e desencontros, acertos de terra. Fomos pra Unaí, e depois pra Brasília e depois retornamos para Minas novamente. Passamos sete anos em Brasília e voltamos pra Minas, pra uma cidade vizinha, município de Unaí, próximo de Bonfinópolis, no qual moramos quase sete anos. Já tínhamos mais condições, já tínhamos mais terra. Já tínhamos mais tecnologia e a vida era um pouco mais fácil que quando a gente começou. A gente já tinha mais condições. A tecnologia veio trazendo mais benefícios, e já havia mais cidades próximas e o desenvolvimento já vinha chegando e a vida se tornava mais fácil.

Outro fato interessante que ocorria por histórias que a gente ouve era sobre o fogo. Antigamente não existia o fósforo, essas facilidades todas. Era confeccionado à mão um artifício feito de pedra, de chifre de animal e com algodão e com pedras. Gerava faíscas, colocava fogo no algodão e tirava labaredas e aí assoprava e tirava labareda. O chifre do animal era usado para fazer o copo, onde ficava o algodão. Existia um furo no chifre em baixo

e um furo maior em cima onde ficava o algodão. Quando tinha contato com as pedras, gerava faísca e você soprava pelo furo de baixo para acender o algodão (muito riso).

Depois que gerava labaredas tinha um trabalho enorme para as mulheres e as mães. Era conservar aquele fogo aceso por um mês, dois meses. Era feito da seguinte forma. Arranjava um pau que chamava de tingui, ou outra que não me lembro e deixava aquele pau queimando à noite, ele bem sequinho ele queimava, mas não queimava rápido. Quando era de manhã tinha brasa e acendia este fogo novamente e passavam-se meses desta maneira conservando o fogo aceso devido às dificuldades de conseguir fogo. Acho um fato interessante que era bom registrar.

O desenvolvimento veio e todas as cidades e até mesmo no interior não existe mais este primitivo que existia antes. Só em algumas regiões mais afastadas, no Amazonas, no Pará, onde existe mata que ainda existe este povo desta maneira. Do contrário, nos grandes centros não tem mais estas dificuldades que tinha antes. O desenvolvimento chegou muito rápido. São Sebastião é uma da cidade que eu considero de interior, pois a maioria das pessoas de São Sebastião é do interior, é interiorana, ou da Bahia ou de Minas. E julgo uma cidade muito religiosa, por estes motivos. Porque o pessoal do interior eles têm uma certa devoção, uma certa fé. Acho que 80% das pessoas de São Sebastião professam uma fé e isso deixa a cidade mais pacífica, pois quem professa uma fé geralmente tem uma conduta, um caráter que não permite andar pelos lados errados. Por isso é uma cidade muito boa e interiorana. O que marca mais Bonfinópolis na minha pessoa é que a pessoa com quem eu me casei ela morava numa distância muito pequena da cidade de Bonfinópolis, onde eu tenho contato quase direto com Bonfinópolis hoje. Pois a família da minha esposa mora lá. Então temos constantes visitas. Eu acho uma cidade ainda boa e faz parte de nossa vida e continua sendo. A gente vivia como índios... Por histórias a gente ouve contar que quando foi o primeiro veículo que era um Jeep com que o pároco de Bonfinópolis começou a rodar pelo interior. Na primeira vez que ele foi lá, o pessoal nem foi na celebração na missa. Os animais ficaram assombrados, tudo com medo por não conhecer, não ter o contato e achar que aquilo era coisa de outro mundo e que o mundo estava acabando quando aquilo acontecia. E as pessoas não tinham, vamos dizer assim, condições e nem tem conhecimento de tal coisa. Por isso tanto medo.

Laureano da Cruz Oliveira



“O estilo de Brasília é dos imigrantes que chegam, com seus costumes, e que faz aquele costume, aquele estilo. E eu sou interioriano, mas não tenho sotaque, não tenho tradição de roceiro. E minha vida foi um ziguezague.”

Foto 17 – Autor: Rubens de M. Silva, 2007.

Minha história é um pouco diferente. Meu nome é Laureano da Cruz Oliveira. Tenho 43 anos. Sou filho de André e Maria José. Nasci na fazenda Mandiocal, município de Bonfinópolis de Minas. Fiquei lá até os sete anos. Aí a gente mudou para Unaí, por falta de localidade de morada. Teve uma questão de terra e a gente teve que sair. Moramos em Unaí oito meses, estava muito difícil, passando necessidade. Um amigo conterrâneo convidou a gente e viemos pra Brasília. Eu tinha oito anos. E minha vida foi um ziguezague. Fiquei em Brasília dos oito anos até os quatorze anos. Depois voltamos para Minas, pra Rural Minas (projeto governamental que não deu certo), município de Unaí. De lá, aos vinte e poucos anos voltamos pra Brasília em 84 e onde estamos até hoje.

E lembro que eu ia pra escola. Uma prima da gente era professora. Eu era muito tímido, não gostava de ir pra escola. Ia pra escola e chorava demais. Ela batia na gente. Eu fugia da escola. Aí viemos pra Unaí, me colocaram na escola, eu também não consegui ficar na escola, também não consegui me adaptar. Aí meu avô e minha avó maternos tinham ficado na fazenda (lá em Bonfinópolis) e eu retornei pra lá, fiquei com meu avô lá um tempo e depois a gente veio pra Brasília. Até os sete anos praticamente a gente não tinha nada com que brincar, não tinha entusiasmo pra brincadeira. E minha vida foi mais na cidade mesmo.

Em minha vida de família, eu sou um pouco dramático. Não é uma história boa de se contar porque se torna um pouco triste a história. Mas como eu era tímido, tentava ser um bom filho, muito obediente. E então a gente fica neste estilo fechado. Então eu posso dizer que era uma família maravilhosa, nossa educação foi de primeira, mas, por outro lado, eu fiquei um pouco deprimido, pra baixo, sem muita iniciativa, sem muita coragem pra expressão, pra desenvolvimento. Mas a vida de família eu posso considerar maravilhosa. Pelo que eu sou hoje, eu agradeço o passado, a vida de família que tive e tenho até hoje.

Eu não pude criar uma idéia do que é Brasília, porque eu vim criança. Sempre achei Brasília uma cidade muito acolhedora, muito tranqüila, hospitaleira, sem estilo próprio. O estilo de Brasília é dos imigrantes que chegam, com seus costumes, e que faz aquele costume, aquele estilo. E eu sou interioriano, mas não tenho sotaque, não tenho tradição de roceiro. Eu vivi a vida toda praticamente na cidade, mas trabalhei sempre como autônomo, com meu pai, na chácara, no comércio, e demorei pra procurar emprego. Graças ao conhecimento de meu pai, dos meus amigos, arrumei um emprego, arrumei outro, e agora estou empregado e me sinto muito feliz de morar em Brasília.

A cidade de S. Sebastião é uma das melhores cidades, apesar da infra-estrutura ser fraca, deixa muito a desejar. Mas é uma cidade muito hospitaleira, muito humilde, de pessoas que se respeitam. Uma cidade muito boa pra se morar.

Capítulo IV

“COM LICENÇA, POSSO ENTRAR?”

“ENTRA, VAMOS CHEGAR!”

“Pois a casa é nosso canto do mundo. Ela é, como se diz freqüentemente, nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos [...]. A velha locução: ‘carregamos na casa nossos deuses domésticos’ tem mil variantes [...]. Bem entendido, é graças à casa que um grande número de nossas lembranças estão guardadas [...].”

Gaston Bachelard, (A Poética do Espaço, 1978, p. 200)

No filme brasileiro *Narradores de Javé* (CAFFÉ, 2002), a autora desenvolve um tema em que moradores buscam defender a preservação da cidade do mesmo nome, Javé, diante da iminência da construção de uma represa construída no Rio São Francisco. A saída era declarar estas terras patrimônio histórico, o que impediria sua inundação. Para defender este patrimônio, esses moradores tentam reconstruir sua história, onde criam seus mitos fundadores, homens e mulheres, com trajetórias que têm elementos comuns e também muitas diferenças, a começar pelos personagens Indalécio, líder de homens valentes e Maria Dina, liderança de corajosas mulheres.

De certa maneira, eu me sinto como Antonio Biá, o que escreveria a história de Javé, protagonista desse filme. Tento conhecer figurantes de uma história, sem a pretensão que sejam como Indalécios e Marias Dinas de seu grupo social. Creio que na Família do Manelim é muito forte o sentido coletivo da história, mesmo com suas diferenças pessoais. Tento colaborar para colocar em cena parte desse patrimônio humano de Brasília que é formado pouco a pouco, como diz Laureano, membro dessa família, interpretando suas tradições de vida:

O estilo de Brasília é dos imigrantes que chegam, com seus costumes, e que faz aquele costume, aquele estilo. Sou interiorano, mas não tenho sotaque, não tenho tradição de roceiro. Eu vivi a vida toda praticamente na cidade.

A obra cinematográfica antes citada pode me inspirar neste trabalho no sentido de conhecer e ajudar a preservar – não congelando o passado, mas dinamizando o presente - o patrimônio cultural, práticas e saberes de uma família, recortando em suas histórias de vida,

a experiência de migração da cidade de Bonfinópolis de Minas (MG), para Brasília (DF). Bonfinópolis também esteve muito ligada, no passado, ao comércio fluvial do Rio São Francisco e à cidade de São Romão, à sua margem. Meu trabalho incluiu, no Capítulo III, narrativas e interpretações sobre viagens a esta cidade feitas por familiares de Manelim, onde faziam trocas de produtos até os anos 50 ou 60 do século passado. Embora não seja meu objetivo neste momento, uma história fluvial sobre cidades que margeiam um rio como este deve ser muito interessante, tanto quanto trabalhos feitos pela nossa professora de Mestrado, Selma Alves Pantoja, sobre populações oceânicas.

Trabalho com 12 pessoas de uma mesma família, todas nascidas em Bonfinópolis de Minas (MG), e moradoras atualmente da cidade de São Sebastião (DF). No momento em que estou escrevendo estas páginas, a pessoa mais velha deste grupo tem 69 anos e a mais nova 38. Tenho diante de mim adultos e idosos, pessoas estas que chamarei de velhos ou velhas pelas mesmas interpretações feitas por Bosi (2004, p. 60):

Nelas é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadro de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que, de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente do que a uma pessoa de idade.

Dentre essas pessoas por mim entrevistadas, referências aos velhos em suas memórias é algo que eles e elas podem chamar de sagrado, legitimando e reverenciando sua presença nessa história familiar.

Manelim e Amado lembram que seus antepassados eram baianos que fugiram da seca. Vicente mostra que a terra de seus avós foi sua segurança em momentos de carências e de conflitos: “Meu avô tinha duas fazendinhas. Perdemos a primeira fazenda que era do meu avô. Ficamos sem terra... Aí moramos na fazenda (outra parte) do meu avô”. As terras pertenciam normalmente aos mais velhos, que cediam espaços para outros membros da família. Foi entre os avós que Laureano também buscou moradia durante um tempo da vida.

Adnélia, hoje uma boa cozinheira, lembra da avó como aquela que lhe ensinava artes culinárias, e, também, grande conhecedora de plantas curativas do mato. Ela também lhe falava de acontecimentos antigos, como os tais dos *revoltosos* que passaram pela região lá pelo ano de 1925, ou o caso do aparecimento de Santo Antonio sem datas nem aproximadas, no

lugarejo ainda chamado de Lages, que preserva muitas memórias da história desta família. Juvenal também se lembra de histórias contadas pelos seus antepassados, como as viagens a São Romão. Maria das Dores diz que suas práticas de hoje de plantas curativas são heranças vindas de seus antepassados: “Eu creio que meu pai aprendeu com os pais deles também, que vêm desde as primeiras gerações de pai, avô”. E dos mais velhos veio também uma prática que Manelim tem de benzer, como ele mesmo conta: “E o menino de mãe Teodora engoliu a biloca. ‘Vem cá, preto, reza, faz aquele benzimento do engasgo’. Eu fui fazer aquele benzimento, sem um pingo de fé, era menino demais. Quando acabei deu uma tosse e ele jogou a biloca lá longe”.

Francisca revela o papel importante dos velhos nas grandes festas daquela região, como as do Natal. E reconhece o carinho que seus avós tinham consigo, já morando na cidade: “Eu tinha problemas de saúde. Toda vez que ele chegava aqui já chegava com um monte de São Gonçalo que pegava pelos matos e me ensinava como fazia. Minha avó era parteira, ensinava muitas coisas”.

Nem sempre as histórias mais antigas são contadas em detalhes maiores pelos mais velhos, pois os mais jovens já escutaram muitas vezes a mesma história nas conversas de família e também as podem contar. Nem sempre os mais velhos estão com saúde suficiente para se lembrarem até mesmo do que já passaram à frente para seus familiares mais novos. Mas talvez seja importante dizer que os mais velhos têm o hábito, e também o tempo de lazer, para fazer este trabalho de memória, como argumenta Bosi (2004, p. 63), citando Halbwachs. Segundo esta autora, os mais velhos já não têm tanta participação na produção econômica de sobrevivência de seu grupo social. Nesta etapa da vida, eles e elas fazem outro tipo de trabalho, o da memória, para a preservação histórica de sua família. Os mais velhos desta família que pesquiso, embora trabalhem já muito com suas memórias, também são pessoas que colaboram ainda bastante com o sustento de suas famílias.

Com estas narrativas muito comuns em suas rodas de conversas, onde os mais velhos são referências de memórias, os que entrevistei começavam a contar sua vida. E contar a própria história é um misto de reviver e reconstruir passados, sob a demanda pessoal do presente, ou de trabalhos como este, por mim provocados. Desde o início, pude perceber que há uma seletividade de temas ou assuntos, como diz Pollak (1992, p. 203): “*A memória é seletiva* (grifo do autor). Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado”. Nem tudo convém relembrar ou revelar. Por este motivo é que, possivelmente, diz Amélia: “As tristezas a gente nem gosta de comentar, mas faz parte da vida”. Ou como diz Laureano: “Minha vida foi um

zigzague. Sou um pouco dramático. Não é uma história boa de se contar porque se torna um pouco triste. Mas a vida de família eu posso considerar maravilhosa”.

Esta seletividade de memórias pode ser observada também pelos elementos apresentados em cada narrativa, quando se trata de lembrar o que significa hoje a Bonfinópolis de ontem. Manelim guarda a memória de sua casa como um local de passagem de muita gente: “Era um lugar que vivia quase direto gente pousando, porque era uma beira de estrada. Não sei porque eles (migrantes ou viajantes) gostavam de pousar lá em casa. Amélia mostra que muita gente da região por ali também circulava: “Uns de mudança e outros passeando, tocando boiada, indo para Lages levando boteco (comerciantes com barracas)”. Francisca, então criança, lembra-se mais das festas em Lages e na casa de seus avós: “Era uma coisa muito de família. Faziam comidas, e os de lá comiam aqui, os daqui comiam lá”. Ao falar assim, Francisca está mostrando a diferença entre comidas dos pobres e outra dos grandes proprietários do lugar. Maria José também mostra que entre eles também havia diferenças de condições em determinados passos e momentos da vida, quando surgia muita solidariedade partilhando roupas, sapatos e outros materiais de necessidade básica.

Maria das Dores já se recorda do suado trabalho: “Meu pai era um homem pobre. Foi ganhando a vida assim, tirando sorte do gado que ele olhava. Mas a gente trabalhava muito”. Vicente lembra dos conflitos de terra: “Aí derrubaram a cerca. O fazendeiro mandou a polícia. Mataram uma das pessoas da família de meu pai (Irmão dela, lá pelo ano de 1972). Eles ficaram traumatizados, largaram a fazenda. Ficamos sem terra. Aí viemos parar aqui”. Alda tem em Bonfinópolis a memória de um aconchego: “Bonfinópolis é o berço”. Mas não se esquece dos conflitos: “Aí o fazendeiro começou a pressionar pra pagar arrenda. Foi quando meu pai resolveu sair. Meu tio foi assassinado. Depois disso saiu todo mundo de lá e a gente está por aí”.

São memórias vividas no mesmo local e épocas aproximadas, embora narradas sob formas de expressão e interpretação variadas, são narrativas diferentes, mas com fundos comuns, cenários semelhantes, ou desejos de preservar esta história como própria desta família e não de outra.

Pollak (1992, p.201), citando Halbwachs, diz por isso que “a memória deve ser entendida também, ou, sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes”. Há narrativas nas quais os contadores são testemunhas pessoais de

acontecimentos. Outras, nas quais se misturam o testemunho pessoal com histórias contadas pelos antepassados, como diz este autor.

Continua este autor mostrando que há acontecimentos vividos pessoalmente, e outros “vividos por tabela”, isto é, “acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer”. É como uma “memória quase que herdada”, difícil às vezes até de dizer se foi ou não vivida pessoalmente. Nem sempre a pessoa que narra acontecimentos de um grupo foi realmente contemporânea dos personagens referidos e nem sempre estiveram nos locais onde se passaram tais fatos narrados.

Quando membros de um grupo contam sua própria história, é fácil que a história do mesmo grupo se misture com suas histórias pessoais, não havendo muitos limites no tempo e no espaço, mesmo com diferenças evidentes quanto ao que se conta e como se conta.

Manelim diz: “Não tinha dinheiro. Passava o ano todinho trabalhando pra ir a S. Romão. Naquela época era catiragem, era troca, não tinha dinheiro”. Ele está falando de tempos muito distantes uns dos outros, desde seus antepassados até seu tempo de vida, quando, por uma só vez, esteve em S. Romão, entre os anos de 1950 e 1960. Ele está falando da história da família e da sociedade mais ampla, e não somente de sua história pessoal. O coletivo e o pessoal se misturam. S. Romão era destino de viagens quase sempre consideradas como epopéicas, pelas dificuldades da estrada, com muitos dias de andanças e muita areia no trajeto. Era local de encontrar gente estranha de longe e de muito comércio. Lugar lindo, como o grande Rio São Francisco. Ali saldavam dívidas e faziam novas compras, tudo na catiragem com seus produtos levados em carros de bois.

Não menos importante era Lages, lugar mais próximo, mas de muitas histórias, festas e convívio com famílias das proximidades. As pessoas por mim entrevistadas pouco se referem à chegada de bandeirantes nessa região pelo ano de 1744, como falamos no Capítulo II, e nem em possíveis cruzamentos familiares com estes. Esta sua postura perante a história me faz voltar aos *Narradores de Javé*, filme a que me referi no início deste capítulo. Essas pessoas parecem sentir seus antepassados quase sem referências a personagens já consagrados em livros didáticos, entre outros, ou acontecimentos que os tenham precedido. É como as histórias de Indalécio e Maria Dina no citado filme. O fato mais antigo, dessas narrativas dos que entrevistei, parece-me ser o mito fundador do aparecimento de Santo Antonio no cupim, santo tradicional arranizador dos casamentos que reforçavam seus laços fundamentais, e local onde realizavam, desde muito tempo, suas festas inesquecíveis. Todos se referem a Lages como espaço das famílias normalmente com eles e elas aparentadas. São narrativas que perfazem

temporalidades muito diversas, pela cronologia dos fatos e pela maneira de sentir acontecimentos ali vividos, pessoalmente, ou por os terem ouvido contar por seus parentes e amigos.

Os mais velhos sempre se lembram de seus casamentos em Lages. Quem lá era criança lembra-se mais das comidas, doces, brincadeiras. Para Manelim e seu grupo de animação musical, religiosa ou não, os detalhes desta prática só ele mesmo sabe contar:

A gente aprendia as músicas com aquele pessoal que vinha do Norte para São Paulo, daquelas regiões longe que a gente não tinha nem idéia de onde é que aquele pessoal vinha. A gente combinava um grupinho de duas ou três pessoas pra aprender os versos. A pessoa cantava uma música e aí eu dizia pra um colega: você vai aprender o primeiro verso, eu vou ficar com o segundo e o outro com o terceiro, porque aquela música tinha que ficar lá. A gente ia ver aquela pessoa uma vez só. Quando ele ia embora, ajuntava o pessoal pra tirar a limpo se a gente tinha aprendido aquele verso. Cada um cantava um verso pra ver se a gente tinha ficado com aquela música.

Parece-me que a importância patrimonial de Lages, com suas remotas histórias de bandeirantes, é antes uma preocupação da administração de Bonfinópolis que me mandou uns documentos e fotos relacionados com a luta pelo tombamento da igrejinha católica desse lugar. Esta faria parte de uma outra versão, de um outro projeto de memória como símbolo mais primitivo da história desse município, ajudado pelo fato de o prefeito ser hoje um padre já bem conhecido na cidade.

Bosi (2004, p. 54-55), citando Halbwachs, diz que a memória tem seus quadros sociais. A memória não seria antes uma relação entre a pessoa e sua subjetividade. E sim um trabalho diante das interações dela com seu grupo social. Citando este autor, ela faz uma crítica a Bergson, segundo o qual “o espírito conserva em si o passado na sua inteireza e autonomia”.

A memória é provocada pelas pessoas com as quais convivemos. Lembrar, para Halbwachs, diz Bosi, “não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho”. É interessante sentir a reconstrução que fazem as pessoas que entrevistei ao imaginarem Brasília. São imagens que se sobrepõem, que se contradizem, que mudam freqüentemente sempre que contam. Um ditado popular mesmo diz que “quem conta um conto aumenta um ponto”. Aumentar, no caso, não é ser infiel a uma pretensa história fixa de um passado, mas é a maneira como cada pessoa experimenta, em sua temporalidade e seu mundo de ficção – sempre presente em cada narrativa - fatos vividos por ela, ou conhecidos através de outras pessoas.

Brasília, para esta família, foi uma construção histórica com muitos percalços. E, ao falar destes, estas pessoas por mim entrevistadas olham esta história a partir da vida e do local de onde hoje falam.

Alda entendia que Brasília era um lugar onde “a gente tinha que obedecer. Alguém falava e a gente tinha que obedecer. Era feito por polícia... Era uma ordem que a gente tinha que acatar”. Manelim diz que ouvia falar das coisas feias dos militarismos e obras de Brasília. E ele não perde a oportunidade para traduzir isto numa piada sobre o diabo, como mostrei no Capítulo III. Aliás, não é tão raro estes narradores e narradoras fazerem piadas e provocarem muitos risos em cima de fatos traumáticos do passado. Pode ser uma catarse ou mesmo pode ser expressão de vitória sobre acontecimentos difíceis que foram superados. Manelim percebe que foi grande sua capacidade de adaptação, principalmente no campo do trabalho. Para um trabalhador rural, trabalhar de noite era raridade de extrema necessidade. Para quem construía Brasília, era questão de tempo e programação, onde noite e dia se somavam para atingir as metas de JK, ou de outros que coordenavam a construção desta capital federal. Manelim ajudou na construção do Senado, trabalhando de noite.

Adnélia ouvia falar de médicos que matavam, de trânsito violento, de muitos acidentes e ficava muito preocupada. Mas isto não impediu que ela buscasse em Brasília soluções para seus muitos problemas de saúde. Aliás, foi este o motivo principal das mudanças destas pessoas de Bonfinópolis para essa cidade. Seu esposo Amado se mostrava bastante incrédulo quanto aos comentários negativos acerca da mesma.

André, assim como seu irmão Vicente, fala do medo que tinham dos primeiros aviões que começaram a cruzar sobre suas terras no início da construção dessa capital federal. Diz este: “Passava um avião, a gente estava lá trabalhando, uns aviões grandes... ‘aquele avião está levando material para construir Brasília. Pra onde que é? Nós não conhecemos cidade’”. A descrição de André é mais drástica:

Um dia nós fomos pra roça e tinha a história, a notícia da gente falou assim: o mundo está acabando. E meu pai falou assim: “É o tal do avião, vamos correr, vamos entrar nesse mato aqui que ele pode cair em nós”. E passamos no buraco da cerca e ficamos lá no mato espiando o avião e não caiu em nós nada e passou, mas como nós não conhecia...

Tempos depois, André foi trabalhar exatamente no aeroporto. Hoje ele assim expressa sua capacidade de superação deste medo que antes tinha de avião:

Dum tempo que ela era um horror que a gente não podia ver, já foi mudando a cabeça... É um serviço que gostei... Era um lugar alegre, esperto... Pode ser analfabeto que nem eu, mas tem que ser agito, rápido. E o medo de antigamente ficou pra trás. A gente descobriu que era um medo à toa.

Sua esposa Maria José também fala de superação de medos, mostrando-se hoje muito otimista nas lutas da vida:

Acho que eles foram descobrindo que aqueles que podiam fazer parte da capital era pouco para fazer o serviço que tinha que ser feito aqui. Então precisava de gente simples como a gente. E aí foi o motivo que a gente foi aprendendo a espantar o medo e veio pra cá e graças a Deus nunca aconteceu nada de mal com a gente. Tem muita coisa perigosa, mas tem muito mais coisas boas do que as ruins.

Francisca, das mais jovens dentre outras pessoas entrevistadas, já aprendeu que é sempre difícil pessoas do interior do país adaptarem-se à vida e ao ritmo desta cidade. Brasília era antes, como se expressa hoje ela e sua tia Amélia, um *bicho-de-sete-cabeças*. Mas, depois que aqui chegaram e enfrentaram tantos problemas, sentiram sua capacidade de adaptação e não aceitaram voltar atrás, pois a vida aqui era, em vários aspectos, melhor que antes.

Os desafios de Brasília pareciam ser assustadores: militarismo autoritário, violência policial, cidade impessoal e desumana, violência social, insegurança nas ruas, dificuldade de andar na cidade, desafios das tecnologias urbanas, muito diferentes de seus artefatos culturais de necessidades básicas, a desinformação sobre a vida urbana, os conflitos entre segmentos sociais diferentes. Mas, aos poucos, foram entendendo que, na vida, é preciso arriscar, e que as notícias que lhes chegavam sobre Brasília não correspondiam sempre à experiência de quem lá decidia viver ou trabalhar. As imaginações construídas pessoalmente ou por comentários ouvidos ou vividos por outras pessoas, acerca dessa cidade foram se somando e se contradizendo. Ao mesmo tempo em que a família do Manelim foi construindo um entendimento sobre essa capital, cada pessoa do grupo de entrevistados (as) foi também fazendo sua imagem a partir de suas próprias experiências.

A *memória herdada*, conforme se expressa Pollak (1992, p. 201-4), é composta de acontecimentos, personagens e lugares de vida que permanecem como vestígios nas narrativas de cada entrevistado (a). É uma construção tanto individual como coletiva. Ela se relaciona com o “sentimento de identidade”. E, por isso, diz este autor:

Podemos dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentido de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

Continua dizendo Pollak que memória e identidade não são fenômenos compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo. Por acontecer sempre em relação a um “outro” ou “outra”, exigem contínua negociação, flutuando por possíveis e até contínuas mudanças. E, finalmente, toda memória tende a ser *enquadrada* num contexto do momento de quem faz uma narrativa, gerando ao mesmo tempo um trabalho de manutenção, coerência, unidade e continuidade da organização coletiva da qual ela faz parte (POLLAK, 1992, p. 206-207). Assim, este grupo social conquista maior estabilidade diante de outras propostas e influências de grupos diferentes. Em períodos de calma no relacionamento com outros grupos, a preocupação com a memória e a identidade não seria, segundo esse autor, tão acentuada.

Francisca expressa bem este sentimento de identidade pessoal e coletiva ao falar de sua vida no antigo acampamento do Guarazinho entre 1975 e 1982, ano este em que foram morar no Guará II, vindo em 1995 para São Sebastião. Sua experiência pessoal se mistura com identidades grupais e familiares.

No Guarazinho a gente morava num quartinho aquele amontoado de gente. Depois meu pai conseguiu comprar um barraco. Eu estava naquela fase que você entra para adolescência, e lá era um lugar onde as pessoas cresciam juntas. Todo mundo se conhecia, quase todo mundo participava dos grupos de Igreja. Se tinha uma festa era só aquela. E todo mundo ia. Era mais ou menos uma ilha onde a gente morava. Mas o Guará já era um lugar elitizado. Morei 14 anos no Guará. Mas nunca foi um lugar onde eu dissesse assim: “É meu lugar”. Mas minha família veio toda pra São Sebastião. É uma cidade pequena e o povo é simples. Você conhece todo mundo, você pega o mesmo ônibus todo dia. É um povo acolhedor, um povo mais sincero, mais despojado. Eu sempre digo assim: sou mineira de coração e brasileira de profissão. A gente cortou raízes e já tem família.

Vicente também revela este conflito de adaptação em novos ambientes na capital federal onde sua história se cruza com histórias de outras pessoas e grupos sociais. Brasília parece ser, em suas narrativas, um lugar de efervescência desses conflitos identitários na busca de confluências pontuais para sustentarem sua convivência, como diz Hall (2000, p.111-112):

Utilizo o termo “identidade” para significar o ponto de encontro, o ponto de *sutura* (grifo do autor), entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos ‘interpelar’, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode “falar”.

Vicente mostra também que para interpretarmos uma situação dada, precisamos nos distanciar de lugares e experiências para entendermos melhor os valores e raízes de conflitos:

Bonfinópolis era bom demais... Quem nunca andou nem sente os problemas tão sérios que é lá, pensa que tudo é natural... Depois que a gente sai de lá e que a gente sabe o tanto que nós sofremos... Mas o sofrimento que tinha lá por uns pontos é ruim, mas havia hora que era muito boa lá. Lá a gente era dono de tudo, e aqui a gente não é dono de nada. Lá dependia muito pouco, só de Deus e da comunidade, da sociedade.

Ele interpreta que em cidades como Brasília somos escravos, enquanto que, em Bonfinópolis, eles e elas eram donos de tudo que precisavam, como a água. Ele estranhou, ao chegar à capital federal, ver tanto prédio, tanto carro em alta velocidade, e quase não via gente: “Lá na roça você vai à festa pelas estradas, você está vendo as pessoas”. Aqui tudo é na alta velocidade e os endereços são complicados. Os parentes aqui vivem no trabalho e não têm tempo para acolher suas visitas: “Aqui não é lugar de passear”. Ele tem dó das crianças, criadas na cidade como feras na gaiola. E não vê culpa nas crianças, ao dizer: “A culpa é da sociedade, é um conjunto. A sociedade é que criou este clima”. Na roça, diz ele, “a gente já teve muito tempo tranqüilo”. E, finalmente, ele acha que é pura ilusão vir para a cidade grande. Mas também não acredita em volta para a roça: “Rapaz, não volta fácil, não. Ninguém volta pra roça mais, pois quem conhece a cidade, tudo é mais bonito, mas não olha o futuro da vida. Eu sou pessimista, mas eu não queria ser não”. Diz ainda: “O que a boca fala é o que o coração mandou. E o coração também não aceita mentira”.

Vicente tem mais prazer em ficar em seu ambiente de trabalho que na própria casa, embora conviva muito com sua família:

Há 13 anos trabalho na UnB (Universidade de Brasília). Gosto, porque o serviço é muito parecido com o meu lá da roça, serviço manual, só que é serviço mais maneiro e a gente é mandado, tem que cumprir horário. Mas é um campo aberto, tem muita árvore, muita fruta, tem passarinho cantando pra gente escutar, você pode deitar debaixo de uma árvore e descansar. Tem muita fruta, e é onde tiro o pão de cada dia. Eu fico muito mais sufocado em casa do que lá. Outra coisa. O barulho que tem na rua. Deus me livre.

Vicente vive dimensões de identidades bem diferentes em sua casa e na UnB. Em casa, o aperto das vizinhanças, as crianças sufocadas ocupando as ruas com suas brincadeiras, o

barulho às vezes ensurdecedor, como de carros de propagandas. Na UnB, o silêncio, a natureza, a saudade da roça. São dimensões de identidades em conflito. Por estranho que pareçam ser, o mundo do trabalho é o mundo do descanso, e o mundo do descanso é que lhe dá mais trabalho. Sua identificação com situações vividas na roça em Bonfinópolis parece revelar-se em seu gosto de trabalhar nos jardins da UnB. Ele parece estar convencido que veio para cá por ilusão, mas não vê mais como voltar atrás. Então reconstrói seu presente curtindo a vida no meio da natureza da UnB.

Hall (2000, p. 103-107), ao tratar da identidade, faz uma desconstrução do termo. Mostra que identidade não é um conceito essencialista. Para isso, parte do conceito de identificação como “processo de subjetivação [...] e a política de exclusão que essa subjetivação parece implicar”. A identificação, interpretada por este autor conforme definição de Freud, “é a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa”. E ainda, referindo-se a este autor, diz que a identificação “não é aquilo que prende alguém a um objeto que existe, mas aquilo que prende alguém à escolha de um objeto perdido”. É um processo em contínua construção, “um processo nunca completado”.

Hall (2000, p.108-111) diz: “o conceito de identidade aqui desenvolvido não é, portanto, um conceito essencialista, mas um conceito estratégico e posicional”. O conceito de identidade não “assinala” um “núcleo estável do que passa, do início ao fim, sem qualquer mudança, por todas as vicissitudes da história”. E continua mostrando que este conceito “não tem como referência aquele segmento do eu que permanece, sempre e já, ‘o mesmo’, idêntico a si mesmo ao longo do tempo”, seja como pessoa ou aplicado à identidade de um grupo social determinado. As identidades não são unificadas, mas fragmentadas e fraturadas, “multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições”. Por serem continuamente historicizadas, elas passam por contínuas mudanças e transformações, cada personagem histórico, em cada lugar e em cada acontecimento, como afirma Pollak (1992, p. 201-202).

Hall continua mostrando que identidade é uma construção de relação com o “outro” e, portanto, é uma busca de algo que lhe falta fora de si mesmo, num exercício de poder, excluindo o diferente. As identidades, segundo ele, devem “ser lidas a contrapelo” das diferenças, pois continuamente “são desestabilizadas por aquilo que deixam de fora”.

Podemos também sentir esta experiência de identidades em duas narrativas de Maria José, nas contradições e desafios do trabalho, tanto em sua vida em Bonfinópolis como em sua vida em Brasília. Ela começa mostrando o contexto em que vivia: “Os mesmos pés que eu

ia pra roça trabalhar eu ia pra festa dançar”. E, um dia, indo trabalhar para um fazendeiro, conta sua dura experiência. Era um homem que maltratava muito seus empregados, deixando-os trabalhar com fome. “Um dia reclamei. Falei que estava precisando tratar melhor a gente”. E o fazendeiro, revoltado, foi buscar carne de gado:

Só que ele ficou com raiva. E aí ele colocou uma *pá-de-vaca*. Partiu a pá praticamente no meio. Só que a carne mesmo acho que ele comeu. Mas o osso, bem grandão assim, ele colocou no meu prato e ficou sendo uma arapuca assim. Chorei até, mas comi, precisava comer. Cacei na cabeça assim: “Meu Deus, que é que eu vou fazer para eu agüentar”. Mas eu não encontrei saída, pois ali era o meu trabalho e aí comi, comi, graças a Deus. Fui pra roça trabalhar, pois eu não tinha outra saída. Então, quando a gente não tem saída a gente agüenta.

Mais adiante ela, já em Brasília, teve outra experiência de trabalho, vivendo numa situação de muito pouco dinheiro. Aí ela pensou: “Eu vou trabalhar. Outras pessoas trabalham, eu vou trabalhar também”. Foi trabalhar numa mansão do Lago. E pensava assim: “Hoje, sim, eu estou do tamanho dos outros de Brasília”.

A mulher me deu uma enceradeira que ia no corredor até lá longe... Aí eu disse: “Agora eu estou com tudo e não estou prosa”. Só que arrancou a tomada e com isso a enceradeira calou a boca. (Depois foi ligar a tomada e...) Ela endoidou no rumo do corredor e fiquei sem saber aonde é que eu ia. Aí voltei pra casa e dei conta de mais viver do jeito que estava lá em casa. Ficou bom porque aprendi que com o que eu tinha dava pra viver. Com essa, outro dia eu podia pegar mais prática. E podia ir trabalhar, mas não fui. Não trabalhei mais na casa de ninguém.

Maria José mostra, em suas narrativas, por vezes, seu lado alegre, cultural, mulher festeira, contadora de piadas, e, ao mesmo tempo, sua liderança no grupo familiar, sua firmeza em enfrentar a verdade consigo mesma e diante de outras pessoas que a oprimem, assim como fazem seus amigos ou parentes. Sendo assim, ela também é expressão de um coletivo que com ela parece se identificar. Mas também revela sua identidade nas formas de se relacionar com tipos diferentes de pessoas e a diversidade de acontecimentos agradáveis ou não. Num primeiro momento, ela tenta ser como outras pessoas e depois rejeita esta mesma posição, deixando para um possível futuro tais experiências. Há um misto de tentativa de *suturas* e rupturas, já que, conforme Hall (2000, p.108-111), “As identidades são, pois, pontos de apego temporário”.

A memória tem seu enquadramento, diz Pollak (1992, p. 206), nestes acontecimentos e nas relações construídas com pessoas de convivência. Por estes acontecimentos e no confronto com outros(as) personagens, e pelos diversos lugares onde vivem e passam os narradores aqui considerados, consigo conhecer melhor suas experiências de identidades.

Essas experiências vividas e os saberes daí tirados, muitas vezes presentes em ditados e provérbios, como já pude perceber em suas falas, são reveladores não somente de memórias para se construir uma história, mas também expressões que revelam identidades vividas por esses(as) entrevistados (as) no decorrer de meu trabalho. André aprendeu do pai uma lição: “Aprender a fazer de tudo o que der conta e usar o que for preciso no momento da necessidade... Daí o mundo vai rodando e a necessidade vai chegando”. Benjamin (1994, p. 200-201) percebe este senso prático dos narradores, que ele também chama de “dimensão utilitarista”. O narrador passa ensinamentos morais, sugestões práticas, provérbios e normas de vida.

Aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada”... “O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria. A arte de narrar está definindo porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção”[...]. “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes”.

Percebo que entre os mais velhos, estes conselhos estão muito presentes, mais que entre os mais novos. E os conselhos normalmente surgem após trechos de narrativas, e uma frase de maior impacto que resume tal e tal experiência ou interpretação da mesma. E é o mesmo caso de Vicente que ao narrar sua longa história dos problemas mentais enfrentados, termina dizendo: “Vida gemida é vida comprida”. São formas de fazer, ao final de uma narrativa, antes ou durante a mesma, pequenas sínteses de pensamento como que aconselhando o ouvinte a guardar, de toda história, um ensinamento que pode ser aplicado nas realidades de vida de quem soube ouvir e acolher tal e tal experiência. Assim, as narrativas podem ter sempre continuidade.

Benjamin (1994, p. 221) chama estes provérbios de “ruínas de antigas narrativas nas quais a moral da história abraça um acontecimento, como a hera abraça um muro”. Por isso, este autor considera os narradores como mestres e sábios. E realmente nos encantam e parecem nos tirar de nosso mundo, penetrar os seus, para depois voltarmos transformados, com outros significados e sentidos de vida, para nossa própria realidade.

Mas os mais jovens, dentre os grupos de entrevistados e entrevistadas, também constroem e reconstróem suas identidades em suas narrativas com continuidades e descontinuidades. É como Alda que na doença da asma de hoje encontra e reconstrói sempre a memória viva de um acontecimento traumático. No dia da partida lá da Fazenda Riacho dos

Cavalos, onde viviam, para não mais lá voltar para morar, tiveram que esperar dia e noite numa situação precária, enquanto o pai André foi arrumar condução numa cidade vizinha:

Aí tivemos que passar uma noite lá e foi lá inclusive que deu a primeira crise de asma que ainda tenho até hoje. Tratei, fiz acompanhamento de ambulatório, mas mesmo assim ainda me perturba um pouco. Eu falo assim: que desgrama eu ter ficado em cima dessa serra. Mas essa asma foi adquirida lá porque eu não tinha problema. E nesse dia eu fiquei com uma tremura, uma febre altíssima e não tinha remédio que desse jeito.

Juvenal assume a identidade de seu grupo em parte de suas memórias, vivendo *por tabela*, como expressa Pollak (1992, p. 201), alguns acontecimentos, pois os fatos contados são antigos: “A gente vivia como índios”. E re-conta, reconstruindo o mesmo fato que seu pai André e seu tio Vicente contaram, ao falarem do medo que tinham de avião que por lá começou a passar, vindo para o início da construção de Brasília: “Pensava que era coisa de outro mundo”. E continua dizendo: “Por histórias a gente ouve contar que quando foi o primeiro veículo, que era um Jeep com que o pároco de Bonfinópolis começou a rodar pelo interior, o pessoal nem foi na celebração da missa. Os animais ficaram assombrados”.

Adnélia, ao contar a história dos *revoltosos* acontecidos por volta de 1925, estende-se por longa temporalidade da vida de sua família. Faz memória de fatos ouvidos de sua avó Zulmira, acontecidos num tempo em que esta era ainda criança. Deveriam ser fatos ouvidos de seus pais, avós ou bisavós. E a narradora acima, após descrever a história dos *revoltosos*, revela que até hoje ela se junta a familiares e vão até em Bonfinópolis para rezar a ladainha com rezas a São Sebastião, e fazendo sempre a memória daquele acontecimento: “A gente não pode parar. É uma tradição muito antiga”. O passado é presente e pretende ser sempre futuro

Benjamin (1994, p. 197), ao falar de narradores e suas memórias, diz: “O narrador não está de fato presente entre nós, em sua atualidade viva. Ele é algo de distante, e que se distancia ainda mais [...]. Uma experiência quase cotidiana nos impõe a exigência dessa distância [...]”. Eu diria também que o narrador se aproxima para nos cativar e nos encantar, e depois nos leva para distâncias no tempo e no espaço, deixando-nos marcas de valores. Voltando ao nosso espaço e nossas temporalidades, podemos aplicar, em nosso dia a dia, algo de sua sabedoria de vida. É, como diz este autor, um intercâmbio de experiências entre narradores e ouvintes, ao falar de dois tipos de narradores: o agricultor sedentário e o marinheiro viajante (BENJAMIN, 1994, p.198-199).

Este autor (1994, p. 224) nos ensina a lidar com o passado destas narrativas, ao dizer que “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo [...]”. Segundo ele, é preciso “despertar no passado as centelhas da esperança”. Este seria, diz o autor, o dom e o “privilégio exclusivo do historiador”.

Há fatos com experiências marcantes na vida destes que entrevistei que não são acontecimentos isolados, mas profundamente reveladores de seu tipo de vida. É seu jeito de ser, como pessoa ou grupo social, em determinado tempo e nas temporalidades que cada pessoa viveu e vive. Cada narrador (a) hoje interpreta o acontecido, lembrando um detalhe de algo coletivamente vivido. É como uma montagem de quebra cabeça ou uma arte em mosaicos.

Uma das experiências mais comentadas em suas narrativas descreve e interpreta a questão da produção e conservação do fogo na roça, que tanto os mais velhos como os mais novos contam. Pelo tanto que narram e pelos seus detalhes, parece ter sido uma experiência de grandes dificuldades, muita criatividade, algo de superação que não pode ser esquecido. A experiência em si parece morrer, mas não é bem assim. Sua aprendizagem parece ter sido uma “centelha de esperança” benjaminiana que pode se acender novamente a cada momento diante de outras dificuldades e desafios da vida.

Naquele tempo não havia fósforos, a não ser quando conseguiam trazer de suas raras idas a São Romão. E cada narrador (a) tece um fio dessa história para me fazer entender o que foi esta experiência. Manelim se lembra de pessoas que conhecera e que tiravam fogo no esfregar de um pequeno pau em outra madeira, passando as faíscas para paus podres. André fala do fuzil, pedacinho de uma boa enxada, de lima, de facão, e das tais pedras de fogo, do papel da toradinha de taboca e do capucho de algodão. Maria José fala do controle dos pais para que crianças não pegassem aquela tralha que, segundo ela, era chamada de artifício. Era usada na cozinha e para consumo de fumantes, a maioria dos que lá moravam. Juvenal explica mais todo processo, acrescentando a importância do uso de chifres neste artifício, como um copo onde se encaixavam as outras partes. E acrescenta que, após aceso o fogo de um fogão, era preciso conservar aceso a noite toda, onde usavam tipos especiais de madeira como o pau de tingui. Alda chama a pedra de fogo, usada no artifício, de binga. Estas memórias a respeito de um instrumento fundamental de sobrevivência são somatórias que revelam um saber costumeiro de um grupo social, e que parece ser um símbolo vivo de uma capacidade de resistência e criatividade para superar outros desafios da vida.

É neste mesmo sentido que vejo suas muitas narrativas sobre outras práticas e saberes. São experiências contextualizadas que nos ajudam a entender seu processo migratório (BENJAMIN, 1994, p. 205). Havia alguns ingredientes próprios daquela vida em Bonfinópolis que hoje, em Brasília, com seus desafios, eles e elas tentam recordar e reconstruir. Mais que fazer coisas, a vida lá era uma expressão de potenciais do grupo e das pessoas para superar desafios, potenciais que hoje aplicam perante outros conflitos. O clima que lá favorecia estas experiências e sabedoria pode ser o que Benjamin (1994, p. 204) chama de *tédio*:

O *tédio* é o pássaro de sonho que choca os ovos da experiência. O menor sussurro nas folhagens o assusta. Seus ninhos – as atividades intimamente associadas ao *tédio* - já se extinguíram na cidade e estão em vias de extinção no campo. Com isso, desaparece o dom de ouvir, e desaparece a comunidade dos ouvintes. Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo. E assim essa rede se desfaz hoje por todos os lados, depois de ter sido tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual”.

Em Brasília, o emprego e o dinheiro mensal garantem, em boa parte, comprar muita coisa já feita e não é preciso criá-la. Mas, nem por isso, parece destruído o espaço do *tédio* onde as narrativas continuam. Mostram que eles e elas têm tempo para passar ensinamentos, casos, histórias e memórias. Os mais jovens, segundo dizem, é que não têm este tempo, por razões a serem interpretadas talvez em outra pesquisa. Nos espaços intercalados do trabalho, esta família ainda tem cultivado momentos de criatividade, seja no campo cultural da música, do artesanato, no uso de plantas curativas, no lazer de final de tarde, nos quais o costume de conversar e ter tempo para tais atividades, nas voltas periódicas à terra de origem.

Mas talvez esses fazeres sejam tipos de trabalho, como trabalho também é o próprio exercício da memória, na expressão de Bosi (2004, p.60): “Ao lembrar o passado ele não está descansando, por um instante das lides cotidianas [...] ele está se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida”. E talvez a própria distinção que fiz acima seja imprecisa, quanto a trabalhos de subsistência e seus intervalos. Parece que lembrar, narrar, interpretar e dar conselhos, contar piadas ou tirar ditados seja uma necessidade de sobrevivência, de manter-se vivo (a) e marcar presença em seu espaço familiar e social. Mas, dentre outras práticas que estas pessoas têm, o gosto pela folia, pelo forró, pelas cantorias, pelas festas, religiosas ou não, o jogo, comer e beber sempre com fartura, a partilha,

as visitas, a solidariedade, estas e outras exigem igualmente tempo e criatividade. E nesses espaços, sem ficar a olhar para relógios, a conversa corre solta. É também como o prazer de cultivar plantas, mostrar plantas, partilhar plantas, coisas que, principalmente as mulheres da Família do Manelim, fazem muito bem. Cada planta tem uma história e puxa uma conversa. Plantas são vestígios de memórias. É como disse Francisca em suas narrativas: “Então lírio pra mim sempre me lembra minha avó”. São ruínas ou traços de tradições, culturas que são fortes referências de suas vidas. E nessas idas e vindas, as conversas sempre são meio intermináveis. São cortadas somente pelo cansaço, o descanso para o trabalho do dia seguinte, ou por outros afazeres necessários.

Em Bonfinópolis era preciso ter muita criatividade para manter muitas práticas de conhecimentos para satisfazer suas necessidades básicas, como a fabricação de objetos e utensílios de uso mais freqüente. Para vasilhas de cozinha, raramente conseguiam dinheiro ou condições de adquirir algo em cidades mais distantes. Chegaram a usar argila para fabricar esculadeiras, vasilhas para fazer café.

Conta Manelim, numa de nossas conversas, que um dia espalharam notícias que os porcos da região estavam doentes. Há muito tempo usavam banha suína para cozinhar. Pelo ano 60 do século passado, começaram a chegar latas de óleo. Logo surgiu um morador que se especializou em fazer esculadeiras, assim como lamparinas com estas latas. Segundo ele, as pessoas de Bonfinópolis devem ter sido enganadas pelos comerciantes de óleo. Para completar as lamparinas, usavam azeite de mamonas nativas e pavios de algodão lá mesmo cultivado. Até hoje o algodão tem grande significado em suas vidas, por estar ligado ao fogo, às roupas caseiras, às diversas utilidades para o cuidado da saúde. Do mato ainda traziam cabaças, principalmente o coité, um tipo de cabaça mais fina e mais dura para agüentar, como disse Maria José, os descuidos das crianças.

Os fogões eram antes uma simples trempe de três pedras no chão do quintal. Depois fizeram fogões de barro dentro de casa, embelezados com estrume de gado misturados com argila. Aos poucos chegaram lá as chapas de ferro compradas longe. Surge assim, como fala Alda de seu pai André, o *fogão de rabo* que até permitia às pessoas agacharem-se em cima pra esquentar o corpo antes de ir para a roça.

Os calçados eram feitos de couro de gado, ou até de talas de bananeira para as crianças. Eram chamadas de alpercatas. As roupas eram produzidas pacientemente no tear, e tiradas das plantações de algodão. Deste artesanato ainda saíam sacolas, malas, bruacas. Brinquedos eram

feitos de materiais da natureza, como bonecas de sabugo de milho e bolas de lobeira, uma planta.

Além do esforço para produzir e conservar o fogo, outro problema era a dificuldade de se conseguir o sal. Sua carência devia produzir deficiências físicas, devido à falta de iodo. Talvez por esta razão era muito comum as pessoas adquirirem bócio, chamado comumente de papo. Estas pessoas eram até isoladas, por medo de ser uma doença contagiosa, segundo contou-me Manelim e Maria José, em uma de nossas conversas. Era difícil conseguir sal para as pessoas e também para o gado. Era comum alguém deixar camisas suadas nas cercas, como conta André em suas narrativas, e o gado chegar e começar a mastigar estas roupas, devido ao sal do suor. Era uma forma de compensar a necessidade de nutrientes desse produto.

Amado se lembra dos berimbaus, possivelmente trazidos da Bahia. Eram diferentes dos hoje conhecidos por qualquer turista que passa por Salvador e se espalham por outros lugares, adornando casas, animando rodas de capoeira. Diz Manelim: “Também era raro ter um que batia o berimbau até porque tinha que ter a boca grande, grandona mesmo, senão não dava o som...”.

Cada instrumento que criavam ou construía eram saberes transmitidos de geração a geração. Eram produtos que revelavam também o conhecimento da natureza que tinham ao seu redor, e que tanto apreciavam. Talvez as experiências mais reveladoras deste processo sejam a forma como cuidavam da própria saúde, acerca das quais alguns de meus entrevistados mais se delongaram. Afinal, no contexto de sofrimento que hoje mais avaliam ter lá vivido, o cuidado com a saúde sempre foi o maior desafio. Foi este também, como já disse acima, o principal motivo para migrarem e buscarem recursos na capital federal em construção.

Havia práticas diversificadas de preservação da saúde, mas, dentre elas, destacarei o uso de plantas curativas. Estas experiências, seja na região em que antes viviam, como agora Brasília, ou ao menos a preservação deste saber e sua valorização, talvez sejam indícios de que a vida da roça não seja tão diferente da cidade, e que não haja limites tão definidores entre vida rural e vida urbana. Se considerarmos migração somente como mudança de um lugar geográfico para outro, como uma cronologia de datas fixadas, talvez estejamos reduzindo, por demais, seu significado.

Quem chega a um lugar e adquire uma certa estabilidade de moradia e de trabalho, não se sente tanto migrante. Mas, se considerarmos outros elementos, principalmente de identidades e culturas, penso que poderíamos estender a migração como um conceito mais amplo, levando-se em conta outras experiências de interações e confrontos culturais

acontecidos em nosso dia a dia. As *suturas*, no dizer de Hall (2000, p. 111), e rupturas acontecem num tempo mais longo e ao mesmo tempo mais pessoal, em diversas temporalidades. Há situações de conflitos que se prolongam na vida, independente do local em que estas pessoas estejam vivendo. Há marcas e ressentimentos que não se apagam. Um processo migratório precisaria ser medido e interpretado além da simples mudança geográfica, explorando outros desafios, não só econômicos, mas também culturais. Assim acontece, em geral, com identidades, e assim pode acontecer com processos migratórios de quem têm experiências diversificadas de identidades.

Também Alda mostra esta faceta da migração quando compara São Sebastião com Bonfinópolis, em continuidades e descontinuidades:

São Sebastião me faz lembrar muito Minas Gerais, não é desprezando outro Estado do Brasil. Eu tenho orgulho de ser mineira e São Sebastião lembra muito Minas. As pessoas são acolhedoras. Claro que tem gente grosso, atrevido, malandro, todo tipo, mas, no geral, a maioria é gente boa que não tem dó de dispensar um bom dia pra você, uma informação de endereço. Eu gosto muito de São Sebastião... Bonfinópolis é bom demais. Eu quero ir nas festas de forró em Bonfinópolis. É bom demais. Eu não esqueço nunca. Bonfinópolis é o berço. É o meu berço.

Alda reconstrói a nostalgia de Bonfinópolis em experiências culturais similares na cidade de São Sebastião. Assim, valores e experiências da vida em Bonfinópolis não se apagaram e nem estão totalmente destacados de sua vida em Brasília, e mais ainda, de São Sebastião.

Podemos sentir e perceber que na vida urbana está havendo uma redescoberta do valor de produtos mais naturais. Aqui, o cuidado com a natureza e outras grandes preocupações com problemas ambientais podem ser pontos de convergência e suturas com a vida em lugares como na região rural de Bonfinópolis, evitando-se tanta distinção entre estes dois espaços e tempos. Dentre estes, situam-se o conhecimento, o uso e a valorização das plantas que têm propriedades curativas, com todos dilemas e desafios apresentados nas narrativas pelos (as) entrevistados (as) nesta pesquisa.

Nestes trechos editados por mim a partir das entrevistas acerca de plantas, não me preocupei tanto com referências às suas aplicações para tais ou tais benefícios da saúde e seus fundamentos científicos. Nem me detenho muito na forma como são preparadas ou usadas suas partes. Também não me deterei na *lógica dos espaços* (WOODWARDT; WOODWARDT, 1997, p.75) onde tais plantas são, ou eram encontradas ou cultivadas, embora haja claros elementos nas narrativas para tal estudo posterior (cf. Anexo II).

Procurarei destacar, a seguir, trechos dessas entrevistas feitas sobre plantas curativas que mostram os efeitos da migração sobre esta tradição da Família do Manelim: Que plantas usavam lá e não usam aqui e vice-versa? Que plantas vieram a conhecer aqui? Que costumes ainda conservam do uso destas plantas? Como as adquirem? Como foi, ou está sendo o processo de aprendizagem de tais práticas?

O uso das plantas muitas vezes vem acompanhado de expressões de fé, práticas religiosas, recurso a curandeiros (as), benzedeiros (as), simpatias, e integração de elementos do mundo vegetal, como outros do mundo animal ou mineral. As referências aos vegetais são, por um lado, diretas, ao citar tal ou tal planta, ou indiretas quando se dirigem a produtos derivados das mesmas como azeites, óleos, vinhos, cachaça e outros.

Nessas narrativas muito se fala da relação do saber familiar com as tradições herdadas dos velhos e de críticas aos médicos, medicamentos alopáticos e farmácias da cidade grande. É uma relação de saberes e poderes com diferenças e semelhanças, *suturas* (HALL, 2000, p.111-112), mas também rupturas.

A aprendizagem do uso de plantas, no caso de Francisca veio por herança dos mais velhos, pelos seus cuidados com os netos, ou por transferência de saberes nem sempre nas hierarquias entre pais, filhos (as) e netos (as), mas também pelo nível convergente de confiança e interesse. Assim, sua avó que a levava sempre para ajudar nos partos.

Alda destaca que estes conhecimentos passados dos mais velhos para os mais novos tinham seus limites. Ela, como também Vicente, distinguem o que é saber fazer um chá e o que é conhecer bem uma planta para seu uso apropriado. Havia casos em que a planta fazia bem e outro em que não fazia efeito. Parece que era mais raro que fizesse mal, talvez já por experimentos mais antigos de parentes. Sabiam e sabem que plantas amargas podem provocar abortos em gestantes. Segundo ela, a prática é o que garante acertos e erros, inclusive em relação aos próprios médicos que a atendem em suas crises de asma.

Vicente mostra várias fontes de aprendizagem. Uma, pela cartilha que recebeu de uma religiosa na comunidade onde morou em Bonfinópolis. Outra, pelos costumes indígenas, por ele identificados como tais, cujos antecedentes pouco descreve. Outra, pelas informações da Rádio Aparecida, acompanhando programas do falecido Padre Vitor. Outras, ainda, pelas sugestões de vizinhos ou colegas. E mostra finalmente que algumas orientações sobre plantas variam de tempo em tempo, como é o caso do café: “Diz que café é um remédio pro coração. Os médicos dizem: ‘Não tome café porque café faz mal’. Agora os médicos estão dizendo assim: ‘Não, o café não faz mal não. O café é uma beleza’. Rapaz, quem é que confia numa

coisa dessa?”. E continua: “Cada terra tem seu uso e cada roda tem seu fuso. Os índios fazem assim. Um índio pensa de uma maneira. Outra aldeia pensa de outra maneira. Por isso que eu falo das coisas. Não tem nada que tem uma direção certa”.

Se, por um lado, ele mostra alguns de seus caminhos de conhecimentos, por outro critica formas de saber, principalmente o acadêmico que forma profissionais de destaque na sociedade, como médicos e farmacêuticos. Não nega a importância destas formas de saber, mas as critica seriamente.

Por isso digo assim, que o homem não devia ser instruído porque ele só usa do modo errado. Foi Deus que deixou a inteligência do homem. É infinita, porque Deus cria é muito grande, só que não sabemos usar. A minha opinião é essa. Porque quanto mais a pessoa cresce mais ela destrói, mais ela agride. Assim é meu pensamento.

Ele ainda gosta de mostrar mais contradições, como em práticas nas regiões onde morava em Bonfinópolis e em sua própria vida. Ele fala dos curandeiros e benzedores que, segundo ele, também usavam muitos remédios de farmácia. E ele, embora tenha usado muitas vezes estes recursos de curandeiros para a saúde, também diz não acreditar:

Deus me perdoe, mas eu (risos) não acredito. Eu só acredito em sonho porque São José teve um sonho e isso é verdadeiro. Até o pessoal me chama de Tomé. Sou igual São Tomé. Só acredito se eu botar a mão. Tomara que eu seja igual a São Tomé, porque São Tomé duvidou, mas está lá no céu. Agora é santo.

Sua visão crítica das contradições da vida também se expressa neste trecho onde fala das pessoas que moram em favelas no Rio de Janeiro. É o que ele interpreta como uma das ilusões do progresso da cidade. E continua dizendo:

Aquelas pessoas que vivem no Rio de Janeiro, naquelas favelas lá... E já estão num lugar impossível, desbarrancando, casa em cima de gente. Por que aquele povo foi pra lá? Ilusão! E diz: foi por necessidade. Qual a necessidade? Necessidade existe sim, mas Deus quer que alongue a vida, mas só que o cuidado que agora tem com os idosos fez eles viver muito mais, só que acaba com a vida das crianças...

Manelim traz práticas antigas, como a experiência com mastruz: “O mastruz faz úlcera e cura a úlcera. Depende da quantia que você toma”. Depois que chegou a Brasília, ensinou até a um veterinário o uso da lobeira, planta do cerrado. E diz também que na cidade aprendeu coisas novas, como o uso de pimenta para queimaduras, a conselho de um colega de trabalho. De início isto lhe pareceu muito estranho. Ele queimara o braço em seu serviço na cozinha do Zoológico.

A aprendizagem do uso de plantas é um cruzamento de experiências que não se reduzem às práticas de suas tradições familiares. É notável o interesse que as pessoas da Família do Manelim têm de aprender coisas novas também na cidade. Há certas plantas, como o guaco, que eram pouco conhecidas pela Família do Manelim. Mas o uso do guaco já está se espalhando na mesma, após o terem conhecido no quintal de minha casa. Além de bom medicamento, é uma planta bonita para um jardim.

Todo saber é um poder que pode facilitar ou não uma boa qualidade de vida. Costumes trazidos por herança podem ajudar, mas também ter conseqüências maléficas ainda não conhecidas pelos próprios usuários de tais práticas. Assim, as influências de uma pessoa que expressa vários saberes tradicionais podem facilitar ou não a vida das pessoas com quem vive, e que os(as) procuram para solucionar seus problemas de saúde. O saber do médico, mais presente na cidade, pode trazer melhores condições de vida aos seus clientes, mas seu comportamento pode gerar uma auto-suficiência e uma mania de superioridade nem sempre saudáveis para pessoas que querem não somente curar suas doenças, mas serem respeitadas e bem acolhidas. São fatores que podem ter gerado conflitos nessas pessoas que saíram de uma região rural e passaram a viver em Brasília.

Maria José, ao comentar o respeito e, ao mesmo tempo, a crítica que dirige aos médicos, diz que sabe usar as plantas e acredita nelas, mas obedece ao médico, pois “os médicos, abaixo de Deus, estão em primeiro lugar. Estando perto do médico, o médico é responsável pela saúde. O médico, pra mim, merece nosso respeito. Não que ele substitua toda fé no remédio que a gente tem. O médico não substitui tudo não”. E faz críticas, pois ele só atende em troca de dinheiro. Ele pode condenar uma pessoa pelo uso indevido de uma planta, mas ele: “Merece respeito, sem dúvida, mas quando está longe dele a gente usa a força que tem. Eu acho até que o médico combateu um pouco a fé. Deus continua sendo em primeiro lugar, antes de mais nada”.

André vê pessoas mais pobres reféns do tipo de saúde pública e do poder que está nas mãos dos médicos. E faz um forte apelo para que as autoridades do Brasil e de Brasília facilitem mais o acesso aos médicos: “Sem dúvida nenhuma que a medicina é uma coisa boa. Já que nós estamos num lugar que vai evoluindo, nós ficamos enfiados na evolução”.

Alda reconhece que os médicos são necessários. Ela sente isso principalmente em suas crises asmáticas nos hospitais. Mas mostra a manipulação dos médicos, seus interesses financeiros e seus conhecimentos apenas aparentes das plantas medicinais:

Lá na roça a gente usava planta, não gastava dinheiro. Na cidade, os médicos querem que a gente compre remédios. O trabalho dele é prescrever uma receita e a pessoa tomar. Eles lêem no livro sobre plantas, mas na prática eles não sabem. E se acontecer alguma coisa com o uso de plantas a gente tem medo até de ser preso.

Manelim e sua filha Francisca já gostam de misturar conhecimentos. Ele toma medicamentos de farmácia, mas sempre com algum tipo de chá. E elogia a publicidade televisiva do analgésico chamado Doril que recomenda seu cruzamento com chazinhos caseiros. Ela conhece vários tipos de plantas que aqui levam nomes de medicamentos de farmácia, como vick, dipirona e novalgina. Ela valoriza a homeopatia, pois acredita que ali se usam muitas plantas. Mas ela diz que os homeopatas ganham menos que os alopatas e, por isso, esta prática é pouco difundida. Mas há homeopatas que cobram o mesmo que alopatas ou até mais. A procura destes especialistas em homeopatia pode ter razões diversas, dentre elas, questionamentos científicos sobre sua prática. Seu método de aplicação também pode não ser muito atraente a pessoas que dela podem usufruir, pois, como revelam alguns trechos de narrativas aqui trazidas, exige um tempo mais prolongado de tratamento e cuidados mais detalhados. A falta de tempo, argumento tão usado nas correrias da cidade, leva pessoas a procurarem remédios mais fortes e de efeito mais rápido, mesmo com riscos de gerarem outros problemas na saúde.

A prática do uso das plantas nesta família mantém laços da mesma com sua terra de origem em Bonfinópolis. Costumam sempre trazer de lá algumas plantas, como fava de imburana, fava de sucupira, copaíba, papaconha, chapéu de couro, capeba, mamona, batata de purga, jalapa, romã, e seus subprodutos.

Aqui, em Brasília, esta família costuma usar algumas plantas que colhem no mato, compram no comércio ou cultivam em casa: erva-cidreira, capim santo, alecrim, São Gonçalo, limão, assa-peixe, canelinha de perdiz, folha de tiborna, carqueja, folha de laranja, folha de pacari, sucupira, carrapicho, folha de abacate, calunga, babosa, imburana, manjerona, manjeriço, poejo, hortelã, erva doce, cravinho, hortelãzinho gordo, jatobá, sete-dores, boldo, arruda, folha do algodão, sabugueiro, poejo, pacari, arnica, São Caetano e outras.

O uso destas plantas pelos mais velhos parece ser uma forma de resistência de suas tradições culturais diante de possíveis controles mais rigorosos de setores da saúde pública na cidade de Brasília. Não me parece que, para eles e elas, usar plantas e ir ao médico e farmácias, sejam posições antagônicas, mas complementares. Têm clareza que usar plantas facilita suas economias. Respeitam médicos, mas também os criticam pelo fato de não valorizarem seus conhecimentos e práticas. Acham que médicos não têm o conhecimento que

eles e elas têm das plantas. Desconfiam dos compromissos dos médicos com medicamentos de farmácia e seus laboratórios.

Acredito também que este uso de plantas é uma prática que esta família mantém por fidelidade aos laços com pessoas queridas do passado, muitas já falecidas. Estes entes queridos continuam presentes em seus sentimentos, seus valores, suas atitudes perante a vida e também em experiências passadas que reconstróem hoje na própria cidade grande. São práticas que se relacionam com suas crenças religiosas, herdadas de antepassados.

Penso que a vida numa cidade grande como Brasília, pode cortar, em parte, essas relações e essas crenças. A transmissão desses valores, antes muito ligada ao papel social dos mais velhos numa grande família como esta do Manelim, parece sofrer um possível choque cultural, como revelam eles e elas em suas narrativas. O médico é uma nova mediação na solução de seus problemas de saúde, não tão presente antes na vida da roça em Bonfinópolis. Aqui, na cidade, os médicos são respostas a muitos de seus problemas, mas parecem sentir que falta neles certo tipo de relacionamento com os pacientes que antes era mais fácil encontrar em seus curandeiros, suas benzedeadas e outras pessoas que cuidavam de sua saúde.

A experiência dos mais velhos na cidade também passa por mudanças significativas. Vicente, o mais velho dentre meus entrevistados, não esconde o fato que, nesta cidade, ele mesmo se acomoda em facilidades: “A gente usava porque a gente não tinha recurso nenhum. Aqui tem o remédio da farmácia, a gente vai lá na farmácia, quase não usa remédio do mato. Remédio da farmácia é feito com remédio do mato mesmo”. Mas, na UnB, ele é uma referência para pessoas que com ele buscam informações sobre plantas curativas.

O uso de plantas, nesta família, é um vestígio de uma dimensão de identidade ligada à vida rural, onde antes viviam. É memória e prática baseada em longas experiências que são preservadas, mesmo sob o impacto de outras culturas de saúde mais ligadas a médicos e medicamentos de laboratórios e farmácias.

As novas gerações desta família, ou seja, uma terceira geração, netos e netas de Manelim, Maria das Dores, Vicente e Amélia, André e Maria José, parecem ser provocadas pela prática dos avós e também de seus pais. Mas vivem uma transição ainda meio indefinida segundo narrativas das pessoas mais jovens entrevistadas, seus pais ou tios.

Para Maria das Dores, seus filhos têm pouco conhecimento das plantas, mas ainda têm interesse e pedem a ela que prepare remédios do mato. Manelim, na cidade, diz que a situação mudou: “O jovem hoje não tem tempo de ouvir a gente, pelas vaidades, pelo mundo que mudou”. Mas nem por isso ele desanima:

Uma coisa que eu estou dando nota dez é esse trabalho que a gente está fazendo. Eu acho que pra nós tem muito valor. A gente sabe que essas coisas que a gente aprendeu, pela idade que nós já temos hoje, ainda vão ser escritas. E serão mostradas para os jovens. Quem sabe os jovens, depois que for colocado num livro, num papel, eles já vão ler e passar a acreditar, já que não acreditam hoje, que não têm tempo. Todo remédio que é feito hoje eu acho que é com as químicas que a gente não sabe, mas é feito de folha (planta).

Manelim destaca nesta sua narrativa a importância da escrita que pode revelar outros personagens históricos. Ele reconhece que, por estes escritos, ele pode ser conhecido por outras pessoas e conseguirão ter um acesso aos próprios jovens que, no dia a dia, não encontram tempo para ouvir suas histórias e conselhos.

Como seu pai Manelim, Francisca questiona o fator tempo. O tempo lá em Bonfinópolis parece ter sido diferente do tempo vivido agora em Brasília. As temporalidades são diversas, como podemos sentir em suas narrativas. Cada pessoa vive de maneira diferente e com significados próprios, os mesmos tempos cronológicos e acontecimentos. O passado, o presente e o futuro, em cada pessoa, vivem um vai-e-vem. Ela sente que o tempo passa rápido e as pessoas vão perdendo as raízes, as tradições. Mas o passado torna-se também presente: “A gente vê que depois de tanto avanço de tudo, as pessoas tentam resgatar coisas lá trás, porque viu que perdeu e que tem que voltar”. Ela considera que os mais jovens de hoje não se interessam por plantas. Os jovens não têm muito tempo e nem paciência.

Estão sempre correndo muito e não acham tempo pra fazer as coisas mais calmas. Fazer remédios com plantas exige certo preparo, lavar aquilo tudo, combinar uma com a outra, colocar um mel, colocar numa panela com água, uma vasilhinha, deixar derreter, isto exige um certo cuidado.

Maria José, como seu esposo, já enfoca o problema pela dimensão cultural. Não acredita que seus filhos darão continuidade a esta tradição, achando que a evolução do mundo é uma questão irreversível:

Mas eu acho que é a evolução mesmo. Não é só na área dos remédios. É na área de tudo quanto é sistema da vida, do namoro, de tudo quanto é forma de vida. A evolução vai aparecendo e as pessoas vão deixando aquilo que era antes. Só tomara não esquece é Deus. Mas as outras coisas vão ficando tudo pra trás e as pessoas vão procurando coisas novas pra frente. E tomara que descubram mesmo coisa boa pra valer, que continuem a vida.

André também entra na linha de reflexão de sua esposa ao dizer que

Mudou a cultura. Agora, a cultura é a medicina. Pra remédio do mato não tem mais essa cultura. Quando a gente está no mato, é o único recurso. É trabalhar e procurar os remédios, fazer e tomar. Na cidade, não. Vai atrás do que está pronto. Há uma preguiça danada também de trabalhar. A gente passa a vida toda ensinando, mostrando... Mas os meninos e os jovens arranjaram uma liberdade que eles não têm obrigação de ouvir e aprender o que a gente diz. Essa outra cultura moderna, a gente não aprendeu e nem vai aprender. Agora, o jovem não tem tempo de ocupar com essa cultura antiga, porque tem a nova.

Penso que tanto Maria José, como seu esposo André, têm percepção de que a história é cíclica, que as situações mudam num tempo cronológico e contextos diferentes. Há um vai-e-vem de valores e costumes na vida, surgindo sempre algo diferente ao qual as pessoas têm que se adaptar. Seja pela noção de evolução ou de cultura, ele e ela percebem que nada fica sempre na mesma, tudo muda. Há coisas do passado que preservam. Há coisas de hoje que parecem nada ter a ver com a vida de antes. Suas próprias atitudes são contraditórias, como no caso da tal preguiça. Os jovens têm anseios próprios e lutam por eles. Os mais velhos não conseguirão adaptar-se a muitos anseios dos jovens. Muitas experiências evoluem, mudam seu jeito de ser, como mostra Maria José. Ela só espera que a vida continue e que Deus nunca seja esquecido. Há, para ela, valores que devem ter continuidade, embora muita coisa mude. O antigo e o novo, o que passou e o que vem pela frente tem que conviver nas mesmas pessoas, na mesma família, nos desafios do cotidiano. Esse casal parece sentir, como diria Benjamin ao falar do *Anjo de Klee* (1994, p. 226), que pisam certas ruínas, mas embora voltem-se ao passado, caminham rápido para um futuro que às vezes os amedronta.

Alda reconhece que não tem se esforçado muito para dar continuidade ao cultivo destas plantas, embora as reconheça como um grande valor na vida. Mas vê nascer um outro interesse em seus filhos e filhas quanto ao conhecimento e uso de plantas curativas:

Hoje no mundo atual é que o interesse (por plantas) está voltando. Hoje a juventude estuda muito. Está procurando saber a fundo o que é, pra que serve, o interesse está voltando muito mais. Eles lêem no livro. Alguma notícia da televisão ou do rádio fala alguma coisa (de plantas). E como o jovem está muito interessado saber de tudo que fala na televisão, eles vão procurar, vão ler e estão aperfeiçoando nisso. Meus filhos interessam nisso.

Finalmente, com respeito aos cuidados com a saúde, um momento marcante na vida de família era também o nascimento das crianças. Os partos exigiam muita prática, e parteiras eram como segundas mães de cada pessoa. Por isso, diz Adnélia que tanto sua avó como seu pai, caso este mais raro, eram parteiros. Era um momento de muito segredo. Eram quase sempre *partos normais*. Havia banhos, e sempre era usada pinga. “Botava pinga num prato, colocava alho, punha fogo, queimavam, e tomavam. Creio que era pra dar mais coragem”. Manelim completa:

A mulher adormecia um pouco, era anestésiante. Era indispensável. Além do alho, colocavam também casca ou folha de laranja, faziam aquele chá e passava pra dentro. Dava um tipo de energia pra tolerar aquelas dores, porque o negócio era no vai ou racha mesmo. Quando descobria que o nenê estava virado, ajuntava uma turma de gente, inclusive o marido, pra virar a mulher de cabeça pra baixo e elevar os pés dela

três vezes no portal, que era pra consertar o filho. E Deus ajudava que consertava. (muito riso).

Percebo nestes relatos algo semelhante ao mundo pré-industrial apresentado e comentado por Benjamin (1994, p. 220-221):

A alma, o olho e a mão estão assim inscritos no mesmo campo. Interagindo, eles definem uma prática. Essa prática deixou de nos ser familiar. O papel da mão no trabalho produtivo tornou-se mais modesto, e o lugar que ela ocupava durante a narração está agora vazio. (Pois a narração, em seu aspecto sensível, não é de modo algum só produto exclusivo da voz. Na verdadeira narração, a mão intervém decisivamente, com seu gestos, aprendidos na experiência do trabalho, que sustentam de cem maneiras o fluxo do que é dito).

A vida em Bonfinópolis exigia uma integração de experiências e saberes, criatividade, aprendizagens, memórias, tradições, laços, interações, experimentos, saber ouvir e partilhar, sendo nisto mestres os mais velhos, com suas práticas, suas conversas, seus ensinamentos, suas tradições e histórias sem fim.

Migrar para uma cidade maior que a de origem, como para Brasília, com seus ares de modernidade e desenvolvimento, mesmo com idas e vindas entre a cidade de origem e este novo local de moradia, pode gerar grandes provocações, como as reveladas em suas narrativas aqui consideradas. As coisas podem se tornar, como diz Amélia, *esquisitas*. E ela explica o sentido deste termo: “Quando você mora num território que você conhece todo mundo você sabe como é que você mexe. Quando você vai morar noutra lugar, você não sabe com quem está mexendo e nem que pode mexer. Mas vai acostumando”. Ou como diz seu esposo Vicente: “Quem nunca andou e não conhece nada, nem sente os problemas tão sérios que existem lá (Bonfinópolis). Pensa que tudo é natural, está tudo beleza”.

Laverdi (2005, p.174-175), ao fazer estudos com migrantes no extremo-oeste do Paraná, diz que os

sentidos conflituosos constituintes das memórias do estranhamento atribuíram significados diferentes ao viver [...]. As memórias não afirmam um passado congelado do estranhamento, mas muito dinâmico ao fazer-se dos sujeitos na reconstrução de suas vidas. Noutras palavras, é impossível falar dos estranhamentos da mesma maneira tal como um dia supostamente foram vividos.

Continua o autor dizendo que “A apreensão do estranhamento é um aporte metodológico que perpassa obrigatoriamente os processos sociais de afirmação de identidades”. Para ele, as identidades não são noções fechadas de padrões culturais de grupos,

algo estático. E compartilha a seguir a expressão de Ciampa que diz ser a identidade uma *metamorfose*.

Pessoas desta família, por mim consideradas em seu presente, estão jogando sempre com seus passados e suas utopias de vida. Reconhecem mudanças radicais, ao mesmo tempo em que se revelam os passos corajosos que deram e os desafios vencidos. Mostram que hoje eles e elas já têm muito mais prática para viver em Brasília. Assimilaram muita coisa diferente, mesmo que sintam não poderem colocar em prática outras coisas boas do passado. Ao reinterpretarem este seu passado e os estranhamentos ou coisas *esquisitas* vividas neste processo migratório, podem até rir de situações trágicas enfrentadas, pois uma coisa é passar por tais ou tais apertos da vida, outra coisa é contá-las, principalmente as que foram vencidas. Os sentimentos e significados de *estranhamentos* vividos não são os mesmos daqueles que, lembrando de tal passado, agora narram.

É o caso do papel dos velhos neste grupo. Na roça, eram a grande referência de posse de terra, tradições familiares e religiosas, conhecimentos e práticas variadas, como as de saúde. Na cidade, seu poder foi diminuído. Aqui, normalmente não são proprietários. Se lá puxavam festividades religiosas, aqui, o padre da igreja tem maior poder para tal. Se lá eles eram referências para cuidados da saúde, aqui o médico interfere em suas decisões a respeito dessas questões. As famílias, nesta cidade onde agora moram, vivem mais fora de casa que dentro, gerando conflitos entre gerações, o que os mais velhos às vezes comentam. Aqui, os mais velhos não são vistos como pessoas produtivas, enquanto na roça sempre achavam o que fazer. Parece que a casa onde agora vivem é quase uma prisão, como bem expressa Vicente ao falar de seu mundo do trabalho e o mundo de sua casa. Esta cidade pode ser uma tortura, como diz este narrador ao falar do barulho das ruas. Talvez seja este um dos motivos pelos quais hoje muitos idosos estão reelaborando seus valores em outros espaços de encontro, lazer e aprendizagem. São grupos que se multiplicam e nos impressionam pelo seu dinamismo de amor à vida. É vida que ganha qualidade, e onde valores do passado parecem ser reconstruídos em novas dimensões.

A entrada da Família do Manelim em Brasília, de certa maneira, desarticulou, em parte, a vivência familiar de antes. Mas estas pessoas também devem ter anexado outros valores que antes não tinham. Tiveram que viver em novas relações de poder, no mundo do trabalho, nos cuidados da saúde, na participação de grupos religiosos, além de outros. Eles e elas revelam que a relação com patrões em empregos nessa cidade, passaram por outras dificuldades. Na vida da roça, esta dependência era mais rara. Normalmente trabalhava-se em regime familiar.

Mas, no meio deste vai-e-vem da vida, houve também certa continuidade. André costumou-se definir como lavrador, mesmo vivendo em Brasília. E esta identidade o fez buscar recentemente uma forma de conseguir adquirir uma pequena chácara, onde realiza novamente seu sonho de viver um pouco mais no mato. Ele e a esposa Maria José fazem muitos planos. Não querem só plantar coisas de comer, mas também recuperar plantas curativas. E vão além: “Vamos usar também como meio ambiente. Plantar pra criar uma reserva para nós tudo, pra quem viver por aí, quem vier visitar nós”.

Vicente cultiva sua identidade de lavrador nos jardins e nas relações com a natureza na UnB. E, com os conhecimentos que hoje tem neste espaço, sabe distinguir muito bem seus conhecimentos antigos de uma ciência: “A gente não tem ciência pra saber se é verdade que aquele remédio faz bem ou não faz bem”. Mas sabe que farmácias e laboratórios também enganam.

Manelim também transformou seu lugar de trabalho na linda natureza do Zoológico de Brasília, uma re-vivência atualizada de seus valores aprendidos no lugar onde nasceu. Ali não somente dá continuidade a algumas práticas tradicionais oriundas de outros saberes, mas também já aprendeu muita coisa nova. Conversa muito com veterinários que cuidam dos animais, mas que têm também bastante conhecimento da saúde humana.

A primeira geração dos homens, que aqui chegaram, trabalham em espaços onde parecem sentir um pouco a vida que antes viviam na roça de Bonfinópolis. Eles gostam de fazer esta comparação, como vimos em suas narrativas. As mulheres desta primeira geração trabalham mais em casa, mas mesmo aí criam pequenos espaços de hortas e plantas curativas, além de outros hábitos culinários, religiosos e de festas que, igualmente, são traços e vestígios de tradições da vida que antes viviam em Bonfinópolis. A segunda geração perdeu muitos hábitos, mas ainda tem muito conhecimento. A terceira geração que está chegando passa por certos descuidos de seus pais, conforme relata Alda, mas, diz ela, estas práticas estão sendo reconstruídas através da onda de valorização ambiental que penetra em nossa sociedade. Surgem outras utilizações de plantas, a busca de uma alimentação mais natural, debates mundiais sobre o meio ambiente. Estas questões podem ser, para esta família, pontos de confluência com interesses ou hábitos mais antigos próprios da vida na roça. Assim parecem ser superadas barreiras por vezes criadas entre vida rural e vida urbana. Conflitos que antes pareciam tão grandes, hoje nem sempre exigem tanto esforço para serem superados. A partir desta pesquisa com a Família do Manelim, as diferenças normalmente colocadas entre cidade e roça, precisam ser reinterpretadas. São experiências que, mesmo distantes geograficamente,

cruzam-se continuamente, como trama de resistência cultural e sobrevivência familiar, com rupturas e suturas.

Um das questões da vida em cidades, como em Brasília, interpretando estas narrativas, ainda me chamam a atenção. A primeira é a experiência do tempo em sua agitada vida cotidiana, e num estilo urbanístico que cria grandes distâncias entre agrupamentos humanos socialmente diferentes ou entre áreas de serviços e necessidades de sua população. Outra, a experiência do trabalho como geradora de dinheiro, com o qual pessoas compram coisas feitas e deixam de criar seus objetos de uso cotidiano pelo seu próprio trabalho manual. Tempo e trabalho manual são exatamente o pano de fundo das narrativas, como nos disse Benjamin (1994, p. 220-221). São pessoas, em geral, que não querem perder tempo, embora desperdicem tempo com coisas que nem sempre as ajudam a ter uma boa qualidade de vida. Por aqui, relacionamo-nos pouco com as pessoas que estão próximas de nós, mesmo vizinhos e vizinhas. Pode-se cair na solidão e no individualismo. Deixamos de criar e passamos a comprar. Perde-se o espaço da narrativa e o gosto da convivência.

Para esses integrantes da Família do Manelim, a vida nessa cidade tem seus problemas, mas também tem seus significados positivos. O trabalho, para Vicente, é mais leve. Manelim diz que hoje pode ser considerado rico, diante da vida de antes. Amélia e Maria das Dores não duvidam que aqui, em Brasília, o cuidado com a saúde é muito mais fácil. Os mais jovens estão chegando aos poucos aos níveis universitários, comprovando as opções de André e Maria José, de buscarem na cidade solução para a educação escolar de seus filhos. Estas e outras vantagens não permitem que abram possibilidade de voltar atrás neste processo migratório. Houve progresso em alguns aspectos, mas sentem perder aqui outros valores de relacionamento e de qualidade de vida. Nossa vida passa sempre por tempestades, expressão esta tomada de Benjamin, que logo abaixo citarei. Mas também há tempos de bonança.

Sempre gostei de ir visitar o templo da Legião da Boa Vontade, em Brasília. Lá costumo apreciar uma galeria de artes onde há uma obra permanente de Guilherme Karan, ator da Rede Globo. É uma anja grávida a voar: Toda mãe é um anjo, como me explicou Alcione Alves, recepcionista desta galeria (dia 15.03.2007). É uma obra que sempre tem algo a me dizer, quando por ali passo.

Ao tomar contato com a obra de Benjamin (1994, p. 226) encontrei suas interpretações sobre o quadro de Klee que nos apresenta outro anjo, o conhecido *Ángelus Novus* (grifo do autor). O atrativo pelo primeiro anjo, ou melhor dizendo, anja, levou-me a entender e re-interpretar este anjo de Klee. Diz o autor acima:

Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-la. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro. Essa tempestade é o que chamamos de progresso.

Conhecendo as interpretações de Benjamin sobre o anjo de Klee, sinto nele algo próximo do que disse Maria das Dores à sua filha Francisca quando esta se desgostou com a primeira imagem do Guarazinho, como apontei no Capítulo II. Esta lhe pediu: “Mãe, eu quero voltar”. E ela: “Agora é daqui pra frente”. Ou como disse Vicente aos que diziam que iam voltar para a roça: “Rapaz, não volta fácil, não!”. Manelim, convidado também a voltar, dizia: “Daqui pra trás é nem um passo. Aqui cheguei onde estou e daqui é só pra frente. Não volto mais não”. Ao mesmo tempo, essas pessoas têm muita saudade da vida em Bonfinópolis, como diz Alda: “Bonfinópolis é meu berço”. Mas, como os demais, não vê como voltar atrás. O passado nunca volta tal qual ele foi, por mais que haja um vai-e-vem desta família entre sua terra de origem e esta capital federal onde ora vivem. As experiências na vida de uma pessoa ou grupo têm elementos de continuidade, mas também de descontinuidade, rupturas, como esta acima. Não há volta atrás a um passado como antes foi vivido.

Não sinto, contudo, que o chão se perca tanto debaixo de seus pés, ao menos culturalmente, pelos vínculos que estas pessoas mantêm entre si e com a terra de origem, numa migração pendular. Por um lado, como nas questões acerca de plantas, algumas tradições parecem se perder. Mas há esperanças que estas sejam retomadas por outros motivos culturais de valorização da natureza. É uma retomada com outros significados e sentidos, influenciados que também são essas pessoas entrevistadas, pelo discurso ambiental presente nesta cidade de Brasília, assim como em muitos lugares do mundo. O interesse pelo meio ambiente, próprio dos dias de hoje, conjuga-se, de certa forma, com a vida de antes, na situação da roça, como vimos nas narrativas de André e sua esposa Maria José. Seu passado é ressignificado e reconstruído no projeto de sua chácara. E os mais jovens dentre os que eu entrevistei também revelam interesse por este projeto.

O olhar voltado ao passado, de certa forma, espanta no sentido de não quererem mais voltar àquela vida de sofrimento, agora que podem ter um pouco mais de conforto na cidade de

Brasília. Alguns fatos trágicos, principalmente conflitos e morte em disputa de terras, também é algo a deixar para longe. Doença e fome também fizeram parte desta caminhada, mas parece ser algo superado. A saudade de relacionamentos com amigos e parentes, que por lá ainda estão, é conversa que sempre retorna, e exige atitudes para responder: uma festa, um casamento, um sofrimento qualquer os leva de volta para lá, como diz Alda: “Quando o ônibus passa aqui eu fico com olho comprido querendo ir pra lá passear”. Ou como diz Amélia: “Estes outros aí de vez em quando ainda vão (à Bonfinópolis). Mas eu com meu velho, não estamos bom de ir. A cabeça fica grande, mas não vamos”.

Talvez o texto de Benjamin sobre o *Anjo de Klee*, acima citado, expresse-se também na volta quase impossível para viver de novo em Bonfinópolis. O vento que os toca para o futuro, na vida da cidade de Brasília é praticamente irresistível. Bem que alguns gostariam, mas não há como voltar para lá.

A busca da saúde, da escola, da moradia e do trabalho, são os quatro pés da construção da nova e antiga vida em diferentes cidades que, aos poucos, foram conquistando. Além disso, reconstroem algumas festas e devoções, ou vão revivê-las em Bonfinópolis. Hoje moram em casa própria, têm seu trabalho, mesmo sofrendo os impactos comuns de desempregos temporários.

A vida urbana exigiu outras aprendizagens, desde costumes como o andar de ônibus, o entender os endereços de Brasília, usar utensílios antes desconhecidos como panela de pressão, enceradeira, ou ter que trabalhar de noite. O barulho, a frieza dos moradores na estrutura anônima do urbanismo e na arquitetura de Brasília, como em qualquer outra cidade, são bem diferentes de relacionamentos mais próximos que construía e viviam na roça de Bonfinópolis.

Houve momentos em que perderam valores fundamentais, como as cantorias de Folias de Reis em Unai, cultura recuperada quando entraram no Guarazinho. São como aquelas experiências do velho salmista que dizia: “Nos salgueiros da Babilônia penduramos nossas harpas. Os que nos exilavam pediam canções. Nossos raptos queriam alegria. Mas como poderíamos cantar um canto numa terra estranha?” (Sl. 137).

Se Unai traz uma lembrança triste de lá terem passado experiências sofridas, por outro lado, de lá trouxeram aprendizagens que marcam hoje suas vidas. O projeto governamental da Rural Minas que atraiu alguns deles para lá, fracassou. Mas foi vivendo com pessoas deste projeto que construíram laços que os fizeram vir para São Sebastião. Era costume virem, para

esta cidade, trabalhadores deste projeto, após seu fracasso. Dentre eles, parentes do Manelim, que acabaram puxando outra parte da família que estava no Guará (DF).

Unai foi transição, pela facilidade de empregos, cujos trabalhos eram semelhantes aos de antes, em Bonfinópolis. O custo de vida era mais barato, principalmente aluguel. Seus trabalhos deixaram marca, conforme diz Maria das Dores, com certo orgulho, do marido. Ele ajudou a construir o asfalto das ruas centrais daquela cidade. Brasília já se apresentava como lugar mais difícil, cidade grande, com trabalhos pesados na construção dessa capital, vida em acampamentos, necessidade de especializações profissionais ou serviços públicos mais burocráticos. É uma cidade mais difícil para se criarem relacionamentos, endereços distantes e difíceis, como dizem alguns desses narradores.

Guarazinho, desde sua chegada em Brasília em 1972, marcou seus processos migratórios. Como acampamento, tinha grande vigilância, principalmente no controle do número de seus moradores, conforme alguns relatos, como os de Maria das Dores. A impossibilidade de entrar com caminhão de mudanças não impediu que eles, com alguns cuidados, trouxessem para dentro outros parentes ou amigos que eram acolhidos e sustentados em suas necessidades básicas com muita solidariedade.

As narrativas foram longe, e cada final de conversa, sentia eu, era uma porta aberta para que a conversa continuasse. Bastava perguntar algo. Disposição, eles e elas sempre tinham. São pessoas com vocação e gosto para narrativas. Num momento destes Vicente acabou de falar longamente de sua doença mental, sua passagem por um hospital isolado para tais doentes, tudo que lá sofreu e a difícil volta para casa na roça.

“Eu sou nervoso demais desde os 20 ou 22 anos... Quando vi onde é que era pra eu ficar, eu disse: ‘Meu Pai do céu, e agora? Não era pra eu ter vindo pra cá. Meu povo falava que eu não estava doido’. Me botaram lá junto com um homem. Eu disse: ‘E agora moço, esse homem brabo vai me matar aqui’. Quando foi no outro dia falei com o chefe. Ele foi e me tirou deste lugar... Outro dia cheguei lá em casa já na hora do almoço”. Foram mais de 30 dias nesta dura experiência.

Neste momento de sua fala, Vicente pára e dá uma respirada boa, como que para encerrar. E volta-se em silêncio para algumas fotos da parede da sala (Foto 18, p. 173). Após uns momentos perguntei a ele.

Rubens: Tem mais fotos de antigamente?

Vicente: É desleixo. Nós não temos foto de pai porque não tinha. Só tinha foto de pai que nós vimos do título de leitor. Eles morreram e o título sumiu, e a gente não tem... nada. Foi descuido nosso. Agripino fez... Sabino fez...

Rubens: (Aos demais presentes) Vocês têm fotos nas casas?

Vicente: (continua a falar) Eu tenho só essa aí. Foi Amélia que mandou fazer, não fui eu não. Agradeço a ela. Na casa de André não vejo nem esse. Isso chama-se é... porque quando você chega numa casa isso aí é história, ou é cultura.

André: É história. Chama é história.

Vicente: Isso é um capricho da gente...

André: Então não (é) cultura nem história. É capricho (risos).

Vicente: Quando não existia isso, tudo bem.

Rubens: Mas qual é a diferença disso?

Vicente: É como esquisito (muito riso). É a mesma coisa que esquisito. (Ao falar de esquisito ele se referia ao que dissera sua esposa Amélia, na p. 92. Esquisito é você viver no meio de gente estranha... “Mas vai acostumando”).

André (completou Vicente): É a cultura, é o disco de barro. (Ele referia ao que dissera Vicente momentos antes).

Memória... porque quando a gente é novo a gente grava as coisas tudo, tudo que se fala fica lembrando e quando a gente vai ficando velho, vai esquecendo, esquecendo. Aí costumo dizer que a memória da gente é como um disco de barro que você faz, ele está mole. Aí tudo que você escreve nele ele aceita. E aí você queima aquele barro e ele fica gravado. E depois que endurece, ele não grava mais. Fala, mas ele não grava. Pra mim é que já endureceu o cérebro. Não grava mais. Não sei se era isso mesmo, mas eu faço esta comparação.

Sinto que nesta analogia usada por Vicente podem estar vestígios da vida de oleiros, misturados com experiências de antigas tecnologias de discos de vinil, coisas de suas histórias e memórias. Por outro lado, revela que a memória, assim como a história, é parceira de esquecimentos. Ela tem suas rupturas, lacunas, e uma peneiração de acontecimentos, datas, personagens. Mas sinto muita modéstia em sua maneira de falar, assim como nas em outras falas de outras pessoas entrevistadas. Não me parece que o disco de sua memória esteja tão endurecido, após essas longas e coerentes narrativas. A maciez de sua mente revela muitos detalhes não somente de ontem, mas do hoje próximo, continuando a deixar marcas e interpretações das mesmas. Fiz até duas experiências de levar estas suas narrativas para a sala de aula na Universidade Católica de Brasília (UCB), em discussões sobre temas contemporâ-



Foto 18: Quadros de fotografias na parede da casa de Amélia e Vicente
Autor: Rubens de M. Silva, 2007.

neos de Ética, após sua autorização. Alguns de seus trechos de narrativas despertaram muito o interesse dos jovens alunos e surgiram muitos comentários interessantes.

Senti que, para ele e sua esposa, as fotos na parede são uma história viva, que falam, dialogam com quem as contempla. São como livros aparentemente silenciosos da vida. E quem os escreveu foram eles e elas. Selecionaram, enquadraram, ali colocaram entre outros símbolos vivos de sua história, como imagens de santo, artesanatos em chifre de gado, aparelhos eletrônicos modernos. Na parede de Vicente e Amélia, são muitas e muitas fotos, na sala e num corredor. Seu olhar acerca das fotos me pareceu uma contemplação, quase como que para escutar o que as fotos falavam. Parece que gostariam de mais fotos, e por isso ainda diz Vicente: “É desleixo”, outros fizeram mais, Agripino, Sabino... Mas é *capricho* de sua esposa. Diz Vicente: “É cultura, é história”. Mas também é algo de *esquisito*, como disse sua esposa. Fora de contexto, nem sempre se entende. Ali, o contexto são os moradores da casa e gente amiga e parente que por ali passa e conversa acerca das fotos. Para outras pessoas pode nada dizer. Cada expressão destas traz em si interpretações diferentes das mesmas fotos.

Manelim também gosta de registrar fotos familiares. Vez por outra, lá está ele com sua máquina fotográfica registrando acontecimentos. Maria das Dores tem um saco cheio de binoclinhos antigos. Vai olhando e contando suas histórias, como em um dia que lá passei. Resolvi ir lá outro dia¹³ para registrar suas interpretações das fotos da parede de sua sala. São poucas fotos. Numa, estão ela e seu esposo. Em outra, os pais de Maria das Dores. Ao lado, uma imagem de Nossa Senhora e um tecido com uma frase bíblica: “Vinde a Mim, todos vós que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei” (Mateus 11,28). Os poucos momentos que ali fiquei bastaram para sentir o impacto que têm em suas vidas os dois quadros de fotografias na parede de sua sala. E a conversa rolou.

Rubens: O que significa para vocês estas fotos na parede de sua sala?

Manelim: A esperança que este retrato nos trouxe foi além da fotografia em si... porque através daquela fotografia eu poderia ter um documentário de seguir num bom emprego e que a vida pudesse melhorar, pelo que posso dar graças a Deus até hoje. Lá na roça o que vale não é a fotografia, é a pessoa. Na cidade, o que vale é o papel. A pessoa, sem papel, não vale nada. Essa fotografia foi o princípio de minha pessoa, da identificação, quem era eu. Esse retrato serviu pra eu documentar nos meus trabalhos, meus empregos. Por esta fotografia eu estou no GDF.

¹³ Dia 24 de janeiro de 2007, na casa do casal. Veja foto nº 19, p. 176.

Maria das Dores: Nesse tempo a gente morava num barracão no Guarazinho. Tinha um sobrinho do compadre André que era fotógrafo... Eu vim tirar foto aqui em Brasília. Lá (em Bonfinópolis) quando aparecia um, não prestava, inclusive no meu casamento... Daqui uns anos, meus netos, bisnetos vão poder ver como a gente era, lá por 1976 ou 77. A do meu pai e da minha mãe foi antes de mudar de lá pra cá. Era redondo, de gesso, depois ficou quadrado... porque não tem mais aquele material. Todos meus irmãos apoiaram pra eu trazer comigo. Os meninos vêm e ficam conhecendo minha mãe e meu pai. E a roupa da foto era comum. A gente já tinha foto, eles levaram, mas eles colocaram essa roupa depois.

Rubens: E vocês gostaram destas fotos?

Manelim: Eu gostei porque foi a primeira vez que me vi bonito assim (risos). As fotos na sala representam tudo pra gente e para os filhos... É questão de estima. Eu gosto de tirar foto.

Maria das Dores: Eu não sou muito de ficar tirando foto, mas eu queria muito ter tirado foto de antes, principalmente do meu casamento. Faz falta a fotografia, como a gente era... Eu tirei de minhas filhas pequenas, e agora a gente já vê elas grandes, moças, mães. É compensativo.

Manelim: (Depois de um tempo contemplando em silêncio as fotos) Sempre que a gente entra na sala já olha na parede. Meu sogro e minha sogra a gente estimava muito. Eu e minha esposa, tão bonito. É como uma imagem de santo que a gente tem fé. E uma fotografia a gente tem estima... Se perder uma foto dessas, mais nunca. Aquele passado já era. A foto é igual à água do rio. Passou, passou. Se uma foto de um casamento queimou, não existe mais. É uma época e uma gente que foi e não volta mais.

Manelim, sempre tentando colaborar com este trabalho, saiu um dia de casa e foi ao centro de Brasília procurar um laboratório fotográfico para pesquisar a possibilidade de transformar seus binoclinhos em fotos de papel. Não foi muito bem sucedido no intento, mas sua atitude marcou o nível de participação que esta família teve com esta minha pesquisa. As muitas fotografias de parede, e as carinhosamente guardadas, já seriam objetos suficientes para uma outra pesquisa no seio desta família.

O quadro das fotos de Manelim e Maria das Dores é uma montagem de fotos de documentos, revestidas de roupas pintadas pelo fotógrafo – por que não dizermos, artista – que a construiu. Para o casal, essas fotos representam, antes de tudo, sua utilidade primeira, ou seja, fotos de documentos, identidade em papel, coisas de cidade, como diz Manelim. Estas fotos representam também portas de entrada na cidade grande, no emprego, na nova vida.

Nunca imaginei esta interpretação, embora muitas vezes as tenha visto e contemplado em sua sala. Para Maria das Dores, fotos são registros de *agoras* (BENJAMIN, 1994, p. 229-230) em conexão com *antes*, que se somam e mostram a progressão da vida, as mudanças, co-



Foto 19: Fotos na parede da casa de Maria das Dores e Manelim
Autor: Rubens de M. Silva, 2007.

mo as que reconhece em suas filhas e que gostaria de reconhecer em seu passado pouco, ou quase nada, fotografado, nem seu casamento. São identidades em temporalidades e espacialidades muito diferentes, como continuidade de presentes em tudo que interpretam e reconstruem. As fotos dos pais de Maria das Dores representam um elo de extrema estima que Manelim, já várias vezes, expressou em nossas conversas. Tem um grande reconhecimento pela maneira como foi por eles amado e aceito na família. Mas sua interpretação mais curiosa é a comparação da foto com as águas do rio. Repete praticamente o que disse sua esposa. Fotos são *agoras* relacionados ao *passado*.

Momentos e registros de foto sempre me atraíram. Minha família tem muitos álbuns que remontam a uns 100 anos atrás. Meu pai sempre gostou de fotografias. Também trabalhei um bom tempo em laboratório fotográfico. Por esta razão, os pequenos momentos de interpretação destas fotos, normalmente no final de uma conversa, foram encantadores, muito embora o trabalho com imagens não tenha sido o centro desta minha dissertação. Senti que não podia deixar de colocar estas experiências e interpretações de fotos de parede de duas casas, dentre outras das pessoas por mim entrevistadas, com o mesmo significado que tiveram no decorrer das entrevistas. Ambas foram momentos de conclusão, de fim provisório de conversa, como que síntese das narrativas, ou, quem sabe, uma porta aberta para que a conversa um dia continue.

Num de seus trabalhos, Magalhães (2004, p. 213) diz que as fotos “comunicam silenciosamente o modo de ser das pessoas que vivem nesses tempos-espacos, porque tomaram, absorveram algo do que elas são”. E continua dizendo que “nas narrativas e fotografias aqui levadas em conta, surgem marcas profundas... que não se apagaram e não se apagarão porque são envoltas em sentimentos que os estimulam a prosseguir...”.

Parece que as fotos nas paredes ali estão para ser contempladas, e porque querem falar. Não é para dizer só uma verdade única da história, mas para provocar quem as vê, interpretando-as pelo presente que a vida destas pessoas lhes significa. Vicente com sua esposa Amélia, e Manelim, com sua esposa Maria das Dores, silenciaram um momento diante das fotos de suas paredes, dando um tempo e como que pedindo também minha interpretação. Fotos podem ser provocações de narrativas, mas exigem antes serem contempladas. Podem ser algo de sagrado.

Estas fotografias de parede, e também os binoclinhos que guardam em seus armários, são ativadores de memórias. Fazem falta na história este registro de momentos que, no dizer de Manelim, passam como as águas do rio, e não voltam mais. Mesmo olhando fotos, nem

tudo será lembrado, mas destas ruínas e vestígios podem sair ainda muitas histórias, onde o passado ganha força pelo presente vivido. Não se recorda tudo e ninguém tem uma memória assim. Memória é reconstrução do passado e não sua repetição. Cada presente vai pescar no passado o peixe que, no momento, quer comer. Os instrumentos de memória são variados, como os aqui usados, narrativas e fotografias. Mas muita memória escapa destas fontes, por mais que as exploremos em nossa pesquisa. Pode alguém por ali passar, contemplar aquelas mesmas fotos nas paredes, e interpretar sempre algo de diferente de suas imagens.

Diz Magalhães (2004c, p. 16) que a memória é infinita,

feita de imagens que irrompem, inclusive à nossa revelia. Não chegamos a apreender todo nosso ser quando lembramos, algo sempre nos escapa. Para nos pensarmos a nós mesmos, devemos pensar, simultaneamente, o que está além de nós, que nos escapa, o que não podemos conter nem compreender.

Ou, como continua a dizer esta autora, “a história, constituída de memória, é urdidura e trama, é tecido do esquecimento e da lembrança, é passado e presente, pois neste ato de tecer, conseguimos ou não revelar semelhanças entre passado e presente, sintetizados num texto”. E continua dizendo, retomando Benjamin, que as palavras *velam e revelam* com permanências e continuidades, e o presente é transformado.

Os vestígios e traços da história parecem ser pedaços de pano de múltiplas cores que sempre servem para serem cruzados, costurados, criando colchas de retalhos. Cada colcha revela seus desenhos, mesmo que sempre ocultem seu avesso, onde se escondem também suas tramas. Percebo que mulheres gostam de olhar o avesso de certas costuras para saber como seus fios e recortes foram cruzados e amarrados. Ali estão os segredos da arte, e toda arte tem seus segredos.

Muita coisa foi revelada nestas narrativas, que eu tentei interpretar. Muitos mistérios foram preservados, experiências ocultadas, espaços de privacidade reservados. Foi um trabalho cansativo para eles e para mim, mas que deixou um dos desenhos possíveis da história de pessoas de uma família, a Família do Manelim. Muita lembrança agradável foi produzida, e de muita coisa se viu, até de tragédias. Essas narrativas de memórias e histórias foram uma verdadeira terapia e momentos inesquecíveis, mas deixando sempre aquele rastro de mistério, como o revelado pelo *Anjo de Klee* (BENJAMIN, 1994, p. 226), mesmo com suas diferenças e contradições.

Nas palavras de Manelim acerca desta pesquisa encontro esperanças no futuro, talvez avaliando os tantos desafios já vencidos e medos superados. Ele reconhece que este trabalho foi uma construção coletiva onde eu, eles e elas nos empenhamos. O resultado deste trabalho é

medido por ele diante de outros instrumentais que hoje em dia, em Brasília, onde moram, podem se somar às suas narrativas, como a força da escrita. Narrativas e escritas não se opõem, mas se completam. As escritas, como diz Manelim, parecem responder melhor às demandas das gerações mais jovens de seus filhos e netos: “Uma coisa que eu estou dando nota dez é esse trabalho que a gente está fazendo que eu acho que pra nós tem muito valor... Quem sabe os jovens, depois que for colocado num livro, num papel, eles já vão ler e passar a acreditar”.

Sua irmã Maria José também se mostra agradecida, ao mesmo tempo em que revela as distâncias que existem entre a minha pessoa e seus familiares:

Outra coisa que a gente - vou agradecer - estou admirando até é esse valor que o senhor que tem muita sabedoria, e que não precisa de coisas assim, vir valorizar nossa cultura, nossas formas de falar. Eu nunca estudei, não sei conversar, sei falar do jeito que sei falar, do jeito que aprendi. Devia ter aprendido o tempo estudando, não estudei, a gente fala de qualquer maneira. E o senhor arranjou tempo pra vir apreciar nossa forma de conversar nessa cultura que a gente sabe falar e conta caso dela. A gente fica agradecido por isso. É uma honra ter o senhor perto pra valorizar pra gente esse tipo de coisa.

Ela distingue sabedoria, que parece identificar-se com ciência e conhecimento, e cultura, fruto de suas experiências e saberes de tradição. Ela revela os direitos iguais aos estudos que nem todos têm, e eles não tiveram, ao mesmo tempo em que eu tive. E valoriza o fato de eu ter tido tempo para penetrar com eles e elas em suas culturas, revelando que, no dia a dia, vivo em outra cultura. Ela parece mostrar que sua família tem um tempo e eu outro tempo, ou temporalidades diferentes. Mas este trabalho foi uma temporalidade vivida juntos, eu, eles e elas. Em princípio, interpreta ela, eu não preciso deles e delas na vida. Temos linguagens diferentes, falamos em discursos diversos, mas também conseguimos nos entender nas conversas desta pesquisa. Talvez, para ela, ou para eles e elas, tenho mais que um discurso. Tenho um pelo qual eu converso e me entendo com eles e elas, mas tenho outro discurso que vem do estudo, distante de sua vida. Finalmente eu estive perto deles, mas não sou de seu meio. Mas senti também a capacidade de meus entrevistados e entrevistadas se inserirem em meu projeto de pesquisa e colaborarem nesta pesquisa acadêmica. Eles também têm outros discursos, ou um que usam entre eles e outro usado em conversas comigo.

Penso que estas duas narrativas de Manelim e Maria José formam uma boa avaliação da parte de membros desta família sobre este trabalho que ora apresento como dissertação de Mestrado em História. Suas interpretações acerca desta minha pesquisa são finas, delicadas, críticas e sinceras. Penso que, no fundo, é algo semelhante às palavras que seguem:

Por fim, penso que a narrativa oral continua oferecendo contribuições para o mundo contemporâneo, mantendo viva a estrutura de sentimentos dos homens, retomando a inter-subjetividade e individualizando-os. E, para finalizar, rememoro que o homem retrógrado, no presente, não é aquele que não sabe ler e escrever, porque esse sabe contar histórias, mas aquele que não é capaz de ouvir a voz do coração, o sentimento dos homens (COSTA, 2001, p. 84).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“O mundo ficou assim muito grandão, com salto alto.
O povo esqueceu dessas coisas, mas agora está voltando...”*

(Trecho das narrativas de Alda)

Brasília não é velha enquanto construção urbanística arquitetônica, mas seu projeto é antigo. Ela se insere na história do Brasil desde séculos atrás, quando também já começaram a circular muitos grupos sociais por esta região, onde agora ela está plantada. Pouco se fala também das nações indígenas que milenarmente já viviam por aqui. Mas cada grupo social constrói sua história a partir de seus pares, *Indalécios* e *Marias Dinis*, personagens do filme de Caffé (2003). Não há uma origem, no rolar das narrativas, mas origens diversas, reveladas a partir de quem conta. Há um pano de fundo que poderíamos chamar de antepassados da Família do Manelim. E este passado narrado não vale pelo que foi e aconteceu, mas pelo significado que hoje tem para cada grupo e cada pessoa que conta essa história.

Brasília tem um patrimônio urbanístico e arquitetônico - pelo menos seu centro – conhecido e respeitado por muita gente de diversos lugares do mundo. Mas seu patrimônio humano, embora muito diversificado e valioso, é pouco reconhecido. Hobsbawm, citado por Nunes (2005, p. 24-25), diz que as *pessoas comuns* são os principais atores da história. Eles “podem mudar, e mudaram, a cultura e o perfil da história”. Assim tenho sentido a experiência da Família do Manelim, no decorrer deste meu trabalho.

Nenhuma história tem um fechamento ou um fim, pois sempre podemos abrir um outro leque de possibilidades de interpretação desta mesma história a partir das experiências vividas, contadas, escutadas pelas pessoas de ontem ou de hoje. E uma das formas de contar a história de Brasília - uma das óticas pela qual pode-se ver esta cidade – foi esta pesquisa tirada das práticas, experiências e saberes desta família em seu processo migratório. “Cada ponto de vista é visto de um ponto”, diz o ditado popular. E cada ponto de vista sobre Brasília é também um projeto de um grupo social e de pessoas que o compõem:

A história da construção de Brasília, como muitas veiculadas nos meios escolares, na mídia e nos meios acadêmicos, muito raramente coloca em cena perspectivas de outros sujeitos que não tenham sua presença garantida pelo exercício de poderes institucionais centralizadores, como, entre tantos, partidos, sindicatos, órgãos públicos, universidades. Porém, nesse silenciamento, nada existe de conspiratório, assim como quando se interpreta a História de Brasília, entre outras, do ponto de vista do presidente que a fundou, do urbanista que desenhou, ou do arquiteto que projetou seus edifícios. Esses pontos de vista fazem parte de um campo de disputas de projetos que visam organizar a sociedade, o qual sempre existirá. Ocorre que

alguns setores, que já monopolizam vários campos da sociedade humana, além da memória e da História, pretendem que apenas suas perspectivas sejam veiculadas e investidas de legitimidade como a versão de todos (MAGALHÃES, 2004b, p. 7).

A criação de Brasília, como dizem Magalhães, Matsumoto e Nunes (2004, p.93), mudou “as vidas de nativos e migrantes que fariam aí seus lares, e, do mesmo modo, marcariam a cidade com seus sentimentos e esperanças”. E, continuam dizendo esses autores, que o emblema da modernidade que marcou sua construção foi alterado historicamente pelas contradições da permanente migração de brasileiros e estrangeiros. Assim, uma possível identidade criada pelo discurso de seu fundador, segundo os mesmos autores (2004, p. 96), como sendo “um lugar fixo, como versão verdadeira, única e totalizante”, tendo surgido do nada, num lugar vazio e atrasado, continua sendo alterado por experiências, conflitos e contrastes, num pluralismo cultural que nega uma única e fixa identidade forjada e dominante dos grupos que antes, ou que, até hoje, monopolizam sua imagem diante do Brasil e do mundo.

Retomo enfim Magalhães (2001, p. 89-90) que, inspirando-se em Benjamin, fala de Mnemosyne, deusa da reminiscência: “A reminiscência funda a cadeia da tradição de transmissão dos acontecimentos, de geração a geração [...] imaginando uma nova história em cada passagem que estão contando”. E para isso, diz esta autora (2001, p. 95) que, na perspectiva benjaminiana, “a memória é, então, crucial como meio e processo para provocar, (re)construir as articulações entre presente e passado, entre o indivíduo e o social”. E continua frisando que fazer história

É reconstruir tudo: não só o que foi dito e feito, mas também o que foi sonhado, o que foi desejado e ficou reprimido. Tem-se, então, em Benjamin, a lembrança como figura-chave da desmistificação da modernidade, cuja tragédia é o seqüestro da experiência e da memória, a perda da aura, da tradição. Através do chamado do presente, o fundamental não é descrever esse passado armazenado com o seu fluxo, mas investigar, por meio das correspondências de imagens, como e onde esse passado ainda é apoderado pelo nosso presente [...] (MAGALHÃES, 2004, p. 196).

Fazer um trabalho de pesquisa como este, levando-se em conta a oralidade em articulação com outras fontes, é abrir espaços para que possa explodir este desejo profundo que estas pessoas parecem ter, com sua história e cultura, de repassar e conosco reconstruir valores de vida e ferramentas para viver hoje, seja na velha Bonfinópolis ou na modernidade brasileira.

Essas pessoas revelam, ao superar tantos obstáculos e desafios da vida, seja em Bonfinópolis, Unaí ou Brasília, uma grande auto-estima pessoal, com base nos valores e iniciativas culturais de seu grupo social. Assim vão recriando e cultivando suas identidades, alimentadas em suas memórias e histórias, onde a volta periódica para Bonfinópolis parece ser uma necessidade permanente. Tentam reviver experiências, mesmo sabendo que o tempo vivido por eles e elas é outro, é diferente. Tem sempre aquela nostalgia onde se misturam experiências alegres, e outras também desafiadoras. É um movimento pendular, uma gangorra do tempo, onde ora pendem para lá, ora para cá, e assim a história caminha.

Francisca expressa bem este processo na própria vida social:

Numa época em que o tempo está passando tão rápido, a gente vai perdendo as raízes, as tradições, aquelas coisas que a gente tem. São coisas que vêm e coisas que a gente sabe que são coisas boas, que realmente a gente não pode perder. A gente vê que depois de tanto avanço de tudo, as pessoas tentando resgatar coisas lá trás, porque viu que perdeu e que tem que voltar, sem isso aí vão ficando. As gerações mais novas não vão ter contato com estas coisas e vai ser uma grande perda.

Juvenal já mostra algumas rupturas que parecem não ter volta atrás, referindo-se também ao próprio local onde morava. Mas São Sebastião é considerada por ele como uma cidade interiorana que tem algo de semelhante ao relacionamento que antes tinham com a cidade de Bonfinópolis, quando saíam da roça para lá fazerem compras ou buscarem serviços da igreja católica local. As culturas e identidades das pessoas também definem identidades das próprias cidades onde estas pessoas habitam.

O desenvolvimento veio e todas as cidades e até mesmo no interior não existe mais este primitivo que existia antes. Só em algumas regiões mais afastadas, no Amazonas, no Pará, onde existe mata que ainda existe este povo desta maneira. Do contrário, nos grandes centros não tem mais estas dificuldades que tinha antes. O desenvolvimento chegou muito rápido. São Sebastião é uma da cidade que eu considero de interior, pois a maioria das pessoas de São Sebastião é do interior, é interiorano, ou da Bahia ou de Minas.

Pudemos ver como a inserção desta família em Brasília foi um desafio muito grande. Estranharam muita coisa, mas também souberam superar muitos desafios. Laverdi (2005, p. 168) mostra que, ao rememorar estranhamentos acontecidos em sua experiência, a pessoa se coloca também como protagonista de uma história narrada. Assim, segundo este autor, narradores tecem uma *teia de conflitos*. Como toda família, já dizíamos no início deste trabalho, na maneira comum de alguns (mas) dos (as) que entrevistei se expressarem, a Família do Manelim tem seus problemas que toda família tem, mas que, às vezes, preferem

ocultar, esquecer. Sua saída da roça teve, como vimos em algumas narrativas, algumas razões de sérios conflitos que envolviam também pessoas do local. A entrada na cidade de Brasília também acaba envolvendo estas mesmas pessoas em costumes nem sempre convenientes, como algumas pessoas entrevistadas revelaram. São certas acomodações, maneiras de relacionamentos desagradáveis com os mais velhos, e outros mais. Nem tudo que vem da roça é bom, como nem tudo que surge na cidade é nocivo. Mas independente das *teias de conflito* que possam ser vivenciados em Bonfinópolis ou Brasília, o importante é conhecer seus significados e sentidos na vida em continuidades e descontinuidades. São as *teias de significados*, como se expressa Geertz (2000, p. 4):

Acreditando, com Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado.

Neste trabalho, onde minhas pesquisas tornaram-se como que *periscópios* (BERTAUX, 1980, p. 217), pudemos perseguir, contemplar, captar e interpretar muitos significados, mas ainda ficaram, com certeza, muitos mistérios a serem desvendados, partilhados nas teias das memórias da Família do Manelim, ou ocultados. Procurei conhecer suas experiências e sentido de vida que procuram construir nesses processos migratórios que interpretei além de mudanças de espaços geográficos. São como um vai-e-vem da história e da memória, onde reconstruem seus valores de vida, enfrentando os desafios que vão surgindo diante deles e delas.

Foi uma *descrição densa*, expressão de Ryle, citado por Geertz (2000, p.7), com uma “multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplícitas”.

Hoje posso dizer, que, em parte, criamos entre as pessoas entrevistadas e eu, certa transparência, mas continuamos com muitas de nossas diferenças de antes, como expressou muito bem Maria José, ao agradecer-me o ter me envolvido em suas memórias. Ou como disse Amélia quando interpretava a palavra “esquisito”, comentada também por seu esposo Vicente. Posso dizer que este trabalho foi uma visita às temporalidades e espaços de seus mundos, voltando depois ao meu espaço.

Diz Geertz (2000, p. 9-10), citando Wittgenstein, que continuamos enigmas um ser humano a outro, eu e estas pessoas entrevistadas. Eu me *situei* uns momentos entre eles, mas não sou do seu meio como, de maneira mais geral, são seus próprios parentes. Criamos, como

mostra Geertz (2000, p.10), contextos onde pudemos trocar discursos e nos ajudamos a interpretar, histórica e culturalmente, trechos de memórias e narrativas da história de vida de algumas pessoas, em determinadas situações espaço-temporais. Na medida em que as narrativas e conversas avançaram, fomos tentando interpretar nosso vocabulário para entendermos melhor o significado e o sentido de acontecimentos marcantes da vida (Geertz, 2000, p.19). Assim, eu me coloquei à disposição das respostas que me deram, e respondi a algumas perguntas que me fizeram, incluindo essas memórias em meu próprio contexto de vida (Geertz, 2000, p. 21).

Senti neles e nelas que estas memórias, que também chamam de cultura e de tradição, não podem morrer. Mas nem sempre é o que acontece. Elas podem ser esquecidas para sempre. Costumes vão mudando, valores vão se modificando, e certas maneiras de viver vão sendo deixadas para trás, como bem expressou Maria José e seu esposo André. É outra *cultura*, é a *evolução*. Somos como o *Anjo de Klee*.

Os acontecimentos narrados podem parecer muito simples e repetitivos, mas, nas narrativas, ganham muitas facetas e interpretações. São narrativas que deixam muitas janelas abertas para serem reinterpretadas em cada temporalidade vivida, em cada espaço de convivência, histórias que não se encerram neste trabalho. Falar de teias, às vezes me espanta, pois aranhas vivem nelas e não são bichinhos tão domésticos, embora muitas se multipliquem nas quinas e cantos de nosso lar e nossos móveis. Parecem mais ameaças e perigos. Mas teias também são tecidos, tessituras, cruzamentos, arte, beleza, fios delicados que se fortalecem mutuamente, como resistentes e finíssimas são as teias de aranhas, que também nos encantam. Elas têm muita beleza em sua feitura. Assim foram os caminhos vividos e interpretados destes narradores que me acolheram; com eles e elas pude passar bons momentos de temporalidades e *agoras*, olhando muitas vezes avessos da história que escondem mistérios, como as amarraduras dos tecidos e bordados.

Mistérios permanecem, guardados ou ocultados em fundos de baús, debaixo da terra como antigos tesouros. Houve trechos de narrativas que foram selecionados por algumas pessoas entrevistadas em sua própria fala, mas chegaram também a pedir que eu apagasse trechos já gravados, o que foi feito imediatamente. São fatos que desejam sepultar para sempre. Narrativas não são nunca histórias acabadas, completas, ou totalmente desveladas. E o que se fala se reconstrói, e, como dissemos acima, citando Laverdi, os mesmos *estranhamentos* do passado, ao serem narrados não trazem em si os mesmos sentimentos dos fatos originais. Por isso, como também já me referi, numa narrativa até se ri muito de fatos muito trágicos.

Cada narrativa é feita de tessituras, maneiras sempre diferentes de trançar os mesmos fios da mesma *teia de significados*. Cada contexto exige outros modos de construir significados. Trabalhar numa pesquisa como esta, numa academia, com minha pessoa interferindo na vida deles e delas, e eles e elas interferindo em meu trabalho, é algo de muito específico. Se fossem contar estas mesmas histórias lá em Bonfinópolis a seus parentes, em Lages, numa festa, teria significados bem diferentes e os dados poderiam ser bem diversos.

Neste clima, nestes espaços, e nesses tempos por nós vividos muito dentro, em experiências de tempos, pude dar até aqui estes passos e apresentar-lhes este primeiro resultado de meu trabalho que, pretendo, não seja o último. Esta terra boa, que se chama Família do Manelim, pode ainda produzir muitos frutos. Eles e elas foram para mim um berço acolhedor, um lar amigo, ou talvez, mais que tudo isso, um ventre onde foi possível gestarmos juntos, esta pesquisa tão cheia de vida, revelações e mistérios. O que se revela pode nos surpreender e encantar, mas o mistério sempre tem algo de sagrado que também nos atrai mesmo sem sabermos nem seus porquês. São janelas que ficam abertas.

Acolhi muitas histórias narradas a partir de minha casa e das casas dos (as) que entrevistei. Senti o sagrado das fotos de parede de seus antepassados que não somente eram por nós contemplados, mas nos contemplavam para acompanhar estas mesmas narrativas e seus significados. Parafraseando a epígrafe do Capítulo IV e retomando o pensamento de Bachelard, podemos dizer que nossa casa é um *berço de lembranças*. Mas não podemos nos enclausurar em nossas memórias sem perceber as molduras sempre em mutação ao seu redor. É bom olhar o passado, como o *Anjo de Klee*, mas é importante ter as janelas abertas de nossas casas, para olhar longe, olhar ao redor, e deixar que brote sempre aquele desejo de abrir as portas e sair, caminhar, penetrar outros mundos, para termos outras experiências, adquirirmos outros saberes, e não deixar a vida morrer. Vida se faz caminhando em contínua migração. Migra-se para viver. Vive quem está sempre migrando, senão geograficamente, pelo menos culturalmente, deixando que as *teias de significados* penetrem e deslizem nas *teias de conflitos* que surgem em seu cotidiano.

BIBLIOGRAFIA

- AREAL, Augusto. O que é “Brasília” e o que é “Distrito Federal? Disponível em: <<http://mail6.uol.com.Br/cgi-bin/webmail.exe>>. Acesso em: 10 jun. 2006.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução de Rio de Janeiro: Eldorado, 1978, p. 200
- BARROS, Sérgio M. P. de. **Nosso século – 1910-1930 – Anos de crise e criação**. São Paulo: Abril Cultural, 1981. p. 226-229.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERTAUX, Daniel. L’approche biographique: sa validité methodologique, ses potencialités. **Cahiers Internacionaux de Sociologie**, Paris, v. LXIX, 1980.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- CAFFÉ, Eliane. Narradores de Javé. Produção: Eliane Caffé. Estúdio: Bananeira Filmes/ Gullane Filmes/ Laterit Productions. Rio de Janeiro: 2003, 100 min. 1 videocassete.
- CALVINO, Italo. **Marcovaldo ou as estações na cidade**. São Paulo: Companhia Das Letras, 1994, p. 7.
- COUTO, Ronaldo Costa. **Brasília Kubitschec de Oliveira**. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2001.
- COSTA, Cléria B. In: COSTA, Cléria B.; MAGALHÃES, Nancy A. **Contar história, fazer História**. Brasília: Paralelo 15, 2001, p. 73-84.
- DEMARTINI, Zélia B. F. **Trabalhar com relatos orais vale a pena: reflexões a partir de uma trajetória de pesquisa**. Encontro de Pesquisas em Educação, 15., 1992, Caxambu – MG. Mimeo (acervo do Necoim/Ceam/UnB).
- DEMARTINI, Z. B. F et al. **História oral e pesquisa sociológica: a experiência do CERU**. São Paulo: Humanitas, 1998.
- DI STASI, Luiz Cláudio (Org). **Plantas medicinais: Arte e Ciência – Um guia de estudo interdisciplinar**. São Paulo: Unesp, 1996.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. Tradução de Betânia Amoroso. São Paulo: Companhias Das Letras, 1998.
- HALL, Stuart. In: Silva Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 103-133.

HOUAISS, Antonio (Ed.). **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 714.

LAVERDI, Robson. **Tempos diversos, vidas entrelaçadas**: trajetórias itinerantes de trabalhadores no Extremo-Oeste do Paraná. Curitiba-PR: Aos Quatro Ventos, 2005.

LIMA, Francisco Givardo de. O que foi a Coluna Prestes? Disponível in: <http://mundoestranho.abril.com.br/edicoes/37/historia/conteudo_mundo_62983.shtml> Acesso em: 27 mai. 2006.

LUCENA, Célia T. **Artes de lembrar e de inventar – (re)lembrações de migrantes**. São Paulo: Editora Arte&Ciência, 1999.

MAGALHÃES, Nancy Alessio. Terra: memória, imagem e raízes da vida. In: **Textos de História – Revista da Pós-Graduação em História da UnB**. Brasília, v. 12, n. 1/2, 2004a p. 202.

_____. **Mulheres presentes na História de Brasília – direito à vida**. Brasília: Ceam/Necoim-UnB, 2004b.

_____. Narrativas em vídeo: oral e visual como experiência de configuração de sentidos e temporalidades na história. **Cadernos do Ceam** - UnB. Brasília, ano IV, n.,

15, dez. 2004c.

_____. Narradores: vozes e poderes de diferentes pensadores. In: COSTA, Cléria Botelho; MAGALHÃES, Nancy Alessio (Orgs.). **Contar história, fazer História – História, cultura e memória**. Brasília: Paralelo 15, 2001.

MAGALHÃES, Nancy Alessio; MATSUMOTO, Roberta K.; NUNES, José Walter. Memória e história oral: esquecimento e lembrança no movimento de identidades. **Cadernos do Ceam – UnB**. Brasília, ano IV, n.15, dez. 2004.

MELLO, Maria Thereza F. N. de (org.). **Patrimônio imaterial da Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno**. Brasília: Êxitus Marketing e Consultoria, 2006.

MOURA, Antonio de Paiva. São Francisco - A formação histórica do noroeste mineiro Disponível em: <<http://www.tratoculturais.com.br/index.asp?item=CONTEUDO&codConteudoRaiz=92>> Acesso em: 6 abr. 2007.

NOSSA História. Disponível em: <http://www.prefeituraunai.mg.gov.br/nossahistoria/index.php?page=nossa_historia.htm>. Acesso em: 16 mai. 2006.

NUNES, José Walter. **Patrimônios subterrâneos em Brasília**. São Paulo: Annablume, 2005.

PASCOAL, Jason. Prontas para o desenvolvimento. **Jornal de Brasília**, Brasília, 22 fev. 2001.

PAVIANI, Aldo. **A Brasília de todos os brasileiros**. Disponível em: <http://sos-monuments.upc.es/brasil/pe111_01.htm>. Acesso em: 10 jun. 2006.

PIMENTEL, Helen Ulhôa. Todos por uma nova Paracatu. Disponível em: <<http://www.paracatu.mg.gov.br/historia.php>>. Acesso em: 16 mai. 2006.

PELUSO, M. L.; OLIVEIRA, WASHINGTON C. de. **Paisagem, população e poder**. 1.ed. São Paulo: Harbra, 2006. 121 p.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos** - Revista da Associação de Pesquisa e Documentação Histórica, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 200-215, São Paulo: Cpdoc/ FGV, 1989/3.

RA XIV (Região Administrativa). Conheça São Sebastião, a regional da solidariedade. Disponível em: <www.saosebastiao.df.gov.br>. Acesso em: 8 mai. 2006.

ROCHA, Marcelo. A mansidão do interior. *Correio Braziliense*, Brasília, 25 jun. 2000.

RODRIGUES, Rejane Meireles Amaral. Oralidade: as várias faces da vida de Antonio Dó. Universidade Estadual de Montes Claros e do Instituto de Educação de Montes Claro – Isemoc. *Revista de História e Estudos Culturais*. v. 2, ano II, n. 2, abr., mai., jun. 2005.

SÃO ROMÃO. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Rom%C3%A3o_\(Minas_Gerais\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Rom%C3%A3o_(Minas_Gerais))>. Acesso em: 1 de abr. de 2007a.

SÃO ROMÃO. Disponível em: <<http://www.indi.mg.gov.br/municipios/m64209.htm>>. Acesso dia 1 de abr. de 2007b.

SEABRA, Odete C.; LEITE, Mônica; CORREA, José. **Território de sociedade**: entrevista com Milton Santos. São Paulo: Perseu Abramo, 2001, 127 p.

SINOTI, Marta Litwinczik. **Quem me quer, não me quer**: Brasília, metrópole-patrimônio. São Paulo: Annablume, 2005.

TAGUATINGA EM PÉ DE GUERRA. Produção: Cleber Loureiro; Cláudia Pereira; Romário Schettino. Direção: Armando Lacerda. Produção: Cariri Produções e Comunicações; Asa Produções Artísticas; Studio Roberto Carvalho, Brasília, 1982, 20 minutos, 1 videocassete.

UNIPAC. Disponível em: <<http://www.unipac.br/campiecurso/redfaes-cidade.php?id=162>>. Acesso em: 11 mai. 2006.

WOORTMANN, Ellen F.; WOORTMANN, Klaas. **O trabalho da terra**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

WOORTMANN, Ellen F. **Herdeiros, parentes e compadres** – Colonos do Sul e sitiantes do Nordeste. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

Documentos cedidos pelo Arquivo Público do DF

- ABREU, Marcelo. Toque de recolher. **Correio Braziliense**, Brasília, 22 out. 1995.
- ABREU, Mariana. Contra todos os males. **Correio Braziliense**. Brasília, 22 jan. 2006. Revista do Correio, ano 1, n. 36.
- AGROVILA costura a moda do mundo. **Jornal de Brasília**. Brasília, 30 jun. 1993a, p.14.
- AGROVILA São Sebastião. **Jornal de Brasília**, Brasília, 20 mar. 1992a.
- AGROVILA vai se tornar a mais nova satélite. **Jornal de Brasília**, Brasília, 04 jun. 1993b.
- AGROVILA São Sebastião é fixada. **Jornal de Brasília**, Brasília, 20 mar. 1992c
- CRISTINA, Nelza. Tião Areia, homem que deu nome à cidade. **Jornal de Brasília**, 21 jun. 2000, A-7.
- HOMEM de areia. **Correio Braziliense**, Brasília, 21 ago. 2005.
- LIBRELON, Rachel Librelon. Cidade da Argila. **Correio Braziliense**, Brasília, 21 ago. 2005. Caderno especial Meu Lugar.
- LÍDER faz campanha para mudar nome de agrovila. **Correio Braziliense**, Brasília, 24 set. 1991.
- MAGIA das tradições. **Cerrado Vivo – Jornal da Reserva Particular do Patrimônio Natural**, Ano 1, n. 3 abr-mai-jun. 2003, p. 3.
- PAIVA, Paulo. Minas tem gás para garantir a auto-suficiência. **Correio Braziliense**, Brasília, p. 19, 21 mai. 2006.
- PASCOAL, Jason. Prontas para o desenvolvimento. **Jornal de Brasília**, Brasília, 22 fev. 2001.
- ROCHA, Marcelo. A mansidão do interior. **Correio Braziliense**, Brasília, 25 jun. 2000.
- SÃO Sebastião comemora segundo ano como cidade. **Jornal de Brasília**, Brasília, 23 jun. 1995a.
- SÃO Sebastião vira região administrativa. **Correio Braziliense**, Brasília, 04 jun. 1993b.
- TIÃO AREIA, homem que deu nome à cidade. **Jornal de Brasília**. Brasília, 21 jun. 2000.
- TIÃO Areia, homem que deu nome à cidade. **Jornal de Brasília**, Brasília, 21 jun. 2000
- TOQUE de recolher. **Correio Braziliense**, Brasília, 22 out. 1995.
- UM PIONEIRO de fala mansa. **Correio Braziliense**, Brasília, 23 jun. 1995.

ANEXOS

Anexo I - Perfil das pessoas entrevistadas

Nome	Data de nascimento	Profissão	Parentesco com Manelim	Ano de chegada no DF/e em S.Sebastião	Data e local das entrevistas 1ª Fase	Data e local das entrevistas 2ª Fase	Descendência
1. Manelim, apelido de Manoel Conceição Ferreira do Prado.	06/03/1939	Func.Público Nutrição dos animais no Jardim Zoológico	O mesmo	1975/2000	23.11.2005 na casa de André	25.06.2006 na casa do pesquisador	3 filhos, 4 filhas, 9 netas e 4 netos
2. Maria das Dores Vieira do Prado	28/04/1943	Do lar	Esposa do Manelim	1975/2000	23.11.2005 na casa de André	25.06.2006 na casa do pesquisador	3 filhos, 4 filhas, 9 netos e 4 netas. Um homem e duas mulheres falecidas
3. Maria José Ferreira Oliveira	15/03/1941	Do lar	Irmã do Manelim	1972/1994	23.11.2005 na casa da entrevistada	27.10.07 Na casa da entrevistada	3 filhos, 3 filhas, 3 netos e 4 netas. Uma filha falecida.
4. André da Cruz Oliveira	11/04/1939	Lavrador	Esposo de Maria Jose Ferreira Oliveira	1972/1994	23.11.2005 na casa do entrevistado	27.10.07 Na casa do entrevistado	3 filhos, 3 filhas, 3 netas e 4 netos. Uma filha falecida.
5. Vicente da Cruz Oliveira	05/04/1937	Func.Público Jardineiro na UnB	Irmão de André da Cruz Oliveira	1992/1992	30.11.2005 na casa do entrevistado	27.10.07 Na casa do entrevistado	7 filhas, 3 filhos, 11 netos e 5 netas. Dois homens e uma mulher falecidos.
6. Amélia Vieira Cruz	02/06/1937	Do lar	Esposa de Vicente	1992/1992	30.11.2005 na casa da entrevistada	27.10.07 Na casa da entrevistada	7 filhas, 3 filhos, 11 netos e 5 netas. Dois homens e uma mulher falecidos.
7. José Amado Luís Brandão	22/05/1959	Func. Público Motorista do SLU-Serviço de Limpeza Urbano	Sobrinho do Manelim	1987/1995	25.11.2005 na casa do autor do projeto		2 filhos
8. Adnélia Ferreira de Aquino	06/11/1965	Do lar	Esposa do Amado	1987/1995	25.11.2005 na casa do autor do projeto		2 filhos
9. Alda da Cruz Oliveira	29/05/1962	Do lar	Filha de André da Cruz Oliveira	1973/1995	30.11.2005 na casa do autor do projeto	27.10.07 Na casa da entrevistada	2 filhos, 2 filhas e 2 netos

10. Juvenal da Cruz Oliveira	20/07/1968	Func. Público Bombeiro da Caesb- Companhia de Água e Esgoto e Saneamento de Brasília	Filho de André e Maria José	1972/1994	30.11.2005 na casa do autor do projeto		2 filhos e 1 filha
11. Francisca Ferreira do Prado	04.10.64	Func. Pública do INSS	Filha do Manelim e Maria José	1975-1995	01.11.2005 na casa do autor do projeto	27.10.07 Na casa da entrevistada	2 filhas
12. Laureano da Cruz Oliveira	04.07.64	Func. Público do SLU	Filho de André e M. José	1973/1993	25.11.2005 na casa do autor do projeto		Sem filhos

Anexo II – Relação das plantas citadas na entrevista com Manelim e Maria das Dores, feita no dia 25 de junho de 2006 na casa do pesquisador Rubens.

Obs.: Para entender as plantas é preciso entender o espaço físico onde nasce ou é cultivada, conforme dados desta entrevista. Assim este casal entrevistado definiu seus espaços: mato e cerrado é quase igual. A diferença é que a terra do mato é chamada terra de cultura, melhor para lavoura. As árvores do mato e do cerrado são também diferentes. O campo é a região já desmatada para lavoura, perto dos córregos, lugar úmido de mato baixo. As vargens são regiões de vegetação mais rasteira, terra mais úmida, mais perto também de córregos. Veredas são nascentes mais puras de córregos (corgos). Monturo é o local onde se jogam lixos recicláveis criando um bom adubo para hortas. Hortas são canteiros bem preparados e adubados para hortaliças e outras plantas de uso terapêutico.

Nome da planta	Onde se encontra	Aplicação
Alfavaca	Monturo	Gripe
Insulina	Horta	Diabete, colesterol
Boldo ou sete dores	Monturo	Estômago
Gervão	Monturo	Gripe, gestante no dar à luz
Mentrasto	Monturo	Gripe, gestante no dar à luz, depressão
Mastruz	Monturo	Tuberculose, vermes, pneumonia
Hortelã grossa ou Malva Branca	Horta	Cólica, câimbra de sangue, xarope, calmante, pneumonia
Hortelanzinho	Horta	Cólica, câimbra de sangue, xarope, calmante
Hortelã pimenta	Monturo	Cólica, câimbra de sangue, calmante
Levante	Horta	Gripe, febre
Erva cidreira de rama	Monturo	Calmante, sinusite
Erva cidreira de capim	Monturo	Calmante, sinusite
Sofre-do-rim-quem-quer	Cerrado	Rim
Sambaíba	Cerrado	Fígado
Genipapo	Mato	Diabete, colesterol
Ipê roxo	Mato	Fígado, câncer
Quina branca	Cerrado	Fígado
Sicupira branca	Cerrado	Garganta
Bugre	Cerrado	Rim
Mangaba	Cerrado	Rins, dor nas costas
Copaíba ou Pau d'óleo	Mata	Gripe, inflamação
Jatobá	Cerrado	Fortificante como vinho, fígado, bronquite, inflamações
Fedegoso	Monturo	Gestante no dar à luz / ressecamento de intestino
Poejo	Horta	Gripe e cólica em criança pequena, xarope
Vic	Monturo	Sinusite
Assa peixe	Campo	Pneumonia, alergia, sarna
Congonha	Cerrado	Alergia, sarna, coração
Chapéu de couro	Beira de córrego no mato	Reumatismo, rins, diurético
Trançagem	Monturo	Gripe, garganta, febre, cólica menstrual, antibiótico
Aroeira	Mata	Fígado
Landim	Cerrado	Ossos quebrados, machucado
Fruta de cera	Campo	Calmante, reumatismo, depurativo
Erva de bicho	Mato	Hemorróida
Cipó podre	Campo	Hemorróida
Erva de passarinho	Cerrado	Rins, hemorróida
Puaio	Campo	Gripe, contra diarreia de nascimento de dente de criança
Junquinho	Brejo	Nebulização para desentupir narinas, gripe, dor de dente
Buriti	Vereda	Vinho fortificante

Papaconha	Cerrado	Purgante, nebulização, reumatismo, quebra de resguardo
Lobeira	Campo	Pneumonia, lombrigueiro, coração
Alecrim	Monturo	Bronquite cardíaca
Embaúba	Mato	Gripe, rim
Mata cachorro	Cerrado	Piolho
Milhomem	Campo	Febre, gripe reumatismo
Dorete	Horta	Reumatismo, tiróide
Jalapa	Horta	Queimadura, febre interna
Cana do brejo	Brejo	Rim, bexiga
Emburana	Mato	Problemas de barriga, nebulização
Barba timão	Cerrado	Corrimento de mulher,, inflamação, câncer
Gengibre	Horta	Garganta, gripe
Arnica	Cerrado	Massagem, tomar para batidas, machucados, cirurgias
Pacari	Cerrado	Feridas e massagem
Abóbora danta	Beira de córrego	Banho para adiantar o parto
Mamona	Monturo	Massagem com azeite,
Cebola	Horta	Massagem da massa, problema de garganta
Arruda	Monturo	Gestante no dar à luz
Pau doce	Cerrado	Tosse, garganta
Fruta de cera	Cerrado	Reumatismo, depurativo
Puaio	Campo	Gripe
Noz moscada	Campo	Sinusite, coração, gripe

Anexo III – Modelo de documento para cessão gratuita de direitos de depoimento em áudio e vídeo.

Eu, _____ CPF _____ RG _____
declaro ceder a Rubens de Moraes Silva (Pesquisador e aluno regular do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília), RG 2 112 031 SSP DF, sem quaisquer restrições quanto aos efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico que prestei ao pesquisador acima citado.

O depoimento foi gravado no dia ____ / ____ / ____, com uma média de duração de _____ minutos na cidade de _____

O pesquisador fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo por fins idênticos, com a ressalva de preservar a integridade e a indicação de fonte e do (a) autor(a).

Brasília ____ / ____ / ____

Dados do Pesquisador:

Nome _____

Profissão: Pesquisador. Aluno regular do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília – nível mestrado/ Matrícula 05/29486.

Área de pesquisa: História Cultural / Orientadora: Nancy Alessio Magalhães

Contato atual: rubtb@uol.com.br. Tel: 8492 4053

Dados ao narrador

Nome: _____

Local de Nascimento: _____

Data de Nascimento: _____

Profissão: _____

Outros dados: _____

Endereço atual: _____

Telefone atual: _____

Email: _____

Assinatura: _____